

WILSON COSTA

# O GRITO

Uma história de amor e preconceito



**bubok**  
Portugal

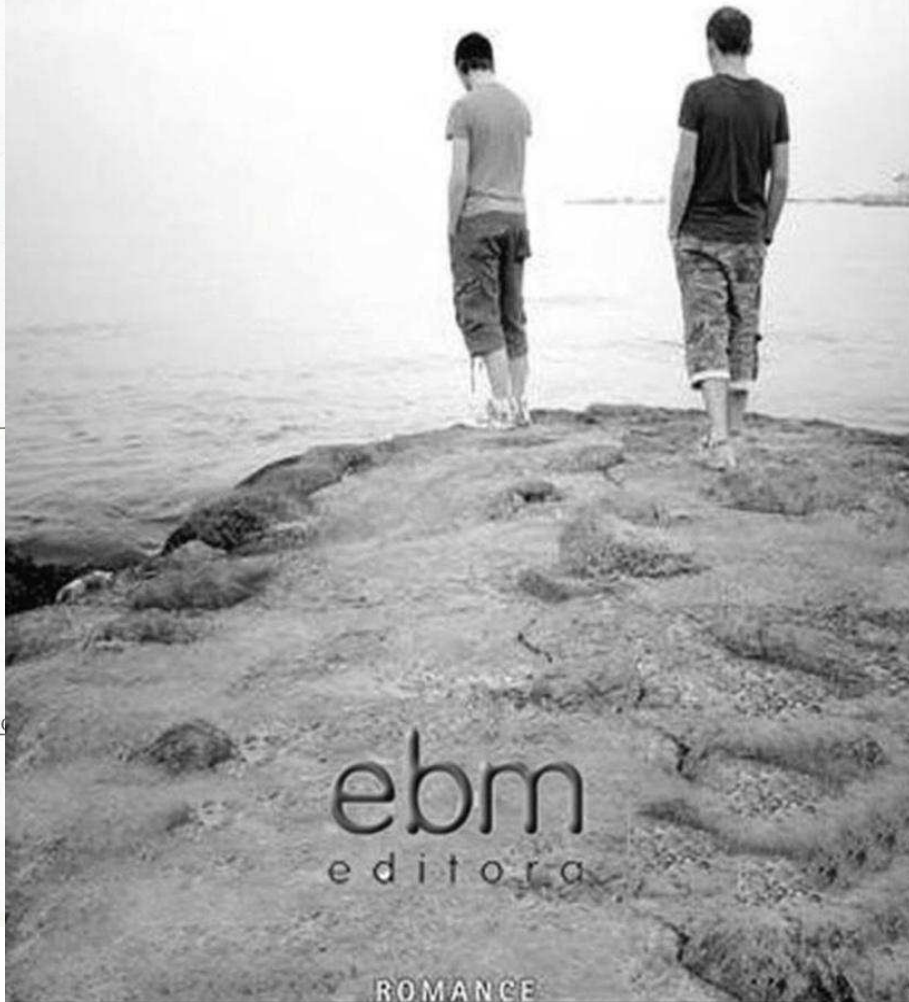
ROMANCE



WILSON COSTA

# O GRITO

Uma história de amor e preconceito



13-0

# O grito

Uma História sobre Amor e Preconceito

Wilson Costa

Os agradecimentos a Kátia Klapperich

A EBM

Aos meus familiares,

Aos meus guias espirituais,

Aos que morreram, morrem e morrerão devido a intolerância, preconceito e ignorância da humanidade

Até que um dia tudo isso acabe

## Capítulo 1

-Fausto, por favor, atenda ao chamado.

Fausto abriu o celular viu a mensagem de chamada não atendida, ficou pensativo e indeciso quanto a retornar aquela ligação de imediato. Estava em uma reunião crucial para a empresa Beta, era sobre uma conta milionária a discussão e a tentativa era de renovar o contrato com o cliente, mas Fausto não queria se expor saindo antes da conclusão da reunião.

Sua situação dentro da empresa era sofrível e questionada por alguns diretores e sua permanência era sustentada pelo esforço do também diretor e amigo Nestor. O motivo da indecisão de Fausto explicava-se pelas perseguições que vinha sofrendo por parte de alguns diretores devido à sua orientação sexual, ainda que veladas lhe causavam apreensões e sofrimentos. Sentia-se, por vezes, inseguro quanto a melhor maneira de lidar com a situação. Em princípio achou que bom seria trabalhar e não aceitar provocações; ouvi-las e fingir não entendê-las. Assim agia, esperando que dessa maneira e tendo a seu favor o fato de ser um dos melhores profissionais da empresa, que isso por si viesse gradativamente a modificar a situação. Esperava que a consagração de sua competência profissional pudesse diminuir as ocorrências dos gracejos e calar as provocações.

Com quatro anos de empresa Fausto sabia que mesmo com o seu talento e capacidade profissional e esforço, sempre acima da média, o apoio de Nestor era fundamental para que desempenhasse suas funções com tranquilidade, mas não se iludia, sabia que, na sociedade, as diferenças não são respeitadas como um direito do próximo, que ela é elitista, egoísta e individualista, que, com raríssimas exceções, poucos são solidários.

Ele sempre sonhara em conquistar uma posição em uma empresa de propaganda e marketing e foi na Beta que isso aconteceu. Na época de sua contratação havia muitos concorrentes ao cargo Assistente Marketing e por

uma dessas coincidências da vida, Sotero, seu psicanalista e ex-professor de artes, o apresentou a Nestor. Ele, então tomando conhecimento das suas aptidões, assumiu para si a incumbência de avaliá-lo e, posteriormente a contratá-lo.

Fausto olhou de novo para o celular, fora Arturo quem ligara.

Arturo tinha conhecimento da situação de Fausto na Beta e a respeitava mantendo total discrição e comedimento, não sendo normal, portanto, que ele ligasse em horário de trabalho. Se assim agira era porque precisava de fato da assistência e de atenção. Há poucos dias antes Arturo fora a Beta e passou mal, desde então, não conseguira falar com ele.

Arturo era seu amigo querido e companheiro com quem dividia um apartamento e uma vida. Desde que se conheceram a vida dos dois tomou rumos novos, os talentos profissionais desabrocharam, a autoestima e a confiança se elevaram, transformando-os a ponto de enfrentarem situações difíceis com mais energia e postura positiva. As atitudes passaram a ser mais firmes e equilibradas. Fausto, então, levantou-se, pediu licença e saiu para retornar a ligação.

## Capítulo 2

Anita correu e conseguiu entrar no último vagão do Metrô um segundo antes das portas se fecharem. Respirou profundamente algumas vezes devido ao esforço da corrida. Pegou um lenço na bolsa e enxugou os cabelos loiros encaracolados. Sorriu e falou para si mesma:

-Preciso fazer alguma coisa para melhorar minha condição física, uma corridinha de trinta metros me deixou acabada. Amanhã mesmo vou procurar a academia da empresa e fechar um pacote de ginástica.

Acomodou-se no vagão cheio e suspirou. Falou baixinho de novo:

-Essa chuva em dia de sexta-feira é um transtorno. Bem que poderia chover sempre na quarta ou quinta feira, seria bem interessante.

-Você sempre fala sozinha?

Anita se surpreendeu, olhou para o lado e viu a jovem que falou com ela.

-Desde que você entrou no vagão, fala baixinho, sozinha.

Anita sorriu e respondeu.

-Falo a esmo e quando não tenho com quem falar, falo comigo mesma, mas foi a chuva e o cansaço com a corrida que acionaram a minha falação. Tenho que aprender a manter a boca fechada em muitas situações.

-Disse sorrindo, um sorriso farto que iluminou seu rosto já claro e com algumas sardas sobre as maçãs da face.

-Você não deve estar com as condições físicas ideais, seu rosto está vermelho ainda devido à corrida. Eu me chamo Sara.

-Eu Anita. Por acaso você trabalha com medicamentos?

-Sim.

-Trabalha com distribuição de alguma controladora central.

-Sim.

-Tem uma pessoa com quem falo sempre pelo telefone que trabalha numa fornecedora de medicamentos para a nossa clínica. O nome dela é Sara e a voz dela é bem parecida com a sua.

-Mas eu não conheço nenhuma Anita.

-Acho que é você sim a Sara com quem falo sempre. Tenho certeza. A questão é que ninguém me chama de Anita e sim de Nika. Reconheci sua voz. Afinal, é você a Sara da Distribuidora Central, não é?

-Sim, sou eu sim.

Abraçaram-se felizes por se conhecerem.

-Eu sou Anita e sou residente de medicina. Trabalho na clínica do Doutor Anselmo, ano que vem termino o curso.

-E eu no mês que vem passo às vendas como representante comercial.

-Parabéns a nós, então.

-Acho que Nika pressupõem “menina levada e irrequieta”.

-É isso mesmo, sou sim muito irrequieta e não paro um só segundo, minha mãe me chama de bicho carpinteiro.

-Você mora onde?

-Em Copacabana com minha mãe. E você?

-Moro no Catete. Bom, vou descer na estação próxima, amanhã nos falamos então.

Despediram-se e Anita seguiu viagem, ficando com a sensação agradável da presença de Sara. Na última estação ela desceu e caminhou pela chuva até o seu apartamento.

Sara chegando a casa foi tomar um banho, morava só desde que se formara em administração e conseguira o primeiro emprego. Pôs o roupão e preparou uma sopa, abriu uma meia garrafa de vinho. Degustou. Depois da refeição, deitou-se para ver um filme e adormeceu deitada no sofá. Sonhou com um conflito em uma aldeia antiga que parecia ser na Espanha. Os soldados entravam na vila em busca de uma mulher acusada de prática de feitiçaria.

## Capítulo 3

Fausto ligou algumas vezes para o celular e para o telefone fixo, mas não obteve resposta. Os telefones chamavam sem que ninguém atendesse. Ficou preocupado, imaginando que Arturo estivesse chateado pela demora no retorno à sua ligação, ou que algo grave estivesse acontecendo. Voltou à sala de reunião e pediu para sair alegando uma emergência médica na família.

Alguém falou baixinho e ironicamente.

-É... Sabemos que *tipo* de emergência.

Alguns risinhos controlados apareceram.

Fausto pegou um táxi e rumou para casa. Seguia apreensivo e tentava durante a corrida comunicar-se com Arturo, mas não conseguia. Guardou o celular e olhou a rua. Nada prendia a sua atenção, o trânsito difícil apenas o irritava, o tempo parecia zombar dele, uma estranha sensação o tomou, a de estar preso em uma cápsula onde havia duas formas de tempo. Um fora, onde as pessoas passavam apressadas, agitadas correndo, outro dentro do táxi, parado, aprisionando pela angústia da lentidão. Nos últimos dias tinham conseguido acertar algumas divergências no relacionamento, estavam bem, felizes de novo, mas Arturo havia ido ao seu trabalho dias antes, lá passou mal e foi internado, quando soube e foi procurá-lo no hospital, ele não podia receber visitas, depois não quis recebê-lo, dias depois teve alta, saiu e não mais conseguiu encontrá-lo, ele havia sumido.

O táxi estacionou então em frente ao prédio onde os dois moravam, Fausto subiu correndo, tomou o elevador. O chaveiro caiu, ele soltou um impropério, abaixou-se e apanhou as chaves. Nervoso, mal conseguiu encontrar a fechadura. Finalmente abriu a porta. Procurou Arturo pelos cômodos e não o encontrou. Viu que as suas roupas e algumas coisas pessoais haviam sumido, não era mais parte do cenário, a arrumação diferente dava a dimensão da ausência dele. Arturo gostava de decorar a casa, dizia que cada

peça comprada tinha um sentido, que o abajur era a cara dele, mas as cortinas tinham o padrão de Fausto.

Pegou o interfone e tocou, falou com o porteiro e perguntou.

-Senhor Gerson, o Senhor viu Arturo saindo?

-“Seu” Fausto, ele pediu um táxi e saiu. Era mais ou menos, nove horas. Ele levou duas bolsas. Parecia preparado para viajar. Perguntei aonde ia, mas não me respondeu, apenas deu adeus.

-Adeus, Senhor Gerson? Tem certeza?

-Sim Senhor Fausto.

-Meu Deus!

## Capítulo 4

Anita chegou e correu até a portaria fugindo da chuva. Entrou em casa e afagou a cadela, abraçou a mãe e foi tomar um banho. A mãe que ficava só em casa durante o dia sentia falta de ter com quem conversar e se postou à porta do banheiro perguntando mil coisas à filha.

-Filha, como foi o seu dia?

-Cansativo mãe. Quando chove o trânsito fica muito complicado. Vim de Metrô e conheci uma moça muito simpática. Ela trabalha numa empresa que fornece medicamentos para a nossa clínica. Nós nos falávamos por telefones comerciais há tempos, mas não nos conhecíamos. Hoje conversamos que nem vimos o tempo passar. Ela é alegre e divertida, parece uma boa pessoa. Trocamos celulares e espero nos falarmos logo.

-Filha, chegou hoje o convite do seu primo Alencar para a sua palestra de apresentação pela formação de ministro da igreja.

-Sim mãe.

-Eu gostaria de ir.

-Mãe, a senhora sabe bem que eu e Alencar nunca nos entendemos quanto à questão “religião”. Aliás, nós nunca nos entendemos quanto à quase nada. Parece que nascemos com as vidas truncadas. Quem sabe são problemas de vidas passadas.

-Filha, você sabem que desaprovo esses assuntos sobre macumbas, espíritos e coisas que não sejam observadas por nossa religião.

-Nossa não, sua religião. Quanto mais você e o primo Alencar insistem em me obrigar a seguir algo que eu não goste mais me afastam dele.

-Filha eu gostaria muito de ir, seria apenas comparecer, isso não implica em nada, apenas em cumprir um compromisso social, um respeito ao seu primo; além do mais, gostaria de rever meu cunhado e minha irmã. Você sabe

que não estou em condições de ir sozinha, minhas pernas cansadas e inchadas não me permitem fazer grandes deslocamentos sem ajuda.

-Mãe, farei esse esforço sim, mas somente pela senhora. Quando é a apresentação?

-Amanhã à noite, às vinte horas.

## Capítulo 5

Arturo viajava o segundo trecho da jornada de ônibus, seguia para o interior do Mato Grosso. Seus olhos mostravam tamanha tristeza que se poderia dizer que ela morava no seu ser, algumas lágrimas desciam deles de quando em quando, e ele nem mesmo se dava ao trabalho de enxugá-las. Faltavam forças físicas e desejo de viver, sentia como se a sua alma e o seu corpo estivessem deslocados um do outro, o corpo estava sem energias, sem forças para reagir. Viver estava difícil, quase um sacrifício. Por que a vida tinha que estragar tudo o que conquistara nos últimos anos? Nunca fora feliz antes, somente nos últimos anos quando pôde conhecer tempos de felicidade ao lado de Fausto. Era um castigo o que estava acontecendo, uma vingança da vida devido à condição dos dois?

-Eu sei que é um castigo porque estávamos vivendo em pecado, mas não me importava isso, melhor foram esses anos em pecado que toda a minha vida anterior.

Pensou na sua infância, sua avó Dina e sua tia Esmeralda primando por satisfazer seus desejos, todos os seus caprichos. Ainda lembrava quando as ouviu conversando no quarto da tia dizendo: "Não podemos causar mais dissabores a ele nesta vida, já bastam os que a sua mãe provocou."

\*\*\*\*\*

Eloísa, mãe de Arturo, engravidou muito cedo de um rapaz da vizinhança. Mal tinha feito dezesseis anos. Adalberto, o pai, tinha então dezessete anos. Os pais adotivos dele, o esconderam com parentes em outro estado, fugindo à responsabilidade de impor ao filho uma paternidade prematura e indesejada

pela família. Adalberto assustado a princípio, mas de índole egoísta, não rejeitou o plano da família e partiu para o interior.

Eloísa, por sua vez, não se deteve diante da situação da gestação e mantinha sua vida desregrada e libertina. Sua família era a mãe e a tia, ambas vivendo de pensões que adquiriram. A tia com o trabalho como funcionária pública e a mãe, da deixada pelo marido morto há alguns anos. Eloísa adorava as andanças pelas madrugadas e festas regadas a bebidas e a drogas. As constantes discussões e brigas por causa de seu comportamento afastavam-na e a atirava ao convívio com amizades de influência negativa e aos espíritos aproveitadores. Aos oito meses de gravidez teve uma hemorragia grave e a ameaça da perda do bebê. A situação a pôs de repouso forçado, pois ela mesma corria risco de vida. Nesse período Regina, uma amiga de colégio, passou a visitá-la e em uma das vezes que foi levou Rangel que teve por ela uma paixão instantânea e intensa. Mesmo não tendo sentimentos de afeição por ele, o quadro se configurava ideal para ajustar toda a situação da família: Dina e Esmeralda, mãe e tia, viram no rapaz a “tábua de salvação” para Eloísa, uma menina grávida, sem marido, um homem nove anos mais velho apaixonado e disposto a assumir a situação.

O casamento aconteceu quando nascido, o menino Arturo, estava com seis meses. A cerimônia foi simples e reservada. Presentes a mãe e a tia de Eloísa. Os pais de Rangel vieram de Mato Grosso onde possuíam uma chácara. Experientes e vividos, aceitaram as razões do filho para casar, mas percebiam e intuía-m todas as variáveis contidas no contexto: uma moça que não o amava, uma criança que não era seu filho, uma família empenhada em agradá-lo pelo interesse nas circunstâncias e o seu filho cheio de amor e ingenuidade prendendo-se a uma relação que torciam não viesse a desgraçar a sua vida.

Durante os seis primeiros meses do casamento, diante da vigilância constante de Dina e Esmeralda, Eloísa conseguiu reprimir os seus desejos de sair e se divertir. A vontade de consumir drogas era forte, mas o amparo e o acolhimento de Rangel eram o porto seguro para seus momentos de angústias e desesperos, os seus sentimentos a comoviam, e eram neles que ela buscava forças para se manter controlada. Os cuidados com o filho também, de certo modo, vinham minorando a sua dureza e inquietação com a vida. Muitas vezes Eloísa sentira-se quase feliz. Sabia que a ânsia e o desejo pelo vício eram algozes ferozes, armadilhas prontas a serem detonadas a qualquer instante,

mas prometera a si mesma que se ajustaria, que lutaria e venceria aquela batalha. Rangel sabia dos desvios de conduta da esposa. Quando a conheceu teve oportunidade de conversar com ela e soube por Regina de toda sua vida, mas o amor e a vontade de estar ao lado dela foram mais fortes e determinantes para que ele se decidisse a sacrificar parte de sua vida em prol de buscar as mudanças que sonhava com ela, e de fato submeteu-se à força da afeição por ela e pelo carinho que tomara pelo menino Arturo para modificar a índole e a natureza de Eloísa.

Rangel tratava a esposa e o menino com carinho e atenção, ajudava nos cuidados de Arturo, tinha afeição por ele como se fosse o seu filho e o menino retribuía o afeto.

Todos achavam que a situação estava controlada e estavam felizes com o transcorrer da vida em família, mas a situação controlada trouxe também de volta uma personagem que havia sumido: Adalberto.

Ao saber que Eloísa estava casada e com uma família montada achou por bem retornar, não tinha mais nada a temer, Rangel registrará o menino Arturo e para ele a liberdade e as responsabilidades por manter um filho desapareceram.

Adalberto logo descobriu onde a família de Eloísa estava morando. O marido dela, Rangel, era militar, um oficial das Forças Armadas e conseguia manter um bom padrão de vida para eles. A tia e mãe de Eloísa foram morar com eles, para assim poderem ajudar Eloísa na criação do menino.

Adalberto vigiou a casa por duas semanas e registrou a rotina da família em detalhes, inclusive os horários em que Rangel saía e voltava, os horários de colégio de Arturo, as saídas para compras e passeios de Eloísa, assim ele se aproximou dela em uma tarde e a abordou.

- Eloísa como você está?

-Adalberto. Gritou ela num um grito sufocado e surpreso.

-Vejo que a menina da abóbora se transformou numa bela mulher e ganhou corpo e curvas mais generosas. Cabelos tratados e roupas mais refinadas.

-De fato encontrei um homem que me ama e me trata como mereço, isso transforma as pessoas.

-E você o ama do mesmo modo como me amou?

-Não importa como eu o amo, sei que a você nada cabe, a não ser os títulos de hipócrita e cafajeste.

-Mas as mulheres amam os cafajestes.

-Isso é filosofia barata e de botequim que é o lugar de onde você deve ter vindo agora.

-Vejo que até o palavreado mudou, despreza hoje a vida que levava.

-Existem coisas que nos parecem más, porém que chegam para nos mostrar que estamos trilhando um mau caminho. Graças a Deus você fugiu, foi a minha graça, senão não sei o que seria de mim e de meu filho.

-Nosso filho, você quis dizer.

-Meu filho e de Rangel, ele o assumiu e passou a ser o seu pai de fato.

-Eu quero vê-lo, eu sou o pai natural e tenho também direitos.

-Faça-me o favor Adalberto, que direito de fato você acha que merece ter?

-Você já contou ao menino quem é o seu pai?

-Contei sim, que o pai dele é o Rangel e é assim que irá ficar.

Eloísa acelerou os passos tentando se livrar de Adalberto, mas a tempo ainda de ouvir suas ameaças.

As semanas se passaram e Adalberto a seguia e a assediava, tornando-se a cada dia mais persistente, era o mal pelo mal, perverso, invejoso, depreciado, incomodado pela nova situação de Eloísa, sentia-se ainda o dono dela, via nela uma posse sua, um direito adquirido, não aceitava os fatos e a nova vida dela o deixava enciumado, e prometia transtorná-la. Um dia ele a atacou perto de um terreno baldio e a arrastou à força para o matagal, a desnudou e a violentou sob a ameaça de uma faca. Depois a drogou e a deixou caída e desfalecida, corpo marcado por isquemias e hematomas.

-Agora vou embora. Falou ele, se ajeitando.

-Porém não acabou, apenas começou, estarei na sua vida enquanto viver. Disse ele indo embora.

Tempos depois ela conseguiu se recobrar e se ajeitar, arrumou os trapos e alguém que passava a ajudou e pediu um táxi, o motorista queria levá-la para o hospital, mas ela foi para casa. Diante da surpresa e estupefato de todos, devido ao estado dela e da demora sem aviso, a atenderam ainda atordoada e cambaleante. Ela dizia ter sido atacada por dois homens que arrancaram seus pertences e a atiraram no terreno baldio onde ficou desacordada.

A mãe e tia cuidaram dela e Arturo ficou em trauma ao ver a mãe rasgada e ferida. Quando Rangel chegou e soube do acontecido, foi ao quarto e encontrou a esposa bastante machucada e sem querer dar muitos detalhes

sobre o que aconteceu. Após muita insistência ele percebeu que havia falhas na sua história, principalmente ao saber pela tia que aparentemente nada havia sumido nem a bolsa, dinheiro, documentos ou jóias. Cuidou dela, mas ficou preocupado e resolveu investigar por conta própria. Buscou as roupas dela e achou as manchas de sangue e pó branco, aqueles detalhes o fizeram supor que ela tinha sido agredida, forçada a participar de algo que não queria, mas por que ela se recusava a esclarecer os fatos, por que estava reticente e confusa? Era a droga o que identificou. Cocaína. Isso o fez lembrar Adalberto.

Rangel contratou então um amigo detetive e segurança, que tomou algumas providências e fez algumas descobertas, a principal foi a que Adalberto estava de volta e que andava rondando a sua casa. Rangel pediu a ele que descobrisse se o que aconteceu com Eloísa tinha a ver com Adalberto, e o detetive saiu em campo em busca dessas respostas.

Arturo era um menino tímido e fechado, acatava tudo que lhe era determinado e acolhia as ordens de todos da família sem muito discutir, vivia em silêncio e em quietude, pouco se percebia da sua presença. Brincava só e falava com amigos invisíveis e com um que constantemente chamava de Álvaro.

Dona Dina e a filha ficavam intrigadas porque o menino dizia que brincava com um amigo chamado Álvaro, o mesmo nome do avô. Elas achavam que aquilo era apenas devido a algum fato comentado, ou algumas partes de conversas ouvida por ele sobre Álvaro, por isso a associação de ideias, ligando ao amiguinho invisível ao avô, a quem Arturo nem mesmo conheceria, mas para Eloísa era alguma coisa a mais.

Arturo era muito sensível e criativo, embora fosse isolado e solitário. A convivência com a família era mais pela iniciativa da tia e da avó, que com muitos chamegos e mimos o mantinha perto delas, com Eloísa sim, ele mantinha uma união e um apego de fortes laços e carinho, para ela, ele se abria e contava o que sentia expressando o seu amor. Por isso ela intuía que o menino não mentia quando falava que via e conversava com um amigo invisível. Ele o descrevia e ela sabia que a descrição batia com as características do seu falecido pai. Álvaro era alto e esguio, barba branca e sempre muito bem cuidada, os cabelos de uma alvura ímpar, poucas vezes ela vira alguém com cabelos tão brancos, era impossível encontrar um fio que não

fosse cor de neve. Quando menina ela gostava de brincar com seus cabelos e ele com paciência e candura lhe dizia.

-Se você encontrar um cabelo preto, você retira e me mostra que eu lhe pagarei um picolé. Ela nunca encontrou algum, mas para não deixá-la frustrada ele sempre a levava à sorveteria e a deixava escolher o sabor. Sentavam na praça e brincavam como duas crianças. Às vezes se sentavam no banco e conversavam e ele contava muitas histórias que ela imaginava que ele inventava.

Eloísa pensava. Até hoje, ainda lembro-me do meu pai, a saudade que ele deixou. O vazio de sua ausência que somente é preenchido quando as lembranças me chegam. Sempre me lembro dele quando chupo picolé. Nunca esqueci a história do jovem padre que, diante do seu fervor e comprometimento com sua opção pelo sacerdócio, tomou essa escolha como uma maneira absoluta de ir a Deus, sem ter que voltar à Terra mais vezes, mas sua vida perdeu a alegria e espontaneidade, tornou-se crítico e rígido em seus princípios sem abrir exceções ou avaliar as coisas pelo sentido do coração. Tornou-se pragmático e asceta, um ser prático que renunciou aos prazeres, não se permitindo satisfação alguma que não fosse com o fim de atingir seus propósitos espirituais concebidos por ele.

-Pai, mas os padres não devem ser assim?

-Em parte sim, mas deixe-me contar a história e você entenderá melhor. Tinha uma coisa que o padre gostava muito, era sorvete de manga. O pátio do mosteiro tinha uma bela e frondosa mangueira, que em épocas própria deixava cair os frutos grandes e bem formados, os outros monges pegavam-nos e faziam doces e sorvetes, mas, não o jovem padre, nos seus conceitos, ter desejo fosse qual fosse era inconcebível com os seus princípios, e ele então, nunca mais chupou um sorvete. Quando ele morreu e chegou às portas do céu, foi recebido por um anjo atendente que fazia a avaliação dos recém-chegados, o padre se aproximou e disse seu nome. O Anjo o olhou por um tempo e procurou o seu nome no seu imenso livro. O frade então continuou.

-Fui a Terra, cumpri a minha missão, fui fiel à minha programação e ao que foi combinado antes de descer, que eu seria um padre e viveria o celibato e o afastamento dos prazeres mundanos e por isso reclamo o direito de não ter mais que retornar ao Planeta.

O Anjo o olhou mais uma vez e disse.

-A sua passagem de volta já está reservada, você voltara em breve.

-Por quê? Não é justo, fiz tudo o que foi determinado. Por que eu tenho que voltar?

-Você precisa voltar e chupar muitos sorvetes de manga. Disse o Anjo ao padre.

-Pai, por que o padre teve que voltar e chupar os sorvetes?

-Ninguém disse a ele que era para abandonar a alegria, ninguém mandou que ele fosse severo, carrancudo, intolerante e sim que vivesse sua missão, mas não que não fosse feliz. Os sorvetes de manga eram os sorvetes da sabedoria e do equilíbrio. O padre guardava ocultamente no íntimo o prazer que não demonstrava, e Deus sabia, ele sempre sabe de tudo que vai dentro de nós. Deus não é o Senhor da tristeza, da melancolia. Deus é alegria e felicidade. Não sei por que quase todas as religiões mostram Deus severo, vingativo e castrador. O Universo é pura felicidade. Deus nos quer felizes, ele criou os homens para a felicidade. Somos nós mesmos senhores de nossas desgraças e infelicidades. Pelos nossos erros construímos essa visão de torturas e tormentos ligando Deus a ela.

-Pai, eu às vezes tenho medo de Deus.

-Por que minha menina?

-A mamãe me diz que ele vai me castigar sempre que estou feliz, correndo e brincando.

-Sua mãe confunde alegria e vivacidade com estripulias. Disse ele rindo. Nunca tema a Deus, tema a você mesma. Quer saber mais? Vamos tomar um sorvete de manga, agorinha mesmo.

Os dois saíram de mãos dadas e felizes.

\*\*\*\*\*

O modo de ser de Arturo o deixava às vezes em certo esquecimento, mesmo a avó e a tia que o sufocavam de tantos mimos como a compensar a vida que entendia não havia sido normal para ele, às vezes não se davam conta da sua presença, assim pelos cantos ele podia ouvir muitas coisas sem ser percebido e um dia ouviu seu pai Rangel determinando ao segurança Paulo que desse uma lição em Adalberto, uma surra para que ele não esquecesse que Eloísa era sua esposa e Arturo era o seu filho. Aquela declaração o deixara impactado e sem reação momentânea, aquela frase ecoara em sua mente ainda em formação e se repetiu em sua vida por muitas e muitas vezes.

Rangel nunca contou a Eloísa o que soube sobre Adalberto, mas passou a manter maior controle sobre ela. Eloísa que antes esforçara para modificar sua vida percebeu que onde havia amor passou a haver desconfiança, observação, olhar de cobrança e ciúmes. Rangel perdeu a naturalidade e o carinho espontâneo. Eloísa sabia que errara em não contar a Rangel sobre o ataque de Adalberto e o que ela tentou preservar, que era a família que ganhara, estava se desfazendo devido à sua mentira.

Arrependida, um dia ela tentou contar a Rangel o que aconteceu, mas aquela revelação fora de tempo surtiu efeito contrário, pois, o que era para tentar aproximá-los causou a Rangel à impressão que havia uma tentativa frustrada de proteger Adalberto. Essa desconfiança acentuou nele a amargura e o afastamento da família. Rangel passou a chegar mais tarde e não dar mais atenção ao menino, cumprimentava a todos quando entrava e saía, mas já não se observava em seu olhar o brilho e a alma dedicada à esposa, o carinho e atenção a Arturo. A consternação foi o sentimento que se espalhou por aquele lar; as mágoas e ressentimentos de Rangel se disseminavam por cada canto e a tristeza e melancolia de Eloísa a contaminar as paredes, o teto, o chão, a todas as coisas. O pequeno Arturo sentia que as cores da casa estavam mudadas, e a alegria quando o pai chegava e o abraçava não existia mais. O aconchego e acolhimento vinham constantemente da tia e da avó, mas era diferente.

## Capítulo 6

Anita e Dona Albertina saíram e foram à igreja onde o jovem Alencar ministraria sua primeira palestra. Chegaram, se acomodaram próximo ao tablado e depois de alguns trabalhos iniciais Alencar surgiu e cumprimentou a todos. Falou da sua felicidade pela opção do caminho de Deus, da sua devoção e absoluta certeza da sua escolha, orou e pregou junto com todos. O seu semblante irradiava luminosidade e a sua fé parecia incondicional. Possuía o dom da palavra, que aplicava com tom agudo e incisivo, firme e seguro, ora espaçando as frases como se esperasse o efeito de cada termo, ora acelerando o discurso e impondo perguntas diretas e frontais.

-Diga-me qual de vocês não sente em si a presença do Senhor? Perguntou e correu o palco observando os presentes, parou, esperou.

-Levante a mão aquele que está com Deus em si, que o sente neste momento, pois se algum de vocês estiver com a mão abaixada estará admitindo seu distanciamento do Senhor. Ergam as mãos aqueles que sentem a presença divina atuando em seus corações, tomando seus corpos, expiando suas faltas.

Dona Albertina apertou a mão da filha e se sentiu tomada por uma força e uma admiração pelo sobrinho e ergueu o braço.

Do alto do tablado Alencar observava a todos, seus olhos percorreram todo o salão e pararam na moça loira de cabelos cacheados e com dedo em riste ele apontou para Anita.

-Você. Você que está com os braços caídos, prostrados, você que olha para mim como se sua vida não lhe pertencesse, como se estivesse tomada e possuída pelas forças do mal, venha até mim, quero arrancar de você o demônio que habita o seu corpo.

Anita cerrou os punhos e em silêncio se retirou do salão; o estertor foi geral, todos os olhares se dirigiram a ela deixando o ambiente. Ela saiu e ficou no pátio externo da igreja aguardando a saída da sua mãe. Dona Albertina não teve coragem de deixar o salão e aguardou o final da reunião. Ela se constrangeu muito mais com a saída da filha do que com a interpelação de Alencar. Dona Albertina, pressentiu que no calor da pregação que Alencar não

as reconheceu e queria uma oportunidade de se desculpar pela filha. Esperou e se aproximou do palco e chamou o sobrinho pelo nome.

Alencar a olhou por um tempo e reconheceu a tia. Fê-la subir e foram para os bastidores, por trás das cortinas.

-Minha tia, que prazer podermos estar juntos de novo, agradeço sua presença.

-Eu não poderia faltar a essa data tão importante na sua vida.

-O que achou da pregação, tia?

-Estou feliz e muito bem por tudo o que vi e ouvi.

-E a senhora veio só, minha tia?

-Não Alencar, vim com Anita.

-Onde ela está?

-Quero me desculpar por ela, não esperava que ela reagisse daquela forma a sua convocação para aceitar Jesus.

-Como assim, tia?

-Foi Anita a moça que se retirou do salão.

-Anita? Como a vida nos coloca situações próprias para que possamos exercer os desejos divinos de mudanças.

-Sim, Alencar, você a perdoa, por favor?

-Tia, quem perdoa é Jesus, não eu.

-Você a conhece bem, sabe como ela é, sabe da sua forma de pensar e de ser. É uma boa menina, mas teimosa.

-Tia, Anita tem personalidade, sempre nos degladiamos por quase tudo, filosofia, religião, política e até namoro. Sempre fui apaixonado por ela.

-Eu sei meu sobrinho e faria gosto que vocês se casassem, mas as minhas tentativas foram em vão.

-Tia Albertina, vou confessar à senhora que ainda não desisti disso e se for da vontade de Deus eu conseguirei.

-Tenho fé que sim Alencar, tenho fé.

-Onde ela está agora?

-Lá fora, deve estar me esperando.

-Quero vê-la de novo, vamos até ela então.

Enquanto aguardava, Anita tentava manter o controle devido à situação que passara.

-Como essa vida é cheia de encontros inesperados, não queria vir. Falava ela baixinho como sempre fazia.

-Só vim por minha mãe, mas o que me surpreende não é o fato de estar aqui e encontrar meu primo, isso era esperado, e eu estava preparada, mas ele me escolheu como referência para sua pregação, isso foi uma surpresa desagradável. E minha mãe que não aparece, o que estará fazendo?

-Falando sozinha de novo?

-Sara? O que faz aqui?

Sara sorriu e levou algum tempo antes de responder.

-Anita, você acredita em coincidências?

-Sim, mas hoje é meu dia de coincidências.

-Estou esperando minha irmã Helena, ela frequenta essa Igreja, marcamos aqui, pois preciso de alguns livros meus que deixei na casa de minha mãe e que não pude levá-los quando comprei o meu apartamento.

-São livros técnicos?

-Alguns, mas são livros de todos os tipos. Ando tendo uns sonhos estranhos e queria ler alguns livros sobre o assunto. Você acha que sonhos são avisos Anita?

-Não é bem isso, creio que trazemos informações de várias qualidades, de épocas que ficam em nós como registros. Eu acredito que vivemos várias vidas. Creio que somos eternos e que precisamos de muitas vidas para crescermos e evoluirmos, não se pode ser eterno com uma única vida. Disse rindo Anita.

-Você frequenta algum lugar?

-Sim.

-Quero conhecer mais sobre esse assunto.

-Podemos marcar e irmos um dia à Casa que frequento.

-Poderemos falar depois sobre isso? Minha irmã vem chegando agora.

Sara apresentou Anita a Helena.

-Sara, fiquei feliz por revê-la. Eu acredito em muitas coisas que não compreendo, agora, viver várias vidas não sei, mas assim como você acredito também em encontros; estava aqui muito chateada e ....

-Olá Anita, há quanto tempo não nos falamos. Disse Alencar se aproximando.

Alencar não esperou ser apresentado e se antecipou.

-Minha querida Anita, quanto prazer revê-la. Fazia tempo que não podia desfrutar da sua beleza e companhia. Quem é a sua amiga?

-Sara, trabalhamos em empresas parceiras. Sara, este é Alencar, meu primo e minha mãe, Albertina.

-Prazer conhecê-los.

- Prazer é todo meu, você é membro da nossa congregação?

-Não, foi um acaso do destino que me fez encontrar Anita aqui; minha irmã Helena sim frequenta os cultos. Helena e Sara, conversaram por alguns minutos e Helena se despediu de todos.

-Vejo que o acaso nada tem a ver com o destino, pois, hoje fomos presenteados pelos acasos de Deus. O seu e o meu encontro com minha prima nada tem com o acaso.

-Com certeza, falou Dona Albertina. Hoje fui agraciada com satisfação de uma noite abençoada, somente manchada pela repentina saída de Anita.

-Mãe, por favor, agora não é hora nem lugar para falarmos sobre o assunto.

-Anita, quero que você me desculpe, mas não as reconheci, não foi intencional a indicação que fiz apontando você, mas o fato teve o devido valor, já que Deus colocou minha prima em minha noite de iniciação para mostrar o poder de sua presença e deixar que fosse eu a fonte de ajuda e mudanças em sua vida.

A irritação e o desconforto de Anita eram patentes devido ao clima que fugia ao seu controle, que se formou sem que ela conseguisse administrá-lo e em determinado momento da conversa, ela interrompeu o primo e a mãe.

-Alencar foi bom revê-lo, mas precisamos ir. Sara, você nos dá licença, mas está ficando tarde e tenho que preparar material para a faculdade amanhã.

-Anita não quer conversar sobre o acontecimento de hoje?

-Não Alencar, eu tenho minha visão sobre como Deus trabalha em nós e não serão as suas experiências de vida que mudarão as minhas.

-Filha, vamos ficar mais um pouco? Eu não vejo meu sobrinho há tanto tempo e ainda nem falei com minha irmã e meu cunhado.

-Mãe, se a senhora quiser ficar terá que ir de táxi ou o seu sobrinho a levará?

-Seria um prazer deixar minha tia em casa.

-Então estou indo, tenho muita coisa a fazer em casa, disse Anita saindo acompanhada por Sara.

## Capítulo 7

Arturo que era uma criança triste e introspectiva com a situação conflituosa da casa evidenciada, tornou-se ainda mais fechado. A incerteza do que se passava era sentida pelo seu coração infantil e sensível. A frase que Rangel dissera sobre Adalberto ainda se repetia em seus ouvidos. Um dia ele viu a sua mãe chorando escondida e a abraçou, e perguntou timidamente se Rangel era seu pai.

-Surpreendida Eloísa o abraçou e o manteve entre seus braços por longo tempo, sem coragem ou desejo de responder a tristeza a tomava e ela entendeu, naquele momento, que o seu filho poderia ser sua salvação. Não vinha dando a ele a devida atenção de mãe, o carinho necessitado e merecido a uma criança que era o seu filho. Aquela pergunta dele mostrava que ele estava atento ao que acontecia dentro daquela casa, que era um menino vigilante, sensível e inteligente. Eloísa sentia agora que eles poderiam ser o amparo e o conforto um do outro. Na sua forma egoísta de sofrer, de se preocupar apenas consigo nunca percebeu as qualidades que o filho possuía e que ele devia também estar sofrendo.

-Meu querido Arturo, sua mãe está aqui com você e quero dizer que ainda é tempo de sermos felizes. Vou cuidar de você mais e sempre. Seu pai é o Rangel e se alguém disser algo que não seja isso, não acredite. Eloísa beijou o menino e pensou que a partir dali poderia ainda ser feliz.

\*\*\*\*\*

Eloísa levou Arturo ao colégio e depois foi ao shopping fazer compras e providenciar alguns pagamentos e ao final da tarde voltou para pegá-lo, mas devido a um acidente de trânsito se atrasou. O menino saiu e ficou à espera da mãe. Adalberto, que nunca se conformara com a surra que levava, vinha há muito esperando uma oportunidade de se vingar de Rangel e assim vigiava a casa e a família dele. Ele seguia Eloísa e sabia da rotina do menino no colégio, então ele chegou perto de Arturo e puxou diálogo com o menino e ao final disse.

-Menino você sabe quem é o seu pai?

-Meu pai é o Rangel.

-Menino, o Rangel não é o seu pai, seu pai se chama Adalberto.

Eloísa chegou e ainda viu quando Adalberto se afastava. Apavorada correu, pegou Arturo pelo braço, e o colocou no veículo. Partiu em alta velocidade.

Ao chegar a sua casa Eloísa correu e trancou a porta como se ao se fechá-la deixasse fora de sua vida todos os problemas; mas ali parado a observá-la e esperando estava Arturo.

-Mãe, quem é Adalberto? Você mentiu para mim?

Eloísa ajoelhou-se e o puxou para si, o acolheu em seu colo, como se acolhesse a ela mesma, as lágrimas caíram e ela pela primeira vez em sua existência pediu a Deus que lhe desse uma iluminação. As lágrimas rolaram por seu rosto e Arturo as sentiu. Ele a abraçou pelo pescoço e pediu desculpas.

-Por que me pede desculpas, filho? Você nada fez de errado.

-Não queria deixar você assim mamãe. Fui eu que a fiz chorar.

-Não meu amor, os erros de minha vida eu mesma os criei, eu mesma os provoquei, eu sou a causa de minhas próprias lágrimas, não você.

Rangel chegou e abriu a porta, viu os dois sentados no chão e ficou alguns minutos tentando entender o que se passava. Deu boa noite aos dois, chamou Eloísa e foi para o quarto. Arturo ficou na sala sozinho com a pergunta sem resposta: Quem é o meu pai?

No quarto, Rangel perguntou a Eloísa o que estava acontecendo? Há algo que eu precise saber?

-Hoje, quando fui pegar Arturo no colégio vi que Adalberto estava falando com ele e quando me viu no carro, saiu.

-O que ele queria como o menino?

-Não tive como saber ainda; quando cheguei Arturo me perguntou se eu havia mentido para ele, queria saber se você de fato é o pai dele. Perguntou quem era Adalberto.

-E você o que disse?

-Não cheguei a falar com ele ainda sobre isso. Rangel, eu sempre disse a ele que você é o pai dele, mas não basta eu dizer, você tem que fazê-lo sentir isso.

-E agora esse homem vem mais uma vez se interferir entre nós.

-Não é Adalberto que está entre nós, são os seus medos, sua dúvida e desconfiança, seu ciúme sem motivo que estão entre nós. Nunca lhe dei motivos para suspeitas, se não cheguei a amar você como você esperava, sempre fui fiel e me mantive ao seu lado. Não é Adalberto o causador de tudo o que está acontecendo entre nós. Nosso filho sofre e paga o preço dos nossos conflitos. Ele não está alheio ao que se passa e não tem culpa da nossa desunião. Vou contar a ele tudo.

-Não, você não vai contar nada, ele é só uma criança sem compreensão das coisas, isso somente irá causar confusão em sua mente.

-Ele sabe muito mais do que você imagina.

-Eu a proíbo de falar sobre isso.

-Rangel, você está tornando tudo mais difícil e criando um tabu sobre esse assunto. Adalberto está morto para mim, ele apenas existe como um passado.

-Eu não quero mais falar sobre isso, e, por favor, não diga nenhuma palavra sobre esse homem ao Arturo. Eu mesmo vou dar um jeito em toda essa história. Dizendo isso foi ao criado-mudo e pegou uma pequena bolsa onde guardava o revólver e saiu.

Eloísa foi atrás dele, se interpôs entre ele e a porta.

-Você não vai sair armado, não vou deixá-lo sair assim.

-Por que não? Teme o quê?

-Temo por você Rangel. Ela pegou a bolsa com a arma e a puxou, a escondeu nas costas.

-Dê-me essa arma, está preocupada que eu o mate?

-Não seja injusto comigo, não vá estragar nossas vidas com uma decisão errada, temos um filho a criar.

-Saia da frente. Disse e a empurrou. Abrindo caminho saiu decidido batendo a porta da sala. Eloísa entristecida com as palavras de Rangel colocou a bolsa sobre a cômoda e se deitou chorosa. Olhou o filho e não sabia o que dizer, mas queria que ele confiasse nela e a admirasse como mãe e mulher, mas em seu coração a dor e a fragilidade do seu ser a estavam levados aos limites. Sua vida sempre fora deliberada por ela mesma e a sua mãe nunca teve forças ou discernimentos para conduzir de forma adequada sua educação. Muito cedo saiu às festas e namoros. Saía e voltava à hora que queria, fazia o que bem entendia, nunca tivera balizamento ou um pulso que a detivesse. As noitadas e os excessos logo a levaram às drogas e ao cansaço mental, isso a extenuara, mas naquele momento sentiu que precisava de alguma força extra para manter a sua vida.

## Capítulo 8

Rangel saiu cego pelo ódio e pelo ciúme que o corroíam e na rua pensou que não saberia onde encontrar Adalberto. Precisava falar com o seu amigo Paulo, o segurança, para dar um fim àquela situação. Tentou e o telefone caiu em espera, tentou mais vezes e se irritou por não conseguir. Entrou num bar e pediu uma bebida, tomou e pediu outras, uma sequência sem intervalos. As reações já eram alteradas e os reflexos lentos, a voz pastosa falava ao léu, sem se preocupar com quem o ouvisse. Falou do seu drama, de amar uma mulher que amava outro homem, chorou e riu, falou de tudo que fizera por ela e que não tinha reconhecimento. Que o seu amor foi usado, que tiraram proveito dos seus sentimentos, que todos o enganavam e somente se aproveitavam da sua situação financeira e da sua boa fé, mas que ele iria acertar contas com o seu rival. O telefone tocou e ele com dificuldades atendeu.

-Paulo, afinal você veio em meu socorro. Paulo meu amigo, eu só tenho você para confiar agora.

-O que você quer Rangel? Está bêbado?

-Quero pegar o Adalberto.

-Você está louco? Onde você está?

-No bar Andaluzia.

-Logo estarei aí, mas não fale mais nada, isso é perigoso.

Um dos homens que bebia no bar que tudo ouviu, saiu e foi ter com o Adalberto.

-O que você está dizendo, aquele louco atrás de mim de novo?

-Sim, ele falava com outro cara no telefone, chamado Paulo, e disse que vão te pegar. Ele está lá no Andaluzia, e fala alto e em bom som que vai te dar uma lição, vim correndo te avisar.

-Obrigado Raimundo, vou pegar algumas coisas e dar o fora. Esse Paulo é matador. Já o conheço bem, mas antes vou fazer uma coisa para deixar uma marca no otário do Rangel.

## Capítulo 9

Anita ligou para Sara e marcaram um encontro, foram a um bar de ambiente acolhedor com mesas discretamente afastadas, adornadas com cercas de plantas que davam um caráter de discrição ao local. A maioria dos frequentadores era casais nas mesas e algumas mulheres sozinhas no balcão.

-Gostou do lugar Anita?

-Sim, é muito agradável e acolhedor, não conhecia, foi uma boa escolha, bom para conversarmos, é calmo e de pouco barulho.

-Venho aqui às vezes quando a intenção é conversar. Como não nos conhecemos bem ainda, pensei que aqui seria o local ideal.

-Que bom, fez ótima escolha.

-Mas o que aconteceu depois que saímos da igreja?

-Meu primo levou minha mãe em casa e tentou depois falar comigo. Eu lhe disse que estava cansada e que tinha um trabalho da faculdade a terminar. Não dei chance a ele de subir.

-Ele tem interesse em você como mulher?

-Desde crianças que ele diz que quer casar comigo, mas não existe a mínima possibilidade de isso acontecer.

-O motivo é só esse? É por que é ele?

-Sim. Eu não gostaria de tê-lo como marido. Nunca daríamos certo por vários motivos, temos opiniões diversas e as formas de ver a vida que são tão distintas que não viveríamos juntos, seríamos dois gladiadores em batalha, além do mais, abomino que sirvam de alcoviteira para mim, assim como minha mãe e minha tia. Elas me tratam como se eu fosse alguém incapaz de sozinha escolher meu par.

-Você não leva nenhum jeito para gladiador, mas, Anita me diz uma coisa e como homem ele não lhe agrada? Ele é um homem atraente, bem cuidado.

-De que me valeria um belo homem e sem os valores que prezo.

-E você, Sara, não tem namorado?

-Não, nunca tive muito tempo nem paciência para com os homens.

-Preconceito? Disse Anita com um sorriso questionador.

-Acho que sim. Vejo a maioria dos homens como troglodita, ainda na era das cavernas, apenas mais requintados, mas ainda com muitos pêlos.

As duas riram e Sara continuou.

-O avanço das mulheres tornará isso muito mais evidente. A mulher é um ser mais antenado com o que acontece com o mundo e com as pessoas. Têm preocupações mais humanas, sensibilidade mais aguçada, interativa, exalam sentimentos, são delicadas por natureza e fortes quando querem. As energias que emanam me dizem mais, me falam mais aos sentimentos e aos sentidos. Sintonizo bem com as mulheres. Quase não tenho amigos do sexo masculino, sim amigas.

Anita silenciou, depois de um tempo olhou para Sara e ela estava com o olhar fixo nela.

-Eu concordo com você. Disse Anita, então.

## Capítulo 10

Adalberto sabendo que Paulo e Rangel estavam no bar, tomou rumo para casa de Eloísa, tocou a campainha e ela atendeu, o susto foi grande e ela recuou alguns passos, no que se valeu ele para entrar e empurrá-la sobre o sofá e tapar a sua boca.

-Escute bem, o que vou falar. Isso é uma prova que posso tudo o que eu quero, que sou capaz de qualquer coisa, até matar. Seu marido saiu à minha procura e esqueceu-se de deixar protegido o seu lar. A raposa entrou no galinheiro pelo buraco da tela feito pelo galo. Vou destapar a sua boca, mas se gritar farei um mal muito grande ao seu menino, também posso mandar matar seu querido protetor Rangel. Agora muito juízo e nada de escândalos.

Adalberto destampou a boca de Eloísa e ela logo se recompôs e perguntou aflita.

-O que você quer? Por que não me deixa em paz?

-Agora quero muito, quero dinheiro, muito para ir embora e deixar por uns tempos você sossegada. Eu a tenho em minhas mãos. Estou disposto a causar uma grande desgraça em sua vida se não fizer exatamente o que eu mando. Um estrago dos bons, daqueles que você não irá jamais esquecer. Hoje eu quero você e aqui mesmo na sua casa, na cama de seu marido. Vou zombar dele aqui mesmo debaixo do seu teto, depois saio com o dinheiro, jóias, o que você tenha a me dar, desde que seja muito. Vamos para o quarto, eu vi quando sua tia e sua mãe saíram para a igreja, assim poderemos aproveitar bastante.

-Não Adalberto, não faça isso, eu lhe dou o dinheiro que quiser, mas não faça isso.

Ela reagiu, tentou bater nele, mas ele a segurou pelos pulsos e a arrastou para o quarto, depois de atirá-la na cama, puxou um papelote de cocaína e espalhou duas linhas sobre o móvel e cheirou uma.

-Essa segunda linha é sua, cheire.

-Por que isso Adalberto? Eu estou limpa, não faço uso há muito tempo.

-Por isso mesmo quero que você use.

Ele a pegou pelos cabelos e esfregou o rosto dela no pó branco e depois a atirou sobre a cama, tirou a roupa e quando se preparava para possuí-la, um estampido ecoou.

Um tiro certo o atingiu na nuca.

## Capítulo 11

As duas moças depois que saíram do bar foram para casa de Sara e beberam um pouco mais, conversaram, gracejaram e colocaram um vídeo de música. Sob o efeito da bebida riram e dançaram, dançaram e caíram, uma para cada lado. Sara adormeceu no tapete e Anita no sofá.

Sara sonhou de novo um mesmo sonho, o mesmo que havia tido semanas antes.

Havia um conflito em uma vila antiga que parecia ser na Espanha, os soldados, entravam em busca de uma mulher acusada de práticas de feitiçaria, o que era contra as leis estabelecidas pela igreja da época, eles a buscavam para apresentá-la para um ajuizamento no mosteiro de San Patrick.

Os cavalos abriam caminho destruindo barracas e cestas dos comerciantes. Michele abriu a janela e viu a confusão, gritou para o comandante da guarda.

-O que busca Senhor Comandante? Para que tanto alvoroço.

-Busco Berna sua prima, soube que ela está aqui na vila, e vou procurá-la em sua casa.

-Espere comandante vou descer e conversamos. Assim ela desceu e carregou o comandante para o interior da taverna, no salão, fê-lo sentar-se e serviu uma caneca de vinho tinto, brincou com os cabelos dele tentando fazê-lo sorrir.

-Comandante sabe que tenho um compromisso de casamento, minha mão foi prometida ao Senhor e em breve estaremos nos unindo.

-Isso é uma verdade, mas você sabe bem que sua prima precisa ser levada ao julgamento do Bispo Solano, pouco posso fazer sobre isso. Se queremos casar preciso receber a promoções prometida pela captura dela e termos uma vida mais confortável, não será a desmiola da sua prima que irá prejudicar nossas vidas.

-Você sabe que ela é minha prima, que talvez tenha sido mal orientada, que não teve oportunidades no povoado, mas ela é uma boa menina, não quero que tenha mesma sina de minha tia, que seja mal-falada e perseguida, sei que

aprendeu certas coisas por imposição, a culpa não é dela. Também nada demais, nenhum mal que ela tenha usado contra alguém.

-Não deixe ninguém ouvi-la falando assim, se não você também corre o risco de ser acusada como ela.

-Oto ela é só uma menina, adolescente meiga e assustada com tudo isso, não saberia fazer uso de tais práticas, pois não sabe fazer mal a ninguém.

-Escute Michele, eu amo você e a quero, mas não vou fazer nada que venha me embarçar.

-Você pode sim Oto, você pode ajudá-la. Ajude-a a fugir, a escondê-la. Use sua posição, sua interferência em favor dela. Ela é só uma criança assustada.

-Isso significa que ela está aqui.

-Eu vou buscá-la, vou deixar que você a leve, pois tenho certeza que você a protegerá.

-Michele isso é coisa séria, eu vou subir e arrastá-la pelos cabelos até o monastério. Você vai trazê-la ou devo vasculhar tudo ao meu modo?

-Você não precisa ficar preocupado, vou buscá-la, eu confio que você a levará e dará um jeito de liberá-la.

Michelle pegou a prima Berna e chamou a empregada

-Yelena, fuja pela saída lateral norte, tomem a floresta e se escondam na Caverna do Cristal e me esperem, irei ainda hoje levar mantimentos.

Michele voltou ao salão e Oto levantou-se querendo saber da procurada.

-Onde está Berna, por que não a trouxe?

-Não a encontrei.

-Você a deixou fugir? Não brinque comigo Michele.

Oto correu e subiu ao primeiro andar e vasculhou os quartos. Saiu bufando e empurrou Michele que estava em seu caminho

À noite Michele pegou algumas sacolas contendo mantimentos e saiu pela noite fria de outono. Caminhou preocupada e quase uma hora, após, chegou à caverna que ficava numa depressão lateral à estrada. Desceu quando escutou o rio passando, chamou por Berna e Yelena, com um archote as viu. Abraçaram-se então.

-Prima, obrigado por tudo, pelos alimentos e agasalhos, mas você precisa ir, você sabe muito bem que se ficar amanhã desconfiarão de sua ausência e saberão que você está envolvida no meu sumiço. Não quero o seu mal, assumo minhas atitudes, embora nada veja de mal em lidar com os espíritos e as forças

da natureza. Você sabe que Oto é um dedicado soldado e exagerado em suas posições militares, ele não a perdoará se descobrir que me deu ajuda.

-Minha prima Berna eu a amo e trocaria o meu casamento por sua liberdade, Oto já sabe que dei ajuda a você, agora vamos tomar um pouco desse vinho que trouxe. Está frio o vinho nos aquecerá.

Abriram uma garrafa e tomaram e aos poucos o efeito do álcool passou a atuar, sob o efeito da bebida riram e dançaram, dançaram para afastar o medo e a apreensão, as horas difíceis que estavam vivendo. Aos poucos cansadas, Berna e Michele se deitaram juntas, se abraçaram e deixaram seus corpos aquecerem um ao outro. A chuva caía e lavava o mundo com a força da natureza, força que logo Berna e Michele teriam que dispor.

\*\*\*\*\*

Quando amanheceu Michele acordou assustada e se deu conta que adormecera e se esquecera de partir, sempre coordenava os trabalhos matinais dos empregados, distribuía as ordens para as funções, da padaria, da cantina e do albergue do seu pai, que nas duas últimas semanas andava padecendo de um mal que atacara suas juntas e ossos, quando ela então tomara para si essas responsabilidades, era ela no momento quem administrava os negócios do pai.

-Que horas seriam? Perguntou-se.

Pegou suas coisas e correu sem se despedir de ninguém. O albergue era longe, tinha que correr muito, se não queria deixar margens a falatórios e perguntas para as quais, talvez não conseguisse explicações. Teria que estar no albergue o quanto antes. Olhou para o sol, que mesmo fraco e escondido entre nuvens cinza dizia que todos já estariam a postos no albergue. Esse pensamento a fez correr mais rápido e torcer para que todos soubessem o que fazer na sua ausência. No seu desespero pediu ajuda a sua falecida mãe em pensamentos. Que ela a socorresse e que a protegesse naquela situação de dificuldade.

-Bendita mãezinha, onde estiveres olhai por mim, tua filha que dos poucos carinhos que teve nesse mundo os obteve de ti. Socorre-me em minhas desditas, essa filha tua que mesmo diante do afastamento da morte ainda te ama e pede tua bênção. Protege também Berna e Yelena dos seus perseguidores.

Ao sair da trilha e ganhar a estrada ela estancou, diante de si em grupamento montado, estava Oto.

-Que bela presença numa manhã tão cinzenta e que explicações me dará pela noite ausente de casa?

Michele se sentiu perdida. Oto era naquele momento o pior dos seus pesadelos. Não sabia o que dizer e com certeza ele estivera no albergue e soubera que ela esteve fora durante a noite.

-Vejo que minha prometida não está primando pelo asseio e cuidados que cabem a uma donzela. Cabelos desgrenhados, pés enlameados e pior, esbaforida como se tivesse visto um dragão.

Michele gaguejou buscando ganhar tempo e fôlego, mas nada saiu de sua garganta a não ser palavras desconexas.

Oto ordenou aos seus homens que seguissem as pegadas deixadas por Michele, depois a agarrou e a pôs sobre sua garupa.

A vida de Michele ganharia contornos e complexidades a partir daquele momento.

## Capítulo 12

Eloísa estava perplexa, o corpo de Adalberto caído e ensanguentado, sem vida, o móvel sujo de cocaína, objetos derrubados e quebrados pela violência da ação dele. O seu corpo machucado, ferido, cheio de marcas, o vestido rasgado, a cabeça doída e zonza, o coração descompassado a oprimia, o peito arfava buscando o ar. Olhou ao redor e viu o seu filho Arturo catatônico e com o revólver segurado com as duas pequenas mãos, os braços esticados e em ristes, ainda apontando na direção do corpo de Adalberto, era um cenário dantesco visto por Eloísa. O sangue espalhado no colchão aumentava o asco e a repugnância que ela sentiu por Adalberto. Desesperada não sabia o que fazer. Tirou a arma das mãos de Arturo e ligou para Rangel.

-Rangel aconteceu uma tragédia, venha imediatamente, corra, por favor, não nos deixe aqui assim. Precisamos de você. Falava ela sem parar, histericamente.

-Rangel venha, venha... Disse aos prantos e deixando o telefone tombar, depois ela caiu de joelhos. Desfaleceu.

Rangel mesmo atordoado pelo álcool soube entender o chamado desesperado de Eloísa e correu para casa. Paulo o acompanhou e ao chegarem encontram estarecidos a cena dolorosa e violenta.

Paulo e Rangel por mais que tentassem interpretar o acontecido não conseguiam montar o quebra-cabeça sinistro armado pela vida e pelos atos negativos desempenhados por aqueles personagens. Dois corpos, um atingido por um tiro na nuca, devido à própria violência que gerara, o de Adalberto, e o outro atingido pela dor física e mental, corpo fragilizado pela situação dramática e pela ação química da droga que partiu o seu coração, o de Eloísa.

\*\*\*\*\*

Eloísa gritou pelo telefone chamando Rangel, sentiu a visão escurecer e uma dor tomar seu peito, uma dor aguda e rápida. Largou o telefone e sentiu-se desfalecer e cair, não sentiu seu corpo bater no solo. Estava em pé e viu seu corpo tombando, mas não era ela.

-Como vejo o meu corpo caído ao solo, se eu estou aqui, de pé? Sou eu caída? Ela é exatamente como eu? Mas não sou eu, eu estou aqui falando e vendo meu corpo caído. O que está acontecendo? Como isso pode estar se passando? Balançou a cabeça por algumas vezes e viu o seu filho Arturo abraçar o corpo caído. Ela o abraçou e tentou levantá-lo, mas ele não a sentia, não parecia vê-la, apenas abraçava o corpo caído, a outra.

-Arturo, meu filho, sou eu, sua mãe. Arturo, por favor, me ouça. Olhe para mim meu filho. Não faça isso comigo. Responda. Ela chorou. Ajoelhou-se ao lado do filho e viu Adalberto em pé, perto do próprio corpo, também em desespero. Apalpando-se, tentando entender o que se passava, tão desorientado quanto ela.

Um casal então surgiu e conversou com ele. Os três saíram e passaram por ela como se não a tivessem visto.

-Deus o que está acontecendo, alguém me diga.

Rangel entrou acompanhado de outro homem. Viu seus espantos e as tentativas de entenderem o que havia acontecido. Ela ouviu Rangel perguntando a Arturo o que havia acontecido. Viu o outro homem dizendo que o menino estava em choque com a morte da mãe.

-Morte da mãe? Como morte da mãe?

Uma súbita compreensão do que estava acontecendo a tomou.

-Eu morri, é isso que está acontecendo, eu morri, mas como estou viva, falando, vendo tudo e a todos? É isso, eu morri, mas o que sou eu agora? Por favor, alguém me ajude. Deus me ajude.

Uma mulher e um homem vestidos de branco chegaram e a abraçaram carinhosos e a mulher falou.

-Viemos em seu auxílio, eu sou Adalgisa.

Um Senhor de cabelos de uma alvura iluminada a ajudou a se levantar.

-Eloísa, precisamos ir. O quanto mais você permanecer aqui somente irá causar mais desgaste e tortura. A vida trouxe a cada um o que foi da escolha de cada um, agora temos outra vida a cumprir. Uma vida nova, mas que poderá ser fácil ou difícil dependendo da sua escolha agora.

-O que de mais difícil do que isso eu posso passar?

-Sabemos que está sendo muito difícil, mas poderá tornar-se pior sim. Disse Adalgisa, com uma voz tão suave e acolhedora que Eloísa se atirou aos seus braços aos prantos.

-Ajude-me.

-Vamos ajudá-la sim, mas precisa crer no que falamos, precisa vir conosco.

-Não posso deixar meu filho.

-Ouça Eloísa, Arturo também precisará desse afastamento, serão novas experiências que terá que adquirir, ele, Rangel, sua mãe e sua irmã. Você precisa confiar em nós e vir conosco. Vamos, confie vamos. Será o melhor a fazer.

\*\*\*\*\*

Quando chegaram ao outro plano, na Casa de Acolhida Estrela Azul, Eloísa deitou-se cansada na cama que lhe foi oferecida, e um sono profundo a tomou.

-Olha como ela dorme Álvaro, esse sono de quem há anos vive em angústia e conflitos, um sono necessário e alivante.

-É Adalgisa, já vimos muitos passarem por isso.

-Mas nenhuma era sua filha.

-Eu sei, para isso me preparei por muitos anos, acompanhei o seu sofrimento e fiz o que pude para dar a ela a devida inspiração nos momentos mas difíceis. Foram muitos e de certa maneira isso funcionou, tanto que depois que ela recebeu em seu ventre o espírito de Arturo e se casou com Rangel se tornou mais sensível à nossa ajuda. De certo modo fico feliz, os esforços foram graças concedidas, mas ainda precisamos trabalhar muito, muito temos a fazer para ajudá-la e aos outros que permanecem na esfera terrestre.

-É, querido amigo, só lamento que meu filho Adalberto não tenha sido sensível aos nossos apelos de ajuda e tenha seguindo seu rumo e acompanhado aqueles dois em suas jornadas de dano, a eles e a terceiros. Ainda temos muito trabalho mesmo.

## Capítulo 13

Arturo permaneceu deitado com a cabeça sobre o corpo da mãe, agarrando-se a ela como numa tentativa de despertá-la, não entendia porque ela não lhe respondia. Ninguém conseguia afastá-lo, mudo, não respondia a nenhuma das perguntas feitas, toda a ação ocorrida gerara no menino um imenso impacto traumático, a intensidade da emoção do momento causara um profundo conflito em seu emocional e em sua alma. A violência sofrida e a morte de sua mãe, as dúvidas sobre a sua paternidade, causaram efeitos imediatos no seu comportamento.

Rangel sofria as dores da perda, no fundo de sua alma sentia a ausência de Eloísa. Havia se apaixonado por ela, e viveram momentos bons, soubera compreender no início as dificuldades dela e ajudá-la a superar e vencer os problemas, mas ele mesmo não soubera lidar com os seus, e o pior dele o ciúme. Esse sim foi devastador na relação. Minou e deteriorou as bases da relação, corroeu as estruturas de carinho e companheirismo.

Rangel passou a beber mais, e chegar pelas madrugadas, afetando o seu desempenho no trabalho e comprometendo a sua imagem. Nas horas de embriaguez, muitas vezes, tentou imputar a Adalberto as causas de suas mazelas, mas no silêncio de sua solidão e sobriedade, sabia que ele e o seu ciúme tinham a maior parte da culpa por tudo o que sofria. Talvez se tivesse ouvido com mais amor as explicações de Eloísa, imparcialmente, com mais serenidade, ainda, pudessem estar juntos. À noite a imagem de Eloisa povoava os seus sonhos. Demorava a dormir e insone, muitas vezes saía para o trabalho.

Havia dois seres sofrendo as mesmas dores, sem saberem como se aproximarem e se confortarem.

De tudo, para Rangel, o que mais o afetava era Arturo, o menino não aceitava bem a sua proximidade e o seu olhar acusatório, denunciava a culpabilidade de Rangel, seus olhos falavam, seus gestos apontavam, mas sua voz recusava-se a sair, uma mudez o acometeu. Calada estava e calada ficaria por muitos anos.

## Capítulo 14

Os guardas de Oto facilmente localizaram a entrada da Caverna do Cristal, local onde ficaram Berna e Yelena. Aprisionadas as duas, seguiram para o mosteiro gregoriano, onde seriam inquiridas pelo mais severo dos inquisidores local, o Bispo Solano. Era época em que o poder religioso se confundia com o poder real: a Igreja julgava, absolvía ou condenava e entregava ao Estado, o acusado, que lhe aplicava a pena definida. Já não era tão comum, a aplicação da pena de morte na fogueira, mas em épocas, ainda, recentes, a perseguição grassou e cobriu de sombrias nuvens de fumaças originadas das fogueiras, os céus da Europa, onde se queimavam os hereges a céu aberto em cerimônias públicas. Na Espanha também foram deixadas marcas das mortes de inocentes associadas à Igreja da época. A heresia valeu como vasto contingente de motivos para a condenação por tudo e por nada. Uma interminável caça às bruxas, compostas com denunciante pagos, vizinhos bisbilhoteiros e motivos fúteis, racismo e intolerância religiosa, compunham o cabedal de acusações. Judeus conversos eram apanhados por intrigas e vestígios de prática incompatíveis, toalhas lavadas à sexta-feira, uma prece escutada de soslaio, frequência irregular à igreja, uma palavra mal ponderada era o bastante. A higiene era causa de suspeita, tomar banho era tido como prova, registro de acusação, era um fato comum inclusive se ver esse motivo nos autos da Inquisição: Sujeiras Adquiridas. As pessoas limpas não têm de se lavar, era a alegação para supor que quem gostasse por demais de se manter higiênico fosse capaz de estarem buscando na limpeza a exclusão dos malefícios de posse por espíritos ou demônios, seres imundos a apoderarem-se dos corpos. Por volta do ano de 1480, vários indivíduos foram queimados vivos na estaca, em Sevilha, em um determinado mês mais de duzentas pessoas queimadas vivas, enquanto setenta e nove foram condenadas à prisão perpétua. O bispo Solano, baseava suas convicções muito além da questão religiosa, para ele ser Cristão era mais, ser cristão era a maneira comum de ser e pensar. Os opositores do Cristianismo eram tidos como hostis do pensar

comum da sua época, inimigos da identidade nacional. Ele tinha um profundo ódio às mulheres, principalmente as que se diziam possuidoras de poderes extraordinários, que manipulavam as forças da natureza, poções, simpatia, práticas divinatórias, mesmos que usados em fins comunitários ou de auxílio ao próximo, incluídas as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. As que conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social. Estas eram, muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para as mulheres e os pobres. Elas eram os alvos preferidos do Bispo Solano, que ainda, se mantinha fiel a sua determinação de ser o último dos inquisidores a não abrir mão da pena máxima.

Berna, a prima de Michele, era filha de uma famosa rezadeira e a única opção de medicina disponível em vasto território dominado pelo nobre da Casa dos Alonsos, ela desde cedo demonstrou pendores mediúnicos, como a vidência e a premonição, tinha o poder de com um toque e a força do pensamento de realizar curas. Viviam as duas em pobre moradia no campo, distante o bastante do Castelo dos Alonsos para se cavalgar dois dias e duas noites em bom cavalo de corrida. Viviam para a lavoura de subsistência e a criação de pequenos animais domésticos, e de alguns presentes que recebiam como paga pelos trabalhos que executavam no trato com as diversas doenças existentes nos ambiente sem cuidados, de pouca higiene corporal na época. O asseio das casas, das comidas e das águas era parco devido ao desconhecimento das conseqüências advindas. Os vizinhos diziam que eram a bruxa bela e a bruxa feia. Berna era uma menina bela, de longas tranças amarradas por trás do pescoço, de gesto suave, olhar doce e piedoso. Olhar para ela era estar imantado, difícil resistir à sua beleza ao contrário de sua velha e mal cuidada mãe.

Por tempo em que a mãe de Michele adoecera, ela e a filha Michele se instalaram na casa da Velha Bruxa, pois era o melhor jeito de cuidar dela. A proximidade entre as primas fez ressaltar aos olhos de Michele a forma de ser de Berna. A beleza da prima tomou de sedução o coração de Michele então, mas havia nela outro amor que não fosse o da pureza, o sentido natural do gostar e o afeto que não fosse de estar perto, da admiração e do usufruir da energia emanada pela aura de tão intensa energia positiva.

Berna, assim como a mãe, sabia que o poder dado a elas era insuficiente para sanar a doença da tia, que oculta corroia ossos e evoluía rapidamente em órgãos importantes e vitais. Ela procurava de maneira indireta e amena ir preparando o espírito de Michele para a morte da mãe.

Berna falou à Michele sobre a existência de outras vidas e da continuidade do espírito, coisas que assombraram a prima, mas que também estimulavam sua curiosidade. Em todos os momentos em que estavam a sós Michele procurava obter mais conhecimentos sobre aquela maneira de ver a vida, tão distinta dos ensinamentos que eram transmitidos pela Igreja.

-Fale-me Berna, como você sabe sobre tantas coisas estranhas e ao mesmo tempo tão fascinantes?

-Muitas eu aprendi com minha mãe e outras com viajantes nômades, ciganos e muitas me chegam como se fossem do ar, dos pensamentos, de vozes que ouço e me falam coisas que um dia serão tão naturais e não surpreenderão mais. Um tempo onde as coisas terão explicações devido à evolução dos povos, em muitos lugares longe. Em outros céus já existem essa maneira de viver e de conhecimentos. Às vezes viajo em sonhos a esses lugares, cheios de carruagens que andam sem cavalos puxando e pássaros de ferro que voam e carregam pessoas. A vida será mais longa e as doenças serão poucas e controladas.

-A vida poderá ser para sempre? Perguntou Michele.

-A vida do corpo não, mas a vida é eterna.

-Como assim?

-Nós somos eternos, ao morrermos viveremos em outros lugares com outros tipos de corpo.

-Ainda não entendi Berna.

-Imagina que tivéssemos um corpo feito de pedra e um corpo feito de névoa, um corpo que podemos pegar, sentir e outro que ora você vê, ora não. A sua mãe está muito doente e todos os cuidados que estamos dando a ela são para aliviar suas dores e prolongar sua vida, mas não se entristeça quando ela se for. Ela deixará de ser uma pedra, mas ela será a névoa que tocará seu rosto sem que você a veja. Ela a verá sem que você a veja. Ela a protegerá e a guardará mesmo que você não saiba. A visitará sempre que puder e falará aos seus ouvidos sem que você a perceba, virá em sonhos e será real em sua vida se acreditar nisso, se a guardar pelas coisas boas que construiu e as ajudas

que ela distribuiu. Você poderá falar com ela em suas orações e um dia se encontrarão quando você também for névoa.

Michele abraçou a prima e desejou que nunca se separassem.

\*\*\*\*\*

A mãe de Michele morreu e ela teve que voltar ao seu povoado, a notícia e pela ausência da esposa deixou também o pai de Michele doente e incapaz de tocar os negócios, assim ela assumiu o albergue e a taverna, e foi lá que ela conheceu Oto, quando ele comandava um grupamento de busca a um foragido das prisões dos Alonsos. A segurança e a postura independente e firme, de Michele, chamaram a atenção dele, que logo deixou seu interesse demonstrado ao voltar dias depois à taverna, para conhecê-la melhor. Conversaram e namoraram. Tempos mais tarde marcaram o noivado. Michele não queria casar estando o pai doente e Oto achava que era por esse motivo que eles deveriam casar logo.

Oto era um camponês até que uma epidemia matou muitos dos moradores da Casa dos Alonsos. Muitos nobres, muitos empregados e muitos soldados. Logo que abriu convocação para a função de soldados Oto se apresentou como candidato, o pagamento era baixo, porém ele tinha moradia, alimentação, vestimentas e oportunidades, além do status de servir a um nobre. Vaidoso e com desejos de crescimentos dentro da tropa Oto logo se destacou por seu porte físico e habilidades em lutas. Em pouco tempo ganhou destreza nas armas e logo foi alçado a um posto superior, mas ele queria mais, queria um posto de oficial, ou na guarda pessoal de Alonso.

\*\*\*\*\*

A mesma epidemia que vitimou muitos nas casas nobres também teve efeito reflexo indireto sobre outras vidas, pobres e inocentes.

O filho do nobre Toledo foi tomado pela doença e sua vida estava por um fio. O menino já era frágil por natureza, debilitado e raquítico, seus pais juraram que dariam as suas vidas pela salvação da criança, filho e herdeiro único, pois sua mãe Gertrude já não conseguia gerar mais filhos. No auge do desespero souberam por um dos criados que uma velha curandeira da região salvara algumas pessoas da peste. Ele cristão não admitia a possibilidade, mas Gertrude sua esposa não via outra saída, os médicos já o tinham como desenganado, o padre dado a extrema-unção, o que restaria senão a velha curandeira, a Bruxa Feia?

Toledo a contragosto queria pensar sobre a situação, mas Gertrude via o tempo se esvaindo e deu o ultimato: ou eles iriam juntos levar a criança ou iria ela. Ele aceitou que ele fosse tratado pela curandeira, mas, desde que trouxessem a velha até eles e ocultamente. Ele tomou dois dos seus homens de confiança e a eles ordenou que a buscassem. Porém o que contavam era com sua recusa. A velha tinha dois argumentos para não ir, o primeiro que indo e deixando a sua casa, deixaria de dar atendimento a muitas outras pessoas em detrimento de uma. O segundo era que ela não gostava dos Alonsos, e sabia ainda, que eles a temiam e não queriam suas pragas jogadas contra si.

-Se tocarem em mim, que seja um fio de minha velha cabeça, terão uma morte pior do que a de um cão sarnento, sofrerão de sede e fome, e porão sangue por cada orifício que tiverem, e suas gerações sofrerão as mesmas mazelas.

Estavam eles, portanto entre a cruz e a espada, tinham que levá-la e de imediato, pois a vida do menino estava por horas, e se aparecessem de volta sem ela seriam punidos severamente. Eles resolveram que a levariam, ainda que a força, ainda que correndo riscos das maldições, pois melhor seria sofrer com as incertezas de uma praga, que sofrer castigos certos do Nobre, mas a velha era teimosa e dura com quem a desafiava.

A situação estava insustentável quando Berna interveio. Ela se apresentou para ir no lugar da mãe. A princípio eles titubearam em aceitar. Não sabiam se ela possuía tantos poderes quantos os da mãe, mas acharam que era uma saída das mais oportunas e foram os três ao condado dos Toledos.

Toledo quis saber o que acontecia. Por que uma jovem? Quando todos diziam se tratar de uma velha curandeira?

-Senhor Toledo, essa é a filha da Velha Bruxa, e dizem possuir tanto poder quanto a mãe.

Toledo por demais surpreso e admirado a conduziu ao quarto do filho.

Berna apoiou-se sobre a cama e banhou a testa do menino com carinho e suavidade, entoou algumas orações em baixa voz, dando-lhe de beber uma poção de ervas a cada meia hora, durante dois dias e meio sem interrupção. Gertrude olhava desconfiava, mas esperançosa que um milagre acontecesse. Enquanto Berna trabalhava, Gertrude orava e Toledo admirava Berna, o encantamento por ela o fazia esquecer que o filho estava à beira da morte. A uma paixão forte e estonteante o tomava, seu olhar seguia cada um dos seus movimentos. Passadas as horas Gertrude percebeu que a cor do menino ganhava viço e a pele sarava, as bolhas diminuía de tamanho e secavam, a febre cedia, e depois de quase trinta e seis horas Berna se recostou e pediu a Gertrude que alguém administrasse as beberagens, agora, a cada uma hora. Ela precisava dormir e descansar antes de ir, pois o menino estava se recuperando. Gertrude agradeceu e beijou as mãos da moça. Toledo ofereceu a ela um pequeno saco de moedas cunhadas a ouro, Berna não quis a princípio receber o pagamento por achá-lo excessivo, mas insistência dele foi tamanha e tão obstinada que ela acabou por ceder. Gertrude a acomodou num dos quartos e Berna esgotada se deixou adormecer, um sono cansado e pesado pelo esforço contínuo e pelas energias gastas.

Gertrude pouco dormira também, mas agora aliviada via o que parecia impossível, acontecendo.

-Como podia ser isso? Falou para si. Uma camponesa, inculta, sem Deus no coração ter a poder de devolver a vida ao seu filho? Isso não era coisa de Deus, como poderia ele abençoar uma ignorante e não atender suas preces? Admitir que o seu filho foi salvo por alguma força que não fosse divina era inadmissível para sua mente, inaceitável se pairasse qualquer vislumbre de uma força contrária a Deus, assim ela inconscientemente concebeu uma saída. Era isso, suas preces sim fizeram a diferença, o poder de Deus falou por ela, e

dela transferiu a Berna seu poder, ela interviu na cura do menino, por meio de Berna. Por que não diretamente ela mesma? Uma mulher de fé, de compromissos e obrigações religiosas, de professar seus ritos, e de ofertar donativos e bens à Igreja? Seria porque ela não podia mais gerar vida em seu ventre? Só poderia ser isso. A força da juventude estava em Berna, mas o poder da fé era seu e por meio dela, ele atuou.

-É isso, eu Gertrude uma mulher de fé pude salvar meu filho, minha comunhão com Deus a minha devoção de fidelidade a ele, são meus instrumentos de poder. Graças Senhor meu Deus, pela sua bondade e piedade, por poder me facultar a cura de meu filho. Vou dormir e abrandar agora meu coração que andava angustiado. Sei que o desejo de Deus se fez presente e quando acordar irei ter com a moça e lhe dizer isso.

Toledo mais forte e mais descansado caminhava pelo corredor externo aos quartos da casa, e não continha sua ânsia de estar com Berna. Que poder detinha aquela camponesa de atraí-lo, de totalizar seus pensamentos? Que poder possuía de curar e tomar os corações para si? Que feitiço seria capaz de impor a ele o Senhor de tamanha fortuna e poder, de dar e tirar vidas, de dominá-lo? Era uma feiticeira, sim ela era uma feiticeira, mas que fosse, pois tudo daria para tê-la. Assim atordoado e envolvido entrou no quarto dela. Ficou ao longe a admirando, em êxtase e arrebatamento. Quanto mais a olhava mais se sentia atraído por ela e aos poucos tomado de coragem se aproximou e logo se apoiou sobre a cama e passou a observar a sua respiração compassada e o arfar do colo bem feito e a desejou. Tomou seus lábios primeiro apreensivo e depois sôfrega e avidamente. A moça despertou e o empurrou, mas ele possuído e tomado pelo cobiça a segurou pelos braços e forçou seus lábios contra os dela, impondo sua vontade e sua força.

-Você será minha, eu a desejo mais do que tudo que já quis na vida. Será minha sim, pelo meu querer ou pelo meu poder.

-Afasto-me, o seu poder não pode me impor nada que eu não queira.

-Posso tudo dentro de minhas terras, posso torná-la minha amante e torná-la rica.

-Não pedi o seu amor, nem o seu dinheiro.

-Diga então, o que deseja e eu lhe darei.

-Do Senhor, nada quero, apenas que me deixe ir.

-Somente sairá daqui depois que me der certezas.

-Ainda não conheci o homem que me fará sua. E esse quando aparecer somente a ele me daria, mas não creio que ele exista, ou que ainda aparecerá.

-Eu serei esse homem, eu darei tudo e a farei mulher.

-Basta Senhor, deixe-me passar, preciso ir.

-Não irá até que seja minha.

Ele a tomou mais uma vez.

-Toledo, deixe-a ir. Disse Gertrude parada à porta do quarto.

## Capítulo 15

Mesmo depois do acontecido, as investidas de Toledo tornaram-se tão obstinadas e impulsivas e que logo os boatos chegaram aos ouvidos de Gertrude. Ela armou-se para defender seu casamento e seu lar, e para isso tinha muitas armas, indignas, deformadas, prontas a serem aplicadas naqueles que supostamente seriam a causadora de seus problemas, armas danosas para cada situação, armas eficazes. Uma delas foi denunciar Berna pelo suposto roubo de um punhado de moedas de ouro, a segunda e mais ferina, que ela era uma feiticeira, uma herege, que usava ritos satânicos e anticristãos, para isso Gertrude comprou testemunhas e acusadores.

O suposto delito de Berna ganhou processo formal e rito de busca.

Por mais que o sigilo tivesse sido empregado na ida de Berna à Casa dos Toledos pelos poucos empregados que tiveram acesso ao caso, vazou a notícia do que vinha acontecendo e as informações chegaram às alas menos nobres. Os comentários davam conta que Berna não só curara o menino da peste, mas também trouxera a força física que ele nunca tivera antes, e os que dispunham de um mínimo de decência, se indignaram com tamanha falta de reconhecimento. Os cochichos se espalharam e alguém que sendo grato a Velha Curandeira foi ter com ela e a informou sobre a caça à sua filha e quiçá a ela também. A Velha não se dispôs a sair da sua casa e isso determinou o seu destino, na sua sabida teimosia não se curvou aos pedidos de Berna para que fossem para outras paragens, ela admitiu que a filha assim o fizesse, pois que era jovem e cheia de vida e com uma missão a cumprir, já ela não suportaria os rigores de uma fuga sem destino conhecido e sem tempo definido. Fez ver à filha que a vida dela estava ao fim e que se encontrava preparada há muito para esse momento, nada ganharia fugindo. Tinha caminhado até ali sem maiores empecilhos e se tivesse que morrer como feiticeira já teria dado de si ao mundo, mas Berna não, ela merecia viver, tinha toda uma vida a doar, toda uma jornada a seguir. Deveriam sim, as duas, entenderem o que a vida ditava e empreender o que lhes cabia.

Berna procurou a quem conhecia sua prima Michele.

O carinho que as unia era muito maior que o medo ou os riscos que pudessem existir. Michele a escondeu no albergue e decidiram esperar mais informações sobre o caso da prima, se a situação fosse decididamente grave e disporia de recursos e a ajudaria a ir para outro país, mas de fato elas queriam era estarem próximas e poder desfrutar um pouco do carinho e afeto que sentiam.

\*\*\*\*\*

O poder civil era substituído pelo poder religioso em julgar delitos que eram da alçada da Igreja, como os da heresia. Foram criados estatutos e tomadas medidas pelos governantes pondo em exercício ações para prevenir, sobretudo, qualquer ingerência dos magistrados civis nos processos de heresia. Em diversas regiões, certo número dos seus delegados, deviam se entender com os bispos locais para o desempenho das punições, mas que, no entanto recebiam diretamente do Papa a sua jurisdição e que podiam formar tribunais estranhos aos dos civis. A Inquisição desempenhava o seu papel por meio dos seus tribunais, com os rigores especiais no andamento dos processos. A administração inquisitorial frequentemente entregue a religiosos de menor hierarquia e especialmente, ainda que não unicamente, aos religiosos dominicanos, pois se dedicavam estes religiosos a defender de um modo especial a Santa Sé; eram mais zelosos que os leigos às influências mundanas e por isso estavam mais habilitados no desempenharem melhor essas funções. Muitos bispos também, conjuntamente com senhores nobres, eram amigos ou aliados de famílias aristocráticas e não tinham o zelo que se esperava deles, ou

não eram secundados pelos magistrados civis, isso fazia com os tribunais tivessem as suas funcionalidades deturpadas, ou, sobretudo regionalizadas por decisões próprias de alguns soberanos espanhóis. Os incriminados não dispunham de advogado, porque este ficaria suspeito como aliado do herege e, portanto também de heresia. Os acusados convencidos ou pelo menos gravemente suspeitos de heresia eram aprisionado ou ficavam sob fiança em liberdade, até a sentença solene ou auto-de-fé. Os auto-de-fé eram declarações solenes e publicas daqueles hereges que a partir daquela data aceitavam a Igreja, quando depois, então, de imposta uma penitência eram absolvidos das censuras. Nas mesmas cerimônias se anunciavam as penas impostas aos hereges que se recusavam a renegar os seus erros e as principais penas impostas pelos inquisidores eram as multas, contribuições para obras, as peregrinações, o servir nas cruzadas durante certo tempo, ou trazer marcadas no corpo umas cruces indicando aos fiéis que eles eram hereges arrependidos ou revertidos, ainda flagelações em determinadas ocasiões. As penas maiores, reservadas aos hereges obstinados e pouco visíveis na sua conversão eram as masmorras durante certo tempo ou por toda a vida. Havia ainda a interdição ou confisco de bens. A condenação à agonia das fogueiras só era imposta aos obstinados e principalmente aos contumazes. No fim do auto-de-fé era o condenado levado para fora da Igreja, para um tablado erguido em praça pública e lá entregues aos oficiais civis. O seu suplício só se efetuava no dia seguinte, para que o condenado pudesse ainda reconsiderar e cair em si durante a noite. Se levados a fogueira e fizesse a abjuração dos seus erros, era devolvido à Inquisição, e assim se livravam da morte; exceto se fossem obstinados, porque na segunda abjuração não escapavam ao fogo, isso eram as regras, porém despropósitos, aberrações eram cometidas, e muitas vezes as penas eram conjugadas a interesses outros, ou mesmo aplicadas sem nenhum critério.

Oto deteve Berna e Yelena. E ele não havia sido instituído oficialmente a buscá-la, porque os homens dos Toledos receberam essa incumbência, porem ao vislumbrar uma possibilidade de angariar louros, tomou para si a missão, embora não tivesse contado isso a Michele. Porém mal sabia ele que essa sua atitude egoísta e interesseira lhe custaria caro, a vida estava atenta e a sua paga se propagaria através dos tempos.

Oto após capturar as duas moças, não se submeteu aos pedidos da noiva para que não entregasse a prima e a amiga. As moças foram levadas

antes ao Bispo para depois serem submetidas ao inquérito oficial, e como todos, nem mesmo ele Senhor de si, o todo poderoso Bispo, de severidade imputada como intransigente e inflexível, pode permanecer impassível aos encantos de Berna. Algo de fato aconteceu e mexeu com sua estrutura, de início todo seu aparato de impessoabilidade e defesas formadas ao longo de uma vida de forçada castidade, de moralidades forjadas à custa de prolongadas leituras de escritos religiosos, de continências físicas, de exacerbada e devotada vida de clausuras absorveu o primeiro impacto e sustentou seu arcabouço de beato. Sentado olhava, apenas, para Berna como se Yelena não existisse. Depois de longo e constrangedor silêncio ele perguntou.

-Sabe mulher, que pesa contra você uma acusação de ofensa a Deus?

-Senhor, o que sei que Deus sabe que nada fiz para estar aqui, ou para recair sobre mim qualquer acusação, se na verdade eu o amo como Pai.

-Então você nega o fato que atua em método de feitiçaria e emprego de práticas condenáveis pela Santa Igreja?

-Senhor, se auxiliar aqueles que estão abandonados, miseráveis, atingidos pelas doenças, sem recursos e esperanças for uma prática de feitiçaria, o Senhor Deus me condenará, mas sei, ele, também, assim agia diante dos miseráveis e desvalidos.

-Você blasfema e diz que Deus a imita?

-Senhor, não disse isso, disse que eu sim, sigo seus ensinamentos e trato a todos como meu semelhante e me doou de coração e sem nenhuma paga a quem busca meu auxílio. Isso é blasfêmia Senhor?

-Aqui quem faz as perguntas sou eu. Pretendo sim apurar tudo que me foi trazido, sobre você e sua mãe, que já está conosco, presa. Ela foi julgada, não escondeu e nem negou nenhuma das acusações, pelo contrário fez questão de afirmar que mexe e usa os mortos em seus rituais, que evoca seres sobrenaturais e emprega fórmulas e materiais para satanismo. Ela será entregue às autoridades para aplicação da pena imputada.

-Senhor Bispo Solano, se tens amor de fato a Deus não faça isso, ponha-me no lugar dela. Se for preciso, eu farei o que o Senhor quiser. Disse ela caindo de joelhos e aos prantos.

Uma ponta de prazer e outra de piedade tomaram o Bispo.

-Poupe-me de seu pranto, nada mais pode ser feito. O processo foi encerrado e encaminhado às autoridades. Não há volta.

-Clemência Senhor, clemência.

-Deveriam antes sim honra a Deus e a Igreja. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis de Deus fazendo mau uso da liberdade que ele nos outorgou. Quando todos cumprirmos os seus mandamentos, o mal desaparecerá. O mal é uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para fazê-lo, também temos que assumir os castigos advindos. Pedimos a tua assistência Deus, meu Senhor, a fim de resistirmos à tentação. Diante de tua presença faremos o nosso dever de eliminar de forma justa o mal. Levem-nas.

As duas moças foram levadas e o Bispo ficou só.

-Como se seus apelos fossem ter o poder de me causar comiseração. O mal atua de várias formas e a beleza é uma delas, agindo dissimuladamente e operando seus malefícios, encoberto com várias máscaras e indumentárias e uma delas é a de mulher. Sei bem como ele atua e sei bem como me defender dele. Pensou ele. Mal sabia, entretanto que a dúvida de fato, em sua mente em conflito, iniciava seu trabalho.

\*\*\*\*\*

À noite o Bispo ajoelhou-se para orar. Iniciou as primeiras frases e os pensamentos invadiram sua mente, as palavras sagradas misturavam-se às formas e ao rosto de Berna. Ele parou respirou várias vezes em contrição e reiniciou, mas todas as vezes que tentou orar, foram vãs. Levantou-se e foi à janela e olhou a lua cheia clara e serena, desejou não estar passando por aquilo. Seria Deus a testá-lo ou os feitiços daquela mulher agindo em nome do Diabo? Respirou fundo e decidido a manter-se firme diante de sua profissão de fé, resistiria a quem quer que fosse. Foi deitar-se e custoso foi dormir. Ao vir, enfim, o sono, os sonhos o assaltaram e o atormentaram. Via-se num pântano,

as vestimentas rotas. Agarrava-se às ervas daninhas, galhos secos e caídos, tentando não afundar no lodo fétido. A névoa o envolvia e ao longe ele podia ver uma luz. A princípio tênue, depois mais forte, trazendo a certeza que era preciso chegar até ela, porém, por mais que tentasse se aproximar a distância parecia não diminuir. Lutou e exausto caiu prostrado.

Em outro sonho, ouvia os apelos de Berna a implorar que libertasse sua velha mãe. Nos seus apelos ela dizia “Farei tudo que o Senhor desejar” e a frase ecoava e ele envolvido pelo som da voz dela, se viu diante de dois grandes portais, um preto e outro dourado. Os portais se abriam e ele via duas Bernas, cada uma postadas diante de cada um deles, e elas diziam, ao mesmo tempo e repetidas vezes: “Farei tudo que o Senhor desejar”. Ele caiu de joelhos e a voz como açoites batia e rasgava suas costas. Ele acordou suado e agitado, vestiu o roupão e desceu ao calabouço, como archote iluminou a janela da cela e ficou observando o rosto alvo de Berna.

No dia seguinte, logo cedo, mandou chamar Oto.

-Por que você me trouxe a moça e se isso deveria ser uma incumbência dos soldados eclesiásticos?

-Por que me achei no dever de ajudar a Igreja, Senhor.

-Senhor Oto, falemos sem divagações desnecessárias. Sejam diretos, e poupe meu tempo. Sei que a moça é prima de sua noiva. Quero que saiba que tudo o que acontece por aqui, sempre chega a mim, as minhas fontes são muitas e diversas. Sei, portanto que a moça Berna é de fato uma feiticeira e que a outra, chamada Yelena, que está presa com ela, é empregada de sua noiva. Sei também que os Alonsos utilizam os serviços ou poderes da moça e que depois a usaram como refugio para aplacar o desejo de Dona Gertrude, de vingança ou afastamento de uma perigosa rival, pelo que sei ambas as coisas. Senhor Oto, a moça pode ser uma feiticeira e de fato me parece ser, mas foi atirada a uma inquisição por motivos desprezíveis. Diga-me por que a trouxe se isso poderia por em risco a sua noiva também?

-Senhor, já que me permite falarmos sem subterfúgios, digo que me interessava por uma promoção na Guarda do Meu Senhor. Assim tomei a liberdade e a iniciativa de correr os riscos.

-Como dizia, Yelena, a empregada da sua noiva estava acompanhando a moça. Não pareceu inteligente trazê-la também. Falou o Bispo.

-Senhor, isso apenas é prova do quanto desejo a promoção, não medi esforços e tinha conhecimento que o Senhor Bispo de tudo sabe. Acho que isso é uma prova da minha dedicação.

-Senhor Oto, foi uma tentativa arriscada, mas enfim pode ser que tenha valido apenas.

-Posso saber por que Senhor?

-Sabe, tudo tem um preço, no mundo da política há caminhos e necessidades que nem sempre podem ser reveladas. Tenho que realizar uma delas em segredo e que pode ser o preço da sua promoção.

-Diga Senhor, tem minha palavra e meu silêncio.

-Preciso apenas do seu silêncio. Quero que leve a moça e a velha para as autoridades do ducado para que sejam aplicadas as penas impostas.

Uma leve indecisão passou por Oto.

-Ela não foi julgada meu Senhor?

-Não. Isso eu defino e determino. Duas serão queimadas em fogueiras como feiticeiras, depois quero que volte e leve a terceira a um local que indicarei.

-Somente isso, meu Senhor?

-Sim.

\*\*\*\*\*

Como dizia o Bispo, o mal atua de várias formas e com desfaçatez opera os seus malefícios, encoberto com várias máscaras e indumentárias.

Assim o Bispo, também, agia.

Oto pegou nas celas duas mulheres envoltas em longas túnicas de cânhamo, encobertas com capuzes, amarrados pelos pescoços. A ordem era:

levá-las até o condado, e diante apenas das autoridades, executar as sentenças. Ao retornar levar a outra condenada, também, mascarada a uma grande casa de pedra na fronteira norte da Espanha com a França e ao retornar seria promovido.

Diante das fogueiras apenas Oto, seus soldados, um padre e Gertrude. Sobre o topo das fogueiras preparadas, duas mulheres amordaçadas e com as cabeças encobertas. Oto sabia que uma era a Velha Bruxa e a outra Yelena. Gertrude imaginava serem, a Velha Bruxa e Berna.

Michele chorou por muitas semanas e suspeitava que a promoção de Oto fora muito coincidente com tudo que ocorreu em sua vida, não acreditava que Berna fosse queimada como feiticeira, não era mais fato comum essa prática. Aos poucos naqueles tempos a intransigência e inflexibilidade haviam cedido terreno, em consequência do uso indevido desse poder. Os casos de heresia punidos com a fogueira estavam escasseando, a maioria transformada em castigos.

Michele chorava pela prima, mas chorava, também pela pobre Yelena, qual o seu fim, porque Oto dizia não saber dela, não dar notícias e mesmo se esquivar do assunto? A pobre jovem foi envolvida por culpa exclusivamente sua, e levada ao Bispo por ganância, pela sede de poder de Oto.

Michele acreditou até o fim que algo acontecesse e mudasse o rumo das coisas. Confiou em Oto, acreditou que ele daria algum jeito, que intervisse pela prima Berna e pela inocente Yelena. A velha tia sabia que não escaparia de ser condenada, já que ela mesma, não se esforçava para negar nada. Oto até jurou que se esforçaria e que tentaria livrá-las da cadeia, por fuga ou qualquer outra forma, mas não, nada aconteceu. Perdera sua prima e sua empregada. A dor era muita, quase insuportável. Perdeu a fé na vida, em Oto, nos homens. Não se casou com ele e jurou que não confiaria em mais nenhum homem até a sua morte.

O Bispo depois daquela data passou a viajar com muita frequência para a região ao norte do país, indo à casa onde Oto deixou a mulher mascarada. Um dia chegou ao anoitecer, não paramentado com suas vestimentas eclesíásticas. Usava uma longa capa negra com capuz.

-Senhor Solano, seja bem vindo.

-Obrigado Mohamed, preparado meus aposentos?

-Sim, Senhor.

-E a moça?

-Ela está sendo bem cuidada, agora mais conformada de estar aqui. Tem sido mais submissa, está mais dócil e serena. Tem se dedicado inclusive aos trabalhos domésticos, de governar a casa. Foi ela que preparou especialmente o jantar de hoje.

-Que bom saber disso, boas notícias então. Convide-a para o jantar, logo descerei.

-Assim será feito Senhor.

Berna surgiu bela e mais pálida do que antes, as vigilâncias e a clausura imposta pelos empregados do Bispo, nunca permitindo sua saída da casa, causavam-lhe aquela aparência.

O Bispo desceu e se dirigiu a ela.

-Bela moça, vejo que aos poucos vai se acostumando com as regras da casa.

-Sim Senhor, lutar quando a vida pede passividade não me parece uma boa decisão.

-Uma sábia decisão, já não vejo apenas uma mulher deslumbrante, mas também inteligente.

-Aprendemos com a vida Senhor.

-Soube que foi você quem preparou o jantar.

-Sim, Meu Senhor agradeço. Preparei e pedi aos empregados que distribuísse parte do jantar a todos, quero que, também, provem o sabor de meu tempero e possam tomar conhecimento que isso simboliza mudanças. Hoje é um dia especial e quero que seja partilhado por todos, claro que sua aquiescência.

-Certamente minha Cara. Ordeno que todos, sem exceção seja servido com as iguarias preparada pela minha consorte. Inclusive você, Mohamed, que não preza tanto as comidas ocidentais.

Perfeitamente meu Senhor, seu desejo é uma ordem. Eu mesmo me encarregarei de que todos sejam servidos.

-Mas minha Cara, mudanças têm vários sentidos, posso também partilhar dessas mudanças?

-Com certeza, o Senhor é a razão de tudo o que estará acontecendo. Disse ela serena e impassível.

-Tenho certeza que serão boas notícias, a perceber pelo divino de seus pratos.

-Por certo Senhor, por certo que serão.

Pouco mais tarde Berna convidou o Bispo para ir aos seus aposentos.

-Vejo, também, que minha falta foi sentida, devo acrescentar mais uma qualidade à sua lista, a obediência.

Os olhos dela emitiram um brilho, faíscas não percebidas pelo Bispo. Uma ansiedade que num breve luzir dava mostra. Ela não era a submissa mulher que ele esperava.

O Bispo deitou-se e convidou Berna para ladeá-lo, mas em poucos minutos um sono profundo se abateu sobre ele e logo o ardente Bispo adormecia. Berna vestiu sua capa e foi ao seu quarto apanhar um saco de viagem, aguardou que o tempo e a substância que usou nas comidas fizessem efeito em todos, desceu as escadas do aposento e encontrou os guardas caídos adormecidos. Cruzou o salão e foi à estrebaria, montou um belo cavalo negro e partiu.

\*\*\*\*\*

Meses depois Michele recebia de um mensageiro uma carta com os seguintes dizeres:

“Se existe uma coisa que a vida me ensinou, foi caminhar pela noite como a névoa. As lembranças de um passado assombroso ainda povoam meus sonhos, mas os caminhos de Deus são muitas vezes insondáveis. Venha enquanto ainda há esperança, venha enquanto nossas vidas podem ser vividas”.

Seguia um cartão com um endereço da França, não havia assinatura, mas não precisava Michele sabia que era da sua amada prima Berna.

## Capítulo 16

Rangel pouco suportou a vida da forma como estava, a culpa era atribuída a si pela perda da mulher amada e pelas oportunidades desperdiçada de ter sido feliz, porém a responsabilidade que os olhos de Arturo lhes imputavam era por demais amargas e insuportáveis. O peso de tudo era maior do que os seus ombros conseguiam carregar, e o que de pior poderia acontecer foi que Arturo se isolara em um mundo seu, onde o silêncio era a sua única forma de expressar a sua dor, de se defender e agredir. Os especialistas diziam que certamente em algum momento da vida ele iria despertar da sua dor, por um momento de circunstâncias forte, por necessidade de afeto, por encontrar alguém que conquistasse sua confiança, entretanto o melhor remédio que eles recomendavam era o carinho. Rangel não era um homem que soubesse lidar com isso, mas se esforçou. O que pode fazer em questões de ajuda psicológica e material ele fez, mas a proximidade do filho e sua recusa em falar o deixavam em martírio, pois era o sentido que ele mais desejava que o filho usasse, manifestando o seu ódio, sua revolta, sua dor ou o seu amor.

Rangel cansado, devido a tudo que passará, aos dezesseis anos de Arturo passou a ir visitar os pais com mais assiduidade. Tinham terras no interior do Mato Grosso, uma pequena chácara. Eles estavam velhos e cansados para cuidar da chácara e de si. Ele passou a dividir sua vida nos dois lugares, mas com o passar do tempo mais se dedicava aos pais que ao filho, até que por lá ficou definitivamente. Passou a mandar rotineiramente o sustento do menino e da família. Um dia mandou uma carta endereçada a Arturo, que a pegou e guardou em sua cômoda sem mesmo a abrir.

## Capítulo 17

Alencar ganhava status na sua vida como pastor, mas uma coisa o incomodava muito: a vida em litígio com a prima Anita. Homem ligado às coisas da religião conduzia bem sua devoção, mas os alinhavos com as coisas pessoais nem sempre comungavam com as do espírito. A condução do seu gênio difícil e a indução de combater às diferenças de pensar eram as causas da maioria de suas desavenças pela vida. Ele não via nele defeitos e imputava aos outros a sua incapacidade de interpretação do seu pensar e o modo de ver a vida. Enraizado em sua alma num recanto guardado, de um passado longínquo e distante esperando ser acionado, estava a perda de Berna.

Alencar não sabia por que, mas estava sempre com Anita no pensamento, a vida que levava pouco deixava de tempo para seu viver particular. Eram muitos os compromissos, estudos, encontros, viagens. Queria visitar a tia e rever a prima, era algo superior a todas as suas forças, não cabia nele, extrapolava e subvertia seus conceitos sobre como enfrentar os conflitos que se apresentavam. Não somente queria conquistar a sua atenção e carinho, como a desejava como mulher. Era um sentimento exclusivo, nunca sentira isso por outras mulheres. Jamais tivera uma afeição que sobrepujasse sua razão. Era um amor de uma força indescritível, forte e dominante, que o arrastava para Anita.

Bom que sentia em sua tia o desejo de que se unissem, de que isso acontecesse, e também sentia nela a adesão à sua Igreja. Queria estar perto dela para tê-la como aliada, sabia que não era o bastante, mas era um caminho e ele iria usá-lo.

Resolveu no final da noite depois da pregação de uma terça-feira acompanhar a tia que tinha vindo de táxi.

-Sabe Alencar, eu ando muito preocupada com Anita, ela não tem mais parado em casa desde que conheceu uma moça chamada Sara. Quando não tem faculdade e não tem residência médica ela está com essa moça.

-É a mesma que vimos naquele dia na Igreja, tia?

-Sim, a mesma. Não sei o que tanto têm a fazer nessa cidade violenta duas moças em altas horas da noite. Quantas preocupações me trazem, não durmo enquanto ela não chega. Você sabe Alencar, que mesmo de carro não há mais segurança, eu mesma não tenho mais saído, evito, não tenho mais idade para andar por ai. Minhas pernas não melhoraram e somente faço o esforço de sair para ir a Igreja, pois sei que Deus haverá de me recompensar o sacrifício.

-De fato tia, todo sacrifício feito em nome dele haverá que ser reconhecido. O que a senhora sabe sobre essa moça, Sara?

-Meu sobrinho, pouco sei sobre ela, a Anita diz que a conheceu no Metrô, que era um dia de chuva e que por coincidência ela trabalha numa empresa que fornece medicamentos para a clínica onde trabalha. Entendi que ela é uma representante de vendas.

-Sabe tia, não gostei dela, não sei explicar por que, mas não gostei dela de fato.

-Eu também não Alencar, eu também não.

-Precisamos tia saber mais sobre ela, não podemos deixar Anita exposta a alguém que não conhecemos. A vida está muito difícil, perigosa. Todo cuidado é pouco. A senhora descubra o nome da empresa que ela trabalha alguma coisa que possa levar a ela.

-Vou ver sim, mas podemos hoje descobrir alguma coisa. Vou fazer um jantarzinho gostoso e conversaremos os três.

Dona Albertina preparava o jantar quando Anita chegou.

-Olá prima, boa noite, vim trazer sua mãe em casa e ela me convidou a jantar.

-Estamos nos vendo muito ultimamente.

-Isso é ruim Anita?

-Não chego a ser tão deselegante assim Alencar. Poderíamos ser mais amistosos se você não fosse tão impositor e aceitasse as opiniões alheias.

-Anita, acho que não somos mais amistosos por que você não procura me ver com outros olhos? Se cedesse um pouco, descobriria que sou uma pessoa muito interessante. Veja-me como uma pessoa que fez escolha baseadas na fé e em certezas absolutas que foram deixadas por Deus. Sou um homem que pode ajudá-la a caminhar com projetos mais consistentes e firmes de vida, baseados nessas certezas divinas, as quais eu não questiono, mas vejo que você acha que pode fazer isso impunemente?

-Está bem, vejo que hoje você decididamente disposto a me espezinhar, mas por acaso estou disposta a responder. Desde quando você se acha porta-voz de Deus?

-Posso não ser um dos principais, mas desde que aceitei o Senhor como o meu caminho posso falar em nome dele e ele se faz manifestar em mim sim.

-Está bom Alencar, não duvido, mas isso não significa desrespeitar o que penso. A verdade nunca é limpa e pura para nenhum de nós que vive neste planeta.

-A verdade é Deus e se ele se manifesta por alguém, então?

-Então? Então ele continua puro e nós não. Deturpamos tudo o que tocamos, o que recebemos do divino é sempre puro, saem comunicações limpa dele e recebemos interferências à medida que nos chegam. Isso porque somos imperfeitos e não as recebemos como foram emitidas.

-Nem todos são iguais, existem as diferenças. Você mesma, gosta de falar assim.

-É Alencar, existem sim diferenças nas comunicações, elas saem limpas e cada a um as recebe de uma maneira, mas nenhum de nós as recebe inteiras límpidas e perfeitas, não por culpa de Deus, mas nossa, porque somos antenas de má qualidade meu caro Alencar, e não creio que você seja uma exceção.

-Oi filha, o almoço está pronto, vai tomar um banho?

-Sim mãe, volto logo, o assunto está interessante.

Tempos depois Anita retorna.

-Minha tia, que saudades do seu ensopadinho, fazia tempo que estava com saudades dele, faz-me lembrar quando éramos crianças, quando íamos ao sítio do tio, quando corríamos juntos pelos gramados e comíamos frutas do pé, tomávamos banho no córrego de águas limpas e fria, quando eu a perseguia Anita a cavalo, pelos campos.

-Era bom sim Alencar, mas os tempos mudaram, cada um de nós tomou caminhos diferentes. Eu sempre cuidei, você sempre leu, eu sempre observei, você sempre tagarelou.

-Eu cuido, agora.

-Eu sei, você cuida das suas ovelhas, você o pastor de almas.

-Acredito que isso não a incomode?

-Claro que não Alencar, há momentos em que cuidar é a melhor das ações. Para os que não têm nenhuma luz um fósforo é tudo. Acho que se você

faz isso com coração, com boa intenção, se não engana ou não iludi ninguém, isso é algo louvável.

-Ufa, até que enfim uma importância ao meu trabalho.

-Eu disse Alencar que se você faz isso com boas intenções.

-Anita, assim você ofende seu primo e a mim.

-Desculpe mamãe. Eu não disse para ofendê-lo, não quis dizer que Alencar tem a intenção de enganar a ninguém, mas às vezes enganamos a nós mesmo.

-Minha filha, você veio hoje mais cedo, fiquei feliz, parece que Deus a trouxe para que pudéssemos estar juntos.

-Mãe, hoje foi um dos poucos dias que não tive residência e estava cansada quis estar em casa. A Sara me ligou, mas não estava com vontade de sair. Foi bom, pois também gosto do seu ensopadinho.

-Essa sua amiga Sara, trabalha onde, filha?

-Na WBr, uma empresa de medicamentos, um laboratório americano com extensão no Brasil. Não é um dos maiores, mas tem uma carteira de tópicos importantes, alguns no segmento das doenças sexualmente transmissíveis, alguns deles específico para a AIDS.

-Um castigo divino.

-Mãe, doença não é um castigo, uma doença pode ser uma benção. Deus não é um carrasco, um verdugo.

-Não sei não minha filha, isso foi uma doença que surgiu devido aos abusos dos homens, das ofensas deles a Deus.

-Tia, esse juízo é perigoso, pode incorrer em injustiça. Quem merece o juízo de Deus, quem não?

-O libertinismo sexual, as drogas e outras aberrações Alencar. E essa tal doença é um castigo sim. O Novo Testamento diz que todas as doenças são um mal.

-Não tia, Jesus não admite que seja assim interpretado como castigo para determinadas pessoas, está em João 9.1. Lógico que pode haver culpa na manifestação de certas doenças, mas, entretanto, não é consequente interpretarmos que a doença seja um pecado. A AIDS atinge muita gente que, humanamente falando, é inocente. Quem de nós pode dizer certamente que seja um castigo de Deus?

-Surpreendeu-me Alencar. De verdade você me surpreende, como você pode ser tão, tão...

-Tão contraditório?

-É pode ser esta a palavra Alencar, em um momento chega aqui com máscaras de um carola, antigo, enraizado e no outro um pensador modernista, com ideias arejadas. Surpreende-me sim Alencar. Afinal qual destes é você?

-Talvez os dois, você não me dá a devida atenção e isso acaba por colocar uma trava em seus olhos.

-Definitivamente, hoje a conversa está boa, nem estamos brigando. Todos riram e Dona Albertina estava feliz de vê-los assim amistosos e próximos.

## Capítulo 18

Arturo continuava em sua mudez, mas os tratamentos seguiam paralelos em busca de uma solução vinda das técnicas especializadas ou da própria natureza do jovem, mas o que ninguém sabia era que Arturo falava somente consigo, falava poucas vezes sim, mas falava. À noite ao deitar orava e buscava pela oração se manter ligado a alguma coisa que preservasse sua vida e mantivesse acesa a chama da esperança de que algo de bom e novo acontecesse e que viesse a mudar o seu destino. Nada tinha a não ser sua tia e sua avó. Perdera a mãe e agora o pai. Trazia em si, preso como um grito um mistério. Uma pergunta sem resposta, que o agredia e o açoitava a cada dia: Quem era Adalberto?

As incertezas eram o combustível que o tornavam ansioso e irritadiço às vezes. O seu sistema nervoso era perturbado à medida que ele mesmo não conseguia encontrar as respostas aos seus dilemas. Muitas vezes pensava que não tinha valor viver daquela maneira. Nestes momentos difíceis e de insegurança, sentia uma presença amiga. Era como se uma doce e suave voz viesse em seu socorro, trazendo uma brisa de conforto e esperanças.

Um dia estava assim tomado pela angustia de não saber por que nascera, sentia a amargura brotando do peito, um desejo de chorar, por alguma causa indefinida. Assim, saiu para caminhar. Ao seu lado imperceptivelmente seu avô Álvaro, o inspirava com boas emanações, com fluidos de amor, de luzes canalizadas diretamente ao seu plexo nervoso. Em alguns minutos a mudança do seu estado de ânimo foi se modificando.

Parou numa praça e sorriu ao ver as crianças brincando. Emocionou-se ao ver os pequeninos seres como criaturas divinas, pequenos anjos. Felizes, sem preocupações. Seguiu e entrou numa livraria. Percorreu as prateleiras. Deteve-se diante de um título, leu o prefácio. Dizia sobre a comunicação com os que morreram. Dizia que a morte não era o fim e que a vida seguia em outros parâmetros. Pensou na mãe. Tinha saudade e sentia imensa falta dela. Se for verdade o que dizia o livro, então, queria saber como falar com ela. Queria descobrir como se comunicar com ela.

Passou a orar então como se conversasse com ela, a princípio de uma maneira ansiosa e perturbada.

## Capítulo 19

Adalberto recentemente saído do corpo carnal, ainda sentia o envoltório físico. Ambientado que estava às coisas da matéria sentia fortes desejos, de comer, beber, de sexo. Como mantinha ligação forte com que deixara quando morreu padecia, então, desejoso dos padrões de vida que possuía. A maneira de ser e pensar ainda eram as mesmas e permaneciam atuando sobre ele, as cobiças, os maus hábitos, os vícios. A interpretação da sua morte chegou a ele quando a bala disparada por Arturo o atingiu. A princípio praticamente nada sentiu. Um impacto na nuca e seu o corpo tombou. Percebeu Eloísa se desvencilhando dele e correr assustada. O olhar apavorado dela dava conta que algo assustador acontecera. Virou-se e viu o menino segurando a sua arma. Levantou-se e notou o seu corpo sobre a cama, a perfuração na nuca e o sangue. O seu assombro foi imediato. Não entendia o que se passava. Ficou ali atordoado, estático, olhando ao redor. Notou quando Eloísa correu para o telefone e falou apressada com Rangel. Ouviu quando ela tentava explicar o quadro dos acontecimentos e depois tombar e ficar ali, desfalecida.

Um casal chegou e disse sem subterfúgios.

-Adalberto você morreu e temos algo a propor.

-Mas eu estou aqui e sinto o meu corpo. Eu sinto o meu corpo, eu estou vivo.

-Olhe bem e veja naquela cama se não é você caído, com um buraco de bala na cabeça? Falou o Homem.

-Sou eu sim. Expliquem-me o que está acontecendo.

O homem ostentando um paletó listrado e tendo os dedos e pulsos ornamentados de jóias, falou.

-O seu filho Arturo fez o trabalho.

-E Eloísa o que aconteceu com ela?

-Provavelmente deu aqueles chiliques característicos das mulheres.

-Pare com esses preconceitos idiotas, Clovis. Falou áspera, a acompanhante, Milla.

-Está certo, mas vamos ao que interessa. O que temos a propor é ensinar a você como lidar com essa situação e em troca queremos que faça alguns

trabalhos que, com certeza, trarão a você muita felicidade e ainda de brinde poderá aprender a fazer uso de tudo o que você dispunha antes desse acidente fatal. Disse Clovis gargalhando.

-Existem outras coisas que serão do seu interesse. Coisas passadas que explicaremos depois. Completou Milla. Venha conosco, aqui não há condições de conversarmos.

Os três saíram e foram para uma Casa de Pedras em uma fazenda.

\*\*\*\*\*

Muitos anos depois, Eloísa já desperta e tratada, conversa na Colônia Estrela Azul, com Adalgisa e Álvaro.

-Pai, me perdoe. Não o reconheci quando foi ao meu encontro. Era tão intensa a perturbação e a dor que sentia. Perdoe-me também, ter causado imenso dissabor a você pelo meu comportamento.

-Querida filha Eloísa, você viveu momentos muito difíceis e não quero ser o carrasco dos seus procedimentos. Você caiu em desequilíbrio e isso foi em cadeia arrastando outras pessoas.

-Eu sei pai, mas quando o Senhor partiu, fiquei desamparada, meu amor e minha vida só faziam sentido com a sua presença, meu mundo desabou com sua morte.

-Eu entendo o amor e os laços afetivos, dê-me um abraço. Quero que saiba que, também, sofri muito com nosso afastamento, mas eu podia saber que não estávamos longe. Busquei o equilíbrio e as formas saudáveis de

pensar e logo pude voltar ao convívio de vocês. Se assim não fizesse seria um irresponsável e sofreria as consequências.

-Foi isso que eu fui pai, uma irresponsável e uma inconsequente. Arrastei em minhas mágoas e dissabores a todos. Minha família, meu marido, meu filho e mesmo Adalberto.

-De fato filha, pelos nossos atos e pensamentos montamos uma teia que pode arrastar a muitos, mas cada um no seu tempo e no seu conhecimento vai mudando os seus destinos, ninguém está isento de responsabilidades. Por isso não faça associações e comparações. Eu também me sinto culpado, pois se tinha conhecimentos, penso que não os passei de maneira eficaz a você.

-Era o Senhor que brincava com meu filho?

-Sim, muitas vezes puder ir ter com você e Arturo, ele podia me ver e brincávamos, assim como brincava com você quando era criança.

-Por que você me deixou pai?

-Era o meu tempo de ir. E eu não a deixei, mas você estava tão em desequilíbrio psíquico, tão em desarmonia que não percebia minha presença. Quanto tentei ajudar emitindo pensamentos e fluidos mentais positivos e você não os entendia.

-Perdoe-me pai, hoje entendendo muitas coisas e o quanto nos perdemos envolvidos apenas com nossas dores. O quanto de mal nos causamos, enfiados nas sombras que criamos por nosso egoísmo, mesquinhez e falta de amor. Tudo teria sido diferente se me mantivesse a menina que o Senhor amava e ensinava coisas bonitas e sábias, mas me revoltei com sua morte e achei que a minha dor era a maior e que assim sentindo que o teria de volta.

-Ah! Minha filha amada, que belas palavras, carregadas de sabedoria. A sua dor valeu de alguma forma para o seu amadurecimento, nada foi em vão, tudo é como é. O passado deve ser enterrado, agora, somente importa o futuro. Temos muito trabalho a realizar.

-Quando vou poder ver Arturo novamente, meu pai?

-Breve, agora que você compreendeu tudo o quanto não podíamos explicar naquele momento de sua passagem e com o rápidos progressos que vem tendo, logo terá permissão para estar ao lado dele sem causar prejuízos desnecessários. O equilíbrio é a chave principal nessa hora. As emanções de energias alcançam tanto aos encarnados quanto aos desencarnados, essa troca é efetiva e constante, as vibrações que emitimos são os agentes que associam cada ser ao outro, se as vibrações são saudáveis, impregnadas de elementos

positivos atraímos outras na mesma frequência. Você hoje sabe disso na teoria, queremos que aplique esses aprendizados na prática. Ao ver seu filho tente permanecer em equilíbrio, mantendo em elevados matizes os seus pensamentos e poderá fazer assim com que Arturo não se perturbe com sua presença e ainda poderá ajudá-lo. São nossas escolhas que causam nossas alegrias ou nossos sofrimentos. Tudo ao seu tempo e hora, veja como as coisas se encaixam perfeitamente quando andamos em equilíbrio. Enquanto você aceitava a nossa ajuda e passou a estudar e a trabalhar para o bem comum, deixando de lado os vícios adquiridos na sua última encarnação, Arturo crescia e tomava conhecimento da Doutrina Espírita, caminhava e aprendia também, intuitivamente para esse encontro com você. Hoje ele já não a busca com a ansiedade e a angústia dos primeiros dias, já entende que é preciso saber esperar, já sabe que a luz emitida por uma oração viaja pelo astral e chega ao seu destino, que ilumina como um farol os lugares mais inóspitos e distantes, os lugares mais obscuros. Que é um bálsamo para aqueles que sofrem, que nada têm, e se nutrem desse conforto, dessa chama de esperança e de amor, assim acontece desde que ele aprendeu isso. Você é testemunha viva desse processo, enquanto você adormecida expiava suas faltas e se via envolvida nas suas incertezas, na precariedade de sua condição, enquanto você se via envolta por sonhos tenebrosos e pensamentos vivos de sofrimentos gerados por seu desgosto, sabíamos que a tênue luz, pequenina sim, ao ser percebida por você se tornaria robusta o bastante para erguê-la, para dar a necessária força para resgatá-la do mundo triste das sombras e do abandono que você mesma se colocou. Aquelas orações feitas com o coração e não com a boca foram como tábuas atiradas ao naufrago. O oásis em meio ao deserto, o sol que substituiu as trevas e a resgataram. Hoje ambos trazem em si um pouco mais de equilíbrio, tão necessário a esse encontro. Receba essa oportunidade como uma benção, como uma retribuição do amor que recebeu de seu filho, não estrague esse momento.

-Não vou meu pai, prometo que saberei me conduzir e ajudar o meu filho Arturo. Vou dizer a ele que o seu amor me trouxe de volta à vida, à vida como fonte de saber, de recomeço.

\*\*\*\*\*

Uma noite Arturo orava e com a mais pura das energias e desejou que sua mãe pudesse ouvi-lo.

-Mãe, são muitos os espinhos que nós colocamos em nossos caminhos, sei o quanto devo estar sendo penalizado. Tenho buscado melhorar mãe, mas ainda, não sei de tudo o que preciso. Tenho me esforçado, mas é tão difícil tudo sem você. Sei que preciso de você, que sua presença me ajudara a compreender e caminhar melhor. Deus, peço que possa me conceder esse presente.

Eloísa se aproximou de Arturo e abraçou o filho amado e lágrimas desceram de seus olhos saudosos. Lágrimas de agradecimentos pela dádiva de poder revê-lo.

-Você não está sendo penalizado, nem eu o abandonei. Sei que me ouve de alguma forma, Arturo. Estou aqui e estarei sempre ao seu lado. Serei sua companhia em seus dias mais difíceis e seu alento às dúvidas, seu amparo às intempéries da vida. Não estará mais tão sozinho.

Arturo sentiu um conforto e uma vibração percorrer seu corpo, um acalanto de amor e naquela noite dormiu como nunca, com um sorriso estampado, fruto da felicidade pelo presente recebido.

\*\*\*\*\*

Aos dezesseis anos encontramos Arturo em uma clínica onde se tratava. Ele foi apresentado a outro menino com o mesmo tipo de problema. Os psicólogos achavam que a presença de Fausto poderia servir como uma forma de reflexo dando a eles a noção do que cada um vivia e representava, e que essa descoberta da realidade pudesse de alguma maneira ativar o desejo de comunicação, de ambos, pela interação.

Em alguns momentos do tratamento foram deixados a sós. A reação àquela situação foi de fato espantosa, depois de muitas sessões e muitos momentos de incômodos, de um com outro, o desejo da curiosidade e a identificação da condição semelhante foi mais forte, acionando a chave do questionamento.

-Quem você é? Perguntou Fausto.

Arturo mais sofrido e com uma vivência mais intensa, ensimesmado, não reagiu prontamente.

-Sou Fausto e venho aqui há muitos meses. Não queria mais falar, tenho meus motivos e não tinha ninguém com quem eu quisesse falar e você?

Arturo seguia na sua mudez habitual e Fausto no seu persistente interrogatório.

-Você ficou mudo por quê? Se não quiser falar com ninguém por algum motivo, acho que o melhor seria falar comigo. Não vamos mais nos vermos quando sairmos daqui. Sabe que ficar mudo foi pior para mim? Mas depois que comecei não podia mais voltar atrás. Também não queria falar com esse pessoal chato daqui da clínica.

Arturo deu um pequeno sorriso e Fausto continuou.

-Sei que sua mãe morreu, mas está ao seu lado. A minha está em algum lugar que eu nunca soube, acho que viva, mas desaparecida. O meu pai morreu e o seu pai longe e vivo. Você acha que todas as dores são as suas?

Fausto silenciou por um momento.

-Como você sabe disso tudo? Perguntou Arturo.

Fausto agora sorriu e disse.

-Eu inventei.

Arturo se achegou e sentou próximo ao menino que viria depois ser mais que um amigo.

## Capítulo 20

Dona Albertina não via com bons olhos a aproximação constante da filha com Sara e não gostava da moça, tinha um sentimento que ela era livre e liberta demais para o seu gosto e padrões. Vinha observando e visto alguns olhares dela para Anita que a deixava inquieta e apreensiva, mas a cada dia mais parecia que Anita fazia de propósito insistindo em estar com ela. Tinha até marcado um almoço para o final de semana, em casa, mas sem a consultar. Arrumou, então, uma ida a um encontro na congregação. Uma forma de evitar o almoço, assim, mesmo sem querer ir ao evento da igreja, foi. Era um evento da terceira idade num hotel fazenda, onde saíam na sexta e voltaria no domingo à noite. Anita contrariada desmarcou o almoço.

-Mãe, por que a senhora não me avisou que iria a esse encontro?

-Porque eu não tinha certeza se iria ou não. Resolvi hoje.

-Resolvi no instante em que falei que traria a Sara.

-Um pouco antes.

-Mãe, por que essa antipatia com a Sara?

-Mas que antipatia? Agora não posso mais sair, ter meu lazer? Tenho que ficar para agradar uma pessoa que nem sei bem quem é?

-A senhora a conhece, tenho falado dela sempre que posso e você até a encontrou na igreja outro dia.

-Tem falado até demais sobre ela, acho que você anda exagerando nos elogios, não sei, mas creio que teremos alguma decepção com ela. Você sabe que quando falo dificilmente me engano.

-Pare com isso mamãe, desde quando a senhora é uma pitonisa?

-Se eu fosse você acreditaria quando falo.

-Está certo mãe, vamos parar com esse desencontro de pensar, sabe bem que não gosto quando isso acontece, depois, a Senhora fica amuada e sem falar comigo. Às vezes penso que se não fossemos mãe e filha não seríamos amigas.

-Que blasfêmia menina, de onde tirou esse pensamento.

-Mãe, tenho carinho e admiração pela senhora, mas sempre fui franca.

-Até demais.

-Pois é mãe, assim sendo temos afeto e nos unimos mais depois que papai morreu, mas antes, acho que disputávamos o carinho dele.

-Anita, eu a proíbo que fale assim, de onde vêm esses pensamentos descabidos?

-Mãezinha, a senhora sempre implicou comigo, acho até que fomos hostis em outras vidas.

-Deus perdoa minha filha, ela não sabe o que fala. Não gosto desses assuntos sobre outras vidas, reencarnação e essas coisas de vida depois da morte, isso me assusta.

-Papai sempre me orientou pelos ensinamentos de Kardec, embora a senhora não aceitasse isso, mas papai sempre foi o meu ídolo e o pensamento de que ele ainda existe, que está vivo, me traz mais conforto e alento.

-Seu pai morreu e está aguardando o retorno de Jesus.

-Não vamos discutir sobre isso. Nunca chegaremos a um acordo. Mãe, então, no sábado a senhora não estará em casa?

-Não estarei.

## Capítulo 21

Arturo crescia e em sua mente a ausência da mãe era em parte minimizada, pois a sentia sempre que seu coração apertava, mas sua vida, ainda, era um complexo mundo íntimo e relacional. A convivência com a tia sempre era artificial e emblemática, na concepção dela o mais importante era compensá-lo por tudo que a vida trouxera de mal. Ela queria ser a enfermeira, a psicóloga, até mãe-substituta. Dedicava a ele, sempre exagerava nas demonstrações de sentimentos, excessivo, sufocante, sem naturalidade, com afetação, sem a medida equilibrada. Senhora de si, sentia-se capaz de suprir com seus carinhos a afeição adequada, a qual ele ansiava.

Carente de afeto, as transformações biológicas alteravam, em Arturo, o seu físico e seu comportamento, era um momento de definição da identidade sexual. Uma vez adolescente ele perdia a identificações da infância e criava identidade nova. A presença forte da mãe, a quem ele praticamente venerava, era contraponto à negação masculina do pai, a quem em momentos odiava e em outros desejava que fosse próximo, revelando um dos conflitos íntimos que o envolvia. Para ele muitos dos pedidos e desejos que fazia eram as consequências de suas próprias frustrações, O contato com a tia era sacrificante e pegajoso, a ela não entregava os sentimentos, mas o permitia sem rejeição, por omissão, dificuldade por personalidade de impor suas posições. Não sabia dizer não, livrando-se do indesejável. A avó era preocupada e afetiva, porém, incapaz de traduzir as situações que não fossem na balança do pecado. Cada ação praticada, cada pensamento desenvolvido, poderia conter mais do que um simples processo natural de cada ser. Para ela tudo era pesado, assim, fundamentada na sua vivência religiosa, de oitenta anos em profundas e constantes observâncias aos conceitos católicos apostólicos romanos, constituída de julgamentos e críticas O relacionamento com ela, era tanto ou mais difícil do que com a tia, mas ele não tentava impor a elas seus gostos e vontades, seus pensamentos e desejos. As idéias da avó conflitavam com o pouco que aprendera nos livros Espíritas e entendia com suas verdades. Lidar com as pessoas era um peso que o oprimia, e ele sempre

justificava para si os comportamentos dos outros. A sua tia, era alguém só que não tinha um marido e cujos namoros frustrantes a fizeram desconfiar de cada homem que dela se aproximava. A sua avó já era muito idosa para suportar mudança de pensamento àquela altura da vida, e mesmo ele não encontrava em si nada a oferecer e nem identificava potencial para ofertar, vivia sua vida entre os tratamentos, os estudos e a amizade com Fausto. O que ele não sabia, era que carregava uma carga imensa de amor para doar. Somente não tinha identificado a quem.

A ausência do pai gerava graves consequências na estruturação psíquica de Arturo, na construção das suas individualidades, repercutindo nas relações interpessoais e com a sua sociabilidade. A figura paterna indispensável, mas longe e sem comunicação afetava o seu desenvolvimento psicológico como indivíduo. A importância da figura paterna no desenvolvimento da sua personalidade agia de forma crucial para a mudança do seu comportamento, o amor do pai essencial a ele como criança afetara o seu desenvolvimento. Rangel se enquadrava no quadro prático dessa situação, dessa realidade vivida, ele era também um dos conflitos que a habitava o inconsciente de Arturo, embora ele o visse como o causador da morte de sua mãe Eloísa, era ele a única figura masculina a quem tinha alguma ligação de parentesco, muitas vezes pensava nele como um porto onde poderia ancorar quando as tempestades surgissem, mas Rangel faltara com ele, o abandonara muitas vezes, e Arturo não queria mais viver de plantar esperanças e colher frustrações. A vida era doída para ele e a sua dor maior tinha um nome: Rangel.

Os psicólogos entenderam que o método aplicado com Arturo e Fausto havia sido um sucesso, pelo menos em relação a um dos pontos do tratamento, o retorno da conversação oral, o do falar. Arturo iniciara timidamente a sua retomada à comunicação verbal, ainda olhava para o chão como se envergonhado de olhar diretamente nos olhos de quem o interpelava. A sua condição de vida, iria assim, se transformar gradativamente. As perspectivas de frequentar um colégio regular e expor seus pensamentos, motivos comportamentais e mostrar sua dor seriam possíveis desde que sua vontade de seguir nesse contexto se fortalecesse, ainda era frágil a condição retomada, muitas coisas deveriam acontecer para que ele ganhasse estabilidade, com uma plena situação de conviver e lidar com a vida em sociedade. Sabiam, ainda, que poderia acontecer de que nunca pudesse ter uma vida integral e saudável no aspecto psíquico, assim os tratamentos seguiam.

Arturo e Fausto participavam de uma atividade de pintura como forma de expressão do seu eu e do seu universo íntimo, como uma abertura para a comunicação interativa, como uma maneira de busca dos seus valores emocionais e um caminho a mais de formar uma avaliação dos seus sentimentos.

Com Fausto não havia barreiras e Arturo podia expressar seus sentimentos de forma ampla e livre, o olhar era direto e sincero, diferente, havia entrega e participação. Fausto o fazia rir e correr, falar e expressar suas emoções, ser mais integralmente ele. Eram amigos e podiam dividir suas qualidades, seus defeitos, seus atributos e preencherem suas lacunas sem barreiras. Enquanto Arturo possuía uma vida sem problemas financeiros, Fausto vivia dos favores. Criado pela avó que trabalhou por quarenta e cinco anos em uma casa de família tradicional da sociedade paulistana, pode conseguir tratamento na clínica de um dos filhos do casal que os acolheu. Desde que seu pai e sua mãe se foram, que ele se manteve absorto, alterações de vida que ocasionaram sua ida para viver com a avó, porém, ele temia que a ela logo se fosse também, devido à idade, aos problemas de saúde que a consumiam. Quando, então sua avó morreu, ele foi bem recebido pelos Marcondes. Era tratado como uma pessoa da casa, devido ao carinho e consideração que tinham por Dona Isabel, sua avó, mas essas repentinas mudanças jogavam por terra seus projetos de futuro, pensava ele. A insegurança se assenhoreou e a alegria e inquietude saudável, que eram suas marcas pessoais, deram lugar ao isolamento e a mudez. O que ele mais gostava era se sentar diante da televisão e admirar as propagandas, os anúncios. O seu imaginário se construía à medida que agregava aos seus sonhos, o desejo de se realizar um dia profissionalmente. Sendo ele efetivamente que desenvolvesse os anúncios e comerciais como os que via na televisão. Ele vivia em dois mundos, um somente seu, interior, intenso, vívido, cheio de desejos, fantasias e sonhos, construindo um anseio de ser um artista da mídia, criativo, genial e famoso. O outro, o da realidade, à beira de estar só, sem família, sem perspectivas, com um futuro incerto. Se a vida o estava irritando ele também replicaria na mesma moeda, foi assim indignado que resolveu dar início a uma mudez por opção. Calou-se assim como Arturo, mas por motivos diferentes.

Os dois meninos tinham sonhos e talento incomuns: o das artes, principalmente, o da pintura, mas com representações francamente distintas.

Arturo era denso e sombrio, carregado nos tons pesados, com inserções de vermelhos, abstrato, pinceladas tensas, pastosas e espessas. Fausto, mais impressionista, pinceladas soltas jogadas, era mais aberto, sem preocupações de formas, vivaz, arejado, provocativo, era muita luz, cor e movimento, seres coloridos e alterados na caracterização, onde ora riam, gritavam, sempre com faces intensas e gestos largos, amplos, olhos dilatados e bocas escancaradas.

As pinturas chamaram a atenção do Doutor Vinicius, filho da família Marcondes. Não era comum observar tamanho talento, principalmente em dose dupla.

-Rapazes, quantas habilidades escondidas. Fantástico. Não sei de fato, qual dos dois possui maior dom? Sei, porém, que não se podemos desperdiçar esses talentos.

Vinicius de fato estava impressionado e disposto a ajudar a dar um caminho àquelas aptidões. Arguto e atento percebeu uma possibilidade rara de utilização das artes em prol da saúde mental dos dois. O emprego de talentos naturais em proveito deles mesmos, a possibilidade de cura pelo próprio indivíduo, era uma chave. Buscar na capacidade de se expressarem com tanta intensidade seria um investimento na melhora da vida daqueles garotos, mas precisava descobrir como.

O Doutor Vinicius mesmo não sendo um grande colecionador, possuía alguns trabalhos de valor do mundo da pintura, era um crítico e um apreciador razoavelmente envolvido no comércio das artes dos pinceis. Buscou entre os seus amigos aqueles que se dispunham a ajudar na evolução artística, cultural e de vida dos meninos. Faria um trabalho integrado de saúde e técnico-profissional de qualidade de existência e ganho de superação psíquica deles. Sotero foi o escolhido, era famoso sem ser esnobe, artista com dons professorais e psicanalista. Esse caminho escolhido por Vinicius se mostrou acertado. Sotero imbuído do sentido principal da sua incumbência, tirava dos meninos não só a potencialidade da criação, mas a interação, a fluência, um método de lidar com terceiros, isso era mais difícil e complexo do que lidar com as tintas e composição de cores, principalmente em relação a Arturo. O que tinha Fausto de disponível tinha Arturo de introspectivo. Sotero percebia nele a indicação de depressão e com o tempo procurava avaliar o processo que mobilizava o seu estado de abatimento. Usava métodos técnicos, mas em alguns casos, como era Espírita e médium observava a situação, também, sob essa ótica.

Um dia pensando assim lembrou a última reunião na casa Espírita em que frequentava, quando foi explanados ensinamentos em que segundo Joana de Ângelis, (1) a depressão tem a sua origem no espírito que reencarna com alta dose de culpa. Se no processo da evolução sob fatores negativos não resolvem se libertar em definitivo dos elementos que continuam atuando em sua alma, a consciência culpada sofrendo a carga que atua no corpo e a mente quando na condição de encarnados vai desfazendo a alegria íntima, imprimindo nas células os elementos que as desconectam, propiciando em longo prazo o desencadeamento dessa psicose que domina centenas de milhões de criaturas na atualidade. (2)

**(1) Joanna de Ângelis, do livro de Divaldo Franco, Receitas de Paz.**

Sotero experimentado na vivência das coisas do espírito preceituava sintomas não só de depressão, mas também de obsessão, não tinha ainda precisão dos fatos, mas vinha há tempos considerando essa hipótese e trabalhando silenciosamente para evitar que suas considerações causassem mal estar ao menino, porém, Arturo já tinha certa familiaridade com as coisas da espiritualidade, embora, ainda não pudesse assumir todos os conceitos e entendimentos da maneira adequada à sua aplicação. Nessa época contava ele alguma bagagem de leitura, mas ainda havia em si muitos conflitos mal resolvidos. O seu avanço era lento e gradual, mas não dispunha ainda de percepção para atinar que vinha sendo assediado por um espírito que não se detivera em suas ações de promover o mal, Adalberto.

(1) NR -Joanna de Ângelis é a guia espiritual do [médium Espírita](#) brasileiro [Divaldo Franco](#), entidade à qual é atribuída a autoria da maior parte das suas obras psicografadas. A obra mediúnica de Joanna de Ângelis é composta por dezenas de livros, muitos deles traduzidos para diversos idiomas, versando sobre temas existenciais, filosóficos, religiosos, psicológicos e transcendentais. Dentre as suas obras destacam-se as da *Série Psicológica*, composta por mais de uma dezena de livros, nos quais a entidade estabelece uma ponte entre a [Doutrina Espírita](#) e as modernas correntes da [Psicologia](#), em especial a [transpessoal e junguiana](#).

## Capítulo 22

Havia avanços no comportamento de Arturo, ganhando em melhoras significativas, tanto no campo de comunicação, da sociabilidade, quanto nos conhecimentos acadêmicos, o tempo perdido era recuperado rapidamente pela sua dedicação e interesse em estudar em regime de tempo maior do que a maioria dos estudantes se permite. Trazia uma reconquista do desejo de rever sua vida e seus caminhos em busca de se tornar alguém ajustado consigo e com o mundo.

Os estudos da espiritualidade e as constantes ajudas da mãe e do avô, levando influências benéficas o tornavam mais tranquilo e buscando tornar sua vida mais equilibrada. Aos dezoito anos ele se desenvolvia na pintura e escultura com prazer e desejo aplicado em conseguir de fato ser um artista reconhecido, a pintura era agora sua linguagem mais expressiva e primeira. A amizade com Fausto era ainda a mesma, forte e integral, a companhia de um e outro era assumida como essencial em suas vidas, nunca haviam se separados e não pretendiam que isso acontecesse, nunca falaram explicitamente sobre o assunto, mas sentiam que era isso que pensavam e desejavam. Havia feito um pacto de amizade eterna, que não se separariam nunca, pois eles juntos haviam vencido adversidades e conquistaram o mundo e a retomada da vida.

“Seremos amigos sim. Diziam. Isso será nossa resposta às nossas dificuldades, nossa amizade será um troféu às nossas conquistas, um prêmio às nossas superações.”

A idade, que no corpo de Arturo, se fazia mostrar trazia também, as implicações dos anseios que atuavam em forma ativada pelos hormônios, que geravam inquietações quando os pensamentos chegavam trazendo nas suas aspirações a figura do amigo Fausto. Esses pensamentos chegaram a princípio timidamente e não configuravam preocupações. E ele dizia então justificando.

-Isso é apenas o resultado da nossa companhia constante, não sei como separar os sentimentos de amizade com os de atração. Eu às vezes penso existir sim esses desejos, mas nada passa de confusão mental, nada que eu

não possa lidar e superar. Porém um sentimento acabava por suplantar o outro, a presença de Fausto mexia com suas emoções, e o seu olhar absorto se perdia em admiração pelo físico, pela maneira de falar e pelas atitudes determinadas e incisivas do amigo. A aceleração da respiração e da pulsação quando o via chegar eram sinais evidentes que nada seria tão simples e tão fácil quanto ele imaginava que fosse.

Arturo se dedicava em casa a seus estudos Espíritas, muito na tentativa de buscar respostas para suas inquietudes, pela vontade de esclarecer o desejo implícito que o corroía, pela luta que travava entre sua mente e sua natureza física, o embate interior o assustava. Como e por que vinham esses pensamentos? Por que se fora criado por Deus como homem, poderia sentir vontade de estar com outro homem, contrariando a natureza divina de sua existência masculina? E sendo esse outro homem, o seu melhor amigo? Fausto embora sem barreiras em seu laço de amizade e o conhecimento do seu modo de ser e de pensar, nunca falara sobre questões de natureza afetiva. Arturo nunca o ouvira falar em namoro, em paixão, amor, relacionamento. Como reagiria se descobrisse nele algum indício desse ardor?

Tão envolvido estava que não percebera sua tia chegar.

-O que meu querido sobrinho faz tão entretido? Deixe-me ver o que você lê? Um livro Espírita? Desde quando você lê esse tipo de literatura? Por que você nunca nós mostrou nada sobre isso?

E essa dedicatória de "Fausto para Arturo, amigo e companheiro a quem dedico minha vida, minha alma e o meu coração. Nada irá nos separar." O significa isso Arturo? Pode me explicar?

-Isso é apenas uma amizade dedicada e construída com a base de nossas dificuldades e temores tia, somente isso minha tia, nada mais.

\*\*\*\*\*

Após a morte de Dona Isabel, avó de Fausto, os Marcondes tomaram sua guarda, bancaram seus estudos e a sua subsistência, mas o desejo de Fausto era o mais rapidamente se formar e tomar as rédeas de sua vida, mesmo grato a eles desejava morar só, ganhar sua própria remuneração. Já dispunha de algum dinheiro que ganhara com as exposições, cujo curador era Sotero. Assim como Arturo ele tinha um grande prestígio e era visto como um promissor talento na pintura, e embora jovens, já tinha ganhado diversos prêmios com seus trabalhos. Pensou que, embora, tivesse alguns desgostos familiares a vida não o desprovera de sorte e o compensara. Não como os seus pais, não como fizeram seus pais que somente as tiraram. A vida o provera com uma amizade maior, essa era a sua recompensa, Arturo.

\*\*\*\*\*

A vida seguia seu rumo e Arturo e Fausto encorpavam e os hormônios acentuavam seus traços adultos e a libido influenciava os aspectos emocionais e psicológicos. Fausto se decidiu pelo curso de propaganda e marketing. Escolheu a faculdade, prestou concurso e foi o quarto colocado. Arturo decidiu-se pelas Belas Artes e já tinha muita prática e teoria. Estudava e lia muito a história das artes, experimentava novas técnicas e materiais. Buscava experimentações em todos os segmentos manuais inclusive da escultura. A faculdade era a mesma de Fausto e assim continuariam próximos, as aulas estavam em sequência e os dois com as economias que conseguiram com seus trabalhos compraram um carro antigo que os possibilitavam irem e

voltarem, na maioria das vezes, juntos aos cursos. As aulas com Sotero seguiam, mas, somente, Arturo deu sequência a elas.

Uma noite voltavam juntos quando no meio dos comentários sobre as matérias e as novidades da faculdade Arturo pegou Fausto de surpresa.

-Você pretende sair de São Paulo e ir para outra cidade quando se formar?

-Por que isso agora?

-Bateu um sentimento e um medo que possamos nos separar.

-Acho que isso não acontecera, não quero que isso aconteça. Estamos juntos há muitos anos, somos mais do que amigos Arturo. Fizemos uma jura. Lembra?

-Você fala de coração? Não irá mesmo embora nunca?

-Falo sim de coração, a vida nos uniu de forma única, quase de maneira improvável, não serei eu que irei desfazer essa união.

-O que você quer dizer quando diz que somos mais que amigos?

-Somos mais que amigos, irmãos, companheiros, dividimos tudo, amizade, conhecimentos, alegrias, dificuldades, dores, somos quase um. Tenho carinho por você e não sei como seria minha vida sem sua companhia.

-Eu também sinto, mas mesmo assim alguma coisa me preocupa, algo estranho e intuitivo.

-O que posso fazer para deixá-lo tranquilo, para afastar esse medo e preocupação de sua alma?

-Não sei Fausto, existem duas inquietudes em mim que me consomem e me angustiam, algo invisível, como um pressentimento, mas quase palpável como uma certeza.

Como pode ser isso Arturo? Não acredito que sendo amigos, que sendo o que somos um para o outro, que você traga em si, alguma incerteza que não seja dividida comigo. Não apenas uma, mas duas, como você disse, ou será que tenho motivos para achar que sejam mais?

-Desculpe Fausto, se não fosse esse sufocante medo eu nem teria falado sobre isso.

-Diga amigo, divida comigo essa amargura e ela ficara mais leve então.

-Fausto, o meu medo não é apenas pelo motivo que falei, não somente o da separação por um mau presságio, mas o de uma separação forçada pelo o que eu tivesse a revelar.

-Nada o que pudesse me dizer me forçaria a me separar de você, digo isso de forma definitiva, certo que uma separação somente poderia ser, como você disse provocada por algo extremo, extraordinário, por uma opção sua, pela morte. Não sendo isso, nada abalará o que nos une. O que eu sinto por você é algo que não se negocia, algo que não se discute e agora diga o que o trava e fale sem hesitação.

Os ruídos exteriores ao carro pareciam desaparecer, o silêncio tomou tudo e Fausto o interrompeu.

-Diga Arturo, vamos fale, não faça disso um item para a lista de motivos para nossa separação. Disse Fausto tentando minorar o clima que sentia pesado, tenso e sério.

Diante da ameaça Arturo desabalou a falar, como se um impulso incontrollável o tivesse tomado, numa afobação e aceleração que não deram tempo de Fausto digerir.

-Arturo fale com calma, quero entender tudo o que você falou.

-Eu não queria falar, eu não queria.

-Escute bem Arturo, eu não fiquei chateado ou abalado com o que você disse, apenas quero que você confirme se o que eu ouvi é mesmo o que entendi. Você quer dizer que tem algum sentimento a mais do que o de amizade por mim, um sentimento maior e diferente?

-Sim. Respondeu Arturo. Sim eu tenho.

## Capítulo 23

Em outra esfera, nas dependências da Colônia Espiritual Estrela Azul, Eloísa se dirigia ao prédio do auditório, todo construído em paredes de vidros, e cercado de jardim de flores de intenso colorido e suave perfume. O auditório ficava próximo à ala onde ela vivia, rodeado de chafarizes e pequenos córregos de límpidas águas, formavam um contíguo agradável e harmônico e ao fim de uma alameda de ipês de diversas cores, tão profundas e vivas que pouco tinha com os visto quando encarnada, havia em tudo uma carga de energia aprazível e revigorante, ali a vida era amistosa e produtiva, todos tinham uma função e o conjunto contribuía para a beleza e harmonização do lugar, ainda assim as saudades a acompanhavam e era difícil esquecer Arturo, por mais que os amigos a orientassem sua mente se mantinha ligada a ele. Ela entrou no prédio e ocupou o seu lugar, havia muitas pessoas ocupando quase todos os assentos, mas logo Álvaro chegou e sentou-se ao seu lado. Uma tela de plasma iniciou a uma apresentação, uma palestra sobre as diversas encarnações e a repetição de velhos vícios. Eloísa ouvia atenta e lembrou-se de Adalberto. Na tela o orador iniciou a palestra:

Por que a obstinação ao mal? Podemos admitir, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é a causa e não o efeito, dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral.

O estado doentio ou anormal determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, podendo ser a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, uma doença passageira, o moral do Espírito pode sim ser afetado em sua maneira de ser pelo estado patológico, sem que a sua natureza essencial seja modificada.

Esquivar-se, dizer que persistimos nos erros por fraqueza da carne não passa de subterfúgio para escapar à responsabilidades, as fraquezas são sim, ainda, resultado da falta de energia em buscar saídas para elas, de por força do trabalho da mente avaliar seus atos e suas consequências e se perguntar. São essas ações que gostaríamos que fossem aplicadas a nós?

A carne só é fraca quando o Espírito é fraco. Inverter a questão, apenas deixa a mostra que não estamos querendo ser responsáveis pelos nossos atos. A carne é destituída de pensamento e vontade, não pode prevalecer, jamais, sobre o Espírito. A carne não é um ser pensante e de vontade própria. O Espírito é quem dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, assim como o artista, que transmite à sua obra o cunho da sua genialidade. Quando o Espírito está libertado dos instintos, o corpo já não o afeta, os impulsos estarão sob controle. O corpo não será um ditador de suas aspirações, para a espiritualidade do seu ser. Assim então o homem passa a comer para viver e não mais viver para comer. A responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta, mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito, assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se torna seus erros, uma vez que com a sua inteligência e o seu senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. Esta lei explica o insucesso da Medicina em certos casos, em que o temperamento é um efeito e não uma causa. Então, todo o esforço para modificá-lo se torna em vão, já que as disposições morais do Espírito, opondo-lhe uma resistência inconsciente, neutraliza a ação terapêutica, por conseguinte, sobre a causa primordial é que se deve atuar. Daí, se pudéssemos dar coragem aos covardes veríamos cessar os efeitos do medo. "Isto prova, ainda uma vez, a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a influência espiritual sobre os organismos."

Assim acontece com muitos que irresponsáveis e carregados de vícios, ciúmes, invejas, corrupção, amoralidade, imoralidade e ódio, impondo essas causas à fraqueza de sua carne, muito embora alguns perguntem - Mas que carne se é espírito?

O espírito de fato não se desprende das sensações físicas ao desencarnar se há ainda neles as tendências viciosas que são evidentemente próprias dos que se apegam mais ao físico do que ao moral. Ou ainda aqueles presos à dependência do organismo, nos casos dos que se utilizam de drogas, ou valorizam por demasiado a estética do corpo, que cultuam mais a ele que ao Espírito, os que possuem disposições à cólera, à preguiça, à sensualidade, etc. Se as suas percepções forem pelo gosto de viver excessivamente o uso do corpo, pelo apego de cultivar ao próprio invólucro carnal, assim estando ainda fluidicamente ligados ao corpo físico, não podemos esquecer o quanto as

impressões da vida material continuarão reagindo sobre o espírito. Exemplificando os que amputam membros e ainda os sentem mesmo sem os possuírem, se pelo uso constante de um relógio, ao retirá-lo levaremos algum tempo a nos acostumarmos com a falta dele, imaginemos então, o que acontece quando deixando o corpo, acostumado pela frequência do uso, o que o espírito não sente?

"O espírito gosta, usa e se acostuma tanto ao corpo que imagina ser ele próprio, o corpo."

A explanação terminada, todos saíram e Eloísa, então, pergunta ao Pai. Pai quando poderei ver o meu filho?

-Na hora certa Eloísa, na hora certa, apenas não anseie te peço. Isso interferiria nos acontecimentos que se desenrolam e não é justo ou correto causarmos aflições nos que ficaram. Tudo está sendo acompanhado, tudo está sob controle, talvez, pelo decorrer dos acontecimentos em breve você poderá vê-lo, tudo depende do decorrer fatos e da sua evolução. Agora serene vamos caminhar, o dia está bonito.

## Capítulo 24

Adalberto seguia sob ordens de Milla e Clovis e vivia constantemente entre se deslocar à fazenda e seguir as rotinas de Arturo e Fausto, a afeição dos dois o irritava, pois via nela, maliciosamente, mais do que uma relação de amizade. Sentia mais integralmente as energias que fluíam dos dois. Emanações físicas e mentais exalando elementos que tocavam a matéria fluídica de Adalberto como se fosse uma antena. Ele se exasperava e mais parecia que esses laços os ligavam através fios magnéticos, que funcionam como grandes centros de forças, condutores das sensações de um ponto a outro. Adalberto as recebia e lutava para rejeitá-las. Esse conflito determinou que ele fosse mais um a participar, da organização de Clovis e Milla, combatendo de forma má, negativa, os seres que vindos à crosta terrestre, exerciam a homossexualidade. Eles trabalhavam em caráter exclusivo para destruir os que consideravam tomados por doença, por um desvio deformador de caráter, que viviam uma anormalidade da natureza.

\*\*\*\*\*

Milla e Clovis perderam suas vidas terrenas devido a uma traição arquitetada por Hermes e Romanus, que eram casados, e dos quais eram sócios em negócios escusos de tráfico de mulheres e drogas. Clovis e Milla entraram nos negócios devido aos seus conhecimentos na Espanha, porta de acesso para a entrada das moças brasileiras enganadas, ludibriadas com

propostas de empregos e bons salários. Eles eram sócios, mas nunca confiaram neles, só não sabiam que os dois também, tinham em mente a mesma intenção para se livrar deles, tomando os seus negócios. Conviviam com Clovis e Milla para ganhar tempo e se interarem de todas as nuances das atividades ilegais para dar um golpe traiçoeiro nos dois. Poucos meses depois Hermes e Romanus já detinham os caminhos e os contatos dos dois obtendo-os por meio de suborno, oferecendo aos intermediários valores maiores que os oferecidos por Clovis e Milla, conseguindo assim promessas da manutenção das facilidades já concedidas a eles. Com a eliminação dos dois poderiam distribuir maiores propinas, já que a divisão seria apenas entre dois, não mais entre os quatro. O plano de eliminação dos dois estava pronto e aconteceria na antiga Fazenda da Casa de Pedra. Os dois foram atraídos com argumento de avaliação de um lote de mulheres que seguiria em breve para a Espanha. Durante a passagem por uma trilha Clovis e Milla foram empurrados e caíram em um poço abandonado. Milla bateu com a cabeça e desacordou. Ao voltar a si viu Clovis gordo e pesado, com a perna quebrada e urrando pela dor e humilhação vivida.

-Hermes, Romanus, não nos deixem aqui, por favor, tenho muito dinheiro e posso dá-los a você se nos tirarem daqui.

-Verdade Clovis? E como pretende nos dá esse dinheiro?

-Ele está em um cofre na minha casa. São jóias e dinheiro vivo, será tudo seu se nos tirar agora.

-Qual a garantia que temos de que fará isso mesmo? Você é ardiloso e perigoso.

-Estou com uma perna quebrada e não tenho como ameaçá-los.

-Milla já acordou?

-Sim ainda está tonta, mas está desperta, sim.

-Ela sabe como abrir o cofre?

-Sabe sim.

-Então a levaremos e você será a garantia de que ela nos abrirá o cofre. Vamos tirá-la daí então.

Clovis falou com Milla. Dentro do cofre tem uma pistola, a senha é quarenta e dois à direita vinte e um à esquerda, abra o cofre pegue a arma atire para matar ou pelo menos os deixe fora de combate, não posso ficar muito tempo aqui com a perna quebrada, logo entrarei em estado de inconsciência, não falhe e volte com ajuda.

Hermes e Romanus tiraram Milla do poço e a levaram até a casa de Clovis. No quarto Milla afastou os livros de uma estante e deu com a tampa do cofre, segurou o segredo do cofre e girou conforme orientação de Clovis, abriu a tampa e colocou a mão no interior do cofre sentiu os maços de notas e moeda, os pegou os atirou ao chão, depois pegou as joias e fez o mesmo, por fim sentiu o cabo da arma, Hermes e Romanus caídos de joelhos catavam admirados os valores e os objetos. Não imaginavam que fossem tantos. Foi quando Milla apontou a arma para Romanus e puxou o gatilho.

A primeira bala o atingiu Romanus nas costas, que caiu sobre a mesa de centro, espatifando o vidro. Antes que Milla tivesse tempo de apontar e acertar Hermes, ele correu. Ela atirou duas vezes, os dois tiros dados não o atingiram. Milla correu e o viu atravessando os jardins e disparou mais duas vezes. Sentiu que ele cambaleou e o seguiu, não mais o viu, apenas um filete de sangue dava conta da sua trilha de fuga. Pouco depois ela ouviu o ronco de motor e um carro partir em disparada. Milla voltou à sala e encontrou, ainda, Romanus caído. Ele ferido pela bala e pelos vidros quebrados que deixara um grande corte no peito, pediu a ela ajuda.

-Milla, ajude-me. Leve-me a um hospital, eu vou morrer se ficar aqui.

-O que vocês iriam fazer comigo depois que pegassem o dinheiro?

-Tenha piedade Milla. Ajude-me, não quero morrer assim.

-Sinto muito Romanus, mas minha prioridade é Clovis, se vire sozinho, mais tarde voltaremos para dar fim ao seu corpo. Ela recolheu tudo e colocou em uma sacola, procurou as chaves do carro de Clovis e foi até a fazenda. Aproximou o carro do poço e rezava pedindo que Clovis ainda estivesse desperto, pois se não, como o tiraria do buraco. Chegando perto do poço e gritou por ele.

-Clovis, estou aqui, vou jogar uma corda e tirá-lo desse buraco, depois damos um jeito na sua perna. Trouxe o dinheiro e as joias, a arma também.

-Jogue a corda então e amarre a outra ponta no carro, puxe devagar. Pediu Clovis.

Quando Milla se virou para ir ao carro, foi surpreendida.

-Pensou que iria se livrar de mim tão facilmente. Gritou Hermes. Vá até o carro e pegue a bolsa com o dinheiro.

Milla ameaçada pela arma de Hermes fez o que foi mandado.

-Agora entre no carro e dê marcha-ré.

Milla passou a marcha e o carro se lançou sobre o poço e despencou sobre Clovis.

Hermes à beira do poço descarregou a arma em Milla.

Esses foram os motivos pelos quais os dois, Milla e Clovis, ainda espíritos presos a Terra, se revoltaram com os homossexuais e vagaram em busca de vingança. Em detrimento de seus próprios defeitos tomaram a bandeira da homofobia como causas contrárias às suas e trabalharam conseqüentemente para torturar e causar danos e malefícios àqueles que se encaixavam na visão dos seus ódios. Principalmente "viveram" em busca da localização de Hermes e Romanus, Adalberto se encaixava perfeitamente nos requisitos que desejavam para alguém que pudesse tornar a vida de Sotero um inferno e havia ainda a motivação negativa de que ele tinha um filho se encaminhando francamente para a orientação sexual que desdenhavam.

\*\*\*\*\*

Milla e Clovis passaram muitos anos vivendo na velha Casa de Pedras da fazenda, mas nesse tempo descobriram que Hermes e Romanus haviam morrido e reencarnado, como Sotero e Rangel. Ambos por coincidências da vida tinham uma relação nos tempos atuais próxima com Arturo.

## Capítulo 25

Sotero homem vivido trazia em si registros das vidas passadas ativados e tendo a consciência deles, buscava as respostas para sua maneira de ser no passado, sabia devido à espiritualidade que precisa desenvolver todas as respostas que estavam em seu íntimo. Passara, assim, a viver de maneira sóbria, recatada, e voltada ao seu trabalho e espiritualização. Trabalhava numa Casa Espírita como médium e fazia de suas horas livres a leitura de obras especializada e voltada para o seu crescimento espiritual.

Sabia que Deus, o Criador de tudo e de todos, criou os homens simples e ignorantes, tendo por destino a evolução permanente e os equipou com sua centelha, a consciência. Que a consciência tem duas metades, a inteligência e o livre-arbítrio. Que as Leis Naturais, desde sempre pré-estabelecidas, imutáveis, justas, perfeitas, infalíveis, em estreita ligação com a Consciência, vêm balizando o ser para o seu destino, rumo à eternidade. Evoluir, evoluir sempre. Por evolução entendia a aquisição e prática constante de virtudes, com conseqüente banimento de defeitos e como fonte permanente de energia para realizações construtivas.

\*\*\*\*\*

Eloísa não sabia por que, mas, de repente a sua atenção ficou voltada para Adalberto. Tinha aprendido muito sobre a vida e como ela, à sua maneira, nos dava respostas, e aprendeu também, que devemos estar atentos às mensagens que nos chegam de diversas formas e diversos canais. Aprendeu com o seu pai, que muito do que vivemos é consequência de nossas escolhas, forma de pensar e em muitos casos, advindas de nossas vidas passadas.

Seu pai o tocou no ombro e ela despertou de seus pensamentos.

- Pensando em Adalberto não é?

- Sim pai, às vezes, penso que eu também fui responsável por tudo o que aconteceu, devido às escolhas que fiz. Ainda assim eu poderia tê-lo ajudado a realizar mudanças, e ainda hoje penso que a nossa ligação não foi sem razão e que ela continua forte.

- Infelizmente foi um momento, já passou você tem aprendido muito aqui conosco, vejo o seu esforço em progredir. As opções de vida, sejam quais forem, podem sim atrasar ou fazer avançar nossa evolução, mesmo quando não trazendo o mal a terceiros, mesmo não agregando malefícios ou prejuízos a outrem, poderão ser, ainda assim, capazes de causar adiões à nossas jornadas, demoras e dificuldades no nosso avanço diante de Deus, quando por omissão ou indiferenças deixamos de lado os que de nós precisaram. Quando por insensibilidade não prestamos caridade, quando dificultamos por nossas opções a programação definida antes de virmos a Terra ou a outro plano qualquer.

- Eu sei pai, assim penso e entendo hoje, o meu esforço diz respeito a o meu filho, é por ele também, que tento melhorar, por mim, mas sei que também tenho responsabilidades com Adalberto.

- Sim filha, acima de que qualquer julgamento humano está Deus sobre todas as coisas. Ele não diferencia qualquer um de nós, estando tão além de nossa abrangência. É o próprio tempo maturando nossas almas, nos acolhendo e nos ensinando através de novas oportunidades de reencarnações e de revermos nossas vivências e atos passados. Olhe agora, para frente, já que entende que tem compromissos a resgatar. Logo as oportunidades acontecerão para que as realize. A nós cabe absorvermos a luz da compreensão, e seguir além da política, dos credos, das profecias, das religiões, das opções sexuais, das cores dos corpos. Ser acolhedor, integral, não ignora ou despreza nenhum

dos que cruzaram nossos caminhos e de nós depende por força do ato do bem ou por força do ato da regeneração dos resgates passados.

-Pai, por que o Adalberto ficou na Terra e eu fui acolhida aqui? Qual a diferença dos nossos erros? Por que os tratamentos diferenciados?

-Muito simples filha. Adalberto continua num mesmo padrão vibracional, mantendo as atitudes e os erros, manteve a vontade e o desejo de continuar como vivia. Você não Filha, embora tenha errado também, vinha tentando se modificar. Aceitou a geração de um ser quer precisava de uma chance de reencarnação, o acolheu, cuidou, deu amor, tentava esforçadamente se modificar. Sofreu com a morte, pois temeu por seu marido e por seu filho que ficou.

-Obrigado pai, você parece que compreende as minhas dores e as minhas aflições.

-Filha, todos nós teremos colo, disse ele rindo. Deus semeia no tempo enquanto maturamos nossos espíritos, enquanto amadurecemos, enquanto frutificamos.

## Capítulo 26

Por que está tão triste hoje, Sotero?

-Estou muito emocionado, indignado, triste.

-O que aconteceu?

-Você conheceu o Elcio?

-Sim, o seu amigo que era pediatra?

-Ele mesmo. Foi assassinado. Morto por alguém que decidiu que não podem haver diferenças, alguém tão intolerante que procura desumanizar um grupo de pessoas, negar a sua humanidade, dignidade e personalidade. Alguém que decidiu que ter orientação sexual distinta da dele é crime, que precisa ser extirpado da sociedade, do mundo por esse motivo. Eliminado porque isso o incomodava. Uma pessoa do bem, amigo leal, disponível para ouvir, ajudar, assassinado, retirado da vida porque alguém decidiu que era dona da vida dele. Alguém tão de mal com a vida e infeliz consigo, carregado de intransigência e violência que vem e extingue uma existência próspera, produtiva e útil, dando fim a uma vida plena de amor, de alegria, de sensibilidade, risonha, feliz. Alguém que escolheu ser pediatra para ajudar as crianças. Ele tinha um centro de assistência, onde duas vezes por semana atendia aos menores carentes, às comunidades sem acesso a saúde infantil, mas que tinha vocação pela alegria, pelas artes, que tinha uma paixão integral pela vida.

-Como foi isso Sotero?

-Ele foi a Juiz de Fora visitar a mãe, duas vezes a cada mês ele fazia isso. Era um filho querido, amado por todos da família. A noite resolveu sair para se divertir, foi a uma boate. Ao sair com dois amigos, foram a loja de conveniência comer algo. Não perceberam que estavam sendo seguidos por um grupo homofóbico que perpetrou essa barbaridade. O mataram a golpes de cassetetes e pontapés, os outros dois estão mal, com risco de morte. Fui ao velório ontem.

-Triste sim isso, tudo, Sotero.

-A questão é que o sexo não diz tudo sobre nós, ratam-nos como se fossemos devoradores sexuais, como se vivêssemos em promiscuidade.

Temem-nos, mas Arturo há algum tempo pretendia convidar você a me acompanhar a uma casa Espírita que frequento, mas esperava surgir a sua vontade e o tempo certo para isso, agora que a oportunidade se faz presente, podemos ir?

-Obrigado Sotero, venho estudando sozinho a Doutrina Espírita, a contragosto de minha tia. Frequentei a igreja por muitos anos por desejo delas, mas agora que minha avó faleceu, não vejo mais motivos para prosseguir nessa situação.

-Mas o que de fato o desagrada Arturo?

-Discordo do muito que me diziam. Não encontro coerência em outras muitas coisas, a minha maneira de ver a vida me mostra uma forma distinta de ver Deus, diferente das que me ensinavam.

-É Arturo, eu sei do que você está falando. Fala de dogmas e conteúdos incompatíveis com o que foi pregado por Jesus. Acho que nossos processos são semelhantes, eu quando era menino cheguei a criar debater com o padre de minha paróquia, nas aulas de catecismos. Embora ele me mandasse ficar calado, uma das vezes pude me estender mais na má-criação e falar na questão do inferno e do pecado mortal. Quando ele me dizia que todos nasceram com o pecado mortal, eu me rebelava. Hoje eu entendo o que isso significa, a ideia era que temêssemos a Deus, era uma forma simbólica construída para nos submetêssemos à Igreja. O pecado mortal nada mais é do que os erros que trazemos de nossas encarnações passadas, isso não nos atira ao inferno, nos torna pecadores incorrigíveis, nem a Deus um carrasco. Eu aos meus oito anos o enfrentei e disse: Padre, diz o Senhor que Deus é bom e justo e penso que bem o seja, mas Deus não será bom e justo se deixar um de seus filhos atirado ao Inferno sendo queimado eternamente enquanto os escolhidos estarão no Paraíso apreciando as delicias e prazeres eternos. O padre me disse que essa era a ordem das coisas. Os que se atrevem a desafiar a Deus pelo pecado merecem de fato o inferno. Quando cheguei a minha casa perguntei a minha mãe se eu deixasse de ir à igreja, se Deus me mandaria ao fogo eterno?

Arturo riu, mas logo depois se tornou assombreado.

-Sotero, eu vivo em busca de respostas, não encontro considerações em nenhuma das religiões, nem mesmo na Doutrina Espírita. Tenho obtido as devidas exposições de motivos a justificar esse desejo que me atrai a Fausto.

-Por que você busca na religião uma resposta quando o que está em conflito é você? Quantas vezes já ouvimos dizer que amar dói? Amar exige desafios, nos leva a algo diferente do que estamos acostumados, não me refiro somente a uma forma de amar, refiro-me a todas as formas, porque amar envolve todo nosso ser, somos constituídos de amor, amar é nossa essência divina, por este motivo quem decide não amar sofrerá, talvez mais do que se optasse por amar. A dor de amar está ligada a dor de renunciar, de se expor, deixar que rompam as nossas barreiras, derrubem nossos muros, é uma forma diferente de nascer. Quando amamos renascemos constantemente. Tomar decisões muitas vezes é difícil, é doloroso, é saber que haverá dificuldades. Guardamos dentro de nós coisas que nem sempre queremos colocar para fora, e o amor extrai de nós o que somos em toda a nossa extensão.

-Minha tia me diz que a homossexualidade não é coisa de Deus, que é prática pecaminosa e que não é amor natural nem divino, que como tal iremos para o Inferno por vivê-lo, por desejá-lo, pois lá todos viverão queimando, pelos seus pecados contra as leis de Deus, e assim se permaneceremos como se a cada dia fossemos julgados e condenados às dores, maiores e piores e punidos ao fogo, eternamente. Tenho medo de me assumir e enfrentar a todos.

-Arturo essa é uma questão que a própria pessoa deve julgar e ter a capacidade de decidir. Não deve ser necessariamente de um modo ou de outro.

-Sotero, as pessoas dizem que você é homossexual, mas, no entanto, nunca soube, nunca ouvi ou vi você com quem quer que fosse. Por quê?

-Arturo, o necessário é viver com integridade. Se a pessoa está vivendo em conflito e não se assume isso a deixa dividida, em desordem consigo mesma, com seu ser e sua sexualidade, fica difícil então ser íntegro. Por outro lado, se a pessoa decide assumir para si a homossexualidade, mas não quer se assumir publicamente e prefere levar uma vida de abstinência ou ser discreta em sua vida sexual, sendo ao mesmo tempo muito honesta consigo mesma, acho que não há problema, e isso trará paz para si. Se intimamente não há conflitos isso torna o ser saudável e possivelmente feliz, isso é de fato o que devemos buscar, isso não só é válido para os homos, mas todos, vivendo com amor e compaixão, alegrando-se com as virtudes e mantendo uma postura de equidistância entre o eu e o outro, também sentirá esse conforto na alma. Um indivíduo homossexual é um ser humano como qualquer outra pessoa, deve agir dignamente como um ser humano para que na família e na sociedade possa ser respeitado, ser aceito nos seus direitos, se cumpre com os seus

deveres. Somos seres humanos diante de Deus igualmente, portanto, não há superior nem inferior entre os humanos. Na verdade faz algum tempo que me abstenho de uma vida a dois, de uma vida em comum, não sinto necessidade de sexo, sou um indivíduo equilibrado e saudável mentalmente comigo mesmo, que sabe organizar e lidar com todos esses sentimentos de forma tranquila e calma. Tenho minha saúde mental, minha qualidade de vida, cuidar-se e cuidar do próximo é como fonte de prazer também. A afetividade, na minha vida como na de todos tem grande importância, é por ela diretamente que nos comunicamos com as nossas emoções. Tenho me dedicado a cuidar dos outros, às minhas crianças que visito nos dois orfanatos que ajudo, aos meus velhinhos, e ao leprosário que vou uma vez por mês. Amo o que faço, amo a psiquiatria e amo as artes. Tenho uma vida plena e bem-aventurada, mesmo, sem estar vivendo com alguém ou sem sexo. Não sei se isso será definitivo, já tive sim parceiros e companheiros, mas hoje, eu estou absolutamente feliz assim como sou e estou e isso me basta.

-Por que você um homem com uma posição social bem definida e sólida não faz reivindicações dos direitos dos homossexuais?

-Sabe Arturo, até discordo de algumas posturas sociais que têm a maioria de meus pares, às vezes os acho infantis e desajeitados na hora de exigir o respeito que tanto dizem não ter, embora, eu ache que os tenham com relação à homossexualidade. Entendo o respeito quase que como uma via de mão-dupla: o respeitado o é porque não coloca em discussão suas escolhas. O respeitador respeita porque tem o respeito como um princípio, como um valor para a vida. Assim deveria ser. Penso que quem grita, quer se ouvido, mas também precisa escutar. Viver entre o que a sociedade pede e aquilo que queremos genuinamente, não é um privilégio dos homossexuais. É um exercício constante de todos com relação às todas as escolhas de vida. Como nos saímos nestas provas é o que nos diferencia dos demais; consiste na nossa marca registrada de ser.

A discussão da homossexualidade no nosso tempo servirá de foco para outras tantas que nos angustiam diariamente, mas que não são de foro aberto. Há ainda uma longa caminhada para entendermos que o problema não está fora. É interior. "Ser ou não ser", eis a questão. Lembra-se desta frase? Antiga, não é Arturo?

-Obrigado Sotero, vou pensar sobre tudo o que me disse, mas isso é no fundo uma questão de fórum íntimo, sua vivência é sua, sei que você é um

homem em paz, mas a minha alma está atormentada e preciso de um encontro que seja meu, que venha pela conscientização, pelo entendimento próprio me trazer a calma, meu peito está oprimido, tenho uma angústia a clamar em mim, a me sufocar, um grito que preciso soltar.

-Todos nós nascemos para sermos livres, a discriminação e o preconceito são formas de escravizar-nos.

Naquele momento Sotero sentiu uma lufada quente um incômodo no ambiente atuando sobre Arturo. Era Adalberto, insuflando pensamentos negativos, acusadores e ligando seus canais de energia aos de Arturo. Do seu corpo saiam substâncias enegrecidas e causavam os desconfortos a Arturo. Em Adalberto as suas convicções contra os homossexuais davam o entusiasmo robustecido para os ataques, e encontrava campo propício nas atitudes titubeante do filho. Adalberto se sentia indignado ao saber que o seu filho amava outro homem.

-Não admitiria um marica como seu sangue. Isso não é hereditário isso é uma conduta adquirida, isso foi educação imposta por Rangel.

-Isso mesmo Adalberto, foi sim Rangel que induziu o filho à promiscuidade. Temos que fazê-lo pagar por isso. Diziam Milla e Clovis.

## Capítulo 27

Quando Clovis e Milla ficaram no poço abandonado saíram com dificuldades do local, seus espíritos subiram pela lataria do carro como se vivos fossem. Clovis sentia muitas dores na perna quebrada, manchas arroxeadas tomavam boa parte do membro, de onde saía um fluido fétido, pululantes de vermes. Milla ferida no peito e na cabeça gemia. Os dois exaustos deitaram no relvado e dormiram exauridos, acordaram e sentiam sede e fome, as dores ainda eram alucinantes e os aspectos dos dois assombrosos.

Logo o céu escureceu e as sobras negras das nuvens chegaram até a eles, os ventos se aceleraram e a chuva forte desabou sobre as suas cabeças, o dia como se fosse noite se transformou. Os trovões enchiam à tarde, raios e relâmpagos espocavam luzes iluminando rápida e repetidas vezes o firmamento, alguns caíam perto, próximos a eles.

-Precisamos nos proteger parece que os céus querem nos atingir. Você está péssimo, horroroso. Disse Milla.

-E você não está menos mal do que eu.

-Vamos nos abrigar naquela Casa de Pedras, abandonada.

Entraram, Clovis se acomodou num monte de feno, gemeu e desfiou inúmeros palavrões e impropérios.

Na janela um raio rasgou o horizonte, Milla se viu na vidraça, rosto cadavérico e cabelos desgrenhados e olheiras profundas. Chorou muito e por fim disse:

-Por que estamos nesta situação?

-Não sei, vamos descansar e depois dessa maldita tempestade, vamos procurar alguma ajuda.

-Mas por que estamos assim nesse estado, as roupas rasgadas, sujas e com essa aparência física?

-Não tenho as respostas que você quer, apenas quero dormir. Não estou preocupado com as aparências, com vaidades. Quero curar essa perna e voltar a minha vida normal.

Na manhã seguinte o sol ascendeu no horizonte, o frescor deixado pela chuva ainda mantinha efeito sobre as plantas, flores surgiam perfumando o campo e a vida. Os dois acordaram e saíram em busca de ajuda, viram uma casa grande, uma sede de fazenda e se aproximaram. Rondaram a casa e os cães latiram, mas recuaram aos vê-los de perto. Subiram os degraus da varanda e sentiram o aroma da cozinha, pão fresco e café. Bateram palmas e chamaram os moradores, mas eles se movimentavam sem vê-los. Os cães continuavam latindo e uma mulher chegou e jogou água sobre eles que ganiram e correram para longe. Milla se dirigiu a ela que não lhe deu atenção.

-Esses cães parecem que estão vendo fantasmas. Diacho, não se pode ter sossego, já de manhã é esse inferno.

Milla e Clovis se entreolharam sem entender o que ocorria. Entraram e viram uma mesa posta, muitos pães, doces, bolos, queijos e manteiga. Café e leite quente. A visão da bela mesa arrumada e dos apetitosos quitutes encheu de prazer os sentidos dos dois. Tentaram pegar alguns pães, mas suas mãos atravessaram a matéria. A negra e gorda cozinheira veio da cozinha trazendo um fumegante cuscuz. Os dois correram e se esconderam, quando um homem alto e vestido de boiadeiro, com dois outros mais jovens com as mesmas vestimentas desceram as escadas conversando e se sentaram à mesa. Depois duas crianças e seus pais, fizeram o mesmo.

O homem mais velho chamou a empregada.

-Geralda, Ramon já se levantou?

-Não que eu tenha visto Senhor Assis.

-Vá chamá-lo, e diga que estamos a esperá-lo.

Alguns minutos depois chega o rapaz com rosto de sono, aborrecido e ao lado dele outro homem, espírito invisível a todos, vestido de negro o seguindo, com alguns fios grudados fazendo a união entre os dois.

-Sente-se Ramon, como sempre tenho que avisá-lo que não quero estar à mesa sem todos os membros dessa família acomodados.

Ramon sentou-se e o outro homem vestido de preto ficou em pé ao seu lado. Via-se nitidamente que os alimentos ingeridos por ele modificavam as cores das energias que emanavam de seus corpos e via-se também que pelos fios de ligação entre ambos fluíam essas energias alimentando o homem de negro que ficava ao lado do jovem.

Milla e Clovis estavam estarecidos e buscava o entendimento para aquilo, tudo novo e surpreendente. O café terminou e os homens vestidos de

boiadeiros se levantaram e se despediram do casal. O homem mais velho, falou com pai das crianças: Carlos, desejando uma boa viagem para São Paulo, beijou os pequenos e saíram. Tomaram suas montarias e foram para as atividades da fazenda. O homem que seguiria para São Paulo beijou a esposa e os filhos, foi até ao irmão Ramon e se despediu dizendo.

-Ramon, já está na hora de você definir sua existência, com dezoito anos eu já sabia o que queria da vida e aos vinte estava casado. Você nesta vida de futilidade e mesada, sem uma formação, sem querer participar das atividades da fazenda, sem querer buscar na cidade uma profissão, uma colocação, mas quando eu voltar decidiremos, você não pode continuar a infernizar nosso pai, vivendo inutilmente.

-Isso é assunto meu. Você não tem o direito de se envolver onde não é chamado.

-Desde que afete minha família o assunto me afeta, mas, não tenho tempo, agora, para discutirmos. Aguarde minha volta e veremos se tenho ou não direitos.

Os pensamentos de Ramon ferviam e eram estimulados pelo ser de negro que estava ligado a ele, o obsediando os seus centros nervosos, estimulando-o à discussão.

-Melhor que você vá mesmo embora, quero você bem longe daqui.

Milla e Clovis estavam assim absortos quando um jovem negro, filho de Geralda entrou, sentou-se à cozinha e conversou com a mãe. Eles escondidos, ouviam a falação dos dois.

-Você recolheu as verduras e os legumes que pedi João?

-Sim mãe, sabe que acharam dois corpos no velho poço perto da estrada?

-Como filho?

-Dois corpos sim, uma mulher e um homem. Havia um carro caído dentro do poço, sobre o homem, a mulher estava no volante. Foi baleada, tiros mesmo.

-Vixe Jesus como anda esse mundo, nem aqui na roça temos mais sossego.

-A policia está fazendo a remoção e os dois estão bem vestidos, ele de paletó listrado e gravata, cheio de joias, a mulher loira, cabelos quase brancos de tão loira.

-Estamos mortos Clovis? Ele está falando de nós, está nos descrevendo.  
Falou Milla exasperada.

Isso chamou a atenção de João, que se voltou e os viu.

-Eita mãe Geralda, estou vendo os dois escondidos ali perto da na despensa.

-Deus, eu não vejo nada, João.

-Pois que estão ali mesmo, os dois, ao lado da porta.

-Na minha despensa não, fora já daí os dois, em nome de Cristo.

Geralda mesmo sem ver nada, atirava vassouradas a esmo, os dois correram, Milla apoiando Clovis que mancava e blasfemava.

Na Casa de Pedra se atiraram ao chão e Milla chorou.

-Estamos mortos Clovis, estamos mortos.

-Estamos mortos nada Milla, estamos aqui conversando não estamos?

-Mas por que ninguém nos vê? Por que sentimos fome e não conseguimos comer? Por que ninguém via aquele homem de preto sugando o rapaz e somente o João nos viu e a mãe dele não? Gritou histérica Milla.

-Sem histerismos femininos. Não sei explicar nada nesse momento. Algumas coisas contraditórias e confusas estão acontecendo mesmo, mas estamos vivos, disto tenho certeza.

-Vocês não estão vivos.

-Você de novo seu moleque. Deixe-nos em paz. Falou Clovis.

-Não menino, venha e explique para nós o que se passa? Você é o João?

-Sim sou João Vicente, moro aqui na Fazenda da Casa de Pedra, minha mãe é Dona Geralda.

-Sim menino, mas explique logo.

-Vocês morreram no velho poço, para os lados da estrada.

-Seu fedelho, atrevido, vou dar uma lição em você.

-Deixe-o falar Clovis. Como você pode saber disso?

-Venham comigo que vou mostrar a vocês.

Os três seguiram e viram de longe o movimento de policiais e curiosos, e se aproximaram. Chegando perto do poço viram a confusão em torno de dois corpos sobre a relva. Chegaram mais perto. O espanto dos dois, então, foi imenso. Clovis de boca aberta se afastou logo devido ao choque, Milla correu e aos prantos fugiu para a Casa de Pedra.

-Não pode ser verdade, como pode estar acontecendo isso?

-A gente quando morre o espírito se desprende do corpo, o Senhor não sabe disso?

-Nunca ouvi falar disso, o que temos a fazer João?

-Se vocês não estivessem tão preocupados com vingança e tivessem levado uma vida pelo bem, pelas coisas boas, não estariam aqui assim nessa situação.

-Como assim seu moleque?

-Cada alma quando sai do corpo pela morte segue para um destino, mas isso depende da maneira como viveu. Se um homem de bem, que vive a vida praticando a bondade, amando os seus semelhantes e fazendo a caridade, ele tem uma alma mais pura e mais leve, daí então ele vai para um lugar bom, destinado por Deus.

-Quem ensinou essas coisas a você?

-Eu nasci vendo tudo, desde pequenino que eu vejo alma penada. Desculpe Seu Moço, não quis ofender, mas minha madrinha Santinha que morreu ano passado foi quem me ensinou muitas coisas. Outras eu falo assim sem saber por que, e não sei de onde vêm, vão saindo boca a fora.

-Quem é Santinha?

-Era a dona da fazenda e esposa de seu Assis.

-E o que fazemos quando estamos com fome, não podemos comer e com sede sem poder beber?

-Vixe seu moço, isso é complicado, porém se for um espírito muito atrasado, ou ligado a materialidade sentira esses desejos como se estivessem no corpo. As almas ainda muito apegadas às coisas da vida sofrem desejos materiais. O Senhor está sentindo dor nessa perna?

-Sim muitas.

-Muitos espíritos costumam sentir dores danada. Falava João como se estivesse tomado por um ser divino, evoluído. Muitos registram sensações de sofrimento, pavor e angústia como se realmente estivessem sentindo dor de verdade.

-Você quer dizer que não estou sentindo dor alguma?

-Não deveria seu moço, mas devido às vivências das angústias morais, remorso, ódio ou das perturbações emocionais, medo, ansiedade, que torturam muito mais que os sofrimentos físicos, os desencarnados sentem sensações como frio, calor, fome, sede, cansaço, sono e dores físicas.

-Como posso me livrar disso?

-Pelo desejo de evoluir, de serem ajudados pelos seres de luz e mais sábios, pelo arrependimento, pela admissão de suas culpas e de querer mudar a forma de serem.

-Olha menino, eu tenho muitas coisas a fazer aqui, tenho que me vingar de quem me atingiu assim. Quero vê-los caídos, sofrendo assim como eu.

-Olha seu moço, o Senhor nem se dá conta do mal que irá causar a si mesmo, assim seu moço o Senhor continuará padecendo de dores, de fome e de sede. Acho que o Senhor deveria dizer isso tudo àquela moça, ela me parece mesmo arrependida e querendo sair dessa situação de dor.

-Pode deixar menino, eu digo tudo a ela sim, mas como posso tratar dessa perna doente?

-Tem um hospital espiritual que fica aqui próximo, numa esfera paralela, que cuida dos casos mais graves.

-E como chego?

-Veem aqueles dois, um apoiando no outro?

-Sim.

-Sigam-nos, eles estão em tratamento.

-Outra coisa quem é aquele sujeito que estava ligado no rapaz Ramon?

-É um obsessor, ele se nutre dos maus pensamentos, das malícias e das ervas que ele fuma, ervas danosas ao seu cérebro.

-E por que ele faz isso? É para matar os desejos?

-Sim em parte.

-E por que vocês o deixam ficar assim como um parasita e não lhes dá umas vassouradas como fizeram conosco?

-Já tentamos, sim, minha velha mãe me ensinou muitas rezas e trabalhos de afastamentos de obsessores, eles vão, mas logo voltam, pois a mente do Senhorzinho Ramon os atrai de novo e vivem em trocar prazeres, um alimenta o outro, cada um dá o que o outro precisa, malícia e devassidão, ele inspira o Senhorzinho, ele gosta e faz o que o outro manda. Ele está apaixonado pela cunhada e não dá paz à moça. Isso está me cheirando à desgraça. Logo seu Carlos volta e nem sei o que poderá acontecer se ele souber.

\*\*\*\*\*

Clovis e Milla e foram seguindo os dois espíritos até o hospital.

Muitas instituições plasmáticas do espaço estão situadas no mesmo espaço ocupado por prédios físicos do plano terreno, assim o hospital que foram procurar, ocupava a mesma estrutura do posto de saúde da localidade. Entraram e foram recebidos por enfermeiras absolutamente gentis e atenciosas, dispostas a ajudar os irmãos sofredores e em desespero.

Clovis se atirou sobre uma maca, sem ver que outro enfermo padecia de uma infecção na vesícula e na fusão de seus corpos espirituais, aumentou ainda mais a dor dos dois, que gemiam em uníssono. As enfermeiras espirituais atenderam Clovis e Milla.

-Vocês permanecerão aqui por algum tempo até que se restabeleçam disse a orientadora-chefe do lugar. Receberão orientações e passarão por melhores cuidados em outros centros de cura espiritual. Aqui somos apenas uma emergência. Vocês estão precisando de ajuda de fato, mas o arbítrio é livre e não podemos forçá-los a ficar. Os perispíritos de vocês estão saturados de sensações externas.

-Que conversa é essa moça? Eu tenho é dor e muita, se puder me atenda logo, não quero conversas fiadas.

Milla menos intranquila disse que queria ficar e foi encaminhada a uma seção feminina. Clovis preocupado que Milla o abandonasse, mais gemeu em alto e bom tom.

Nos ferimentos de ambos foram ministrados tratamentos a base de luzes e para melhoria geral cada um ficou em uma sala de iluminação suave e azulada, uma música ambiente de sublime teor melódico, encantava e elevava os espíritos atormentados, era um bálsamo, um medicamento sonoro.

Eles ficaram lá e uma semana depois a perna de Clovis melhorara muito e a aparência de Milla ganhara viço e cuidados. Uma tarde ela deitada em

brancos e alvos lençóis, se deixou embalar pelas melodias e imagens que eram projetadas nas paredes da sala. Imagens de teor agradável e sugestionáveis aos bons pensamentos. Em poucos minutos ela adormeceu e sonhou com seu pai. Viu a morte dele e o abandono em que ela ficou, o descaso da madrasta vaidosa, os tormentos e as torturas mentais que lhes eram impostas por ela. A internação psiquiátrica sem motivo, provocada pela mulher para lhe tomar as posses e para administrar a parte dos seus bens deixados pelo pai. O martírio e incapacidade de se fazer entender que não era louca, que era vítima de trama, de uma invenção bem orquestrada por sua madrasta. Depois sim que entendeu que era um golpe armado intencionalmente para deixá-la de fato louca passou a tomar outra postura, a de não lutar. A usar a inteligência, pois, quanto mais se rebelava, mais era taxada de louca o que, somente, agravava a sua situação e era isso que a madrasta desejava. O conhecimento e a ajuda de Romanus, um ex-interno, lhe deram fuga. A vida sem destino que tomou, devido à situação provocada, impedia de lutar pela recuperação do seu patrimônio.

Milla e Romanus viajaram os dois por todo o Brasil, de ponta a ponta, de carona e favores. Numa dessas viagens, Romanus conheceu Hermes e aos poucos foi perdendo o interesse por Milla e mais se aproximando do novo companheiro. Isso provocou muitas discussões e bate-bocas, entre Romanus e Milla, por ciúmes dela. Romanus, numa dessas discussões confessou que tinha atração por Hermes e que havia correspondência, os dois se separaram então. A separação somente foi por esse motivo, Milla gostava dele e tinha confiança, admiração e agradecimento a ela, pelos anos que passaram juntos, pela vida cheia de aventuras, diversões e conhecimentos, mas em seu coração uma mágoa ganhou corpo e feria seus sentimentos femininos, de ser trocada por um homem.

Nos seus sonhos viu, ainda, imagens de quando conheceu Clovis, de quando ao seu circo. Como ganhou o emprego de bailarina e trapezista. Como descobriu que ele era um vigarista, e embora sabendo, o aceitou, pois ele, também se afeiçãoou a ela.

Viu as mudanças ocorrendo em sua vida. Que passou a ser mais esperta, vivida e difícil de ser enganada. Viu-se dançando no picadeiro e depois a música aos poucos ir se modificando e o cenário de seu sonho também. Sentiu um toque e a música de um violino, identificou forma de tocar características de seu pai, a música inesquecível executada por ele, que era um exímio violinista. O som da sonata a envolvendo e ela, então, se sentiu feliz. Bailou pelos

campos verdes e por entre os jardins de belas flores. Rios límpidos que cantavam como em coro acompanhando a musica. Seu pai a chamava e ela o seguia, mas logo foi despertada pelas sacudidelas de Clovis.

-Vamos levante-se, temos que sair daqui, temos muito trabalho a fazer.

-Sair para que? Para vivermos uma vida miserável e imunda, envolvida na sujeira, fétida. Olhe para nós, veja bem como estamos, limpos cuidados, melhores dos ferimentos e da aparência.

-Não importa, você vai sim comigo, temos que achar Hermes e Romanus, somente vou descansar depois que me vingar dos dois, e você é a culpada de estarmos assim, foi você que insistiu em que trabalhássemos com eles, disse que eram de confiança e coisa e tal. Vamos logo se levante daí, temos muito que fazer.

Embora Milla estivesse propensa a mudar de vida, ainda trazia em si uma carga grande de mágoas e rancor pelos dois que a traíram e que tiraram a sua vida. Assim ela seguiu Clovis e voltaram à Casa de Pedras e passaram a viver ali. De início a fome e a sede ainda os atormentavam, diziam viver um inferno em vida, tentaram aprender a lidar com as situações novas pediram ajuda a Lott, o espírito obsessivo de Ramon, mas ele não queria conversa, temia perder sua presa. Os afastou e recusou ouvi-los. Passaram muitos meses assim. Milla queria voltar ao posto socorrista e Clovis não. Um dia perceberam que não dormiam desde então, desde que saíram do posto de atendimento. Nunca se deram conta disto e cansados se deitaram, sobre o feno. Por um buraco do teto, Milla olhou o céu estrelado e sentiu mais uma vez a presença do pai que a acalentava. Adormeceu. Clovis dormia em sono profundo e roncando tronuante, os dois dormiram muito tempo. Milla envolvida em momento distinto se movia entre mundos diversos, entre a dor e a felicidade. Podendo estar com seu pai e conversarem muito. Quando isso acontecia, ela era feliz e imaginava poder resgatar a vida que tivera antes da sua morte, mas, ela não admitia perdoar a madrasta. Quando sonhava assim, revidando, sofria. Sentia-se no manicômio, padecendo as dores dos meses de internação, os choques, os medicamentos dopantes, as celas solitárias e as camisas de força. O convívio com a loucura, estando sã. Revivia tudo, dolorosamente. Quanto mais a odiava, mais se via nessas situações aflitivas, experimentando embates violentos e intensos com a mulher que a usurpara, envolvidas por seres miseráveis, escabrosos, em locais fartos de seres enlouquecidos e lançando gritos lancinantes. Enquanto se enfrentavam os gritos se dividiam em torcidas por ambas, quando cansadas

caíam em solo podre e mal cheiroso, Milla ouvia pedidos de socorro carregados de intenso fervor aqui e ali, em alguns momentos via fochos de luz que penetravam as espessas nuvens carregadas e tocavam um desses seres que perpetravam sentido pedido de perdão. Ela via descerem em auxílio destes, seres em vestimentas especiais, protegidos por guarnições de outros elementos, como soldados que afastavam aqueles que tentavam seguir os retirados. Muitas vezes, o violino de seu pai a tirava daquele cenário. Ele tentava mostrar a ela que o perdão e o amor eram o caminho da redenção, que o seu ódio e as lembranças amargas e vingativas somente reforçavam os laços que a ligava à madrasta.

-Milla minha filha, você somente se verá livre desse lugar quando por amor conceder a Valquíria o perdão, ela sim ainda levará muitos anos nesse vale de lágrimas, mas você tem a oportunidade de se livrar dessa inconstância de sentimentos e tomar de vez o rumo à libertação divina. Filha, tudo quanto vivemos é fruto de nossos pensamentos, e de nossos atos, aprendendo mais rapidamente, mais cedo será beneficiada.

Porém as marcas em sua alma eram ainda vivas e recentes e Milla, embora, entendesse em parte o que o seu pai dizia, não conseguia se livrar dos pensamentos de indignação e revolta pelas dores sofridas e impingidas a ela pela madrasta.

Clovis por sua vez sofria o assédio de todos os quantos causara dor. Ele fora um homem frio, calculista e sem piedade nos anos em que viajava com o seu circo, fez muitos inimigos, tantos, entre os empregados, quanto pelos que enganava pelo caminho. O circo era motivo de arrebatamento e encantamento por onde passava, e muitas moças se deixaram seduzir por Clovis, em busca de seguir com eles, em pegar um emprego, uma oportunidade. Clovis tinha um baixo caráter e fazia de tudo, roubava, enganava, falseava e lograva, abusava das moças e as iludia, algumas ficaram em suas cidades grávidas, com mais problemas do que antes de conhecê-lo. Nos dia de apresentação, ele tomava conta da bilheteria e sempre manipulava as receitas. Pagava mal e parcamente aos seus trabalhadores. Deixava pelo caminho os empregados velhos e os doentes, sem indenização, sem ajuda ou amparo que fosse. Maltratava os animais, e muitos morreram de maus tratos. Assim recebia no plano astral aqueles a quem submeteu aos seus atos maldosos. Os palhaços anões, e mulheres barbadas, transformados em seres animais e vampirescos o atacavam. Os animais submetidos à tortura e maus-tratos, agora avançavam

sobre ele e arrancavam pedaços do seu corpo. Ele gritava, pedia piedade e esses pedidos, somente, animava a turba que mais e mais o infernizava, lançando sobre tudo o que podiam, excrementos, cuspe, urina. O agrediam de todas as maneiras, ele se arrastava e eles os seguiam com chutes e pontapés, escárnios. Os gritos e uivos explodiam em seus tímpanos e ele seguia sua via-crúcis, arrastando-se e buscando fugir do que parecia sem fim. Foram tempos que nem sabe definir de martírios, uma infindável procissão de seres animalescos e brutais que não lhe davam tréguas. Um dia ele conseguiu se esconder em uma gruta. Os uivos, gargalhadas e as pilherias chegavam a ele e ele cada vez mais ele fugia se internando pela gruta adentro em busca de um momento de paz. Sabia que dormia e, entretanto, não conseguia acordar, pareciam anos infindáveis de torturas. Nos poucos intervalos de sossego, mal conseguia descansar, temia ser novamente atacado e vivia vigilante. Mesmo não os tendo ao encalço, na sua mente as vozes repetiam os improperios.

## Capítulo 28

João foi ter até a Casa de Pedra e viu os dois adormecidos, inquietos, em sonhos angustiados e os sacudiu.

-Acorde moça, acorde, dizia ele. Milla despertou de um sobressalto e olhou em volta sem saber onde estava. Depois que se deu conta de onde estavam, despertou Clovis também, que assustado, ainda, engatinhava pensando fugir de seus perseguidores.

-Levante seu moço, porque está assim de quatro, feito um gatinho medroso?

Clovis ainda sem acreditar, abriu os olhos devagar e soltou seus improperios.

-Jamais voltarei a dormir, jamais fecharei os olhos, por minutos que sejam. Depois olhou para João e perguntou agressivo.

-Quem é você?

-Não me reconhece mais seu moço? Sou João?

-Não pode ser você, era um moleque e agora é um homem, como pode acontecer isso em algumas horas em que dormimos?

João risonho falou. Posso ter crescido rápidos, ou modificado minha aparência tão rapidamente que não se deram conta, ou talvez não tenha dormido por poucas horas como imaginam, podem ter sido muitos anos, mas posso dizer a vocês que fazia muito tempo que eu não vinha à Casa de Pedra.

-Sinto que dormi muitos anos em minutos, uma sensação estranha e incomoda, parece que adormecia a poucas horas, mas os meus sonhos foram como de muitos anos, sofrimentos, dores angustiantes, momentos que não quero repetir. Disse Milla. Nem sei se quero mais dormir.

-Não sei ao certo moça o que se passou com vocês, mas às vezes os maus não vão ao purgatório é o purgatório que vem a eles. Falou João espiando entre olhos, para ver a reação deles.

-Minha perna ainda dói muito. Disse gemendo Clovis. A moça da enfermaria, poucas horas antes de dormirmos disse que o meu perispírito está saturado de sensações externas, o que ela quis dizer?

-Num sabe Seu Moço, dizem que os Espíritos são imateriais, que pelas suas essências se diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria.

-Que linguajar é esse João, onde aprendeu a falar assim professoralmente?

-Eu tenho estudado muito por ai, mas se o Senhor fosse cego, precisaria de palavras para definir o que é a luz e seus efeitos. O cego de nascença recebe todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. O Senhor compreende isso Seu Moço?

-Sim, mas o que tem isso com a pergunta que eu fiz?

-Porque quando falamos de espíritos somos verdadeiros cegos, em relação à essência dos seres espirituais, como definir algo se só temos coisas imperfeitas para compará-la? No corpo vivo, estas sensações estão localizadas nos órgãos, mas quando morremos quem assume essa função é o perispírito, o responsável pelos registros de todas as sensações sentidas pelo espírito. Sendo o corpo espiritual imaterial formado de matéria sutil, etérea que compõem o Universo, não sofrendo influência direta de elementos materiais, como chuva, fogo, mas, no entanto, muitos Espíritos continuam mantendo as sensações vinculadas a estas situações, como: lembrança de sofrimentos anteriores ou impressão de algo que na realidade não está ocorrendo. Sabe Seu Moço é como uma forte nevoa que sabemos que existe, mas que não conseguimos pegar. Como uma ilusão que se transforma em materialização.

-De onde você aprendeu essas coisas seu neguinho? Ainda outro dia era um menino, agora um homem e falando como um professor. Neste lugar tudo é muito estranho.

João riu de se esbaldar.

-Você que dizer que eu imagino que estou com dores? Perguntou Clovis.

-O Senhor já respondeu Seu Moço.

\*\*\*\*\*

Clovis com o tempo conquistou a amizade de Lott, o obsessivo de Ramos, e passou a se alimentar conforme aprendeu com ele.

-Basta grudar em alguém e saciar sua sede e fome, assim poderá usufruir de tudo o quanto eles se utilizarem, desde fumo, drogas, bebidas e prazeres. Assim, faziam então. Alguns os repeliram, mas outros, quer fosse pela fraqueza espiritual, invigilância, pela liberalidade moral, sensualidade, eram tomados, usados, aprisionados.

Milla havia dias que sentia dores de fome e sede lancinantes, mas em outros não, passou a atender então, que podia controlar seus pensamentos e aliviar seus anseios pela força de vontade e aliviar os seus desejos básicos.

Clovis se divertia e na casa sede da fazenda estimulava os pensamentos de desunião entre os irmãos, e a família indiretamente envolvida acabava por criar um clima de conflito e baixas energias. Clovis insinuava para Ramon que Lucinda o desejava e que quando o irmão saísse que ele deveria assediá-la mais intensamente. Lucinda fugia de Ramon e sofria, pois devido ao gênio do marido, fatalmente uma tragédia aconteceria. Ela se recolhia e orava afastando de si as influências permissivas dos obsessores, mas por outro lado Clovis e Lott sequiosos de desejo e sexo impingiam mais e mais idéias sensuais em Ramon, que as acolhia e sentia em seus campos de energia, vibração intensa e a mente dominada. Tramava atacar a cunhada, assim, que se fizesse oportuno, esperava isso por muitos anos. Ela sempre se esquivava dele.

Ramon sofreu muito quando Lucinda foi como o marido morar em São Paulo. Agora que voltaram, essa era a sua oportunidade de se vingar de todos.

Milla aos poucos se apegou à moça Lucinda, sentia por ela uma estima e uma afeição boa e estando ao seu lado recolhia bálsamos benéficos e salutareos, não apenas porque partilhasse das ideias, dos pensamentos dela, era mais do que isso, havia uma emanção de energia boa, sempre que ela entrava em seu campo vibracional sentia isso. Havia uma renovação de vigor e, um novo alento a tomava. Em sua alma surgiam os primeiros brilhos de luz e

era ela a pessoa com quem mais se sintonizava, pela elevação superior que possuía, pelo poder de modificá-la.

Aos poucos Milla pode ir observando que mais alguém convivia eventualmente com eles, era uma senhora de cabelos brancos e luminosos que ela via e que se assemelhava com o retrato da mulher que ficava pendurando na parede da sala da fazenda. Uma tarde ela surgiu, sorriu.

Milla perguntou quem ela era.

-Obrigado moça por estar ajudando a menina Lucinda, sou mãe de Ramon e Carlos.

-Eu não fiz nada por ela.

-Eu sei, mas a presença de quem não deseja mal e não a perturba, já é uma ajuda.

-Por que os seus filhos não se dão bem?

-Ramon se enamorou por Lucinda muito cedo, os dois eram namorados e devido à violência e maus tratos, ela se separou dele e viajou para Cuiabá. Nessa época Carlos nada sentia por ela, ela era a namorada do seu irmão, e Carlos era noivo, mas eles estavam destinados um ao outro e a vida tratou de uni-los. Encontraram em Cuiabá por uma casualidade. A mãe de Lucinda me solicitou que encaminhasse uns valores a ela em Cuiabá por intermédio de meu filho mais velho, Carlos, que frequentemente fazia esse trajeto. Os dois se conheceram assim, se gostaram. Um amor muito forte e verdadeiro desabrochou. Um amor que nunca habitou o coração de Ramon, coração que não encontra espaço para amar, pois está ocupado pela soberba e paixões desenfreadas, vícios e sentimentos pobres e de baixos teores vibratórios.

-Venho aqui quando me é permitido, para minorar as energias provocadas pelos conflitos entre eles, mas nem sempre me posso fazer ouvida e nem sempre posso vir. Estamos tentando fazer Carlos e Lucinda saírem de novo da fazenda, mas meu marido não admite que eles façam isso, teme morrer e deixar a fazenda entregue a Ramon, que não tem o talento de Carlos para administrar, para lhe dar com os empregados.

-Senhora, como posso ajudar?

-Sim filha, eu ia pedir justamente isso. Nada é por acaso, sua presença aqui é providencial e de suma importância. Sei que não quer mais conviver com as tramóias de Clovis. Um fecho de luz começa a iluminar sua alma, isso é sinal de arrependimento, de desejo de mudanças e de que a consciência da

divindade começa a tocar o seu espírito, por isso acredito em você e creio que possa nos ajudar na mudança dessa situação.

-Como assim?

-Precisamos que você nos ajude, que fique aqui ao lado de Lucinda, que a oriente e afaste os dois espíritos que perturbam essa casa, interfira, influencie, faça o que for preciso para impedir o que está para acontecer. Você receberá as bênçãos de Jesus e por esse processo de mudança poderá ir gradativamente melhorando suas energias e ganhando novas oportunidades de crescimento e saindo dessa situação em que se encontra. Isto não acontecerá de uma hora para outra, será em longo tempo e pela sua persistência e tenacidade ao bem. Você aceita?

-Sim, mas não sei o que posso fazer e como.

-Você receberá as inspirações no momento adequado, basta se manter o mais possível afastada dos dois. Preciso ir agora.

-Senhora qual o seu nome?

-Santinha.

## Capítulo 29

Álvaro bateu a porta do chalé, onde Eloísa habitava na Colônia Estrela Azul. Ela veio até a janela e a cumprimentou sorrindo.

-Boas vindas meu pai, não o esperava tão cedo. Depois que partiu em missão ao Plano Terrestre.

-Não foi preciso nos determos muito tempo. Estivemos numa localidade em resgate a alguns irmãos que pelo tempo e pela sincera manifestação de arrependimento precisavam de socorro.

-Tem notícias de Arturo e Adalberto?

-Algumas, principalmente de Adalberto, hoje já tenho autorização para repassá-las a você.

-Pai, como ele consegue se manter na Terra, estando em Espírito? Como sobrevive, se alimenta, se abriga?

-Álvaro riu suavemente e explicou. Você não teve que aprender tudo ao vir para cá? Não descobriu que em determinado estágio da evolução, não necessitamos de alimentos sólidos, materiais? Que o próprio espírito busca em si alimentos energéticos, de energias provindas dos pensamentos ou da própria natureza espiritual. Alimenta-se pela respiração, pelas narinas e não mais pela boca como na Terra?

-Sim pai, mas, ainda não sei como se faz.

-Aprendemos de uma forma ou de outra, Você, não que teve aprender ao seu modo, que não possuindo corpo físico, não tem como interagir com o mundo material, tocar um objeto, movê-lo? Não mais pelos meios dos quais fazia uso?

-Sim, meu pai.

-Acontece que um espírito ao perder o corpo físico, a princípio continuará sentindo fome, sede, frio e todos os vícios que possuía quando encarnado, além dos sentidos, uma das maneiras que infelizmente se usa para saciar em partes suas necessidades é através de um encarnado.

-Que coisa terrível pai, saber que alguém se nutre de outro.

-Filha, quando encarnados fazemos, muitas vezes, a mesma coisa. Quando somos ciumentos, egoístas, quando nos apegamos e nos sentimos donos de alguém, impedindo o outro de crescer, de desabrochar, evoluir, isso também não é uma forma de sugar o outro? Trata-se de domínios que alguns espíritos podem adquirir sobre certas pessoas. Como eu disse, infelizmente, são espíritos sem conhecimentos das leis de Deus, que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento desse tipo. Os ignorantes, pelo contrário, agarram-se aos que conseguem prender. Chegam-se, dominam, identificando-se com o a vítima e a conduz como se faz com uma criança. Isso é uma obsessão, ação persistente de um sobre o outro. Pode ser de maneiras muito diversas, desde a simples influência de ordem moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a completa perturbação do organismo e das faculdades mentais advindas da baixa qualidade moral, provocadas pela má conduta do indivíduo na vida cotidiana. Ao andarmos de mal com a vida e com as pessoas, estaremos sintonizando nossos pensamentos com os Espíritos inferiores e atraindo-os.

Causas relativas ao passado, provenientes do processo de evolução a que todos os Espíritos estão sujeitos. Nas experiências reencarnatórias, por ignorância ou livre arbítrio, uma entidade pode cometer faltas graves em prejuízo do próximo. Se a desavença entre eles gerar ódio, o desentendimento poderá perdurar por encarnações a fio, despontando nos desafetos, brigas, desejos de vingança e perseguição.

Eloísa permanecia atenta, observando o pai com admiração, assim como quando era criança.

E Álvaro prosseguia: Também pelas contaminações obsessivas que geralmente acontecem quando uma pessoa frequenta ou simplesmente passa por ambientes onde predomina a influência de espíritos inferiores. Seitas estranhas, onde o ritualismo e o misticismo se fazem presentes; terreiros primitivos, onde se pratica a baixa magia; praticantes de feitiçarias e mesmo centros Espíritas mal orientados são focos onde podem aparecer contaminações obsessivas. Espíritos atrasados, ligados ao lugar onde a pessoa frequentou ou visitou, envolvem-se na sua vida mental, prejudicando-a. Ocorrem também situações em que as irradiações magnéticas vindas desses ambientes, causam-lhe transtornos fluídicos. A gravidade do caso estará na razão direta da sintonia que os espíritos inferiores estabelecerem com os pacientes. Eloísa, Adalberto, tem sido acompanhado de amigos inferiores de

baixa energia moral, com quem anda envolvido e que devido a sua persistência mental, teimosia em manter certas opiniões preconceituosas e pré-concebidas impedem que possamos ajudá-lo mais efetivamente. Ainda assim Eloísa, Deus está atuando nesse núcleo de modo a que essas manifestações que nos parecem um mal, seja apenas um dos instrumentos que em determinado momento servirão para fazê-lo ver a verdade das coisas. Como se diz na Terra, Deus escreve certo por linhas tortas. No momento certo tudo será ajustado.

## Capítulo 30

Clovis e Lott se tornaram amigos e parceiros de maldades, Clovis sabia que Lott tinha em mente ver Ramon e Lucinda traindo Carlos, e para dessa ação tirarem proveitos maliciosos pelo sexo.

Lucinda gostava de cavalgar, e muitas vezes, saía à tardinha e voltava perto do escurecer, era o tempo que tinha depois de fazer as tarefas caseiras e de esposa e mãe, assim ter um pouco de privacidade. Cavalgar era o lazer que mais apreciava e agora que voltaram de São Paulo podia fazer isso com mais frequência, e havia um lugar que gostava preferencialmente, atravessava uma lagoa e um pequeno trecho de floresta chegando ao alto de uma colina de onde podia admirar o sol se pôr. Naquelas paragens o sol descendo o poente era imenso e podia se ver escapando do disco, suas chamas vermelho-alaranjado. A visão enternecia e deixava Lucinda livre das angústias. O sol queimava suas preocupações e a deixava mais leve, voltava energizada, com mais forças e determinação para enfrentar o seu dia-a-dia.

Naquela tarde depois de muito fumar ervas alucinógenas e ser bombardeado por Clovis e Lott, Ramon de sua janela viu Lucinda pegar a garupa e sair galopando, cabelos soltos e negros, empertigada num conjunto belo e elegante. Naquele momento ele a desejou como nunca e saiu a atrás dela. Nada pensava que não fosse tê-la, nada pensava sobre as consequências, as responsabilidades, a lealdade ao irmão, o respeito à família. Galopou, apenas em busca de um objetivo, cego e louco de paixão, possui-la.

Lott e Clovis os seguiam, era um conjunto enfermo, danoso, unidos pelas mesmas formas-pensamentos e desejos escusos.

Milla observava tudo e sabia dos planos dos três, somente não sabia o que fazer para defender Lucinda. Desejou que alguma coisa acontecesse que viesse em seu socorro.

João entrou na sala e viu Milla sentada com o rosto entre as mãos.

-Moça, o que está acontecendo? Está triste?

-João, você precisa me ajudar, Lucinda está em perigo.

-Como assim?

-Não temos tempo João, os três loucos foram atrás dela na colina. Toque o sino e chame o Senhor Carlos.

-Nada disso moça, se o Senhor Carlos ou o Senhor Assis souberem jogarão Ramon aos jacarés. Eu vou lá e tentarei resolver isso. João partiu em sua cela e galopou em desespero, esperava chegar a tempo, mas sabia que estaria em uma enrascada se interferisse, Ramon poderia matá-lo, ele era capaz disso.

Ramon chegou e viu Lucinda sentada e se aproximou. Lucinda ao vê-lo sentiu um arrepio e soube ao olhá-lo o que os seus olhos vidrados queriam. O sorriso pastoso e perverso dele indicava que ela estava em situação de dificuldade. Ela levantou-se e se protegeu atrás do cavalo, ele falava desconexo e a perseguia.

-Você me traiu e não a perdoei, mas você será minha, como sempre deveria ter sido e será hoje e agora.

Ele a agarrou e tentou beijá-la, depois a atirou ao chão. Lutaram e a força que ele possuía era maior e a dominou. Ela por um momento se aquietou, o que deu a ele uma falsa impressão de submissão. Lucinda pegou um pedaço de galho e o acertou em cheio na cabeça, ele tonteou e foi o tempo que ela precisou para montar o cavalo e escapar. Ele levantou-se, ainda, sem enxergar direito montou o cavalo, firmou a visão e a seguiu. João chegou a tempo de vê-los saindo. Lucinda em desespero não conseguiu tomar a direção da sede, também, sabia se o fizesse, no estado em que estava Ramon ele tentaria seduzi-la onde quer que fosse e Carlos o mataria. Aos galopes rumou para a Casa de Pedra e tentou despistá-lo escondendo o cavalo no interior da casa, mas as marcas da ferradura do cavalo davam os sinais de sua chegada, e Ramon as viu. Ele desmontou e a procurou. Por entre as frestas das paredes a avistou e a agarrou mais uma vez. Na luta ela perdia em força e ele a dominava. Entre os presentes Clovis e Lott se saciavam com a situação e a usufruíam ligados a Ramon que emanava miasmas de desejo e frêmito que dele provinha. Ramon, porém, não conseguiu concluiu seu intento, João se atirou sobre ele e lutaram. Uma luta encarniçada e furiosa aos socos e golpes que se sucediam sem trégua, devido à força dos dois. Lucinda montou e fugiu, só pensava em sair dali, buscar ajuda. Agora não tinha mais como evitar que Carlos soubesse, não tinha como esconder as marcas, as roupas rasgadas e os ferimentos. Ramon mais raivoso que João, com força multiplicada pelas drogas,

pela loucura e pela cólera por ter seu intento interrompido, subjugou João e com uma pedra, o atingiu várias vezes na cabeça.

Lott rias às gargalhadas e Clovis lamentou, mas não esboçou nenhum gesto de ajuda a João.

Ramon ainda sem noção exata dos seus atos seguiu pela mata a cavalo. A noite avançando e a escuridão tomando as trilhas o desorientavam e ele mais se embrenhava floresta adentro, ao ponto de não saber onde estava.

Lucinda chegou a casa quando também já era noite, todos estavam preocupados com o sumiço dos três e já formavam um grupo de busca quando ela chegou.

Ela se atirou aos braços de Carlos e chorou sem conseguir explicar de imediato o que tinha acontecido.

-Fale Lucinda o que aconteceu, fale pelo amor de Deus.

-Foi Ramon ele me seguiu e me atacou, João me defendeu e eles lutaram na Casa de Pedra. Eu fugi para buscar ajuda.

-Vamos. Gritou Assis, vamos antes que a noite se feche por completo, tragam lampiões e lanternas, peguem tochas também. Vamos logo.

Geralda chorava e previa algo muito ruim.

-Tragam os primeiros socorros, gritou alguém.

Quando chegaram, encontraram João muito ferido e agonizante.

-Vamos levá-lo, montem uma maca. Acho que ele está muito mal. Souza vá buscar um médico na cidade use o jipe. Ordenou Assis.

-Senhor Assis, temo que já seja tarde demais, ele morreu.

\*\*\*\*\*

Nunca mais ninguém soube de Ramon, nem o que aconteceu com ele, a não ser Clovis e Lott, que viram quando no meio do anoitecer, a vida em forma de uma sucuri vir cumprir os seus desígnios, o pegando e o arrastando para o

leito escuro de um rio. Lott associado a ele como uma sanguessuga seguiu o seu espírito.

Clovis, agora que sabia como se virar sozinho, aprendera com Lott e descobriu como encontrar Hermes e Romanus. Perdera muito tempo nessa busca e ali naquela fazenda. Não queria mais permanecer ali, tinha uma missão a cumprir, pois era seu intento buscar os dois. Lott indicara uma velha feiticeira que habitava a localidade.

A velha recebeu a visita de Clovis e falou sobre Romanus que morreu com o tiro de Milla, disse que ele estava reencarnado em São Paulo, que era um médico que cuidava de problemas mentais e que se dedicava também a pintura. Que Hermes havia morrido sozinho em seu apartamento, mas também, reencarnara e que hoje estava casado. Que o casamento ia muito mal. Ela sugeriu que se Clovis tivesse paciência e esperasse na Casa de Pedra, pois em breve poderia ter notícias de Hermes, mas Clovis não queria mais ficar ali, queria encontrar os dois e logo.

A Velha Bruxa insistiu: Se você aguardar, terá os dois logo, eles estão unidos por laços eternos, laços que não se romperam pela morte, aliás, vocês todos estão ligados por esses laços. Há outro homem, que teve vários atritos com Hermes. Um homem que levou uma surra dele e foi jogado na estrada por causas de negócios mal resolvidos, morreu jogado numa vala, sem socorro. Lembra-se disso?

-Sim lembro, sim, foi o Ataíde. Ele devia dinheiro ao Hermes, estava jurado, mas ainda assim ousou e deu outro golpe nele. Hermes jurou matá-lo. Esse Ataíde vivia de trabalhos avulsos, e pequenos furtos. Devasso e mentiroso. Éramos amigos, mas não pude ajudá-lo, era assunto dos dois, preferi ficar de fora.

-Pois ele está de volta, foi um soldado na época da inquisição, na Espanha, ambicioso e corrupto. Depois Ataíde, e agora Adalberto. Hoje, devido aos laços do passado, se aproximou de Hermes. Vivem em constantes atritos. Ele é um homem sem determinação, sem caráter e se seguindo a atual linha de convivência, fatalmente, um dos dois entrara em desencarne em breve. Eu creio que sei bem quem será. Os sinais que recebo são bem claros quanto a isso. Eu digo a você, se o encontrar um encontrarão o outro. Por isso o Adalberto poderá ser útil a vocês na vingança contra Hermes.

-Não quero esperar, diga-me onde encontrar os dois, agora, imediatamente. Gritou Clovis.

-Acho que devo esse favor a você e a Lott, já que colaboram na destruição daquela família e logo a fazenda será vendida. Vocês indiretamente contribuíram para isso. O povo da fazenda me maltratava muito. Expulsaram-me da minha tapera. Disse a feiticeira. O desrespeito teve um custo. Prometi que os fariam sofrer todas as desgraças possíveis, por isso pus Lott na vida de Ramon, o mais fraco e mais vulnerável de todos, o que mais me humilhou e ofendeu. Ele apedrejava minha casa, até ateou fogo ao meu altar e destruiu as minhas imagens. Depredou tudo. Não o desculpei jamais, se fosse a mim as agressões, talvez o perdoasse, mas foram aos meus santos, à minha devoção. Daquela família apenas Dona Santinha tem o meu respeito. Para compensar as maldades do filho Ramon, ocultamente me arrumou essa casa aqui na vila, pois se não fosse ela nem um teto eu teria. Confie em mim, eu direi quando o velho Ataíde desencarnara, e direi a você como encontrá-lo. Quanto ao Hermes vocês não precisarão ir ao seu encalço, uma atração de voltar aqui ao local onde tudo aconteceu com vocês o trará de volta. Logo, breve, sem que ela saiba, inconscientemente. Registros latentes do passado atuando ainda, as forças das leis do retorno agindo silenciosamente, invisivelmente.

-Velha, como pode isso tudo ter acontecido em tão pouco tempo?

-Não foi em pouco tempo, como pensam. Passaram-se muitos anos, sem que se dessem conta.

-Não vimos o tempo passar? Como eles morreram e já estão vivos em outros corpos e como outras pessoas?

-Você e a moça Milla não dormiram?

-Sim, dormimos.

-Sonharam?

-Sim sonhamos muito.

-Não foram sonhos, tudo foi vivenciado, as dores atrozes, o mundo fantasmagórico, putrefato, imundo, asqueroso, as perseguições, os inimigos vorazes, tudo realmente vivido por vocês. As feridas na carne, as coceiras, os pruridos. A fome e a sede insuportáveis. As incertezas e o medo. Tudo real. Nestes tempos enquanto vocês dois pensavam que dormiam, Romanus, Hermes desencarnaram e reencarnaram. Difícil para ignorantes como vocês entenderem não é? Disse a Velha Bruxa com uma risada aterradora. Agora vá, deixem-me só, já me cansaram. Quando for a hora eu os avisarei onde encontrarão Adalberto.

## Capítulo 31

Sotero convida Arturo e ele vai pela primeira vez a uma casa Espírita, em principio temeroso, sem saber bem o que encontraria.

-Nada tema, não é porque você está numa Casa Espírita que deve temer algo sobrenatural. As presenças invisíveis estão em qualquer templo, igreja ou terreiro, o que importa mesmo é a natureza dessas presenças, a qualidade dos seus pensamentos, e isso eu garanto que depende muito mais das nossas sintonias do que do lugar onde estamos. Relaxe e vá como quem vai a uma praça a esperar alguém.

-Que imagem estranha Sotero, o que tem a ver isso?

-Não sei. Riu ele.

-Apenas me veio essa ideia à cabeça.

Na Casa Fraternidade os presentes faziam silêncio absoluto, enquanto os médiuns se concentravam e buscavam as melhores vibrações para energizar o ambiente e os seus trabalhos. Sotero antigo trabalhador da Casa sentava-se à cabeceira e de olhos fechados estava em concentração total. A Diretora Ermínia abriu os trabalhos falando sobre a mediunidade consciente.

-Caros irmãos, companheiros, médiuns e trabalhadores da seara do bem de ambos os lados da vida, hoje antes da nossa sessão de passes, dentro da nossa programação de palestra, falaremos sobre a mediunidade em algumas de suas formas segundo as citações retiradas dos livros "Evolução em Dois Mundos", "Nos Domínios da Mediunidade" e do "Livro dos Médiuns":

**"O dom mediúnico é o despertar dos dons naturais latentes no próprio ser e próprio aos compromissos assumidos na espiritualidade antes do encarne que na sua complexidade vão desde as causas até os efeitos. À medida que o ser evolui e se moraliza, ele adquire maior capacidade psíquica e conseqüentemente aumenta sua percepção espiritual. Muitos irmãos, ainda, caminham atrasados e moralmente incapazes de discernir a capacidade inerente do ser, da Espiritualidade,**

porém recebem a faculdade mediúnica para que através dela possa se lapidar dos erros cometidos por diversas encarnações, isso é justiça, Justiça de Deus. Ao mesmo tempo fazer com que haja um elo entre o Plano Espiritual e o Plano Físico, isso é comunicação, é a oportunidade de mostrar que existem outras moradas, é presenciado ainda, depois de mais de dois mil anos da vinda de Cristo à Terra que há quem duvide disso. Esta simbiose faz com que haja homogeneidade entre os dois planos, observado o fator primordial que é o grau vibracional do médium, ou seja, suas sintonias astral, mental e física.

A mediunidade não é um fenômeno de nossos dias, sempre existiu desde quando existe o homem, pois, através dela que o Astral Superior pode interferir na evolução do mundo, orientando, guiando, protegendo e dando as inspirações e ensinamentos necessários. Antigamente a mediunidade não era conhecida e generalizada nos seus aspectos práticos, nem por isso deixou de ser admitida, estudada e usada para o bem coletivo. Desde as tribos primitivas onde a mediunidade era somente exercida pelos iniciados, na Grécia, Egito, Índia, Pérsia e Roma onde nas escolas e templos iniciáticos, começaram todo um trabalho de elaboração e conscientização dos fatores inseparáveis do ser, proporcionando na era atual, uma conscientização maior da humanidade. Assim gerando várias correntes que direta ou indiretamente contribuem para despertar o movimento de consciência da humanidade.

Há diversidade de dons espirituais, mas a Espiritualidade é a mesma. Há diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor que a todos administra. Há diversidade de operações para o bem; todavia, é a mesma Lei de Deus que tudo opera em todos. A manifestação espiritual, porém, é distribuída a cada um para o que for útil. Assim é que a um, pelo espírito, é dada a palavra da sabedoria divina e a outro, pelo mesmo espírito, a palavra da ciência humana. A outro é confiado o serviço da fé e a outro o dom de curar. A outro é concedida a produção de fenômenos, a outro a profecia, a outro a faculdade de discernir os Espíritos, a outro a variedade das línguas e ainda a outro a interpretação dessas mesmas línguas. No entanto, o mesmo poder espiritual realiza todas essas coisas, repartindo os seus recursos particularmente a cada um, como julgue necessário...

**A mediunidade em quaisquer das situações advêm de uma conjugação do que o médium é com o que é o espírito comunicante. "Sempre haverá de ter uma sintonia entre ambos, queridos irmãos".**

A palestra seguiu por uma hora e ao final deu-se início aos trabalhos de passes.

Arturo foi chamado e tomou seu lugar diante do médium, recebeu os passes magnéticos, e depois o médium falou com ele.

-Dentro de ti há uma prisão, onde tu mesmo guardas um grito, que aprisionado não permite a evolução da sua vida num regime normal, há em ti ainda muitas coisas mal resolvidas, precisas ao seu tempo resolver cada uma delas, a vida o observa e espera que tenhas atitude e não deixa passar o momento certo, ela não nos permite que fiquemos longe das soluções por muito tempo, ela vem e nos cobra, nos pergunta, nos impele a que busquemos as soluções. Ande no tempo dela, caminhem juntos e a observe, a cada compasso, faça o que tem que ser feito.

-Quem é você, e por que fala assim como se soubesse o que se passa em meu ser?

-Quem eu sou? Isso pouco fará diferença. O que importa mesmo são as situações que devem ser resolvidas para que você cumpra sua missão, seu programa de vida.

-Por que o Senhor não me diz o que significa tudo o que está falando, se quer de fato me ajudar. Por que não é claro, transparente. Isso somente me angústia mais. Não sei quem o Senhor é? Não sei do que o Senhor fala, podem ser muitas coisas, pode ser sobre minha vida pessoal, profissional, sobre minha família. Por que não me diz o que é, e assim eu posso resolver tudo de uma vez, se é que existem estes problemas.

Arturo se exaltava e o espírito incorporando encerrou a consulta dizendo.

-O motivo da tua exaltação somente deixa antever as causas das tuas dores, com o tempo compreenderás que não podemos esclarecer aquilo que é de tua competência e responsabilidade. Quando adianta alguma coisa que me é dado fazer, é porque assim você poderá saber que a espiritualidade existe e saber sobre o que vai a teu coração. Isso ajudará em teu processo de compreensão dos fatos e reforçará tua crença, na vida e espiritualidade.

Arturo voltou ao seu lugar e ao término da sessão ele ainda considerava as palavras da entidade, quando Sotero o chamou.

-Podemos ir Arturo?

-Sim podemos.

No carro Arturo seguia calado e Sotero perguntou.

-Senti que você por pouco não se descontrolou na sessão.

-Peço desculpas por tudo, acho que não foi pelo que me foi dito, mas sim o que ele sabia sobre mim, mas ainda assim foi vago, uma imprecisão propositada talvez, foi isso que me incomodou de fato.

-Arturo, que mérito teria você se tudo fosse revelado? De fato imprecisão não seria a palavra exata, mas propositada sim. Não há imprecisão, tudo é preciso, exato, correto, tudo é como é. Analise e espere.

-Sotero, não sei bem se quero voltar a Casa de Fraternidade mais uma vez.

-Calma Arturo, tão pouco você sabe sobre ela, por que fazer julgamentos por uma única vez?

-Não gostei da maneira de como vi e recebi as coisas.

-Arturo, não faça como os hipócritas, nem como os pseudo-sábios.

-O que você que dizer?

-Quero dizer que os dois não se ocupam em analisar, em avaliar, conhecer, descobrir, para só então formar julgamento. Não seja como eles, que apenas criticam e fazem considerações venais sem mesmo conhecer do que falam. Arturo, eu cresci em uma comunidade católica e depois meus pais passaram para o protestantismo, fui para o norte da Índia e trabalhei como missionário por alguns anos e me interessei, de início, pelo Budismo foi apenas mais um entre os muitos movimentos religiosos indianos, com que tive contato e procurei conhecer os fundamentos. Buda aceitou alguns ensinamentos conhecidos pelos religiosos da época, corrigindo determinados aspectos e rejeitando as visões errôneas. As verdades expressas nos ensinamentos de Buda são atemporais, nunca tinham sido ditas em nenhum movimento religioso mais antigo, a não ser pelos seres iluminados de eras anteriores à nossa. Os ensinamentos sobre carma, renascimento e meditação já eram encontrados nas tradições indianas existentes, mas Buda os apresentou de forma bastante peculiar, ao contrário dos materialistas, ele não negou que os seres estão sujeitos aos frutos de suas ações e a sucessivos renascimentos na existência cíclica. Entretanto, ele rejeitou o fatalismo da predestinação, a idéia de que os seres estão sujeitos ao seu próprio destino e que nada podem fazer para mudá-lo. Buda também não aceitou as visões extremas da crença de que tudo acaba

com a morte, nem a crença num absoluto eu imutável, criado por um invisível ser todo-poderoso. A meditação sobre o amor, a compaixão, a alegria e a equanimidade também é particularmente importante para o Budista. Com base nestes fundamentos, o budismo tornou-se um movimento religioso distinto e, ao longo dos séculos, absorveu elementos positivos das outras tradições asiáticas as quais entrou em contato. De modo geral, ao invés de discriminar as outras religiões, o budismo promoveu a tolerância e o diálogo com elas.

Depois, pela proximidade geográfica com alguns países muçulmanos, conheci, um pouco, o Islã. Caminhei entre os muçulmanos e ouvi suas devoções. Viajei por dez anos por todo o mundo, seguindo a minha jornada de vida e fui formulando minha visão sobre como entendo o funcionamento da nossa existência. Não sei se certo ou errado, mas os meus entendimentos são meus e que por afinidades me levaram à Doutrina Espírita, pelas inúmeras concordâncias de filosofia, modo de pensar e de ver a vida, como justiça, sem a nada, nem a ninguém julgar.

-Sotero, eu encontrei alguma paz quando descobri a Doutrina Espírita, principalmente em relação a minha mãe, mas eu não sou uma pessoa de fé, nem posso dizer que sei o que é isso de verdade. Tenho altos e baixos, minha fé não é absoluta. Eu mesmo sou um ser ainda vulnerável, limitado e passível de momentos de fraquezas e desarmonias, sinto isso. Muitas vezes me sinto tomado, como se meus pensamentos não fosse meus. Outras vezes sou tomado de irritabilidades ou prostrações, já não sei se sofro de obsessão ou loucura. Sou um ser sem força, sem fé, ponho em dúvidas constantemente o que eu leio e estudo.

-Arturo, falando de fé existe um fator primordial, que é nosso raciocínio, esse dom que nos diferencia dos animais e nos tornam tão complexos. Sem eles seríamos apenas bichos, as relações entre fé e razão sempre fizeram parte do debate filosófico espírita, com a criação por Allan Kardec do conceito de fé raciocinada (**Allan Kardec, Obras Póstumas, Primeira Parte.**). Aparentemente são coisas totalmente contraditas. Um ponto de vista conceitual estabelece uma contradição aparentemente insuperável, pois a fé pressupõe convicção e a razão, pressupõe dúvidas; conseqüentemente, então, ambos se contradizem. Como crer e duvidar são coisas opostas por definição, o conceito de fé raciocinada, seria por isso um evidente contra senso, mas para Kardec, esse conceito tem outro argumento construído para negar essa noção: a "fé cega". Nesse sentido, a fé raciocinada seria assim como a fé construída com

fundamentos, a fé fundamentada, mas não como um processo. Ou seja, a fé raciocinada não seria propriamente uma "fé que raciocinada", e sim, uma fé que já raciocinou antes, para se constituir. Esta interpretação consegue parcialmente satisfazer o quadro lógico de separação entre fé e razão: haveria primeiro o movimento de raciocínio e, somente depois, a fé se formaria. Esse ponto de vista, entretanto, ainda, não é satisfatório, sob o prisma Espírita. "Fé inabalável só é a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade". A fé raciocinada precisaria de uma qualidade que a tornasse inabalável, seria não apenas aquela que se constituísse por um movimento de decisão da nossa mente, mas, também, a que se mantivesse dentro de uma racionalidade contínua. A idéia significa que a crença Espírita é basicamente uma fé que admite dúvida e com ela convive, durante todo o tempo. Trata-se, pois, de uma fé aberta, provida ao diálogo, disposta a modificar as próprias opiniões ou o objeto de sua manifestação como crença, desde que satisfeitas às condições do livre exercício da razão. Em contrapartida, a razão Espírita constitui uma dúvida que se baseia na fé, capaz de fazer surgir às dúvidas naturais da racionalidade, sem uma pretensão cética ou cientificista, disposta a admitir a crença e a confiança, naquilo em que a racionalidade ainda não definiu pela verificação e o conhecimento. Arturo quando usamos a razão supomos que existem dúvidas na vida, em todas as coisas, inclusive na fé. No Espiritismo se fundamenta a razão no princípio que somos imperfeitos espiritualmente e como tanto passíveis de falhas, se apenas aceitamos o que nos diz as religiões, dogmas e filosofias não avançariam em direção a Deus, o que faz da jornada espiritual a contínua e necessária possibilidade da mudança. Nem todos os Espíritas na atualidade compreendem o que significa essa dimensão do conceito de fé raciocinada. Quantas vezes imaginam que raciocinar seja o mesmo que racionalizar, ou seja, aceitar apenas o que é identificado pela doutrina, atitude que de modo algum pode ser justificada na proposta de Kardec. Fé raciocinada, portanto, não é o mesmo que fé racionalizada, pois todas as formas de fé podem ser enquadradas neste último tipo. Em Kardec, a fé raciocinada é a fé que permanece em constante contato com a razão, isto é, busca sempre um saber mais amplo, argumenta e se questiona. Para isso, a fé Espírita há de ser permanentemente renovada no diálogo com as diversas formas de conhecimento, interagindo com os saberes científico, filosófico, experimental, espiritual. Os Espíritas, por isso, não podem abandonar em tempo algum a possibilidade do diálogo, não apenas com os

espíritos, pois a partir deles a revelação toma forma de conhecimento em vários segmentos humanos, especialmente o filosófico e o científico. A fé espírita há de ser uma fé em constante atualização, uma fé sempre renovada, sempre reconstruída, ou recairá Arturo, no velho tipo de fé: a fé cega, a que diz ver, mas não quer mudar nada, nem evoluir, nem avançar. Por isso Arturo peço que trabalhe seus conflitos sempre com esta perspectiva, não quero que você se afaste da Casa da Fraternidade, em algum momento explicarei por que. Você pode fazer isso por mim?

Sim Sotero, posso sim.

-Quanto a questões psíquicas, não se preocupe você é saudável mentalmente falando, eu garanto isso. Passou sim por inúmeras dificuldades que precisam de tempo para superar. Quanto às obsessões saiba que é por isso que peço que se mantenha indo a Cada de Fraternidade.

\*\*\*\*\*

Arturo chegou a casa e encontrou a tia sentada na sala lendo a Bíblia, sentou-se ao seu lado e a beijou.

-Tia deve se sentir muito só, não é mesmo?

-Não meu querido, têm muitas coisas boas na minha vida que você nem faz idéia, talvez por eu não fazer exigências demais nem viver em grandes expectativas que você não perceba que sou feliz ao meu modo.

-Conte-me tia, não creio que as percebo. Por que não tem um namorado, alguém com quem dividir a vida?

-Um namorado nunca foi minha prioridade, alias, os que tive não me recomendam a tê-los novamente. Tenho você de quem cuido e amo, tenho a Jesus e as minhas amigas de comunidade católica, por que eu deveria ter mais alguma coisa, se assim sou feliz? Saímos, viajamos, nos reunimos socialmente, dançamos e fazemos muitas coisas saudáveis.

-Tia não sente falta de um marido e de sexo?

-Arturo, não gosto que fale assim.

-Tia, não sou mais o menininho que você carregava no colo e sei tanto quanto você sobre essas coisas. Disse ele rindo e fazendo cócegas nela.

-Pare Arturo, pare, por favor.

-Está bem, mas só se responder o que perguntei.

-Arturo querido, já estou com sessenta e quatro anos, não tenho pretensões de ter um homem que me queira apenas por questão sexual. Não que eu não goste e não sinta às vezes a falta, mas nessa fase da vida os valores se modificam, quero amizade, parceria, companheirismo, amor sem pressa, sem ânsia, em paz e em tranquilidade.

-Entendi tia, acho que hoje aprendi que existem muitas formas de amor. Vou deitar estou cansado.

-Você ainda continua indo à Casa Espírita?

-Fui hoje tia, mas não sei se deveria ir mais.

-Se quiser pode me fazer companhia nas missas de quarta e domingo.

-Está bem tia, vou pensar.

-Arturo, diga-me por que você não tem namorada?

-Faltou-me a oportunidade de encontrar alguém com quem eu tivesse correspondência.

Arturo saiu e Esmeralda ficou pensativa.

-Pena que ainda não tenha conseguido levar meu sobrinho à Igreja, acho que muitas coisas mudariam na vida dele. Essa tristeza, esse isolamento, uma vida social quase por obrigação por compromissos do seu trabalho. Não sei o que fazer. Coitado, também com a vida que teve. Uma mãe irresponsável e um pai ausente. Sorte dele que teve a minha mãe e a mim ao seu lado. Rangel, não sei bem por onde anda e o que faz, mas pouco se pode considerar como pai. De verdade nunca o vi como tal, mas bem que poderia ter assumido de fato a posição que era de Adalberto. Pobre Arturo teve dois pais e não teve nenhum. Que sina desse menino. Por isso não me esforço para levar notícias dele a Rangel. Se ele não me liga não serei eu quem irá lhe ligar. Esmeralda preparou um café e ainda pensando se um dia deveria contar a Arturo sobre o seu verdadeiro pai, mas ela não teve tempo.

## Capítulo 32

Rangel quando resolveu comprar umas terras, pensou em algum lugar perto de São Paulo, mas por indicação de um amigo resolveu ir conhecer uma fazenda em Mato Grosso, estava desocupada e por um preço bem abaixo do valor de mercado, o dono queria apenas passar as terras e logo Rangel soube que a família sofreu um rompimento traumático devido à morte de um dos membros e de um empregado. Ao chegar um dos poucos empregados que ainda estava no local mostrou as terras. Depois de visitar a localidade, Rangel, foi convidado a pernoitar e terminar a visita no dia seguinte. Aceitou.

-Senhorzinho vai querer uma galinhada para o jantar? O Senhor gosta?

-Sim Zefa, gosto sim.

-Mas se o Senhorzinho preferir posso preparar outra coisa.

-Não Zefa, apenas quero jantar e descansar, o que você me servir estará ótimo.

Zefa sorriu.

-Você mora aqui desde quando?

-Desde muito tempo. Eu era mocinha em São Paulo e o Sinhozinho Carlos me convidou para morar aqui. O Senhorzinho Carlos já estava idoso e com netos, depois que ele morreu a fazenda caiu muito, a mulher dele não vinha aqui por nada. Nunca. Tinha más lembranças e medos. Sabe Seu Moço aqui eu me casei e tive meu filho e o perdi, também perdi meu marido, agora sou eu e mais meia dúzia de empregados.

-Como seu filho morreu Zefa?

Os olhos da mulher se encheram de lágrimas e por uns minutos ela permaneceu calada. Foi Augusto, o capataz quem explicou.

-O rapaz morreu de forma estranha seu Rangel, uma doença rápida e fulminante, dizem que foi malefício, da Velha Bruxa. Ninguém sabe ao certo a idade dela, dizem que ela não morre, que vive há muitos e muitos anos por essa região, que odeia a todos desta fazenda.

Zefa saiu com uma panela, foi até o terreiro e Augusto falou.

-Espero que o Senhor não tenha medo de fantasmas.

-Por que Augusto?

-Tem outra coisa que não contei ainda, a fazenda é mal-assombrada. Por aqui vaga um rapaz, que morreu na época dos antigos donos, Dona Santinha e Seu Assis. O rapaz João morreu de morte matada pelo filho deles, e ele ainda vaga pelas cercanias. Chama-se João, era filho de uma antiga empregada da fazenda, a Geralda.

-Não, não tenho medo de fantasmas, nem mesmo acredito neles. Lamento por tudo o que aconteceu aqui, mas na minha vida também aconteceram fatos que muito lamento.

-Dizem que outros fantasmas também vagam por aqui.

Zefa voltou e ouviu as últimas palavras de Augusto.

-O fantasma do João não é do mal, se o fosse o Senhor eu não o temeria Senhor Rangel. Dizem que o João era um bom moço, e que jamais faria mal a alguém, ele morreu tentando defender Sinhazinha de um monstro. Se vive por aqui, ainda, é porque tem algo a cumprir, alguma missão a realizar.

-Desculpe Zefa, mas não falava de João, mas sim dos outros que já foram vistos.

-Bom Augusto, se você me quer longe da fazenda contando esses casos, não deu certo, eu vou comprá-la sim e espero que vocês aceitem continuar trabalhando aqui.

-Senhor Rangel, eu mesmo não queria ir embora, eu nem tenho para onde ir, não tenho mais família. Falou Zefa.

## Capítulo 33

Sotero sentia as energias emanadas por Adalberto, Clovis e Milla, ele era sensitivo e há muito, sabia pelas notícias que os dois últimos vinham em sua perseguição desde que desencarnara. Sabia que havia um terceiro que não identificara e que tinha finalidades atreladas aos dois. Apesar disso, Sotero mantinha a serenidade. Uma noite ele sentiu a presença de Adalberto no seu quarto, sentado ao lado da cama, em uma cadeira de braços acolchoados. Adalberto se perguntava o que fazia ali, quando tantas coisas boas aconteciam pelas ruas, que fervilhantes de entretenimento, de luzes, diversões, prazeres e bares. As ruas eram uma festa, de todos os tipos de diversões, podia-se ver espíritos em milhares, alguns obsessores ou vários associados a um ser encarnado, cada qual em busca de prazeres distintos, desejos ou vícios. As boates, mulheres, drogas, álcool e fumo e ele ali tentando entrar nos campos de energéticos de Sotero, perdendo tudo isso. Sotero deitado fingia dormir, Adalberto tentava ligar sua mente estendendo os seus tentáculos aos seus centros de forças de Sotero, mas tinha dificuldade. Cansado das tentativas frustradas, adormeceu. Sonhou. Caminhava por uma estrada quando viu um ermitão vestindo um roupão marrom amarrado por uma corda à cintura com um cajado maior do que ele, e o seguia calmo e sem pressa. Adalberto acelerava os passos para se afastar do monge, mas ele com a cabeça encoberta por um capuz estava sempre à mesma distância dele desde o início da caminhada. Adalberto correu e o monge parecia flutuar e permanecia a poucos passos dele. Cansado de fugir do monge ele caiu e logo se viu sobre uma cadeira de braços almofadada, o monge se aproximou e suspendeu o capuz.

-Você, Sotero?

-Sim, eu sim e sei quem é você. Adalberto.

-Você me persegue por que seu pederasta? Gritou Adalberto.

-Eu pederasta? Você atirando pedras Adalberto? Logo você que tem tantas dívidas com a vida. Que matou, estuprou e causou seguidos males a

você e a todos a sua volta. Você atira pedras Adalberto? No que você é melhor do que eu?

-Eu sou tudo isso, mas não sou homossexual. Sou homem, macho, gosto de mulheres.

-Que bom seria se soubéssemos respeitá-las e amá-las. Sou um homem que algum tempo precisou de outros, mas agora me deixo descalço, dispo de tudo e caminho em busca de respostas. Minha vida Adalberto é limpa, honesta, ética, e a sua? Você vive um momento difícil e cada dia mais se denigre e se afunda na lama do mal, agora associados a dois que o incentivam, mas que após o usarem o deixarão ao léu.

-Não tente me jogar contra meus amigos.

-Amigos? Quem são seus amigos de fato? Quando você teve amigos? Nem em vida nem agora. Está na hora de rever seus conceitos, deixar de lado seu machismo e tomar caminhos melhores que o transformarão em alguém de verdade. O sexo sem regras o está destruído, assim como as drogas, a resistência às mudanças e a persistência no mal começam a transformar a sua estrutura molecular. Veja seus olhos, inchados e insuflados, injetados. Veja sua pele começando a escamar e a coloração roxo-esverdeada. Esse ferimento na cabeça infestado de insetos e bichos. Em pouco tempo você será uma coisa monstruosa e disforme, está se destruindo e transformando sua trajetória em algo que poderá levar uma eternidade para se ajustar de novo.

-Você tenta me assustar com esse palavreado e esse falatório, mas eu tenho as minhas defesas.

-Quais defesas são essas? Se a cada momento a operação de transformação acontece em você. Olhe-se. Mire-se ali no espelho.

Adalberto olhou. Emitiu um grito, e viu-se rapidamente transportado em meio a nuvens espessas e escuras, mal cheirosas empurrado por um vendaval até aos pés de Clovis e Milla, sufocado e sem fala.

Quando retornou a si, falava sem parar e dizia que não mais seguiria Sotero.

-Aquele homem tem pacto com o Diabo, ele me fez parecer um monstro, encheu-me de escamas, vermes e feridas.

-Você está normal Adalberto, mas explique como veio parar aqui, assim?

-Eu estava vigiando o Sotero e adormeci, quando o vi em sonho vestido de monge e ele me disse que eu estava condenado a me tornar um ser

monstruoso. Eu me vi, então, com feridas de onde brotavam vermes, minha pele estava enrugada e fétida.

-Foi só um sonho Adalberto, você se sugestionou com alguma coisa. Falou Milla.

-Por isso não quero mais dormir. Disse Clovis. Adalberto, nem tudo são más notícias, o Rangel apareceu aqui, do nada, comprou a fazenda da Casa de Pedra, exatamente como me disse a Velha Bruxa. Agora temos os dois sob nossa mira, você vai voltar e atacar os centros nervosos do Sotero.

-Eu não volto mais lá. Não volto.

-Mas não estrague nossos planos, não agora, quando tudo acontece de bom.

-Clovis, eu não volto mais a assediá-lo aquele homem, ele me arrepiava.

-Está certo então vai você Milla.

\*\*\*\*\*

Milla passou a acompanhar Sotero, mas não se sentia a vontade para executar as ordens de Clovis, mesmo sabendo ser ele o homem que a traiu. O velho Romanus, o velho comparsa de vidas passadas, o homem que um dia ela amou. De início ela apenas observava tudo em volta dele, o apartamento grande demais para um homem só, as rotinas e gostos. Pensava por que ele decidira estar só. Durante o tempo em que esteve ali com ele nunca o virá com ninguém que pudesse dizer que tivesse uma relação amorosa. Durante o dia ele recebia alguns alunos. Lia, pintava e assistia a programas sobre artes e músicas. Tinha uma vida pacata e culta, amava as artes e vivia em meio delas. Um dia ele meditava e ela viu seu corpo ganhar luz e emanar um círculo colorido e que se estendia à medida que mais ele se concentrava. Ela intrigada

apenas se extasiava, até que o viu sair do corpo físico e pairar sobre si. O corpo físico e o espiritual estavam ligados por um fio brilhante e isso durou apenas poucos minutos, depois voltaram a se unir e Milla mesmo assombrada gostou de estar ali, sabia que Romanus ou Sotero, como era chamado agora, não era uma pessoa má. Sentia que ele tinha uma vida útil, proveitosa, e diferente da anterior, apenas se questionava como teria acontecido aquela mudança de comportamento. O que teria acontecido para que ele fosse esse homem diferente? Sentiu que a sua própria vida, sim, estava sendo mal usada e então lágrimas desceram por suas faces.

À noite Sotero, depois de terminar a última aula, foi dormir e Milla ficou sentada ao seu lado. A velha chama da paixão foi tomando seu coração e ela decidiu deitar-se ao lado dele. Colocou os braços sobre o corpo dele. Sentia-se feliz assim e adormeceu. Sonhou que estava num local presa, gritava e as grades a impediam de sair, homens de branco e com enormes seringas a espetavam e a faziam engolir um grande quantidade de comprimidos. Caía e rolava presa em camisas de forças, depois outro homem vinha com aparelhos e fios emitindo descargas elétricas, a luz azul que espocavam raios, iluminava o quarto e ela se debatia e se arrastava para fugir. Um homem atravessou a porta e com um gesto de mão afastou o enfermeiro e se ajoelhou sobre ela, e desfez os nós da roupa que a prendia. A pôs nos braços e caminhou pelos corredores escuros em busca de um portal de luz, depois de atravessá-lo, estavam num jardim com muitos tipos de flores e pássaros, pequenos lagos e cascatas emanando sons e cores que eram bálsamo e alegria. O homem era Sotero e a apresentou a três outras pessoas, duas mulheres e um homem: Adalgisa, Santinha e Álvaro. Você gosta daqui? Perguntou Santinha.

-Sim aqui é o Paraíso Dona Santinha? É aqui que a Senhora vive?

-Não chega a ser o Paraíso, mas para quem vem de uma existência como a sua pode ser sim. Quer ficar conosco?

-Sim quero. É tudo muito vivo e lindo, onde estou?

-Depois falamos sobre isso, mas temos uma surpresa. Você gosta de músicas?

-Sim, gosto muito.

-Então ouça.

Um violino passou a emitir seu som mágico, que encantava e enternecia, a suavidade e sonoridade calaram a todos e a tudo, por minutos o som veio se

aproximando em contraste ao som abafado da voz de Milla que disse comovida:  
Pai.

\*\*\*\*\*

Clovis pegou Adalberto e foram para a fazenda, queria ver gente e encontrar João, não sabia por que, mas o tinha alguma consideração por ele e queria aprender algumas coisas que via que ele dominava. Quando João morreu, desapareceu por uns tempos, e Clovis sentiu sua falta sim. Até que um dia sem mais nem menos, ele reapareceu. Estava diferente em alguma coisa, chegou com o mesmo sorriso e alegria, deu-lhe um susto e brincou com a nova situação.

-Olha seu Clovis, agora somos todos espíritos.

Aquela forma de brincar com sua aparente desgraça surpreendia a todos e essa sua maneira descontraída e feliz os cativavam.

-João, cadê você, por que some e permanece por tempo longe? Quero te ver. Gritou ele Clovis. Apareça João.

-Vixe homem, por que grita assim? Parece desembestado.

-Não me assuste assim João, por que você sempre aparece assim por de trás? Acha engraçado assustar os outros?

-Olha Seu Clovis, não vou dizer que não gosto de ver sua cara assustada. Riu João numa boa gargalhada.

-Está certo João, não vou me zangar com você, mas me diga onde você anda quando não está aqui?

-Sabe Seu Clovis, eu ando pelos céus. Na casa de Deus tem muitas moradas, e eu tenho muitas missões para cumprir ainda.

-Mas, que missões são essas?

-Ajudar, apenas ajudar.

-Você pode explicar o que se passa com esse meu amigo, o Adalberto? Conte a ele Adalberto, o que aconteceu na casa do Sotero.

Adalberto narrou tudo o que sucedeu. Ao final, mais uma vez João soltou uma sonora gargalhada e disse.

-Sabe seu Clovis, esse seu Sotero fez poucas e boas no passado, mas agora está diferente, é outro ser, evoluiu, aprendeu com os erros do passado. Vocês não mudam, continuam os mesmos. Ele é igualzinho a mim. Disse João ainda rindo.

-Mas do que você tanto ri rapaz?

-Rio porque vejo que esse seu amigo quase foi pego pelo Seu Sotero e vejo que mais alguém está prestes a sucumbir as suas ações do bem.

-Milla?

-Sim Seu Clovis, sim a Senhorinha Milla há essa hora está nos braços do pai e encaminhada pelo Seu Sotero à Colônia Estrela azul, acho que nunca mais, ou tão cedo vocês a verão.

-Não pode ser Milla. Ela não me deixaria, ela não faria isso.

-Pois fez sim Senhor e não foi assim do nada, a minha madrinha Santinha já vinha trabalhando com ela há anos. Foi por causa dela que eu fiquei, mas eu estou feliz, salvei duas pessoinhas boas e que logo meu Pai Jesus colocará em minhas contas. Assim mesmo escrevinhado: Dois créditos para João. E ele ria feliz.

-Infeliz, você morre e ri, esqueceu que morreu e ainda mais daquela maneira?

-As maneiras pelas quais morremos não são importantes Seu Clovis. Nem mesmo senti dor. Sabia que estava sendo usado por uma causa boa e justa. Quem sabe o que eu fiz no passado àqueles dois? Ao Seu Ramon e a Dona Lucinda. Deus é justo e não me colocaria naquela situação desnecessariamente. Foi um teste. Eu poderia fugir, esquivar-me, acovardar-me e seguir com meus deméritos ou agir e ajudar.

-Eu não disse que aquele homem tem poderes? Por isso não quero mais voltar a assediá-lo. Falou Adalberto.

-Olha Seu Moço, se eu fosse você sairia dessa enrascada que cada vez mais o consome, a cada dia mais e mais débitos vão se acrescentando ao seu caderninho. Se saírem por livre e espontânea vontade, por sentimentos terão uma vida melhor e menos severa, mas vocês só pensam em fazer mal, e pior, o mal pelo mal.

-Como assim pretinho.

-Seu Clovis eu sou pretinho sim, e nem por isso me acanhei pela minha cor, a alvura não está na pele. Vocês são brancos, mas só vejo vocês falarem em vinganças e dar troco. Vão viver assim por quanto tempo? Vocês acham que podem fazer essas estripulias eternamente sem tomarem uma boa duma lição? Não é assim não, para cada coisa que fizerem receberão outra em troca, talvez não logo, mas pode acreditar Seu Moço, cada centavo estará registrado nas suas contas.

Adalberto ensimesmado como o que vivera, recebia agora mais uma dose de apreensão, vinda nas palavras simples, mas firmes e seguras de João.

## Capítulo 34

Rangel quando acordou sentiu um júbilo intenso por decidir comprar a fazenda. Não sabia por que, mas sentia que ela traria um mundo de coisas a aprender e que seria o local referencial de muitos acontecimentos importantes. Quando vendeu o sítio dos seus pais foi por desejo de algo maior, queria terras com extensões maiores, onde pudesse cavalgar por horas, livre e sem as amarras da vida.

Depois do café de Zefa, ele feliz foi ao terreiro e pegou um dos cavalos galopou sem rumo. Estava satisfeito com o negócio galopou pelas terras que agora eram suas.

Clovis acompanhou o seu galopar.

-É você Hermes, eu sei que é você, safado miserável, que junto com Romanus estragou a minha vida. Falou Clovis, o observando de longe.

-Seu Clovis, quem estragou a sua vida foi o Senhor mesmo, falou João aparecendo de surpresa.

-Seu atrevido, mas quanto abuso, não sei como lhe permito isso.

-Eu sou o que o Senhor quer ouvir e não sabe. Se quiser me chame de sua consciência e não de João. Disse ele rindo como sempre.

-Mas é o Hermes sim, bem que a velha feiticeira disse que era para eu esperar por ele, que viria ter a mim.

-Mas esse é o Rangel, não Hermes. Disse Adalberto, mas seja lá quem for temos muitas contas a acertar. Pobre dele em nossas mãos.

-Pobre de vocês digo eu. Pobres infelizes. Pai perdoe-nos, eles não sabem o que dizem. Falou João ajoelhando.

-Esse homem é um pederasta, um afeminado e assassino. Falou Clovis

-Esse homem é um homem em busca de corrigir sua evolução. Rebateu João. Não julgue ninguém para que não seja julgado. Será que vocês são flores de candura e perfeição? Fale com toda sinceridade? Não se julga ninguém.

Que atire a primeira pedra o que não tiver em pecado, e muito menos sem sabermos o passado e as causas que levaram a cada um ser o que é. Rangel foi homossexual em encarnação passada, e nessa foi casado. Sotero também sublimou sua sexualidade em prol das artes e do trabalho com os doentes psiquiátricos.

-Mas ele passou para o meu filho a mesma doença dele. Disse Adalberto.

-Um filho que você desprezou e a quem ele deu acolhimento e um teto, deu um nome, educação. Carinho talvez não, mas foi mais pai do que você.

Adalberto diante da força dos argumentos se calou por instante. Depois rebateu e voltou ao ataque falando da condição sexual do seu filho Arturo.

João transfigurado, envolto em luz, tomou a palavra e disse.

-Deus impõe a encarnação para nos fazer chegar à perfeição. Para uns parece expiação, para outros uma missão, uma oportunidade, mas para alcançamos essa perfeição temos que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal, nisto é que está a força e o poder da expiação. Ainda outras finalidades trazem a encarnação: a de pôr o Espírito em situação de suportar a parte que lhe tocar na obra da criação. Para executá-la é que, Espíritos usam instrumentos diversos, de acordo com o mundo em que habitam, se harmonizando e se ajustando com a matéria essencial que constituiu esse mundo, a fim de cumprir naquelas circunstâncias os desígnios de Deus. A ação dos seres é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria quis, nessa mesma ação, que eles encontrassem um meio de avançar e de se aproximar dele, assim por uma bela lei, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza. Aquele a quem condenamos, é nossa parte e somos nós também parte dele, pois somos parte de um mesmo Deus, de um Deus único. Logo, perante este cenário não será em uma ou em duas encarnações que se dirá ser essa ou aquela a condição de alguém. Não terá escolhido este ou aquele espírito, este modo de ser para por ele poder sanar abusos de um passado? Não teriam sido eles os que também criticavam com repugnância e violência os fatos que hoje vivenciam? Não seriam eles os que maltratavam, violentavam e desrespeitavam as mulheres? Não entendeis, então que o sexo depende da disposição de dois, onde há simpatia e afeição, baseados na concordância dos sentimentos, há amor. Se os espíritos no caso dos homossexuais são seres que estando em sintonia de sentimentos e vontades, não pode haver amor entre eles? Não estão eles em concordância? Apesar de muitas vezes estarem em desarmonia com os corpos que trouxeram, apesar de estarem num corpo

encarnados são espíritos sujeitos a evolução. Ao espírito cabe cumprir a progressão evolutiva em tudo. Em cada sexo, em cada posição social, em cada atividade escolhida para lhes proporcionar provações e deveres especiais e, com isso ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.

Após o que eu disse, Senhor Adalberto, onde está escrito que se pode condenar ou julgar alguém por essa ou aquela condição?

A escolha é livre e o arbítrio também, pois então que cada um cumpra o que foi escolhido, mesmo que isso atrase seu caminho. Saiba que Deus ao fim estará sempre a esperar por nós. Assim vocês, que moral maior que eles têm para julgar? Estes irmãos também têm direito à sua livre escolha, às suas opções de evolução, o importante é sim, os seus valores de amor e respeito pelo próximo, o bem que produzirem perante seus semelhantes, a cota de contribuição ao avanço de si próprio e dos seus semelhantes, do mundo e do Universo.

O que eu pergunto é: afeta a vocês em que estes irmãos amarem outros do mesmo sexo?

Entendam que o importante é que eles na sua marcha, assim como nós, se façam espíritos moralizados, éticos, pacíficos, que se libertem de egoísmo e do orgulho que destrói as relações e a sociedade. Preocupem-se consigo, com as suas evoluções, pelo respeito dos seus valores. Aquele que abandona o filho e recusa a esposa, que a Providência Divina lhe pôs no caminho, é melhor que um homem que ama o outro do mesmo sexo? Um homem que gera filhos e que usa a violência, que ofende as pessoas, a humanidade é melhor em que a eles? O que importa é o amor que une os seres. As pessoas não são boas ou más porque são homossexuais ou heterossexuais, católicas, Espíritas ou evangélicas. Deus não disse: “Separarei de ti aquele que sendo homossexual seja de ti diferente. Deus não disse construam igrejas e religiões e em meu nome façam ser julgados os que de ti sejam desiguais e te causem antipatias”.

Rangel apeou o cavalo e entrou na casa de pedra, se achegou sem ver o grupo, sem saber que era ele o alvo de atenções, de julgamentos, de exemplo probo e contrariamente de ódio também.

\*\*\*\*\*

Clovis, mesmo surpreendido e admirado pelos acontecimentos que envolveram João, não se deu por vencido e nem deu o braço a torcer, era decidido e convicto de suas posições: Atingir Sotero e Rangel. Só não sabia que seria tão difícil cumprir seus intentos. Parecia que Sotero e Rangel dispunham de algum tipo de proteção, pois sempre acontecia algo ao favor deles que o impedia de avançar do modo que desejava nos seus intentos de vingança. Pensando assim Clovis decidiu que Adalberto ficaria na fazenda e dificultaria a vida de Rangel de todas as maneiras possíveis e ele por sua vez seguiria em busca de Arturo, que era o ponto mais frágil e por isso mais fácil de atingir, e o atingindo atingiria tanto a Rangel como a Sotero de uma única vez. Sorriu malicioso por ser tão esperto e sagaz e embora aliados ele nada disse a Adalberto sobre esse seu intento.

## Capítulo 35

Anita estava indisposta, sentou-se na varanda do apartamento e procurou rever sua vida, fez uma retrospectiva e concluiu que a vivia de forma incompleta, muito ativa sim, mas em certos aspectos insípida e frustrante. As amigas do hospital caçoavam dela por não ter uma vida mais socializada, participativas nos encontros e eventos promovidos. Estranhavam o fato dela sempre ter uma desculpa para fugir ao convívio social, também dizia que ela estava seriamente ameaçada de se tornar “titia”, e de uns tempos isso começou a incomodá-la de modo a se questionar. Não se achava uma mulher feia, pelo contrário, recebia muitos convites e galanteios dos rapazes, então por que nunca se sentiu atraída por alguém, ou na obrigação de ter um relacionamento afetivo? Por que jamais em sua cabeça passou a idéia de ter um namorado, de amar, de se casar? Ela mesma não sabia a resposta.

Intrigada consigo observou a cidade do alto do seu prédio, foi a cozinha e pegou um sanduiche, sentou-se na varanda e folheou uma revista que ganhara no hospital. Abriu ao acaso, o texto falava sobre como o espírito encarnado concentra energias eternas no nível superior da sua estrutura, energias essas que se distribuem pelos sistemas, mental, intelectual e psíquico, repercutindo no corpo humano nas nossas incessantes encarnações, essas energias que são caracterizadas como nossos egos ou nossas personalidades. Nossas personalidades são características do que fomos na encarnação passada ou no conjunto de encarnações, vemos que, exceções para os seres que pelo caráter de sua evolução ficaram por um tempo muito grande em trabalhos edificantes e missões de grandes importâncias em instâncias superiores, durante esses períodos vamos modificando matéria psíquica, e podemos retornar em condições diferentes da última que tínhamos em encarnação na Terra. Exemplificam-se as crianças, dotadas de conhecimentos que assombram por suas habilidades ou qualidades de execução, no campo da música, das letras e das artes, magníficos matemáticos, mentes portentosas, criativas e geniais, são exemplos do que citados, já chegaram portadores destes dons, dessas qualidades.

Características mentais, superiores e inferiores não se alterarão na maioria dos casos, esteja o Espírito vestindo roupagem física masculina ou feminina. Por outras palavras: virtudes ou defeitos não sofrem variações em função do sexo a que pertença o ser agora encarnado. A energia que interfere sim de modo significativo no corpo existencial é a da força sexual quando o Espírito vem encarnado com o sexo oposto ao da última encarnação.

Quando no limite da evolução terrena, os Espíritos já não sofrem essas influências, não apresentam tais mudanças expressivas de características, se homem ou mulher, porque neles é completo o domínio das tendências, com isso restando e direcionando as altas fontes energéticas sexuais para obras criativas, invariavelmente de benefícios ao próximo. Esses seres devido a sua evolução avançada e o conhecimento de suas condições humanas e dos planos de Deus superam essas condições adquiridas e sublimam a força sexual em amor elevado ou fraterno, orientados para a ajuda ao próximo e a aceleração de suas missões de saída das rodas das encarnações. Estes são seres, espíritos que deram suas existências em prol do amor maior, universal: Irmã Dulce, Madre Teresa, Chico Xavier. São Francisco de Assis, dizia, “Não que eu não sinta o sexo atuar em mim, a me chamar, o que me diferencia é que eu transcendo sua energia e faço do seu chamado uma sublimação”. O sexo essencialmente define as qualidades acumuladas pelo indivíduo, no campo mental e comportamental, assim homens e mulheres se demoram séculos e séculos no campo evolutivo próprio em que situam suas tendências, masculinas ou femininas. A natureza se opõe a polarização sexual definida pelos indivíduos, ou seja, que ele queira ser eternamente homem ou mulher, e isso se passa quando por algum motivo ou necessidade da espiritualidade o Espírito se detenha por considerável tempo de experiências num dos sexos e tenha que vir em um campo oposto. Se o encarnado vem como mulher e viveu diversas encarnações em corpos masculinos, estará seu espírito, seu psique, seus registros perispirituais impregnados do modo masculino de ser, e assim vice versa. Isso é uma situação que se impõe, mas que não é definitiva nem absoluta uma referência para as situações de homossexualidade, pois, o Espírito tem sim, o arbítrio, a força e a capacidade de transmutar qualquer condição inerente a si. O Espírito tem sim, a favor de si, a vontade, ele tem ascendência sobre a carne e sobre ela criar domínio e decidi. A consciência doada ao homem é dividida em inteligência e livre-arbítrio, todos os espíritos veem a terra ou a outros mundos com uma programação de vida a cumprir e

desempenhos definidos, mas, quando submetidos pelas condições citadas de repetidas encarnações em um dos sexos, e estando envolvidos ainda pelas circunstâncias, em que se apresentam diante de si pode sucumbir nas suas atribuições, tomando rumos que não foram os propostos e combinados. Assim pelos registros de muitas vidas em uma condição de homem, ao se ver num corpo feminino, ou vice-versa, não aceitar essa nova condição. Pelo livre-arbítrio pode decidir optar pelo que sugere os seus registros impregnados na alma, usando os seus desejos de força sexual para uma ou outra orientação, e inadvertidamente, muitas vezes, descumprindo os papéis e as missões a que se propuseram. De forma lógica advêm em atraso no seu avanço evolutivo, enfim, a decisão sempre é do Espírito.

Há casos que inversões de encarnações ocorrem quando as opções de encarnar opostamente advêm por fatores naturais, quando por algum motivo é necessário que homens venham como filhas, mãe ou irmãs, ou inversamente mulheres, como pai, filho ou irmãos, e depois de encarnado aconteça a polarização. Acontecem, também, casos nos quais será útil ao Espírito renascer compulsoriamente em campo sexual oposto àquele em que esteja devido a abusos, excessos e desregramentos. Quando o nascimento de criaturas com inversão sexual seja conjectura da espiritualidade, na maioria dos casos é pendência expiatória. Por exemplo, com pessoas que tiranizaram o sexo oposto. O homem que se prevalecendo de sua superioridade física, econômica, abusa e sonega direitos à mulher, passando a devedor perante a Lei da Vida. A ele a sua consciência, cedo ou tarde o alertará, então, quando isso ocorrer voluntária ou compulsoriamente será conduzido pela Justiça Divina a reencarnar em corpo feminino, mantendo matrizes psíquicas da masculinidade, e estará extremamente desconfortável num corpo feminino, para assim aprender o respeito devido à mulher, seja mãe, irmã, filha ou companheira. Identicamente sucederá à mulher que, utilizando seus encantos e condições femininas de atração, arrastou homens ao desvairo, à perdição, ao abandono da família, tendo que reencarnar como homem, embora suas tendências sejam declaradamente femininas. Nessa condição, os que dão livre exercício às mesmas tendências, cometem repetidos delitos. Considerando que esses Espíritos se encontram em provação de desenvolvimento de resistências à má inclinação, ou, em expiação de resgate de faltas passadas, seu mau procedimento agrava mais o seu carma. Quantas vezes definimos que viríamos homens ou mulheres, e por motivos diversos modificamos o combinado. Não

estamos causando a Deus nenhuma desaprovação, apenas estamos causando dificuldades a nós mesmos. Atrasos, escapes, manipulações, são artifícios dos que não estão decididos ainda. Por outro lado essas opções poderão ser uma busca de felicidade, talvez em muitas das vezes apenas uma ilusão, se esse for o motivo e se trazer aos nossos corações felicidade que sigamos, mas se trazer aflições e culpa, não nos enganemos então.

Não é sem razão que Divaldo Franco e Chico Xavier, médiuns dedicados, com larga experiência no trato do Espiritismo, consideram que a opção do espírito pelo homossexualismo na maioria das vezes será para ele um gerador de conflitos e angústias.

Anita incomodada voltou a reler o texto desta vez mais atentamente, perturbada ainda, foi para o quarto e tentou dormir, não conseguiu, pegou o telefone e ligou para Sara.

-Boa noite Sara, incomodo?

-Não, eu estava estudando alemão, minha empresa tem muitos negócios comerciais com laboratórios e indústrias alemãs, sou eu o principal contato, mas busco me aperfeiçoar sempre, mas você não me incomoda nunca.

-Obrigada, só isso já me deixou mais alegre.

-Estava triste por quê?

-Algumas coisas, uma noite mal inspirada, algumas amigas caçoaram hoje de mim porque falo muito sobre você. Normalmente sempre levo na esportiva, mas hoje, de algum modo isso me feriu.

-Você é muito sensível e incomodada com a opinião alheia, eu não.

-É tenho pensado muito sobre isso tudo, e acho que a vida sob a tutela de minha mãe é o que mais pesa. Ela não sabe respeitar o meu espaço e as minhas opiniões, me trata como se ainda fosse uma criança. Acho que isso me deixa sempre na defensiva e sem forças para tomar atitudes contra ela e isso se reflete em todas as circunstâncias de minha vida.

-Eu percebo isso, mas nunca quis dar opinião, nestes casos de mães e filhos sempre há mais do que nós vemos.

-Como assim?

-Creio como Espírita que são relações anteriores, de vidas passadas.

-Que coincidências Sara, agora a pouco li um texto sobre sexualidade, era um texto Espírita, embora o meu pai tenha me ensinado sobre o

Espiritismo, eu tenho medo de lidar com essas coisas, não me sinto a vontade. Às vezes tenho desejo de conhecer mais.

-Quer conversar sobre isso?

-Quero, minha mãe agora só vive na casa de minha tia. Hoje mesmo vai dormir lá.

-Venha dormir aqui então. Eu a espero.

Anita estava cansada da vida que levava. Queria se realizar como um indivíduo singular, enfrentar e aceitar a liberdade sozinha, conhecer o mundo por si, enfrentar a vida e se sentir autoconfiante. Sempre foi tutorada pela mãe e queria como condições de existência estar com outros sem cobranças, amando-se e amando de uma forma suave, sem peso, respeitando as diferenças, assim formando um laço com harmonia plena e beleza. Estava cansada da vida que levava, embora amasse a mãe, ela nunca respeitou suas posições, seu espaço, sua privacidade. Depois que o seu pai morreu, a sua mãe piorou no seu controle e interferências. Ela sempre a importunou com a tentativa de lhe arrumar um bom casamento. A insistência em selar um compromisso dela com o primo Alencar a estava desgastando, porém não tinha coragem de assumir uma saída de casa. Temia pela saúde de sua mãe, e deixá-la idosa a sua sorte não seria leal. Sentia-se, também, insegura por ter que viver só, mas desejava que algo de milagroso ocorresse e que fizesse as coisas acontecerem para ela.

Bernardo o seu pai, era metalúrgico e morreu aos quarenta anos, quando Anita ainda era uma menina, mas as lembranças preenchiam sua vida pela força do carinho, da amizade e da cumplicidade que ele lhe dedicava. Do homem sem letras, sem grandes estudos, surgiram os mais belos momentos que Anita tinha lembranças. Ele esquecia as horas de atividade cansativa e desgastante quando chegava em casa. O sorriso o precedia, o abraço era longo e carregado sempre de emoção. Aos finais de semana sempre pegava o seu carrinho antigo e bem preservado e iam aos arredores da cidade. Aos locais de atrativos, de cultura, tomar sol, correrem, jogar. Aos parques, as praças aos museus. Ele tinha uma sensibilidade apurada para a cultura e pelos os grandes artistas. Admirava vivamente as pinturas, as obras modernas ou antigas. Os seus olhos brilhavam e avaliava a estética, cada detalhe, cada lance de cor. Viviam felizes e a vida era rosa e azul, ele zelava pela família, pela casa, e sempre deixava claro sua opção pelos estudos e motivações da filha. Muitas

vezes assustava Albertina, com as predições de futuro, as recomendações quanto à guarda e a manutenção dos estudos de Anita.

-Albertina, minha mulher, às vezes acho que não viverei o suficiente para ver minha filha formada, mas se eu me for antes de ti, cuide de Anita, zele para que ela tenha toda as necessidades de estudo cumpridas, para isso estou juntando, desde o nascimento dela, essa poupança, para ser destinada exclusivamente a esse propósito.

Albertina intimamente sentia um tanto de ciúmes devido aos excessos de zelo de Bernardo para com a filha, observava distante o carinho e o apego dos dois. Às vezes se sentia excluída daquela relação única. Quando ele morreu a vida ganhou novas direções, Anita sentiu a falta intensa do pai, a proporção aumentada devido à diferença no tratamento dispensado pela mãe. A relação fria e distante, os cuidados obrigatórios sem as demonstrações de amor. Os anos carregados pelas lembranças do pai calaram na sua alma e deixaram um gosto amargo de saudade, um grito preso na sua garganta. Assim as duas conviveram por todos esses anos sem um laço estreito de ternura.

Quanto a Sara, diferente de Anita, sempre foi independente e livre, não vivia buscando conceber um relacionamento amoroso com alguém, mas naturalmente sentiu por Anita o surgimento de laços energéticos que conectavam os corpos físicos e os sutis, como se elas se conhecessem há muito tempo. Eram falantes, não tinham mistérios nem segredos entre si, gostavam e queriam estar perto uma da outra, estabelecendo uma convivência cada vez mais próxima, mais firme, de laços estáveis e sinceros. Entre elas vinha em primeiro lugar o desejo da companhia, a intenção de se completarem como pessoas, a interação entre duas almas afinizadas, a sintonia fina, a sensibilidade de um querer sem anseios sexuais.

\*\*\*\*\*

Alencar somente tinha pensamentos para a prima e tê-la passou a ser uma obsessão, tentou orar e seu pensar invariavelmente se voltava para ela, não encontrava força para lutar contra aquela paixão que o queimava e aprisionava a sua alma. Ajoelhou-se e orou pediu força e prometeu maior devoção a Deus se a tivesse como esposa. Pela manhã saiu e foi ter com a tia e resolveram que afastariam Anita de Sara a qualquer preço. Ele sabia que Sara possuía uma irmã filiada à congregação e resolveu que se faria amigo dela com a presunção de usar essa amizade como forma de tirar informações que pudessem usar contra a moça.

Assim foi feito ele se aproximou de Helena com o fito de torná-la mais útil nas funções sociais da igreja. Ela de bom grado aceitou a oferta. Dedicada e solícita, logo, angariou simpatias e ele mais a estimulou a participar. Logo se tornaram amigos e íntimos a ponto dele saber praticamente tudo sobre Helena e frequentar a casa e conhecer a família dela. Os parentes da moça imaginavam que Alencar estava interessado nela como namorada e incentivavam o relacionamento. Por vezes, ela chegou, também, a imaginar isso, embora, nunca o vira com esse olhar de interesse, com o passar do tempo e o estímulo dos pais, começou a brotar em seu coração uma semente de amor.

Alencar percebeu esse sentimento se manifestando por parte da moça e o incentivou, a queria totalmente confiante no seu amor e assim poder tirar dela as informações que desejava. E isso em pouco tempo foi possível.

-Helena, e a sua irmã Sara? Nunca a vi por aqui em sua casa.

-Sim Alencar, tenho sim uma irmã mais nova, uma moça boa e trabalhadeira, que desde cedo se atirou à vida e logo tinha uma condição de morar só.

-E vocês se dão bem?

-Sim relativamente bem, mas não nos vemos muito, porém nos damos bem sim. Aliás, a última vez que eu a vi, foi na igreja.

-Lembro sim, a moça que estava com a minha prima Anita. Vocês professam as mesmas idéias sobre a vida?

-Como assim?

-Eu digo sobre namoro, sexo, vida em comum.

-Sabe Alencar, hoje acredito que possamos conversar sem restrições, embora seja um assunto delicado e tabu em minha casa, eu acredito que temos

confiança mútua, sendo você um amigo a que devoto estima, acho que posso lhe confiar alguns detalhes mais particulares sobre isso. Sara é homossexual e eu não aprovo essa forma de viver, amo minha irmã, mas já discutimos sobre isso muitas vezes, e coloquei minhas posições e como encaro esse assunto de maneira distinta da dela.

-Também não aprovo para mim isso é pecado, a livre expressão sexual abre as portas para as muitas aberrações. É uma afronta à família. Nós amamos os homossexuais porque são nossos irmãos, mas não amamos a homossexualidade. Temos um grande combate a enfrentar entre a luz e as trevas. A Terra está se transformando mais uma vez numa Sodoma e Gomorra. A liberalidade excessiva abrirá as portas do inferno, afirmou Alencar.

-Desculpe Alencar, nunca o vi falando assim. Uma postura de intolerância, exagerada. Eu não disse que via a minha irmã dessa maneira preconceituosa. Você que prega o amor ao próximo, é o primeiro a discriminar e enxergar pecados. Que amor é esse? O amor que fere, que pune, que julga? Isso não é amor Alencar, isso é preconceito. Sara é uma pessoa digna. Se a sua igreja encara o homossexualismo como pecado então tudo bem, mas que os deixem serem livres, ao menos para pagarem pelos seus próprios pecados, se assim o julga. Jesus ama a todos, e se os homossexuais fossem os únicos pecadores da face da terra, ainda sim ele, Jesus viria e morreria por eles.

-Você disse que desaprovava a condição dela.

-Disse que desaprovava, não que discriminava, que procedia como um julgador de cutelo à mão. Religião é sentimento. A Ciência não explica as tragédias humanas, nem os anseios do espírito humano, enquanto o ser humano questionar a existência, seus sucessos e fracassos na vida, a religião terá seu lugar na sociedade. A religião, ainda que abra mão de Deus, jamais acabará, dizia, um filósofo e teólogo alemão, e eu concordo com ele, e tem mais Alencar, as igrejas estão mais abertas hoje, há pastores que lutam pelo ser humano em primeiro lugar, em primeiro plano está o homem, a vida. Pastores que defendem seus semelhantes, não se importando se ele é gay, lésbica, travesti transexual e bissexual, que os chamam a frequentarem as suas igrejas, religião sem amor é intolerância. Hoje vemos a intolerância a grassar, a transformar o mundo num campo de batalhas. Não é isso que Deus deseja. Vemos nossos irmãos tombarem, porque professam religiões diferentes das nossas, vemos tombar sem vida ao chão nossos irmãos homossexuais, quer seja porque foram assassinados, seja porque tiraram a própria vida impedido

que pudessem se conhecerem, seja pela família, seja pelas igrejas, seja por outros seres humanos, homens que usam a religião como você dando uma interpretação perversa das escrituras cristãs. Amo minha irmã Alencar e não importa o que ela seja. Se ela ama a outra mulher que seja respeitada a escolha dela.

-Não é um condição natural, não é da natureza humana amar sexualmente um ser do mesmo gênero. Tentou argumentar, ainda Alencar.

-Você fala como os meus pais. Foi por isso que a minha irmã saiu de casa, não aguentava mais tantas críticas, insinuações, olhares de reprovação. Sempre coloquei para meus pais, que Sara é uma boa filha, zelosa, acolhedora, cuidadosa. Quis mostrar que amar sexualmente, alguém do mesmo sexo é mais do que isso. Há amor sim, de todas as qualidades, não apenas sexual nesta situação. Se há amor que bom, que lindo. Não sei o que acontece na alma de minha irmã para julgá-la. De verdade, nunca soubemos nada, tudo são aparências, suposições, mexericos de vizinhança, mas se ela tem ou tiver uma relação homossexual, que seja estável, onde haja respeito, lealdade, evitando a promiscuidade, porque essa sim é que devemos rejeitar seja em qualquer que seja a relação, heterossexuais ou de homossexuais. Acima de tudo amo a minha irmã, seja em qualquer situação.

Alencar e Helena discutiram, ainda algum tempo, sem chegaram a um consenso. Alencar irritado se despediu e se retirou. Helena pensou. Estranho, tanta energia despendida por algo que para mim é tão naturalmente aceito. Alencar é por demais orgulhoso e não é suficientemente cristão para aceitar que está errado. Bom se for assim, que seja, Deus sabe o que o melhor para mim e para ele.

## Capítulo 36

Sotero sabia que aquele era um momento crucial na vida de Arturo, ele passava por um momento ímpar e capital na vida, precisava trazê-lo a si e fazê-lo ganhar autoconfiança. Precisava que ele se tornasse forte e resistente aos embates que a vida ainda predestinava a ele. Sofrera muitas vicissitudes e Sotero queria que ele as usasse como elementos de crescimento e não de dificuldades e atrasos, queria utilizar-se daquela energia como fonte de evolução para ele. Sabia que esse processo se constituía de várias frentes, as técnicas e dinâmicas médicas e as energéticas e de tomada de consciência da vida, dos caminhos espirituais, das aberturas das portas da vida, das leis de vivência e experimentações carmicas. Tinha em mente passar todos esses aprendizados para um momento especial que fatalmente aconteceria entre Arturo e Rangel, e que inexoravelmente avançava a cada dia. Por isso era tão importante o tempo, as horas pareciam serem inimigas e traziam um peso dramático à situação, mas Sotero vivido e experiente sabia fazê-las suas parceiras nesse panorama. Sabia ele que para tudo há seu tempo e hora, e que tudo o que estava acontecendo era cenário apropriado para o capítulo final de muitas vidas envolvidas, assim ele ligou para Arturo.

-Arturo, temos que conversar, tenho algumas coisas importantes a tratar com você, algumas orientações pessoais a comentar. Tenho em minhas reflexões e estudos apurado algumas anotações, sei que alguns momentos extraordinários acontecerão, e queria que você estivesse pronto para recebê-los, para lidar com eles preparado.

Arturo foi ter com Sotero.

-O que poderia ser tão importante a ponto de você me trazer aqui assim fora de nosso horário de estudo?

-Tudo está interligado, o fato de estarmos aqui agora não é gratuito, o fato de termos nos unidos em situação professor, aluno, amigos, não é desconexo. Para tudo há um motivo. Venho recebendo pela Casa de Fraternidade e pelas minhas meditações informações e registros passados que

dão conta de que tivemos alguns laços de convívio, não diretos, mas por extensão. Sei que tive algum laço de amizade ou parentesco com seu pai, sei que você para amadurecer e se fortalecer deverá se colocar frente a frente com ele. Tomar pulso de uma situação que vem incomodando a ambos, que não pode ser deixada de lado. Outra situação de vida que terá que lidar mais profundamente é sua relação com Fausto.

-O que tenho que ajustar em minha relação com Fausto, estamos bem e felizes.

-Uma opção de vida nessa ordem traz compromissos mais fortes e uma postura mais carregada de relativa angústia, é preciso preparo para as cobranças e defesas pelas escolhas.

Arturo não esperou Sotero prosseguir.

-Estou cansado desse assunto, discriminação, subterfúgios, machismos, intolerâncias. A sociedade apresenta como padrão de sexualidade instituída a heterossexualidade, definindo como norma sexual adequada, determinado o homem como conceito patriarcal, estabelecendo uma aceção dos papéis de gênero, legitimando uma divisão social, de trabalho, onde as minorias são rechaçadas, humilhadas, escrachadas, porque provocam mudanças nesse cenário. Porque suas conquistas nem sempre são bem-vindas, pois desencadeiam alterações significativas nos papéis modelos, mexem com o status-quo, questionam, perturbam.

-Isso também é intolerância Arturo, não podemos combater intolerância com intolerância. Ser aposto ao heterossexualismo, seria o mesmo que ser preconceituoso. Primeiro, generalizar que são os heterossexuais discriminadores e intolerantes, é tão errado como generalizar qualquer outra coisa, estamos usando as mesmas armas que condenamos e que nos ferem. Isso também é uma forma de preconceito. Se quisermos exigir igualdade e respeito comecemos por mudar nossos pensamentos. Muitos heterossexuais mesmo estando neste sistema patriarcal monogâmico falido, como você define, são bem sucedidos familiarmente, igualmente alguns homossexuais, também, o são, moralidade não é fruto de gênero.

-Desculpe Sotero, mas a indignação com as interferências em minha vida é difícil, principalmente na questão sexual, por que tanto preconceito, tanta vigilância e monitoramento pesado. Ser homossexual é antinatural, Sotero? Se mesmo no mundo animal existe a homossexualidade.

-Arturo, não use esse argumento para justificar a sua opção de vida, os animais são os animais, você não é um animal irracional que apresenta somente instintos. Você tem a razão. É um ser humano pensante e com arbítrio para decidir o que quer ser e se assumir. Veja você que mesmo agora estamos aqui discutindo sobre isso. Não é mesmo? Somos assumidos. É dessa dificuldade que estou falando. Desse autocontrole diante da exposição, se você se exalta diante de mim, o que não fará diante do mundo? Vamos gradualmente prepará-lo, primeiro para se assumir sua orientação sexual, naturalmente, sem preocupações com as possíveis implicações que essa escolha possa trazer. Depois para outro momento: como o de aceitar o seu pai. Temos uma mostra importantíssima daqui a um mês e meio, por que não o convida, seria um primeiro contato depois que ele se afastou para o Mato Grosso.

-Não sei se eu quero isso Sotero. Estou bem assim como estou. Isso mexeria muito comigo e eu teria que responder sobre minha vida e teria que mentir sobre algumas coisas.

-Sobre sua orientação sexual, por exemplo?

-Sim, Sotero. Disse Arturo irritado. Eu teria que dizer, porque não tenho uma namorada. Quando vou pensar em ter uma família constituída?

-E por que precisa mentir para o seu pai?

-Por que Sotero? Ora por que, meu pai um homem machista que sofria de ciúmes por minha mãe, que tinha atitudes grosseiras e usava violência. Que não soube lidar comigo quando eu era um menino, um adolescente. Por que você acha que deveria saber agora?

Sotero sente um arrepio e uma presença de energia próxima influenciando o estado irritado de Arturo.

-Você está fazendo julgamentos e sem disposição para lidar com a situação, por que não você o ensinar a amá-lo? Por que não você a tomar a iniciativa?

-Foi ele quem se afastou de mim.

-Se você pretende mesmo se afastar dele que se afaste de verdade e de fato. Para sempre. Retirando cada partícula de amor e desejo de tê-lo do seu coração e de sua mente, isto é, se puder, mas se isso não for possível que você então invista de fato e de verdade tudo o que tem de amor em si nessa busca, nessa recuperação. Não trate isso como uma coisa menor, sem importância em sua vida, pois se não o fizer ela irá aos poucos criando raízes e tomando forma, e quando se der conta estará sendo maior que você. Não brinque com isso,

nem menospreze sentimentos. Depois, talvez, não tenha outra oportunidade concreta tão cedo. Você sabe que em dois meses estaremos embarcando para Milão, serão três meses de viagens e exposições.

-Eu sei e Fausto como irá conosco?

-Ele não irá, ou melhor, somente irá por duas semanas nas férias da faculdade. A opção dele é o marketing agora. As telas dele, as que temos, levaremos e isso servirá como ajuda financeira aos seus estudos, mas definitivamente não o vejo como um artista da pintura daqui para frente.

-Está certo Sotero, vou pensar sobre tudo o que me disse com cuidado.

\*\*\*\*\*

Sotero se sentou sobre as almofadas e cerrou os olhos, pediu ajuda e proteção espiritual a seus guias e mentores, sabia que seria uma dura caminhada para os acertos entre Rangel e Arturo, em última análise acertos seus também, com dívidas do passado, de encarnações anteriores.

Sotero era um homem sereno, tranquilo e em busca de crescimento espiritual, aceitava sua condição de homossexual, como uma condição do ser, de algo momentâneo, concebido por suas opções e escolhas. Aceitava assim não por ser ou não ser homossexual, entenderia as questões do sexo da mesma maneira se fosse heterossexual.

Vinha gradativamente orientando sua vida na troca dos prazeres físicos, do amor sexual, pelo amor fraternal. Sabia que o patamar superior do amor não era o Eros e que a medidas que nos libertamos do amor materializado, chegamos mais perto de Deus.

Para muitos essa dualidade entre amor fraternal e carnal constitui-se num aspecto dramático, não para Sotero, ele consentia que isso acontecesse

naturalmente, embora entendesse que sendo humano encarnado, estava sujeito aos ímpetos vitais da libido e do sexo, marcado pelo sentido do interesse, passível, portanto, de desejos, mas não trazia em si conflitos, apenas se aceitava. Vinha encontrando nessa troca, mais alegrias, doar-se aos outros trazia mais regozijos, bem-estar e não se arrependia, pois o prazer encontrado nestas experiências eram de melhores tons, de maior intensidade, qualidade e pureza, não causavam apreensões, não deixavam tensões, nem nódoas, eram mais profundos e duradouros permaneciam constituindo a sua condição de ser.

Ele não exigia nada da vida, vivia e a observava, dizia constantemente: "Se quer conhecer a Deus, observe a vida". Assim ele fazia. Lembrou-se dos ditos de André Luiz, se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro, pois só os que amam conseguem atingir as causas profundas. Ele precisava de sua força interior e da sua intervenção no íntimo, para modificar atitudes mentais em definitivo, mas sempre pedia a ajuda dos amigos espirituais. Pedia força e discernimento, proteção para as armadilhas invisíveis, percepção para aprender com a vida, a cada dia e a cada fato, observava a justiça divina atuando, em forma de tempo, de natureza, de convívio nos pequenos e nos grandes episódios.

A figura de Arturo veio à sua mente, sabia que tinha nele uma oportunidade de avançar, também, sabia das dificuldades que se impunham, assumir sua sexualidade, em termos de qualidade de vida seria fundamental para a sua saúde mental, em termos social, ainda seria difícil, sentia nele as alternâncias pessoais de se aceitar. O sentia se deslocar da passividade a agressividade, deixando claro o quanto ainda haveria de ajustes. No conceito espiritual, ele precisaria compreender ser a homossexualidade uma opção, uma escolha, já que a vida era contínua, em suas várias existências, e que desta sequência infinita de idas e vindas, formamos as estruturas do que somos, cada ato, cada escolha vão formando e forjando o que somos e o que seremos, sempre tendo o livre-arbítrio e a colheita dos nossos atos por responsabilidade e consequência.

\*\*\*\*\*

Dias depois Sotero iniciou os preparativos para a excursão pela Europa, com foco nos trabalhos de seus dois alunos mais brilhantes, Arturo e Fausto. A viagem se iniciou e Arturo não convidou Rangel.

O ponto de partida na Europa foi Milão, em uma das galerias mais conceituadas do Velho Continente, a inauguração dava início ao sucesso que levaria Arturo a se considerado um dos expoentes da pintura moderna. O brilho e o luxo aristocrático da galeria contrastavam com o ar entristecido de Arturo, o que foi notado por Sotero.

-Hoje é o seu dia Arturo, a vida nos põe oportunidades únicas, não vá estragar o dia do lançamento de Arturo Vidal no mundo dos grandes artistas. Aqui nas terras da Velha Europa viveram os artistas mais consagrados do mundo em todos os tempos experimentando momentos especiais e exclusivos, outros, entretanto, sofreram discriminações, recusas e angústias diversas na luta para mostrar seus talentos. Quantos se sentiram divididos e testados no prosseguir ou desistir, entre a luz e as sombras. Quaisquer que sejam os motivos de sua tristeza esqueçam-os por algumas horas. Concentre-se nesta ocasião de tamanha importância. É o seu futuro, o seu momento. O que quer seja a causa de sua melancolia não poderá ser resolvida agora, não é mesmo Arturo?

-Sim Sotero, tem razão, não poderei, vou fazer como você disse. Preciso modificar minha maneira de ser, às vezes me sinto frágil diante da vida e das vicissitudes por que passei.

-Não reclame da vida, ela tem sido pródiga e compensatória para com você. Quantas pessoas tiveram as oportunidades que você está tendo? Ser maior ou menor cabe a você, não pode dizer que não teve chances. Se você sofreu momentos difíceis, tem tido outros de pura felicidade. Somos assim, eu sei, porque não observamos mais atentamente o nosso caminhar. A maioria de nós não presta atenção naquilo que recebe diariamente, constantemente, oram

e pedem mais, o simples dom da vida já é uma dádiva. Não empane o brilho dessa noite com sentimentos menores.

-Desculpe Sotero, você está certo, foram lembranças que me vieram, minha mãe, minha situação com o meu pai e a ausência de Fausto, eu acho que ele poderia ter vindo.

-Não podemos discutir isso agora. O tempo desse assunto foi antes, no Brasil. Ele não quer ser um artista como você, quer ser outro tipo de artista. É o último período dele na faculdade, não seria justo que eu forçasse uma situação que não era sua prioridade, temos que respeitá-lo.

-Sobre o que falam mestre e pupilo?

-Olá Nestor, há muito que não o via, mas a vontade de vê-lo e as oportunidades se fizeram, hoje mataremos as saudades.

-Verdade meu caro Sotero, um amigo como você é um presente.

-Não julguei que você viesse quando mandei o convite.

-Como você disse foi a oportunidade.

-Era sobre oportunidades que conversávamos, eu e Arturo, o meu mais brilhante aluno e logo, logo um artista de ponta.

-Prazer rapaz, vejo que deve ser uma sumidade para receber elogios tão eloquentes de um mestre do porte de Sotero.

-Os elogios dele não contam, os amigos exageram nossas qualidades. Logo o Senhor poderá avaliar se tenho todo o talento que diz Sotero, mas o salão está sendo aberto, quero que o Senhor entre junto conosco então.

-Não se me chamar de Senhor.

-Está certo Nestor.

-Nestor é um dos papas das comunicações visuais e mídias eletrônicas, diretor de uma das maiores agências de propaganda e marketing aqui na Itália e de outra no Brasil.

-Belos trabalhos esse, também é seu Arturo? Disse Nestor diante de um imenso quadro abstrato.

-Não, esse é de Fausto Gravem meu melhor amigo.

-E onde ele está? Quero conhecê-lo também.

-Ele não veio, está no Brasil.

-Por que não veio então?

-Ele não está seguro que deseja ser um artista nesse ramo das artes, ele faz faculdade de Comunicações e pretende ser um grande publicitário.

-Veja só, e falando em oportunidades. Disse Nestor. Quero este quadro em minha sala. Belo, belo. Disse entusiasmado.

-Quando voltarmos ao Brasil receberá o seu quadro, até lá terá que esperar. Disse rindo Sotero.

-Por certo, vamos efetivar essa compra. Oriente-me, como faço.

-Venha vou apresentá-lo ao curador Giuseppe.

Sotero saiu, acompanhado de Nestor, e Arturo ficou pensando sobre as oportunidades. Ao seu lado Clovis sorria zombeteiro.

## Capítulo 37

Rangel conheceu Zélia, uma mulher de meia idade, que vivia de trabalhos espiritualistas e que passava pela região em busca de uma locação para construir uma casa de estudos e caridade.

Ela parou para pedir informações e o capataz a atendeu. Rangel ficou de longe a admirá-la. Foi um encantamento, uma sensação que a conhecia, algo inexplicável como se a esperasse há tempos, aproximou-se dela então.

-Bem-vinda, eu a ouvi falando com Raimundo, está à procura de uma fazenda?

-Não sei se de uma fazenda, algo menor talvez me atenda.

-Você já tem algo em vista?

-Sim. Vim com a intenção de ver o Sítio Amanhecer, mas me perdi.

-É se perdeu mesmo. O Sítio Amanhecer fica exatamente no sentido contrário. Creio que foi no entroncamento que pegou o rumo errado.

-Creio que sim, mas a vida, às vezes nos induz a caminhos aparentemente errados.

-Eu posso conduzi-la ao Sítio Amanhecer?

-Claro, se for do seu gosto.

-Certo, você sabe montar?

-Sim, sei.

-Deixemos o seu carro e vamos e vamos a cavalos, já poderá experimentar antecipadamente do prazer do lugar. Raimundo, por favor, prepare duas celas.

Raimundo saiu em direção aos estábulos, com um sorriso aprovador.

Ao entardecer voltaram. No caminho sentiram-se bem e felizes na companhia um do outro.

-Qual a sua programação, depois daqui? Perguntou Rangel.

-Eu volto para o hotel.

-Mas são quase setenta quilômetros daqui. A noite deve pega-la no meio do caminho. Não seria uma boa opção para quem não conhece bem essas estradas. São os animais, os barrancos, buracos e partes alagadas.

Zélia sorriu. Está querendo que eu pernoite na sua fazenda?

-Não seria uma má opção.

Os dois sorriram, Zélia aceitou.

Jantaram e foram para a varanda. Sentaram e ficaram um tempo em silêncio, o som da noite, no lugar era cheio de novidades para Zélia.

-O que mais me encanta nestas paragens é a possibilidade de olhar o céu em seu esplendor. Na cidade as luzes ofuscam o céu, que nem lembramos que está lá em cima. Quantas coisas diferentes, estranhas para mim, principalmente os sons, os vaga-lumes, não lembrava que eles existiam.

-Com o tempo você irá descobrindo mais e mais coisas, há sons quase que imperceptíveis.

-Lugar maravilhoso esse seu, uma bela fazenda e vejo o cuidado e o carinho que você dedica a ela.

-Eu a comprei há pouco tempo e ela tem sido minha vida.

-Não acha um pouco pesado falar assim? Afinal a vida é composta de várias pequenas e outras felicidades.

-Se você soubesse a minha história de vida talvez não dissesse isso.

-Imagino que sim Rangel, falávamos sobre os sons, mas o difícil é ouvir o inaudível. Ouvir o que vai aos corações das pessoas, seus sentimentos mudos, os medos não confessados e as queixas silenciosas. Por que não me conta dos seus sons da alma, a sua história? Afinal temos a noite toda pela frente e não costumo dormir tão cedo quando tenho esse céu carregado de estrelas. Disse ela olhando o céu, do parapeito da varanda.

Rangel contou sua história.

Ao final ela falou. Sabe Rangel, minha vida não foi menos atribulada, vejo que você traz no peito uma grande dor, tão grande que o seu coração mal pode aguentar. Isso está transformando todo o seu corpo, a doença da alma já está instalada, mas pode ser reversível. Por favor, não continue alimentando ela. Sempre ela.

-Por que você vive viajando tanto, está em busca ou fugindo de algo?

-Fujo das tristezas e busco as alegrias. A dor pode sim estar em nossos corações, mas, não só, exclusiva e senhora, dona de nós. Perdi um filho muito jovem, carregado pelas drogas, acho que não lhe dei a devida atenção, acho que faltou carinho e apoio, acho que ele lutou sozinho enquanto eu estava investida de meus problemas, de minha carreira e meu sucesso. Uma família não pode ser membros isolados, cada um envolto por seus problemas, uma

família deve dividi-los junta, e assim terem mais forças reunidas. Depois então, abandonei tudo. Fui em busca de recuperar o tempo perdido, era tarde. O que perdi não voltaria da forma que eu queria. Não podia trazer de volta meu filho. As dores me tomaram, todas as dores possíveis e imagináveis de mãe, de fêmea que perdeu sua cria, de mulher, de ser humano atingido em sua essência maternal. Ah, Rangel, foram dias e noites de somente desespero. Surtei. Por que não podia ter parado e olhando com um olhar mais atento o meu filho? Meu tesouro e que era tudo o que eu deveria ter mantido? Por que me enfiar no trabalho para esquecer uma relação matrimonial frustrante, quando poderia manter ainda a minha família de verdade, eu e o meu filho? Fiquei alguns meses em estado de catalepsia, autômato, incapaz de distinguir entre a vida e a morte em vida. Depois um dia sonhei com ele, ele me dizia que eu não cometesse comigo o mesmo erro. Que deveria preservar a vida, que eu a deveria mantê-la e realizar outros atos de amor e recuperação de seu carinho, e de carinho por mim mesma, que isso sim o traria de volta ao meu coração. Acordei em prantos e fui buscar ajuda profissional. Recuperei minha estima e o amor de meu filho onde quer que ele esteja. Dei mais importância às acontecimentos da alma e associei as duas coisas. Tenho sim ido em busca das coisas que o meu filho me disse, distribuindo ajuda, amor e carinho por onde passo.

Os olhos de Rangel se inundaram de lágrimas ao lembrar-se de Arturo e Eloísa.

Ela sentou-se ao lado dele e tomou-lhe as mãos.

-Rangel, não sei aonde vou amanhã, nem se chegou à hora e o lugar de encontrar o que busco, mas há algo precioso aqui, sei que descobri. Alguma coisa nesse lugar me atrai. Sinto forte energia e presenças amigas, boas, que ajudarão você em seu processo de crescimento.

-Por que não fica?

Zélia sorriu e apertou forte a mão de Rangel.

Adalberto observava Zélia e Rangel conversarem e Zélia falou a Rangel.

-Os bens de Deus são infinitos e sua vontade se manifesta de diversas formas Rangel, mesmo diante do mal a vida trabalha incessante e sábia. Nas nossas vidas os fatos se sucedem sem que observemos atentos a Deus atuando. Se quisermos ver a Deus olhemos a vida. Veja a beleza desse dia, a natureza representada por Deus. Magnífico tudo isso, a luz, o calor, a brisa, tudo vivo.

-Eu sei Zélia, mas ainda em meu coração algo de obscuro não me permite ser plenamente feliz, é como se eu estivesse sendo observado pelo mal. Adalberto se mexeu incomodado.

- Não há mal que permaneça eterno, Deus permite que o mal atue e ensine, e o bem que o termine e mostre o seu valor. Quando imaginamos que o mal está vencendo a ele apenas está sendo permitido como uma extensão do bem, ele está sendo usado como função de aprendizado, ele está sendo útil.

Adalberto que embora mau era muito inteligente, que embora perverso era muito perspicaz, percebeu o bem agindo sobre ele de forma indireta. A sua presença entre pessoas do bem permitia que interagisse com outros seres e presenciasse pensamentos diferentes dos dele.

Ele que fora criado sem limites não fora ensinado e educado para agir dentro dos limites da ética, do senso e da bondade. Ele era filho de pai desconhecido e a mãe morreu quando ele ainda era menino, os pais adotivos, entendendo que ele havia perdido algo de valioso decidiram que ele teria tudo para compensar essa perda, mas eles não eram ricos, viviam modestamente, mas se esforçavam de forma até exagerada na maneira de lhe dar satisfações e conforto. Superavam em atenções a ele, em cuidados, em cobri-lo de roupas, bens, equipamentos que pagavam com dificuldades, mas sem, entretanto lhes darem cultura, estudos, educação moral e respeito ao próximo. Ele esperto e percebendo a fraqueza dos pais, dela se aproveitou e usufruiu sem consideração nem respeito ao esforço e a dedicação estremados deles em busca de sua pseudo-felicidade. Adalberto construiu uma personalidade egoísta, manipuladora e voltada somente para o ter. Materialista e interesseira, mas ao ver Zélia e Rangel se emocionando ao falar de filhos, não pode deixar, também ser tocado pela emoção. Pela primeira vez em sua existência de vivo ou de morto sentiu em sua face um sentimento transformado em lágrimas. Incomodado saiu dali às pressas, e foi para a Casa de Pedras, onde deitou e ficou observando as estrelas.

## Capítulo 38

Quando a exposição chegou a Roma, Fausto foi ter com os amigos. Ficou apenas cinco dias e não os quinze que havia acertado com Sotero. Arturo, não gostou e preocupado passou a imaginar coisas. Clovis interligado ao corpo energético de Arturo mandava mensagens pelo pensamento, provocando em Arturo a desconfiança e a prevenção. Já não havia a naturalidade na relação de ambos. Fausto ansiava por iniciar os trabalhos na área profissional e por isso não se dava conta da desatenção com Arturo, e este introspectivo não achava um momento adequado para falar sobre o assunto, temendo desagradar o companheiro de tantos anos, porém o tempo tramava contra a relação.

Fausto voltou ao Brasil e foi à empresa de Nestor para acompanhar a entrega do quadro.

-Muito prazer meu jovem, esperei ansioso pela entrega dessa obra magnífica e por me dar o prazer de também conhecer o seu autor.

-O prazer é meu, Senhor Nestor.

-Você tem o mesmo defeito de seu amigo Arturo.

-E qual é esse defeito senhor?

-Chamar-me de senhor.

-Apesar dos cabelos grisalhos, não sou tão velho assim, tenho quarenta e seis anos e ainda corro todas as maratonas que acontecem na cidade.

-Parabéns, eu nem mesmo ando no calçadão.

-Nunca é tarde, posso ajudá-lo se aceitar.

-Vou pensar, acho que devo começar a pensar sobre isso, porém hoje estou aqui apenas para deixar a pintura e receber o restante do pagamento. Disse sorrindo.

-Vou fazer o cheque agora mesmo. Oh, desculpe, acho que o pagamento infelizmente não será hoje, esqueci a carteira, todos os documentos e cheques na pasta sobre a mesa quando sai pela manhã. A correria da vida que levo tem me deixado assim, mas mando o cheque pelo portador à escola do Sotero, amanhã pela manhã.

-Está certo Nestor.

-Obrigado pela retirada do Senhor e tome aqui o meu cartão, vale para as corridas e para qualquer coisa que precisar.

-Obrigo, prazer conhecê-lo.

-Nestor mandou instalar o quadro de Fausto na sala e ao término sentou-se diante da obra e a ficou admirando por tempos.

\*\*\*\*\*

Semanas depois Sotero ligou e pediu a Nestor que desse uma chance a Fausto de disputar a vaga disponível na empresa onde ele era um dos sócios. Nestor marcou uma data. Na entrevista a boa impressão já deixada por Fausto quando esteve com Nestor marcou também a Gerente de Recursos Humanos, mas a palavra final sobre a admissão ficou com Nestor. Ele foi aceito, iniciando na empresa. Fausto foi gradativamente ganhando espaço e funções mais elevadas e de destaque. Era um homem bem apessoado, era simpático, bem-humorado, competente e dedicado e assim conquistou a todos. A Diretoria toda parabenizava Nestor pela aquisição, mas logo aquela situação mudaria. Fausto por ser amigo de todos e pela expansão de sua vida profissional deixou-se iludir pelo brilho e as luzes que os holofotes do sucesso lançavam. A competência e o sucesso não significavam experiência e maturidade profissional. Fausto participava de todos os eventos e ocasiões que pudessem popularizar sua presença, queria conquistar mais e mais atenção. Isso atraiu também ciúmes e em pouco tempo havia inimigos e divisão quanto ao seu desempenho. Os olhares observadores e ruído ganhavam os corredores, a amizade e constância na proximidade dele e de Nestor traziam rumores. Nestor era homem quarentão, sabido pelo comportamento extravagante e libertino, famoso pelos

romances rápidos e de manchetes na imprensa, conhecido ainda por alguns boatos de não fazer distinção entre ter casos hetero ou homossexuais. Primogênito de uma família rica, o cargo de direção na empresa era mais uma fachada, uma posição de onde ele pudesse estar ocupado e ao mesmo tempo não causasse danos maiores aos interesses da família, mas Nestor tinha alguma competência e eventualmente surpreendia aos demais diretores, com pensamentos brilhantes, idéias e sugestões importantes para o andamento dos negócios. Nestor parecia se divertir com essa situação, era como brincar de gato e rato, ele não fazia questão de se impor pela presença constantemente e ter responsabilidades exacerbadas, porém se sentia realizado quando sua presença era notada pelo brilhantismo e vivacidade, quando ganhavam clientes e contas de grandes empresas devido a sua competência.

Fausto se impressionará com a forma com que Nestor vivia e encarava a vida. Nestor nem sempre estava na empresa, gostava de representá-la em eventos externos que o levassem ao mundo, pelas viagens e ambiente social alto. Os dois muito se afinizaram. Nestor passou a levá-lo em algumas viagens e lhe dando oportunidades de alçar mais rapidamente colocações na escala hierárquica da Empresa. Passaram a andar juntos e sempre que podiam estavam próximos. Nestor dava dicas a Fausto e o apoiava, e por esses fatos trouxeram despeito ao ambiente.

-Fausto, você sabe que encomendei outra obra a Sotero, mas não uma sua, desta vez uma de Arturo.

-Ah. Que coisa boa. Arturo é um grande artista e fico feliz de ver que também gosta dos trabalhos dele.

-Quanto entusiasmo! Vocês se conhecem desde quando?

Fausto contou a Nestor a história sobre o encontro dos dois na clínica quando meninos, da amizade, e dos estudos com Sotero.

-Fausto, eu tive pequenos problemas quando menino também? Sim minha mãe me pôs em estudos com Sotero para que eu tivesse meus talentos e as minhas travessuras em rabiscar as paredes da casa transformadas em arte pura. Isso não foi possível, mas ganhei um amigo e admiro o Sotero há muito. Acho que por pouco não nós esbarramos em alguma das minhas visitas ao mestre. Soube da história de vocês sim, alguém me contou. Vi o Arturo uma vez e sentir nele algo diferente, eu tenho um faro para detectar uma chama colorida quando a vejo. Senti nele, um jeito e comportamento que me deixaram tendendo a achá-lo dispare. Digamos diferente, se é que me entende.

-Entendo o que quer dizer, mas prefiro que deixemos esse assunto de lado, de fora da nossa amizade?

-Por que se ofendeu? Isso o deixou nervoso? Você somente me contou a história de suas vidas até à Escola de Sotero? Vocês têm um caso?

-Nestor, por favor, quero pedir para que deixe esse assunto fora das nossas conversas, por respeito minha vida particular.

-Está bem amigo, seja como você quer então.

## Capítulo 39

Arturo fazia sucesso, também, e a sua carreira seguia em alta, ganhava boas críticas e muito dinheiro, mas a sua alma ainda era presa fácil das incertezas e tristezas e eventualmente se deixava levar pelos pensamentos negativos insuflados por Clovis. Valia-se das orações e da leitura para acalmar seus momentos de dúvidas, outras vezes buscava em Sotero entendimento para superar as dificuldades.

-Sotero, não estou em paz, mesmo com o sucesso e fama, não estou feliz. Diga-me por quê?

-Diga-me você Arturo, eu nunca disse que uma carreira sólida fosse a base para a felicidade. A paz e felicidade precisam estar dentro de nós e não fora. Quando encontramos o ponto perfeito do ajuste entre o ser e o ter, naturalmente teremos tranquilidade.

-São as questões com meu pai que não me saem da cabeça, também, Fausto modificado e aos poucos se afastando de mim, cada dia mais diferente.

-Você conversou com ele sobre isso?

-Sim muitas vezes, muitas, porém ele evita o debate de frente, direto, está reticente e às vezes distante, nem se dá conta do que conversamos.

-Fausto é diferente de você, parece que se deslumbrou com o sucesso. Vocês praticamente não tiveram outros amigos, relações sociais com outras pessoas, a vida de vocês se resumiu a vocês. Isso não foi saudável e acredito que agora ele esteja tentando aproveitar um tempo não vivido.

-E o que isso significa Sotero.

-Significam duas coisas, a primeira que ele poderá estar passando apenas por um momento e que logo se dará conta que a novidade acabou.

-E a outra?

-Bom, a outra só o tempo poderá dizer, ou seja, que isso não passe.

-Sotero, isso seria possível? Acredita que Fausto fizesse isso comigo?

-A natureza humana é imprevisível, somente com a evolução espiritual vamos nós tornando estáveis.

-Tenho tido depressões, ando sem vontade de pintar, de trabalhar, não tenho ânimo para nada, às vezes minha vontade é de nem sair da cama, e muitas vezes de nem acordar, de morrer dormindo, acabar de uma vez por todas com minha vida infeliz, sujeito a reviravoltas e sofrimentos.

-Querido amigo, você não é mais meu aluno, agora é um homem e tem que assumir suas posições sem esse desânimo e fraquezas. Você sabe que têm uma base de conhecimento espiritual, e isso não é compatível com esse saber, você tem deixado brechas perigosas e dá chances a entradas de obsessores em sua vida. Não faça isso, não dê o domínio da sua vida a outros, alguns espíritos podem adquirir sobre outras pessoas esse domínio de fato, são sempre os espíritos inferiores que procuram nos dominar, os bons não comentem esse tipo de ato. Os espíritos menos esclarecidos, persistentes no mal, pelo contrário agarram-se aos que conseguem prender. Se chegam a dominar alguém, identificando-se com o espírito da vítima, o conduz como se faz com crianças, persistindo nesta ação, muitas das vezes por culpa das nossas invigilâncias.

-Sotero, não quero mais esse sofrimento. Como faço para sair dessa situação?

-Vou ajudá-lo sim, mas quero que você primeiro modifique a sua forma de agir e de ver a vida.

Sotero tratava Arturo com medicamentos leves e o convenceu a ir mais uma vez ao Centro Espírita. Arturo precisava receber os passes energéticos e calmantes, precisava ganhar confiança e crer nos conhecimentos que adquirira. Acreditar de fato que não era uma simples leitura, mas uma base com poder de modificar os seus princípios de vida e transformá-lo em alguém mais seguro, de centrá-lo em buscar a paz e a felicidade que tanto almejava.

Na Casa de Fraternidade Arturo foi recebido com alegria pelos médiuns e se sentiu mais reconfortado pela acolhida, não sabia por que resistiu a voltar, mas agora estava bem, sentia uma serenidade e um bem estar que envolvia não só a Casa, mas a tudo e a todos que estavam presente. Sotero colocou lindas rosas brancas na jarra sobre a mesa e o salão resplandecia de outros tipos de flores, o magnetismo do lugar era quase palpável e todos silenciaram, para mais um dia de sessão.

Os trabalhos foram iniciados e chegando a hora das consultas Arturo foi chamado pelo médium incorporado.

-Bem-vindo, que a paz do Senhor Jesus preencha as sombras que pairam sobre você, que seja nesta ou em outra casa de amor que você se encontre e atravesse essa sua jornada com mais segurança, amor e paz.

-Obrigado Senhor. Eu estava vivendo um momento muito difícil até por os pés aqui nessa Casa.

-Eu sei das suas dificuldades e sei que em você há uma força muito grande ainda não descoberta e que ao chegar o momento certo fará com que você seja um filho abençoado e feliz.

-Mas Senhor, eu sou tão inseguro e quantas vezes depressivo, a minha fé é pouca e insuficiente para que eu mesmo me ajude a melhorar.

-A fé é importante, assim como o conhecimento. A fé nós dá a força necessária interior para que caminhemos, para que possamos prosseguir sem grandes percalços, sem grandes tropeços, mas o conhecimento nos diz aonde ir, como ir. Não se lamente pelo momento de agora, tudo é como deve ser, tudo está onde deve estar, essa ordem é provocada pelos pensamentos e atos de todos nós, por isso façamos com que as coisas mudem, melhorem, sendo diferentes, melhores do que fomos ontem, agindo e pensando diferente daquele que somos quando estamos mal.

-Tenho saudades da minha mãe, quando ela morreu eu quis gritar e minha voz não saiu, ainda trago esse grito aqui no peito aprisionado, que me abafa, que me deixa sempre em estado de tensão, não tenho uma vida natural, não sou um homem livre, se vivo assim aprisionado de minhas próprias dificuldades.

-A nossa amada irmã Eloísa, ainda não tem permissão para estar aqui, mas manda um recado de saudades e amor a você. Diz que em nenhum momento deixou de lembrar-se de você e o seu amor é o mesmo, que você tenha muita, força e muita fé em que tudo irá mudar.

Arturo se ajoelhou aos prantos e pediu para falar com ela. O médium disse que isso não era possível, que ele se acalmasse para que não criasse uma desarmonia naquele momento tão especial. Que ele viesse outras vezes à Casa de Fraternidade, que em algum momento ele poderia receber o presente que tanto desejava.

## Capítulo 40

Zélia e Rangel apaixonados, decidiram que ela moraria com ele na fazenda, e Rangel disponibilizou um espaço destinado aos trabalhos dela de estudos da mediunidade. O local devidamente montado e em pleno funcionamento regularmente promovia reuniões de estudos onde procuravam relação com os conhecimentos que os pusessem em contatos com a vida do outro lado da vida.

Rangel ainda não estava bem interado como isso funcionava, mas ganhava conhecimentos que o permitia assessorar ou dividir com Zélia as tarefas dos encontros. Em um ano e meio o enlevo entre eles era perfeito, a sintonia nos gostos e desejos se harmonizava. Eram felizes e completos como casal.

Um dia Zélia viu mais uma vez a imagem, em seus pensamentos, de um jovem, o mesmo que já vira outra vez, que chegava à fazenda em prantos, mesmo com toda a calma e tranquilidade que ela possuía isso a perturbou um pouco. Ela pensativa foi surpreendida por Rangel que quis saber por que ela estava abstraída daquela maneira.

-Sabe a visão que tive há algum tempo atrás?

-A do jovem ajoelhado?

-Sim, essa mesmo. Pois eu o vi de novo, agora os motivos das suas lágrimas eram outros e ele estava vindo para cá?

-Será alguma coisa com Arturo? Deus meu. Vou ligar para Esmeralda e saber dele.

Rangel ligou e Esmeralda o tranquilizou, mas deu informações distorcidas e intencionalmente ocultou fatos. Ela nunca disse a Rangel que Arturo morava com um amigo. Achava que na condição em que a relação se distanciara, que Rangel não deveria saber demais sobre os acontecimentos do filho, achava que isso em nada iria ajudar a restituir a ambos a amizade.

\*\*\*\*\*

A equipe dos desencarnados, Álvaro, Adalgisa e Eloísa chegaram à casa de Pedra e se aproximando de Clovis insuflaram mensagens edificantes. Eloísa tinha recebido autorização para participar da missão de ajuda ao núcleo da Casa de Pedras, e assim deram passes e falaram ao ouvido de Clovis que a obsessão era um estado constante induzido pela vingança, e que era um ato contrário à natureza divina, que o perseguidor era dotado de um comportamento moralmente distorcido e que na busca de alívio para o seu sofrimento faz sofrer aquele que o feriu, mas que se tornavam ambos infelizes, que ao tentar castigar o outro por seus métodos e forma errada de compreender a vida, causavam mais débitos para si, que acabavam envolvendo outros nas tramas de sua desgraça, porém Deus estava dando a eles oportunidades renovadas e constantes ao permitir o arrependimento.

João se achegou e também foi convidado a participar. Falou do embrutecimento dos espíritos que insistem na prática da vingança, que se detêm nos avanços espirituais rumo ao bem, na evolução pelo amor, estagnados num ódio extremo, prisioneiros de si, e que na obstinação acabam por fim, nem mesmo, compreendendo o porquê de persiste em determinada situação. Falou do cansaço, da condição de esgotamento que por vezes os tomava, apesar de persistentes, algumas vezes ansiavam pelo momento do reencontro com o uma caminhada menos sofrida e por isso cada gota de amor a eles dispensada era tão valiosa.

Depois Álvaro, Adalgisa, Eloísa e João sentaram-se e conversaram sobre Clovis, também, sobre Ramon e Adalberto, eles sabiam que não se devia evitá-los ou deixá-los sem ajuda e compreensão, esclarecimento e luz. Álvaro era o líder da missão, já que isso deveria sempre estar a cargo dos mais experimentados nas esferas espirituais.

-Vamos conversar um pouco não é João?

-Sim Senhor Álvaro, sempre é boa uma conversa com alguém tão generoso e sábio como o Senhor.

-Feliz sou eu por poder estar com uma alma privilegiada, sua missão é linda e nobre, abriu mão de se manter em esferas mais elevadas para nós ajudar nesta jornada, para ajudar ex-companheiros de outras jornadas.

-Vocês meus amigos, sim estão me dando uma oportunidade única, quero poder ajudá-los a desfazer tantos equívocos espirituais passados meus e desses irmãos. Para mim sempre é um prazer estar com vocês, mas devemos nos manter sempre atentos pela vigilância constante, pela oração direcionada, pelos nossos atos e pensamentos, dentro da moral da ética da caridade, e aos apelos ao nosso Pai Maior.

Álvaro falou: Alguns espíritos imaginam estar amando, e trabalham obsediando aquele que é o objeto de sua afeição, a obsessão por pseudo amor ocorre devido à deformação do que significa amor, pois é muito difícil para quem não conhece os princípios de Deus, serem separados de seus entes queridos e principalmente de um grande amor. O amor e o ódio estão separados por uma linha imperceptível e tênue, podendo nos levar a crer que um espírito que está com ódio do outro, e muitas vezes ocorre ser apenas um disfarce para ocultar a dor do amor não correspondido, de grande mal-entendido ou até mesmo do medo de ter sua afeição rejeitada. Essa obsessão é muito séria, pois aquele que ama não pode imaginar e nem aceitar que está atrapalhando seus entes queridos. Julgam que estão apenas ajudando, que está ali para ajudá-los, que eles não podem viver sem sua ajuda. Ações nossas cometidas contra nossos irmãos, ações contrárias à lei divina, de caráter grave ou ainda aquelas por omissão, falta de ações quando necessárias, as que causam prejuízo ao próximo acarretam possíveis reações de quem as sofrem, reação de represália e vinganças de seus desafetos, configurando-se a essa altura uma relação obsessiva.

Vemos muito de tudo isso acontecendo por aqui, falou Álvaro. Obsessões apresentam características muito diversas, desde a simples influência de ordem moral, sem sinais externos aparentes, chegando à completa perturbação do organismo e das faculdades mentais. Vimos o que aconteceu com Ramon. Podemos identificar sinais dela quando o obsediado apresenta ideias, imagens, pensamentos continuados, que sejam impulsos fortes dominando o indivíduo a ponto de ele não poder libertar-se sozinho, usando processos conscientes comuns.

-Pena que não pude ajudar Ramon a se desfazer desses obsessores e da sua auto-obsessão, mas temos muito trabalho ainda, vejo avanços e creio que em breve teremos esta missão encerrada com êxitos.

-Que assim seja João, que assim seja, mas não vamos deixar Ramon abandonado, temos uma missão sendo preparada para resgatá-lo.

## Capítulo 41

Alencar passou a ser figura constante na casa da tia Albertina, marcando a presença para Anita, que a cada vez mais o repudiava e tomava aversão ao cerco promovido por ele e sua mãe. Para Anita o amor era algo que surgia natural e sem fronteiras, absoluto e ao mesmo tempo em que dominava, dava liberdade de sentir e viver uma experiência única, não formal e sem arranjos. Amar era sentir livremente o coração aberto recebendo a semente do amor, que frutificaria dando bons frutos. Já Alencar pensava que sendo ele essa semente, que ela poderia ser posta no coração de Anita, sendo alimentada gradativamente, até florir e frutificar.

Dona Albertina a cada dia mais se sentia incomodada com a presença de Sara, não sabia esconder e a tratava com ironia fina e segregação no ambiente da casa. Chegando a ponto da intolerância.

-Se a sua amiga está chegando e estou saindo.

-Mãe, assim somente me afasta de você. Não percebe que ao repudiar Sara me obriga a ir para a rua ou para a casa dela para nos vermos?

-Acho que está na hora de você se casar, construir uma família e me dar uma neta.

Mal sabia Dona Albertina que as palavras ditas se registram no espaço, assim como as frases mal formuladas também.

## Capítulo 42

João estava feliz, percebia que as ações promovidas pelas equipes dos desencarnados, vinha dando bons frutos, assistia a tudo muito sorridente, animado com as mudanças que aconteciam na fazenda. A energia emanada era mais pura e melhor. As visitas também não diziam das presenças vivas, mas das espirituais, a venda da fazenda e compra dela por Rangel, fora uma decisão acertada para todos. A chegada de Zélia veio trazendo uma nova energia, o que era para ser de um modo, foi de outro. Zélia ficou na fazenda morava agora com Rangel, estavam unidos, emanando bem-aventuranças, prosperidade e alegria. Era o bem promovendo suas ações. Deus escreve certo por linhas tortas. Pensou ele.

-Adalberto acorde homem, depois que seu Clovis foi embora você somente dorme.

-O que me resta fazer se não dormir? Nesse lugar ermo, longe de tudo, somente me divirto, às vezes, na casa das meninas, apesar de ser uma boate caída, de mulheres tristes e feias. Boas mesmo são as boates da cidade grande, da capital, muita bebida e tudo o que de melhor existe para os prazeres de um homem.

-Foram essas coisas que deixaram você assim neste estado, com essa cabeça arrebitada.

-Ora João, para que me lembrar dessa situação? Por vezes até que esqueço quando ouço a Zélia falando naquelas palestras. As palavras dela têm o poder de aliviar as minhas dores.

-Êita mulher danada de inteligente, que fala coisas mesmo interessantes.

-É verdade João, não sei por que de tanta sorte dada a esse Rangel?

-Sorte Adalberto, que sorte? Veja a sua situação, e reflita se você não é merecedor do quinhão que recebe? Homem dedicado aos prazeres mundanos, a toda a sorte de deleites e enganações que prejudicaram os outros. Veja o Ramon que causou quase a destruição da família, agora me diga onde ele anda? Quem sabe se no bucho de alguma cobra grande.

-Que nada João ainda um dia desse eu o vi próximo a Casa Grande, assistia de longe quando Zélia orava. O infeliz até tentou se aproximar, mas o Lott o arrastou acorrentado para longe. Eu que não quis chegar muito perto, havia uma patota da luz reunida.

-Eu sei quem são, é a minha patroa Dona Santinha, o Seu Álvaro, a Dona Adalgisa e Dona Eloísa.

-Eloísa você disse? A mesma que foi casada com Rangel?

-Sim senhor, ela mesma.

-Mas por que eu não a vi?

-Num sei, mas ela sempre vem aqui quando pode.

-Como sempre vem?

-É sim Adalberto, ela sempre vem. Muitas vezes veio aqui visitar o Seu Rangel, e ajudar na arrumação do lugar.

-Ah! João, por que ela não me procura, por que eu não posso vê-la? Como ela está João?

-Bonita que é só formosura, sempre com flores nos cabelos. Quando ela passa deixa um perfume no ar. Muitas das vezes o Seu Rangel se surpreende com o perfume dela, mas ele assim como você não a vê, mas pelo menos ele sente a perfumação, num é mesmo?

-João, quando ela voltar aqui você pede para ela me perdoar?

-Vamos vê não é Adalberto, afinal você fez muita judiação com a Sinhazinha, mas como diz Dona Zélia, tudo tem o seu tempo certo, não é mesmo?

\*\*\*\*\*

Eloísa conversava com o seu pai Álvaro, na Colônia Estrela Azul, quando um repentino mal estar, uma sensação de que seu filho estava correndo perigo.

Álvaro percebeu a mudança na face de Eloísa e pediu que ela concentrasse o pensamento em Arturo.

Arturo, a despeito dos próprios esforços e dos de Sotero, para mudar a forma de agir e pensar se mantinha entre altos e baixos. Em variações de humor e comportamentos, ao sabor das influências perniciosas de Clovis.

Acordará mal aquele dia. Uma angústia imprecisa, os movimentos corporais pesados, e a cabeça comprimida, tomou um analgésico e meia hora depois mais outro. As ações pareciam em desencontro com os comandos mentais. Pensou em trabalhar um novo quadro. Pôs o avental, e dispôs as tintas na palheta. Olhou as tintas coloridas e a tela em branco, ficou parado diante dela, absorto, sem iniciativa. Os olhos pesados, e o corpo robotizado, atemporal, a mente distante e as impressões confusas e imprecisas.

-Quem é este ser, conturbado e complicado, Se perguntou Arturo. Qual o sentido desta vida? E por que vivê-la. Se nada faz sentido. Para que experimentarmos a dor? Qual a razão de uma existência tangida pela marca da dor?

Clovis sorria satisfeito, se sentia orgulhoso dos seus poderes de influência.

Arturo tirou o avental e foi para o quarto se deitou e pegou um vidro de barbitúrico. Tomou um.

Clovis insuflava ordem ao ouvido de Arturo.

-Vamos lá rapaz. Coragem. Tome mais dessas cápsulas, tome todas. Encerre essa vida sem sentidos, sem razão. Nada vale a pena. Morrer é o fim, o absoluto fim, a liberdade. O cessar de todas as dores. Vamos seja homem, tome os comprimidos.

Arturo jogou o conteúdo do vidro na mão. Ficou estático. Olhando os comprimidos. Lembrou-se da mãe Eloísa. Fez uma breve oração pedindo socorro, ajuda para serenar sua alma cheia de inquietudes e incertezas.

A prece chegou a Eloísa em forma de intuição. Um sentido de alerta de que algo não corria bem com o seu filho.

-Pai o meu filho corre perigo, eu sinto.

-É sim filha, vá. É a hora certa, precisa. Pode ir. Você sabe bem o que fazer.

Eloísa recebeu autorização para ver o filho e quando chegou ao seu lado sentou-se à beirada da cama de Arturo. Viu Clovis ligado ao filho por fios energéticos por onde sugava suas energias e mandava sugestões.

A intenção era fazer com que Arturo a cada dia se enfraquecesse mais e mais, e através de sugestionamentos o fizesse cometer alguma loucura, desatinos, que o levassem a praticar o suicídio. Arturo se mantinha em silêncio, olhar fixado em algum lugar no infinito, além do quarto. Nas mãos um vidro vazio e na outra os comprimidos.

Eles não viram Eloísa, mas ela acariciou os cabelos negros e lisos de Arturo, mandando energias regenerativas enquanto falava próximo ao seu ouvido palavras confortadora, de encorajamento e preces. Aos poucos com a intervenção de Eloísa, Arturo pôs as pílulas no vidro e o guardou na gaveta.

Deitou-se e agradeceu o carinho da mãe. Depois ela se fez aparecer para Clovis, que rapidamente se afastou do local.

Álvaro se aproximou de Eloísa e disse: A prece terá mais força se sempre com boas intenções e bons sentimentos.

Pela prece, o homem atrai o concurso dos Bons Espíritos, que o vêem sustentar nas suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Ele adquire assim a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, quando dele se afastou; e assim também podem desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, sente a sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta, até o fim dos seus dias, uma vida de sofrimento. Tem o direito de queixar-se, se não conseguir a cura? Não, porque poderia encontrar na prece a força para resistir às tentações.

Devemos recuar da ignorância e da perturbação que o mal gera em nós, e em paz teremos um campo propício para que a prece desenvolva sua ação. Se não dispusermos dessas condições, tentemos relaxar ao máximo possível, expulsando de nós os pensamentos negativos, abrandando as energias que nos envolve, baixando a frequência mental e aos poucos irmos descobrindo que pela prece conseguiremos muita coisa em nosso benefício espiritual e dos nossos semelhantes e acionaremos com naturalidade o mecanismo do auxílio que ela nos propicia. Por depender fundamentalmente da sinceridade e da

elevação com que é feita devemos encarar a prece como manifestação espontânea e pura da alma, e não apenas como um repetição formal de termos alinhados convencionalmente, de pedidos intermináveis ou de fórmula mágica para afastar as angústias e os problemas que nos alcançam.

\*\*\*\*\*

Clovis, assustado com a presença de Eloisa, fugiu para a Casa de Pedra. Foi à fazenda e não gostou dos rumos que tudo estava tomando.

-Que papagaiada é essa aqui? Gritou com Adalberto.

-Que gritaria é essa, pergunto eu a você, Clovis. Você não está falando com seu igual não.

-Responda Adalberto que mudanças são essas na fazenda. Que salão novo é esse? Flores, jardins floridos, gente de branco. Essa mulher que não conheço e Rangel vestido com esse guarda-pó?

-São as novidades que a nova mulher do Rangel criou. Zélia é o nome dela.

-E por que você está aqui longe assim da Casa Grande?

-Nós não podemos mais chegar próximo à Sede da Fazenda, existe uma força que nós expulsar de lá.

-Deixe de conversa fiada, vamos homem, vamos ver como estão às coisas por dentro.

-Pode ir, eu já estou indo, desconversou Adalberto.

Clovis seguiu na frente enquanto Adalberto propositalmente se deixou atrasar.

Ao chegar próximo salão de reunião Clovis levou as mãos ao rosto e se afastou grunhindo. Que luz é essa que quase me cega?

-Eu disse, que as coisas agora por aqui estão diferentes, mudadas.

-Não estão me agradando essas mudanças. Na cidade as coisas também não andam muito bem, o Sotero se mantém protegido, não consigo impingir a ele minhas energias, meus comandos, não sei o que fazer? Acho que precisamos de ajuda.

-Ajuda de quem? Do Lott? Sabe que ele está por ai?

-Sim, sei. Vou pedi ao Lott e a Velha Bruxa da Vila, a curandeira-feiticeira, para se unirem a nós na busca de forças a mais para desfazermos essa situação.

-E o que dará em troca a eles pela ajuda?

-A Velha teria o prazer da vingança, de ver mais e mais o Ramon aprisionado ao Lott, e mais, a extinção desse teatro.

-Mas o que aconteceu na Capital, por que você diz que as coisas não foram bem por lá?

Clovis tão perturbado estava que esquecido que Arturo era filho de Adalberto, falou.

-Eu estava administrando os meus poderes em Arturo, eu estava ligado a ele pelos fios energéticos, como me ensinou o Lott, e estava quase conseguindo que ele cometesse uma asneira.

-Seu infeliz que história é essa, como você se mete assim com o meu filho?

Adalberto atirou-se sobre Clovis e rolaram trocando golpes e desferindo socos, quando João interviu.

-Parem, parem já. Por que brigam, assim como animais?

-Esse infeliz estava atacando o meu filho Arturo.

-Atacando como Clovis? Perguntou João.

-Eu queria que ele cometesse suicídio, que tomassem um montão de pílulas e morresse.

-Matar o meu filho.

-Agora ele é o seu filho Adalberto? Não foi você que o abandonou à sorte quando ele nasceu?

-Eu era um jovem e não sabia as coisas que sei agora.

-E o que aconteceu Clovis como o rapaz?

-A mãe dele a Eloísa, ela chegou na hora em que ele estava com o vidro de barbitúricos na mão. Faltava apenas ele virar o vidro garganta abaixo e pronto.

-Seu infeliz. Grunhiu Adalberto.

-Parem, parem nada de brigas mais. Interpôs-se João.

## Capítulo 43

Arturo se dedicava mais às pinturas e ganhava a cada dia mais elogios e incentivos para se superar. A vida com Fausto, porém, ao contrário seguia de mal a pior, os anos que estavam juntos pareciam que transformaram a amizade e companheirismo em rotina maçante e sem motivação. A companhia dele apenas acirrava as discussões e afastamentos. Fausto chegava a algum tempo bêbado e tarde. Uma noite Arturo o esperava e criticou a forma que ele adotara ultimamente para viver. Ele não gostou, mas não respondeu. Arturo insistiu e perguntou.

-Fausto você se envergonha de mim?

Uma pancada como que o atingiu na cabeça e o despertou da letargia alcoólica. Ficou quieto por um tempo e sentou-se no sofá. Seu rosto cansado demonstrava sob a luz do abajur os primeiros sinais precoces das rugas e nos cabelos os fios brancos surgiam nas têmporas. Arturo o encarava e esperava a resposta. Pelos pensamentos de Fausto um clarão de consciência o tomou e ele não encontrou na profusão de idéias que o atingia, uma que fosse a resposta à indagação. Pensou que se descuidara do amigo e que passou os últimos quatro anos, apenas, preocupado consigo, com sua carreira, com suas festas e recepções, descuidara da relação. Não percebia na figura calada de Arturo algum sinal de crítica, mas a pergunta direta o atingira em cheio, tanto devido a forma, como pela surpresa de não ser essa a característica de personalidade do companheiro.

-Não Arturo, eu não me envergonho de você. Se fosse esse o caso não estaríamos mais juntos.

-Tenho percebido sua mudança, sua desatenção, seu desinteresse. Parece cansado e abatido. O que se passa com você Fausto? A nossa amizade não é mais a mesma?

-Não é nada disso. Nada mudou em nossa amizade, apenas mudaram as circunstâncias, as coisas à nossa volta, agora, não somos mais os meninos de antes, temos responsabilidades, deveres, trabalho, jornadas cansativas e desgastantes.

-Mas você não deixa de ir às recepções e festas por esse motivo.

-Eu sei que você tem razão nesse aspecto, mas eu mesmo já havia me dito que não mais continuaria nesse ritmo de vida e trabalho, agora que tenho um bom tempo de empresa posso relaxar mais um pouco. Você sabe como nós temos que ser sempre mais em tudo, mais que os heteros, mais que as mulheres, mais que os chamados normais. Disse desabafando aos berros.

Arturo o olhava impassível e disse. Sei disso.

-Passei esses anos na empresa ouvindo piadinhas mal intencionadas, sorrisos de deboche e desrespeitos constantes, que foram diminuindo à medida que fui me impondo e ganhando espaço, e com a ajuda de Nestor.

-É pelo que vejo, não bastou, de fato, seu talento e competência, sempre se dizendo e se pondo sob a dependência de Nestor. Você deveria se impor mais e buscar a posição que merece por seu esforço.

-Não é isso, ainda existem vários diretores, que mesmo com minha competência e talento, atirar-me-iam à rua no dia seguinte a saída de Nestor. Você ainda acha que devo assumir minha condição? Acha que eu deveria chegar e dizer que somos um casal?

-Acho sim, se você tem competência e talento, outras portas se abrirão.

\*\*\*\*\*

Pela manhã Fausto levantou-se, ainda indisposto, sentou-se à mesa posta com esmero e diversidade. Enjoado tomou café puro e falou.

-Hoje à tarde vou procurar um médico, estou mesmo cansado e sem concentração, vou buscar ajuda de um profissional, acho que umas vitaminas resolverão essa situação.

-Procure o Doutor Humberto, ele é um excelente clínico.

-Vou ligar e marcar.

-Pode deixar que eu mesmo ligo marcando e depois dou retorno a você.

-Obrigado Arturo e desculpe por tudo.

Depois da conversa franca que tiveram a relações entre Arturo e Fausto melhorou, ganhou novos ares e novo fôlego. Arturo sentia-se mais leve e alegre. Os pensamentos menos carregados e escuros traziam novas cores a sua vida, podia respirar um ar mais puro e observar que a vida podia ser vista de vários ângulos e aspectos. Descobriu que perdeu muito tempo vivendo num limbo, vivendo sem viver, sem apreciar o lado azul da vida. A beleza,

que sua angústia e desconforto acentuados o impediam de ver. Lamentou a tentativa de suicídio, a mente embotada de conflitos e de pensamentos repetitivos, inapropriados ou estranhos à sua vontade. Foi fraco, reconheceu.

Reconheceu que mesmo que eles fossem fruto de influências externas, ou produtos de sua mente que Sotero tinha razão quando dizia que somos nós quem temos as rédeas de nossas vidas e não podemos permitir que terceiros ou que nossas fraquezas de espírito sejam nossos senhores. Agora percebia que havia outros caminhos, que com a disposição que estava podia resistir a eles, ignorá-los ou suprimi-los com ações ou com outros pensamentos de maior elevação.

Arturo saiu e foi pegar os exames de Fausto, ele sempre se dedicava a esses afazeres, já que as suas atividades não demandavam compromissos de horários rígidos. Pegou os exames e resolveu fazer uma surpresa ao companheiro, não era do seu feitio fazer isso, aparecer no trabalho de Fausto, mas ao longo de tantos anos seria a primeira vez, e o momento merecia. Iriam almoçar juntos e quem sabe se Fausto não abriria mão de trabalhar na parte da tarde, era sexta-feira e poderiam ir viajar, não faziam isso há tempos e Fausto precisava de descanso e diversão, ainda estava com ar de cansaço e abatimento físico. Mereciam dois dias fora. Pegou o elevador e subiu ao andar de Fausto. Pediu para ser anunciado.

-O Senhor Fausto está em uma reunião de trabalho, se quiser aguarde. Acredito que não demorará muito.

Arturo sentou-se folheou as revistas e logo se deu conta estava com o envelope dos exames abertos. Curioso e preocupado com o estado físico de Fausto resolveu olhar os resultados dos exames.

Um choque o traspassou ao ver a indicação nos cadernos de exames: HIV, positivo. Seus olhos marejaram, sua garganta ressecou e uma ânsia de vômito o acometeu, ele correu para o banheiro e se fechou na cabine. Estava mal. Atordoado, por pouco não perdeu os sentidos. Sentou-se no piso, cabeça entre as pernas. Ouviu a porta se abrir e dois homens entrarem conversando.

-Viu a situação em que você me colocou? Você poderia ter me livrado desta. Deveria ter me contado que a Fausto é um caso do Nestor.

Arturo não ouviu mais nada, a cabeça girou e o mundo sumiu.

## Capítulo 44

Uma chuva torrencial caía sobre a fazenda. Os relâmpagos e raios faziam revezamentos no céu, uma noite cortada pelos clarões e faíscas, e barulho ensurdecedor da água caindo. Deitados Zélia e Rangel olhavam pela vidraça o fustigar da chuva e o vento rondando a casa.

-Zélia querida, essas noites de tempestades me incomodam muito, hoje uma tremenda angústia, toma o meu coração, não sei explicar. A tempestade me anuncia alguma situação de emergência.

-Vamos orar e nos mantermos atentos, o que quer que seja a essa hora da noite será impossível sabermos.

-Você é um presente, uma dádiva divina, uma mulher especial. Foi preciso eu decidir sair da cidade e vir para cá para encontrá-la. Longe. Que caminhos nos levam a isso? Largar tudo para encontrá-la, aqui no fim de mundo?

-Tudo é especial, até essa tempestade. Quanto ao nosso encontro, tínhamos um projeto de vida em comum, sabíamos que nos encontraríamos um dia em algum lugar. Você sabia que eu passaria por esse caminho e eu sabia que você estaria aqui, mas antes foi preciso que muitas coisas acontecessem em nossas vidas para valorizarmos esse momento.

A luz elétrica caiu, os telefones ficam mudos, Rangel acendeu um candeeiro, ainda permanecia angustiado com o tempo, mas deitou-se ao lado de Zélia se acalmou.

A chuva se manteve na mesma precipitação por toda a semana.

\*\*\*\*\*

Na Casa de Pedra Clovis e Adalberto estavam encolhidos em um canto.

-Então falou com a Velha Bruxa sobre o assunto de atingirmos o Rangel?

-Os dois aceitaram participar do plano, vamos assustar esse lugar sempre nos dias das reuniões de encontros do casazinho, vamos pôr esses abobalhados para correr e correr muito. Disse Clovis gargalhando.

-E o Lott aceitou participar do plano?

-Sim aceitou.

-Como você pretende fazer isso?

-A Velha Bruxa, vai nos ajudar, vamos deixar esse lugar tão mal falado que ninguém haverá mais quem queira vir aqui.

-Você sabe o que faz, mas não quero que atinja a minha Eloísa.

-A sua Eloísa, de onde você tirou essa asneira?

-Clovis, estou cansado, estamos aqui os dois estúpidos se protegendo da tempestade, do frio e da chuva, sem um agasalho, sem um amparo, sem calor. Com um plano estapafúrdio de querer dominar esse lugar.

-Não vou abrir mão da minha vingança por nada deste mundo, por ninguém. Hei de ver tudo aqui destruído, tudo aqui acabado, assim como Rangel. Quero vê-lo na miséria, ou destruído definitivamente. A Velha já conseguiu uma vez e irá conseguir de novo.

## Capítulo 45

O telefone da fazenda não dava sinal, ninguém pôde avisar a Rangel, que o filho estava internado. Os médicos depois de alguns dias o mandaram para casa, a enfermidade não foi diagnosticada e dada como uma indisposição por cansaço ou estresse, ainda assim foram recomendados cuidados extras e atenção por algum tempo.

Arturo nos dois primeiros dias não pode receber visitas e nos demais não quis receber Fausto. Os envelopes contendo os exames de Fausto ficaram entre os pertences de Arturo entregues ao hospital. Arturo estava abatido e muito triste. Os pensamentos somente o deixavam quando ele submetido aos medicamentos adormecia. Ao acordar, recebia a atenção dos médicos e enfermeiras e as visitas de Sotero que tentava argumentar o porquê do afastamento dele de Fausto. Queria saber o que aconteceu naqueles dias que antecederam à sua internação. Arturo desconversava e não esclarecia as dúvidas de Sotero, permanecia fechado e resistia aos pedidos insistentes de Fausto para falar com ele.

Na alma sofria da dor que sentia por ter que abandonar o companheiro depois de anos de convívio e amizade. A dor da traição se confundia com a notícia da doença dele e com a incerteza de seu futuro. Dos seus amigos e parentes restavam apenas seu pai e Sotero. A vida mais uma vez o atingira sem piedade e ele se deprimiu com os reveses.

Ao sair do hospital foi passar uns dias com Sotero e logo após foi para um hotel. Fausto se exasperou, não entendeu a atitude do companheiro. O que havia acontecido? O que teria feito? Tentou de vários modos chegar até ele. Foi ter com Sotero, que pouco pode resolver as suas indagações.

-O que aconteceu Sotero?

-Não sei dizer Fausto, ele nada me falou, manteve-se fechado e deprimido no hospital e enquanto esteve aqui. Depois se mudou para um hotel, nem mesmo eu sei qual. Ele passou mal na sua empresa Por que ele estava lá?

-Não sei, ele foi até o laboratório pegar uns exames meu. A recepcionista disse que ele estava me esperando. Leu algumas revistas, depois abriu um envelope e foi apressado ao banheiro. Depois foi encontrado pela faxineira desfalecido, caído ao chão. É tudo o que sabemos.

-O que continha o envelope?

-Não sei, apenas foi recolhido e entregue aos enfermeiros da ambulância, mas agora que você falou sobre isso me dei conta, não tive percepção disso antes, com tantas atribulações e a surpreendente atitude de Arturo, esse fato caiu no esquecimento.

-Precisamos saber o que continha o envelope.

\*\*\*\*\*

Arturo passou pela casa onde morou quando criança para pegar algumas coisas pessoais e esvaziar o domicílio antes de vendê-lo. Queria se ver livre de tudo o quanto o ligava ao passado, não tinha mais porque rever tristezas e dores antigas, quando tinha as do presente. Caminhou pelos cômodos, sentou-se na antiga cama, vasculhou as gavetas. Fotos antigas, revistas, jogos e lembranças e no meio das coisas, uma carta ainda fechada. Era a carta enviada por Rangel. Era a carta enviada por Rangel, que Arturo nunca lera. Ele resolveu abri-la então.

“Filho, querido Arturo, a bem da verdade queria poder dizer isso a você olhando nos seus olhos e o apertando num abraço longo e forte, tenho enormes dificuldades de expressar os meus sentimentos, o meu amor. A orientação da minha vida foi uma opção de viver diferente das dos meus pais que eram Espíritas. Eu era duro e inflexível em minhas atitudes e comportamento, tinha idéias próprias de como conduzir a minha vida. Fui ser militar, queria a

dificuldades da vida no quartel, colocar em prática minha forma de ser. Gostava de conduzir e administrar a vida sem surpresas e tendo tudo controlado e a bom termo. Ter a quem conduzir, determinar, comandar. Acreditei que sob o meu olhar poderia manter tudo sob controle, mas a vida me mostrou ser isso impossível. Conheci sua mãe, que foi minha paixão primeira e verdadeira, mas estraguei tudo, não soube conduzir com carinho e sendo generoso, compreensivo e amável o nosso romance. Lamentei muito em minha solidão na fazenda tudo o quanto não fui, tudo o quanto poderia ter sido. Precisei desse tempo para ir aos pouco me familiarizando com as minhas dores, com as minhas dificuldades, ir descobrindo quem de fato eu deveria ser. Quero mudar, ser um novo ser. Desculpe-me se não pude lidar com você, com o seu olhar de tristeza de quem carregava no seu semblante a imagem viva de sua mãe, que trazia a dor, a saudade e a ausência dela estampada o tempo todo. Não me fale de minhas contradições, de querer, ser novo e não partilhar isso com você, mas não sei explicar, mesmo que isso doa em você, penso apenas que precisei fazer isso sozinho. Não me queira mal, não me despreze se pensa que o estou abandonando, mas estou em busca de mim, não poderia ter você se não me tivesse antes. Se um dia puder me perdoar, saiba que estarei aqui, esperando você, quem sabe não seja o tempo o remédio necessário aos nossos males? Quem sabe não seja o tempo a quebrar nossas dificuldades e nós tornarmos pai e filho de verdade? Quero que saiba que amei a sua mãe como a ninguém”.

### Do Seu Pai, Rangel

Na cabeça de Arturo, veio de imediato quando um dia ouviu o diálogo de Rangel com um o segurança Paulo, dizendo que desse uma lição em Adalberto, uma surra para que ele não esquecesse que Eloísa era sua esposa e Arturo era o seu filho.

-Talvez esteja aí a chave que explique essa carta tão contraditória. O que meu pai quis dizer naquela frase?

Arturo pegou suas coisas e guardou a carta no paletó. No táxi foi definindo o que seria o seu próximo destino.

\*\*\*\*\*

Arturo não dormiu a noite toda, não conseguia paz para conciliar o sono e era ainda madrugada quando decidiu arrumar as malas e ir em busca de respostas, em busca de seu pai. O sol surgia tímido no horizonte e os primeiros burburinhos da cidade já davam conta que mais um dia cheio e agitado estava para se iniciar quando ele pegou o táxi. Ligou para Fausto, mais para ter certeza que ele não estava em casa. O telefone chamou, mas ele não atendeu. Soube então que ele já deveria estar a caminho do trabalho. Foi, então, para o apartamento onde moravam juntos, pegou suas coisas pessoais e saiu. Despediu-se do Porteiro Gerson e foi à casa de Sotero, deixou um envelope lacrado e uma carta, depois foi para o aeroporto.

As lembranças de um rompimento naqueles moldes o faziam sofrer, estava deixando Fausto num momento tão difícil. Arturo, mal sabia, ainda, sobre como seria a sua vida. Pegou, novamente, o celular e ligou para Fausto. O celular tocou algumas vezes e ele não atendeu. Deixou uma mensagem.

-Fausto, por favor, atenda o chamado.

Desligou o telefone e pensou.

-Como somos tão frágeis. Quem sou eu para julgar o meu pai, quando sou tão contraditório quanto ele? Quem sou eu para tirar conclusões de situações desconhecidas para mim? Mas não vou mais ficar apenas esperando soluções, agora vou à busca delas. Como disse o meu pai, quem sabe não seja o tempo o nosso remédio.

Saiu, então, em busca do seu destino.

No avião a comissária pediu que desligassem os celulares.

Em Mato Grosso precisou pegar um ônibus. Não avisou a Rangel que estava indo, queria saber qual seria a reação dele quando o visse. O queria desarmado para falarem de coisas difíceis, antigas e dolorosas. Sabia que ele tinha muito a dizer. Queria enfrentar a vida de frente, ser mais decidido e não podia continuar assim dependente, condicionado a tantas situações passadas inexplicadas.

\*\*\*\*\*

Fausto na empresa, então se levantou. Pediu licença e saiu para retornar a ligação para Arturo, ligou várias vezes para ele, mas o celular de dele não atendeu.

## Capítulo 46

Zélia explanava para o seu grupo de alunos, as dificuldades dos espíritos lidarem com peso do corpo carnal.

-O corpo deixa a alma aprisionada e com as plantas dos pés no chão, na terra, o peso do corpo gravitaciona o espírito, mas que quando liberto pela morte, pelo desencarne, voa livre a alma. Isso não significa que não temos compromissos com a encarnação, pelo contrário, a manutenção da vida é um ato de amor, as angústias, depressões, doenças da mente, são muitas vezes a não compreensão dessas leis de causa e efeito, de que ganhamos um corpo para acelerar nosso aprendizado, pois na carne os registros de sentir têm uma disposição diferente que repercutem com um peso que impregna a carne. Dor física, alegria física, doenças, felicidade, tristezas, frustrações. Quando liberta a alma passa a ter outra forma de sentir, mais sutil, sublimada, expandida, assim devemos usar o amor como instrumento de crescimento e de associação a Deus.

Depois ela falou sobre o amor à vida.

-Amar a vida, a natureza, as plantas, os animais, os semelhantes, o corpo que adquirimos é uma prova de amor superior, amar é traduzir os desejos de Deus. O amor é a essência que possibilita a vida.

Um grupo de espíritos rodeava Zélia e Rangel, ela os sentia e falava ao ambiente, para que suas palavras fossem ouvidas não só pelos alunos e Rangel, mas por todos os presentes, entre eles estavam João, Clovis e Adalberto. Ramon se esforçava para se aproximar, mas Lott o escravizava e o detinha, ele ainda não tinha forças para se livrar dele.

Ela prosseguia.

-Morrer não significa a extinção, essa não é a lógica da vida, essa não é a sabedoria de Deus. Morrer é ganhar nova forma de vida. A alma tem a necessidade de Deus, tem sede do Divino. A consciência da alma é evoluir, sempre, chegar a Deus, isso é amor, é permitir que a alma se liberte, e se expanda, se estenda. Ainda que estando presa ao corpo terá uma pequena noção do que é a vida espiritual, a existência fora matéria.

Clovis se afastou irritado e decidido, Adalberto o seguiu, foi em busca da Velha Bruxa, na vila. Mais do que nunca tinha sua certeza que deveria atacar e destruir aquele núcleo de ação, onde os dois manipulavam os ingênuos e os encaminhavam a outros centros de tratamentos de desencarnados.

-Somente os ingênuos e fracos cediam aos argumentos de Zélia. Disse ele.

João seguia sentado e atento às explanações de Zélia e via as emanando dela de luzes, isso simultaneamente quando ela falava sobre as emanações luminosas dos corpos espirituais.

-Para facilitar uma visão mais clara do mecanismo da encarnação, como de todos os fenômenos espirituais faz-se necessário falar sobre corpo espiritual. Quando as entidades espirituais se tornam visíveis para nós o fazem pela simples vidência mediúnica, ou por materialização, e observamos então que elas possuem um corpo similar ao nosso corpo físico. Nós estudos dos prêmios Nobel de Medicina e Fisiologia Charles Richet e do físico inglês Willian Crookes, os Espíritos tornam-se visíveis e palpáveis a todos os presentes nas sessões de estudos, são percebidos e tocados em seus corpos espirituais. Os Espíritos possuem um corpo espiritual anatomicamente definido e com uma fisiologia própria da dimensão onde habitam. (1)

Kardec em O Livro dos Médiuns disse. "O perispírito é constituído de um tipo especial de matéria derivada do fluido cósmico universal". Assim nos informam as entidades espirituais. André Luiz nos fala no Livro Psicografado pelo querido Chico Xavier, que o corpo espiritual apresenta-se moldável conforme as emoções mentais do Espírito. Cada Espírito apresenta seu perispírito com aspecto correspondente ao seu estado psíquico. A maior elevação intelecto-moral vai determinar como consequência uma sutileza do próprio corpo espiritual. Em contrapartida, os espíritos cujas vibrações mentais são inferiores motivam, inconscientemente, que seu corpo espiritual se apresente mais denso opaco e obscurecido, não tendo a irradiação luminosa dos outros.

Os átomos do perispírito são formados por elementos químicos, nossos conhecidos, além de outros desconhecidos do homem encarnado. Os átomos e as moléculas que constituem as células do perispírito possuem uma energia cinética própria que é a força determinante de sua vibração constante. Quanto mais evoluída a entidade espiritual maior a velocidade com que vibram os átomos do perispírito, da mesma forma, conforme o adiantamento moral do

Espírito, maior o afastamento entre as moléculas que compõem o perispírito, pela sua vibração, daí a menor densidade de seu corpo espiritual. Espíritos de alta hierarquia moral possuem vibrações de alta frequência, ou seja, as ondas que emitem ou irradiam são finas ou de pequeno comprimento de onda. As energias emanadas pelas vibrações das moléculas perispirituais se traduzem também por uma irradiação luminosa com cores típicas. Os Espíritos são vistos pelos videntes ou descritos nas obras psicografadas emitindo cores e tons bastante peculiares ao seu grau de adiantamento. Quanto mais primitiva for a entidade espiritual, mais escuros os tons das cores e mais opacos se apresentam. À medida que galgam degraus mais elevados na escada do progresso, passam a emitir uma luminosidade pela postura mental adotada. Decorrente de situações momentâneas as vibrações se aceleram ou se desaceleram determinando modificações na estrutura do corpo espiritual, e todo o conjunto se altera. As cores não são estáticas, possuem nuances, transformações, formas, brilho e tonalidades além de combinações com outras cores. (3)

Repentinamente ela parou de falar, seu semblante mudou o tom e ela chamou Rangel. Ao seu ouvido falou sobre o homem de se encaminhava para a fazenda, a fim de falar com ele.

-Quem será essa pessoa. Indagou Rangel.

-Na devida hora você saberá, agora, por hoje vamos encerrar os trabalhos e nos despedir dos presentes até amanhã.

**N.R - 1,2,3 - Compilação livre do Livro Mecanismos da Mediunidade, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier**

## Capítulo 47

A relação entre Sara e Anita se tornou afetiva e constante, da inicial amizade se formou um laço maior e mais forte, a relação que ocorria entre as duas era de compartilhando de sentimento mútuo de admiração e afeto, compensando faltas e insatisfações pessoais.

Alencar passou a ser figura constante na casa da tia Albertina, marcando a presença para Anita, que a cada vez mais o repudiava e tomava aversão ao cerco promovido por ele e com a ajuda da sua mãe. Ela não conseguia mais se ver livre da presença dele que tutelado pela tia o infiltrava no ambiente do lar das duas, e as discussões se repetiam devido a isso. Alencar se mostrava bem-humorado e solícito com Anita, tentando cativá-la e se fazendo útil. Por relação demonstrava com a tia toda a afeição e todas as gentilezas possíveis, mas interferia voluntaria e involuntariamente nas rotinas da casa, assim sugeriu que se contratasse uma acompanhante para a tia, já que Anita agora formada, por várias noites se ausentava por conta dos constantes plantões médicos. Argumentou que Anita agora que ganhava bem, que poderia dar a mãe aquela condição. Anita ainda que insatisfeita pela interferência aceitou. Seria de fato útil ter uma acompanhante para a mãe. Assim se fez, Aurora chegou e agradou a dona Albertina. Era zelosa e dedicada como dama de companhia, sempre bem humorada como pessoa e sábio espírito. Demonstrava sempre equilíbrio e sabedoria nas colocações, serenidade nas ações, dessa forma, com o tempo, passou a ser mais que uma simples acompanhante, ficaram amigas de fato. A vida ao seu modo fazia o seu trabalho, o de criar as condições que Anita precisava.

Para Anita o amor era algo que surgia natural e sem fronteiras, absoluto e ao mesmo tempo em que dominava dava liberdade de sentir e viver uma experiência única, não formal e sem arranjos. Amar era sentir livremente o coração aberto recebendo a semente do amor, que frutificaria dando bons frutos. Já Alencar pensava que sendo ele essa semente, que ela poderia ser

posta no coração de Anita, sendo alimentada gradativamente, até florir e frutificar.

Por outro lado Dona Albertina a cada dia mais se sentia incomodada com a presença de Sara, não sabia esconder o sentimento de aversão. Tratava-a com ironia fina e segregação no ambiente da casa.

-Acho que está na hora de você se casar, construir uma família e me dar uma neta. Disse ela, um dia a Anita.

Mal sabia Dona Albertina que as palavras ditas se registram no espaço, assim como as frases mal formuladas podem ganhar vida.

## Capítulo 48

Clovis se dirigiu à casa da Velha Feiticeira na vila.

-Então você está decidida de fato a nos ajudar na empreitada?

-Sim, já disse que sim. Falou ela com uma voz desagradavelmente metálica. Então se prepare, a hora é chegada.

-Qual o seu plano para assustar os presentes na reunião e espalhar uma onda de boatos quanto ao lugar?

-Bem, isso é um pouco mais complicado, nem todos vocês sabem lidar com efeitos materiais, mexer objetos, atirar coisas, fazer aparições, mas tenho alguns conhecimentos que ajudam. Primeiro mesmo à distância posso mover objetos, graças a minha força mental. O meu auxiliar, escondido atirara algumas pedras e atizará alguns pontos de pólvora. Tenho ainda alguns amigos desgarrados que podem ajudar também, se mostrarão aos que tenham vidências como de fato são. Monstruosos e assustadores. Chamaremos Lott e mais alguns outros desgarrados, quero que eles pela força de indução alimentem o medo durante a noite aos participantes, pela manhã estarão mal e condicionados a ponto de que qualquer fenômeno os assuste.

-E nós faremos o que? Indagou Adalberto.

-Vocês poderão se concentrar. Usem a força do pensamento para que as coisas aconteçam.

-Mas somente isso?

-Infeliz, me diga a quem você esses anos todos perdidos entre o mundo dos vivos e dos mortos, assustou?

Adalberto não gostou do que a Velha falou, mas se deu conta do que ela dizia e também de que não sabia o que estava fazendo ali. Pensou em Sotero e lembrou que a Velha Bruxa disse ter amigos monstruosos. Isso lhe trouxe apreensões.

-Então vamos evoque os seus amigos e vamos iniciar os trabalhos nessa noite de sexta-feira. Sugeriu Clovis.

## Capítulo 49

Arturo adormeceu devido ao cansaço pela distância percorrida, das noites não dormidas e das vivências das últimas horas, assim, somente, acordou quando chegou ao final da linha do ônibus, com o celular descarregado, e não podendo saber das ligações de Fausto. A viagem ainda não tinha chegado ao fim, faltava um trecho que seria por balsa.

Ao ancorar no pequeno cais da fazenda o balseiro acionou a sirene da embarcação, o que chamou a atenção do capataz. João também surgiu à varanda e sorriu, sabia que um novo momento de alegria estava prestes a se realizar, rompendo barreiras de conflitos e de afastamento de dois entes, que somente, buscavam serem felizes.

-Pois não Senhor, o que procura?

-Falar com o meu pai, Rangel.

-Salve, é uma surpresa agradável, não sabia que o Senhor Rangel tinha um filho. Deixe-me carregar sua bagagem. O seu pai é um homem bom, sei que ficara feliz com a sua presença.

João foi correndo e soprou ao ouvido de Zélia.

-Rangel, o seu filho chegou. Disse ela.

Rangel de sentado deu um pulo. De onde você tirou isso Zélia?

Ele mal teve tempo de terminar a frase, Arturo entrou.

-Rangel não o esperou tomar a iniciativa, correu e o abraçou. Arturo deixou as bolsas caírem e retribuiu o abraço. A emoção foi grande e contagiou a todos. João, da janela também não se conteve e chorou.

\*\*\*\*\*

Fausto foi procurar Sotero e recebeu a notícia que Arturo deixara uma carta e um envelope contendo os exames médicos. Ele deixou a orientação que primeiro Fausto lesse a carta e somente depois abrisse o envelope.

“Querido Fausto, embora por tudo que tenha acontecido eu tenha tomado a decisão de parti quero deixa as minhas razões e as devidas explicações. É uma partida definitiva? Não sei. Como companheiro seu, sim, disposto a ajudá-lo como amigo na nova fase da sua vida que se apresentará difícil e não poderia deixar de dizer o quanto o estimo e o quanto foi bom conhecê-lo. Agradecer o quanto de vida você me deu e que fez da minha um caminho diferente e melhor.

Ao abrir os exames terá uma razão de entender o que digo em relação a uma fase de vida difícil, mas ainda tenho que explicar que não foi esse o motivo da minha partida, jamais o deixaria por isso, mas sim pelo que soube quanto ao seu caso com Nestor. A traição sim me deixou decidido a tomar um novo destino em minha jornada. Já não tínhamos os mesmo interesses e paciência mútua, já não havia a espontaneidade e a alegria do início, o mesmo viço, o companheirismo, a atenção, a ausência mesmo estando perto. Muito você mudou, hoje eu sei o por quê.

Se as mudanças que a subida profissional trouxeram a você houvessem sido divididas comigo, acho que neste momento, não estaríamos desta forma separados, mas você se deslumbrou e optou pela mentira ou pela omissão da sua situação, optou por esconder o que somos e o que vivemos, se envergonhou de mim. Acho que no momento em que fez isso não somente me excluiu, mas criou uma linha dividindo a nossas vidas, criou uma barreira que mesmo você não soube ultrapassar.

Viva a vida da forma que escolheu vive-la, mas creio que as opções que tomamos equivocadas trazem resultados que nos impõem sofrimentos e revisões de posturas, é como se ao avançarmos em uma estrada em algum ponto tomássemos um atalho e ao voltarmos à estrada descobrimos que não avançamos. Se precisar de mim como amigo estarei na fazenda de meu pai,

não sei se ele e eu iremos nos entender quanto as nossas diferenças, se não acontecer, mudarei de cidade, me estabelecerei em outro estado ou país.

Do mais que a vida seja pródiga com você, amena, que você possa seguir compreendendo que nós mesmos escrevemos nossas histórias”

Arturo

Fausto deu a carta a Sotero para que ele lesse. Ao terminar Sotero disse.

-Dizer o quê? Foi verdade sobre o Nestor?

-Sim, mas como Arturo soube?

-Fausto, neste momento isso é de menor importância, se você nunca disse a ele, deveria. Tome o envelope que ele deixou para você.

## Capítulo 50

Durante a noite Rangel e Arturo conversam muito. Zélia resolveu deixá-los a sós e foi continuar os seus estudos.

-Pai, recebi sua carta, mas não a li de imediato, por anos ela ficou guardada, somente essa semana resolvi abri-la. Eu era um menino e não sabia de fato o que pensava, tinha uma dor e queria que alguém fosse responsabilizado por ela. Acho que você estava mais perto e sofreu a minha revolta.

-E o que o fez mudar de decisão e a ler?

-Pai, tenho vivido momentos turbulentos, aflitivos. Recentemente a morte de minha avó e da minha tia, a minha separação.

-Você estava casado?

-Sim pai, mas não como uma moça.

-Como assim Arturo?

-Com um rapaz.

Rangel ficou em silêncio, levantou-se e caminhou pela sala, foi à janela e olhou o céu, pensou em tudo o que viveu nos últimos anos, não queria mais uma vez causar sofrimentos a Arturo, estragar tudo que Deus estava lhe dando naquele momento, se voltou e falou.

-Entendo, mas o que aconteceu para a separação?

-Uma traição, um rompimento de confiança, agora descobrir que ele está doente, uma doença grave, AIDS.

-Arturo, e ele onde está? E você, fez os exames para saber se é portador?

-Não pai, apenas queria sair de onde estava. Peguei minhas coisas e achei a carta que você me enviou. A li e pensei em você.

-Fez bem Arturo, fez bem. Assim que as coisas se estabilizarem poderemos fazer os exames.

-Está certo pai.

-Sabe que é uma felicidade tê-lo aqui? Mesmo longe meus pensamentos estavam sempre buscando as lembranças dos momentos bons que tivemos

juntos. Das praias no litoral do Rio de Janeiro, das aventuras nas matas no interior de São Paulo. Quantas lembranças boas.

-Foi sim pai, pena que na minha maneira de ser o tenha afastado de mim.

-Por favor, Arturo, eu fui covarde e irresponsável por tê-lo deixado aos cuidados de sua avó e de sua tia.

-Pai, bom estarmos falando assim abertamente, temia que fosse encontrar o mesmo homem, fechado e severo, com os outros e consigo. Mudamos muitos bem vejo, eu também mudei muito. Creio que a hora certa era essa, nem antes nem depois, por isso vim para esclarecer tudo, não quero seguir a minha vida trancada em um compartimento junto com os meus medos. Pai me diga o que você quis dizer quando falou ao Paulo que desse uma lição em Adalberto, uma surra para que ele não esquecesse que Eloísa era sua esposa e Arturo era o seu filho? Por favor, pai, diga-me sem nada esconder.

-Quando me casei com sua mãe, ela já estava grávida. Não fui eu o homem que a engravidou, eu assumi a situação por amor a ela, pela paixão que ela me despertava.

-Pai, por que nunca ninguém me contou isso? Todos sabiam? Minha tia e minha avó?

-Sim, elas sabiam, mas ninguém queria que você soubesse.

-Adalberto era o meu pai biológico?

-Sim, era ele.

-Deus. Eu o matei então?

-Você apenas puxou o gatilho. A morte dele foi encomendada por ele próprio, ele mesmo criou o seu destino. Rangel contou tudo desde que conheceu Eloísa.

-Deus, quantas atribuições.

-Arturo, não diga isso. Estou aqui e quero recuperar o tempo perdido, quero poder apagar a má impressão que deixei, sei que seria pedir muito, mas gostaria que continuasse a me chamar de pai.

-Eu o chamarei assim. Pai.

Adalberto se revoltou ao ouvir toda a conversa. Não admitia o que estava vendo e ouvindo de Arturo que mesmo depois de saber que era filho dele, continuar chamando Rangel de pai, e saber que o filho confessara ser homossexual e não ser repreendido. João sorria e Adalberto se irritou mais.

-Está rindo do que? Você ri, pois não é com você.

-Estou rindo de felicidade de poder ver dois seres humanos se harmonizando, se entendendo, se amando.

Arturo olhava a noite e perguntou ao pai.

-Quem é esse rapaz que fica sorrindo para nós?

-Quem? Não vejo ninguém.

-O rapaz negro e de dentes alvos?

-Nossa Arturo, você o vê?

-Sim, dizem que há um rapaz negro que morreu há muitos anos, que ele era empregado da fazenda que vive por aqui ainda. Onde você o vê?

-Ali, sentado, sorridente na cerca da varanda.

-Você tem mediunidade, sabia?

-Pai, eu frequento uma casa Espírita. Casa de Caridade, mas nunca soube que possuía esse dom.

Zélia chegou e sentou-se à varanda.

-Você é um médium sim e se pudesse tê-lo conosco seria maravilhoso.

-Como?

-Temos aqui na fazenda uma Casa de Estudos e assistência. Você vai se interagindo de tudo aos poucos, acabou de chegar, mas creio que veio para ficar.

## Capítulo 51

Fausto não acreditou quando leu o resultado do exame, a princípio ficou estarecido, leu e releu. Depois se desesperou, gritou e cerrou os punhos. Atirou-se no sofá, escorregou e se afundou nas almofadas. Chorou.

-Agora o que será de mim Sotero, o que será?

-Hoje é uma doença controlável, temos que buscar ajuda especializada e você levar sua vida normalmente.

-Normal Sotero, normal?

-Normal sim Fausto, o ocorrido já é fato, a vida continua e você precisa ser tratado, viver. Vou estar com você. Eu estarei ao seu lado.

Uma semana mais tarde Nestor pediu licença da empresa, o boato correu que era por motivo de doença.

Fausto sentiu seu chão ruir, e temeu por seu trabalho, investigou e nada apurou de realidade, andou acabrunhado e só. Lamentou as escolhas feitas, pensou em ligar para Arturo e pedir perdão, mas não conseguia falar com ele. Depois então mais sereno e conformado, e com a ajuda de Sotero iniciou o tratamento.

## Capítulo 52

Embora da conversa franca com o pai, Arturo ainda trazia amarguras na alma, a maior delas ainda era a separação de Fausto, ele fora seu maior e melhor amigo, com ele conviveu por muitos anos sem nada esconder dele. Ainda sentia muita tristeza por tudo o que passou nos últimos dias.

Clovis sabia das deficiências psicológicas de Arturo e o atormentava, instigando pensamentos de tristezas e encontrava campo farto e fértil nele para aumentar as dores já existentes.

Zélia sentou-se ao lado de Arturo e tomou as suas mãos.

Clovis saiu assim que ela se aproximou, pé ante pé preocupado que ela pudesse vê-lo. Ela não o viu, mas o sentiu. Um arrepio tomou o seu corpo e ela falou.

-Arturo, sei que em sua alma vai uma dor imensa e profunda, mais profunda porque nela se alinha um conceito errôneo de que ela é resultado de uma vida em pecado e que pecado é passível de castigo. Por que você pensa assim? Por que facilita aqueles que sendo seus inimigos possam disseminar formas-pensamentos que o intranquilizam e o tiram do equilíbrio.

Algumas lágrimas correram e ele nem se deu ao trabalho de enxugá-las.

-Zélia, ainda pouco a conheço, mas, minha confiança em você já é grande. Sabe, faltam-me forças e o desejo de viver até a pouco era pequeno, melhorou depois da conversa que tive com o meu pai, depois que descobri que não perdi tudo, mas ainda acho que a vida estragou coisas boas? Tudo o que conquistei nos últimos anos, foi assim esfacelado? Nunca fui feliz antes, somente nos últimos anos quando conheci o Fausto fui feliz. É um castigo sim o que está acontecendo, uma vingança da vida devido a minha condição de homossexual? Sei que é um castigo porque estávamos vivendo em pecado, mas não me importava isso, melhor foi viver em pecado com ele do que toda minha vida anterior.

Arturo, a homossexualidade, é uma realidade cada vez mais evidente em nossa sociedade, e é angustiosa a relação que a maioria dos homossexuais tem com a própria orientação sexual, principalmente por terem que se

enquadrarem dentro de um padrão definido, fugindo dos preconceitos para se sentirem ou não aprovados e amados por seus familiares, pela sociedade e por Deus, mas muitos heterossexuais se recusam a aceitar a homossexualidade e a bissexualidade como expressões normais de sexualidade humana por acreditarem serem desvios e buscam curas. Isso somente faz aumentar os seus sofrimentos, caminhos possíveis à depressão, loucura ou suicídios, alguns caem em instituições principalmente religiosas, que sustentam serem pecadores e contrários às leis divinas, eu te pergunto: Deus alguma vez disse não gostar dos seus filhos devido à sua orientação sexual?

Arturo ficou em silêncio.

Zélia prosseguiu, não podemos atribuir a Deus a responsabilidade pela orientação sexual de cada um de nós, porém elas advêm de todas as experiências vivenciadas por todas as nossas existências reencarnatórias. As características mais femininas ou masculinas que se apresentam quando reencarnados são resultantes de diversas e sucessivas reencarnações em um mesmo tipo de corpo físico. André Luiz diz, que, ligados aos corpos físicos recebidos para as reencarnações, trazemos ligado a eles nossos espíritos eternos carregados de experiências vividas em corpos masculinos e femininos, portanto nenhum de nós somos absolutamente uma coisa ou outra.

Não fique triste Arturo.

-Estou triste sim, mas quem são os meus inimigos e o que são formas pensamentos?

-Arturo, os nossos pensamentos são ondas de energia que se propagam no éter astral e quando essas energias são concentradas elas criam formas visuais de acordo com nossos pensamentos. Podemos criar monstros que passam a atacar pessoas e a se voltar contra nós mesmos. Nossos ódios, nossos sentimentos negativos criam impulsos de energias que geram formas na matéria astral. Essas formas parecem até ter vida própria. Um vidente inexperiente pode encarar essas formas como monstros e seres reais que querem atacá-lo e destruí-lo. Portanto, é de suma importância criar os pensamentos positivos e superiores para que as energias criadas no astral sejam altamente benéficas a todos nós. Os espíritos obsessores emanado, perversos transmitem a quem quer os maus pensamentos que se agregam aos nossos, de medos e inseguranças gerando formas que acabam nos desequilibrando e nos deixando mentalmente desguarnecidos, assim você está focado apenas na sua separação e não consegue mudar a frequência de

pensar, isso irá desgastá-lo, fragilizado você será uma porta aberta para outros ataques.

- E o que posso fazer para acabar com elas, Zélia?

-Autoconfiança e estudo, conhecimento, leituras. Se você confiar mais em si mesmo, e souber que é assim que agem os espíritos inferiores, ou mesmo outros seres humanos, elas sumirão. Desligue ou mude essa frequência, e elas desaparecerão para sempre. Olhe a sua volta veja quanta beleza, o verde, as flores, as aves, a natureza canta e encanta. Venha comigo, vamos dar um passeio.

Realmente quantos de nós somos responsáveis pelas dificuldades por que passamos. Quantas vezes, devido a nossa imprudência, atraímos situações que nos causam sofrimento que poderíamos evitar se vivêssemos com maior clareza espiritual. Quantas vezes geramos pensamentos de medo, cremos que somos incapazes de superar determinada situação, nos sentindo cada vez mais fracos, e o que é pior, passamos a usar drogas ou medicamentos na ânsia de acabar com as nossas angústias, isso quando não acreditamos que alguém fez feitiçaria contra nós ou que estamos sendo obsediado. Na maioria das vezes, nós mesmos somos os culpados. Podemos chamar isso de auto-obsessão, quando determinada idéia se repete em nossa mente. Elas parecem ter vida própria, mas na verdade obedecem automaticamente a determinados padrões de comandos que damos sem percebermos. Basta que você tome consciência de determinados pensamentos negativos para iniciar o processo de desintegração dessas formas-pensamento. O processo de autoconhecimento é eterno e é por ele que nos libertaremos dos sofrimentos em que vivemos. Tudo o que aconteceu com vocês dois foi apenas por desconhecerem esses princípios, nós somos os alvos de nós mesmos. Se tivessem mudado essas frequências de pensar, seria outra a história de vocês, mas os seus medos e inseguranças Arturo e a autossuficiência e arrogâncias de Fausto transformou as vidas dos dois.

-Pensando de forma isenta vejo que você está certa, mas o mal fez resultado em mim e ainda estou sentindo seus efeitos.

-Foi por isso que o trouxe aqui a essa pequena elevação, aqui você tem uma visão que pode ir ao longe. Fique aqui e logo voltarei.

-O que eu faço.

-Grite, ponha tudo o que sente para fora, todas as dores, mágoas, paixões, tudo, não esqueça nada.

Zélia se afastou e Arturo ainda tímido ficou parado olhando ao longe, depois soltou o primeiro grito. Um alívio o tomou e ele pensou. Por que não? O segundo grito saiu mais forte e maior, do mais profundo da alma, um terceiro um quarto e vários outros se seguiram...

Ao voltarem Zélia explicou a Arturo. Essa discussão sobre orientação sexual só ocorre porque existimos neste planeta, neste plano de vida, onde as ocorrências físicas, ainda se destacam pelo valor que lhes são dados. O sexo e as suas atratividades de desejos ainda fomentam nossas almas, já em outros planos mais elevados isso não ocorre, já que o sexo é sublimado, onde a importância de ser feminino ou masculino é de nenhuma importância, como aqui ainda isso é contundentemente um dos fatores de tamanha discórdia há os espíritos que decidem ter uma experiência particular, ela está dentro do seu direito, de seu livre-arbítrio, ele estabelece a base própria para que isto aconteça, que seja parte de sua vida. Sempre que você está lidando com questões da vida que não estão em conformidade com a sociedade, isso é uma escolha delicada, que suscitará enormes demandas, tal como a homossexualidade. Essas escolhas são feitas com muito cuidado para garantir que você tenha a experiência necessária de vida.

As lições envolvidas são a tolerância, a fé, a confiança em si mesma, respeitar onde as suas tendências genéticas humanas o levarão, é ouvir o seu coração e a sua alma, e não os preconceitos sociais. Você queria ver como lidaria com o fato de estar em uma minoria perseguida e se você teria a força de continuar através da adversidade. Arturo, você e Sotero são do mesmo grupo de almas; vocês planejaram se reunir para permitir um estilo de vida mais suave com alguém que fosse muito compatível com você. Vocês compartilharam encarnações, e escolheram ter nestas experimentações controversas.

Acharam que seria mais fácil agirem integrados, ao instigarem a sociedade, mas ao se virem aqui, perceberam que não seria nada fácil, estão assustados, sofrem, mas juntos têm ao menos como se unirem e se fortalecerem uns nos outros, no companheirismo, alguém com quem discutam as implicações filosóficas, bem como as teóricas do que vocês estão fazendo. Isto é muito benéfico em seu processo de aprendizagem. Assim foram você e Fausto. Quando múltiplas almas orientadas à homossexualmente existem na mesma

família, ou grupo de amizades, é por escolha de todos os envolvidos, isto pode estar relacionado com a intolerância em que se viram submetidos em outras vidas, sobre o desconforto, com a exploração, ou o conhecimento de que outra alma escolheu está família particularmente com a intenção de explorar a homossexualidade. Algumas almas que não tiveram muitas vidas na Terra ficam, às vezes, hesitantes em levarem uma existência sozinhas, como escolhas, então, de tamanha responsabilidade e pesos assim elas pedem que tenha perto uma alma mais velha para observá-las, orientá-las, dar apoio e acolhimento, assim foi Sotero.

## Capítulo 53

As investigações e os desejos de Alencar pela prima o levavam constantemente a visitar a tia. As insinuações e maledicências não passavam despercebidas a Aurora, mas que por profissionalismo se excluía de opinar, mas no dia a dia as conversas se faziam mais na base da amizade de Albertina por ela, quando a ela eram confiadas as angústias e seus temores com a filha e a amizade que a irritava dela com Sara, então nestas situações Aurora manifestava as suas opiniões.

-Aurora o que leva alguém a desprezar uma oportunidade de vida próspera baseada nas virtudes, e nas escrituras sagradas? O que faz os corações das pessoas tomarem rumos insensatos e desvios obscuros?

Aurora sorriu e falou.

Albertina se está falando sobre sua filha, não o está fazendo de forma direta, até para dizer o que você pensa você volteia, dá giros para chegar ao ponto.

-Desculpe Aurora, mas me falta a coragem necessária para tocar em certos assuntos. Às vezes não quero crer no que a minha alma sente, nas incertezas que me assaltam, os pensamentos impróprios me acometem, vivo uma luta intensa intimamente.

-Eu vejo Albertina, eu vejo.

-Sabe espero que Alencar consiga de alguma maneira o seu intento, de chegar ao coração de Anita. Oro e peço noites a fio para que isso aconteça.

-Acho que as orações e os caminhos que tomamos nem sempre são os que a vida nos destina. Vejo dois tipos de esforços concentrados em vão. Conheço Alencar há tempos, desde menino, sempre buscando o que deseja, sempre obstinado nas suas decisões, gostaria de sentir que a sua opção por Anita não é mais uma das suas obstinações, que seja realmente por amor. Por outro lado as suas inquietações são frutos de uma alma rígida.

-Como assim rígida Aurora?

-Quando deixamos em nós apenas um caminho a seguir, podemos não ter saídas, você não se apercebe que cada um ser é uma célula com uma

função, somos todos diferentes, mas trabalhando e sendo trabalhado por uma mesma causa, o amor. Não importa o caminho que temos que trilhar se a busca for pelo amor Albertina. Não a vejo preocupada com a felicidade real de sua filha, a felicidade que ela mesma almeja, eu a vejo sim preocupada com a felicidade que você deseja para ela.

-Isso é fruto de meu desejo para que ela viva bem.

-Viva bem? Viva bem a vida que você escolher para ela. E a vida que ela quer viver como fica?

-Que vida ela tem vivido, ao lado daquela moça libertina? A voz de Albertina tremeu e elevou o tom, mas as palavras que queria de fato dizer não saíram, ficaram caladas, presas pela indignação, revolta e preconceito.

Aurora mantinha a serenidade, enquanto costurava os pontos-de-cruz, por vezes elevava o olhar por sobre os óculos caídos no nariz para observar a face da amiga, e logo retornava aos intrincados labirintos das linhas.

-Sabe Albertina você deveria dizer as palavras que ficaram presas na sua garganta, deixá-las presas somente faz mal ao corpo e a alma. Sua filha é uma menina preciosa, gentil, meiga, que veio ao mundo em busca de aprendizados, têm as suas faculdades, sentidos e desejos como instrumentos de aferição do mundo que sente e vê e são distintos dos seus, dos meus. A maior prova de amor que se pode dar a alguém é respeitar isso, entender que não há pecado quando fazemos a nossa busca com a intenção de crescermos, de nos encontrarmos, de achar quem nós somos. Se você tivesse feito isso, estaria curtindo a felicidade de estarem juntas, independente dos sentimentos que a sua filha tenha por quem quer que seja. O amor não tem limites, é tão extenso quanto o Universo, sempre pode ser dividido sem que alguém se sinta preterido e você não estaria agora sofrendo, vendo a sua filha se distanciar se não fosse tão rígida.

Dos olhos de Albertina lágrimas de dor desceram caindo sobre o tecido de algodão, mas a marchas em seu coração continuaram na mesma batida de intransigência e preconceitos. Os seus pensamentos seguiam o rumo de afastar Anita de Sara.

Alencar chegou trazendo notícias de suas investigações, relatando os fatos que apurou sobre Sara à tia Albertina, que por sua vez, mais chorou. Depois refeita prometeu que não daria tréguas até ver Sara separada de Anita, que lutaria com todas as suas forças e até as últimas consequências desse

objetivo. Alencar jurou votos também. Aurora os observava serena por sobre os óculos.

E assim os dois passaram pressionar mais Anita.

As insinuações eram habituais, os subterfúgios e tramas para deixar os dois a sós ou preparando situações de fazer Anita se encontrar com Alencar eram frequentes. Ele a cerceava, se impunha, mandava presentes, flores, e nada a sensibilizava, pelo contrário a cada dia mais se sentia invadida e se tornava arredia e irritadiça com as situações. Estar com Sara era o seu refugio, sua ilha de paz e de tranquilidade.

\*\*\*\*\*

Alencar por algumas outras vezes tentou voltar ao assunto de Sara, porém, Helena preferiu não polemizar mais. Uma noite ao final de uma reunião, Helena conversava com uma amiga no pátio da igreja quando ouviu Alencar e Albertina conversando.

-Então Alencar, alguma novidade sobre a moça Sara?

-Sim, algumas, já descobri que ela tem simpatia por moças, por meninas.

-Jesus Amado. Que Deus não permita, que livre minha Anita desse mal.

-Calma tia, tudo ao seu tempo, estou trabalhando para afastá-las. Pelo lado das orações ou pela minha interferência. Tudo dará certo.

-Que Deus o ouça meu querido, minha Anita não pode passar por essa situação.

Helena ligou para Sara e marcou um encontro.

-Sara, eu ouvi uma conversa entre Dona Albertina e o pastor Alencar, tudo me leva a crer que falavam sobre você e Anita. Diga-me o que há entre vocês?

Sara abriu o coração à irmã. Contou sobre sua orientação sexual e do seu relacionamento com Anita, do carinho e da afeição que a ela dedicava, da

felicidade que sentia quando estavam juntas. Falou da obsessão de Alencar por Anita.

Dos olhos de Helena as lágrimas desciam motivadas pela sinceridade e pela verdade impregnada nas palavras da irmã.

-Sara, eles estão tramando para afastá-las. Helena, contou então, a Sara tudo o que aconteceu entre ela e Alencar.

-Está tudo certo minha irmã, deixe-me um abraço apenas, nada preciso para justificar o que você sente. Você é minha irmã e respeito as suas escolhas. Agora entendo que fui usada por Alencar para atingir você, ele se aproximou para tirar proveitos, já que o amor dele era exclusivo por Anita, não por mim.

No dia seguinte Helena foi procurar Alencar e desabafou tudo o que sentia por ele.

-Você Alencar, não deveria estar à frente de uma igreja, seja ela qual for. Um homem que não honra sua conduta pela ética e moral, como pode subir a um púlpito e lançar palavras de cobranças e interpelações aos fiéis? Saiba que minha irmã ama Anita, eu nem me importo com isso, pelo menos o amor delas é verdadeiro e não uma paixão angustiada e que não enxerga a quem pisa, que não vê a chama da verdade. Retrógado, desprezível. Vou buscar outra igreja. Não por porque essa não seja merecedora de minha confiança, mas somente, para não mais cruzar com você. Passe bem. Disse Helena finalmente, saindo aborrecida.

## Capítulo 54

Rangel sentado à noite na varanda olhava o céu estrelado e viu uma estrela cadente se deslocando e pensou se deveria existir vida no Universo. Desejou saber se seria como a nossa, se experimentavam em outros mundos sentimentos de alegria, felicidades, tristezas e angústias.

-Querido Rangel, por que tão pensativo?

-Muitas mudanças em pouco tempo, conhecer você, ter o meu filho de volta.

-E não é tudo de bom?

-Sim Zélia é sim. Hoje o Arturo me confessou ser homossexual.

-Isso o deixou perturbado?

-Ainda estou em confusão, amo meu filho e o quero comigo, mas não sei o que pensar sobre isso. Se gostar de outro homem sexualmente é pecado. Se é escolha, ou doença? Ser afeminado é uma coisa que não compreendo bem.

-Querido, a orientação sexual define o objeto do desejo sexual, homem ou mulher, pelo qual os seres humanos podem ter um sentimento afetivo-sexual. O comportamento sexual reflete a maneira como lidamos com o impulso sexual, como externamos nossa opção em gestos, atitudes e conduta. É, por demais importante compreendermos isso. Medite, por instantes, sobre isso Rangel, depois então eu continuo.

-Pode prosseguir Zélia, estou interessado em saber mais, gosto da maneira como você vê o assunto.

-Então Rangel, a diferença reside em que se temos uma orientação sexual para heterossexualidade podemos ter em algum momento um desejo homossexual, mas que não necessariamente teremos que traduzir isso em sexo com alguém do mesmo sexo. O comportamento sexual sofre influencias diretas das nossas crenças e valores, cultura sobre o sexo e sexualidade, ainda mais de nossas condições de saúde, tanto física quanto mental. Muitos que possuem orientação sexual para a homossexualidade não apresentam

comportamento afetado, traços femininos, pois que não necessariamente a orientação sexual define os comportamentos e as atitudes sexuais.

Diversos espíritos encarnam em condições diversas das que viveram em suas encarnações anteriores, seja para domínio de experiências no Planeta ou por obediência à tarefas específicas, mas isso sempre exige alto grau de disciplina. Nas variações de nossas encarnações adquiriremos gradativamente qualidades divinas, de ternura, delicadeza, fortaleza, humildade, poder, inteligência, sentimento, iniciativa, intuição, sabedoria, amor, tudo em busca do equilíbrio como espíritos eternos. A sede do sexo está no espírito, é natural então que a atração afetivo-sexual de um espírito com característica feminina encarnado num corpo masculino seja direcionada ao sexo oposto, o mesmo se dando em relação ao sexo contrário, porém o comportamento sexual apresentado dependerá do valor que se dê ao sexo e a conquista moral que se tenha feito evolutivamente, isso vale tanto para heteros, homos ou bissexuais, ou seja quanto mais ligados as exigências da matéria mais importância se dará ao sexo, quanto mais prisioneiros das exigências da matéria maiores serão as tendências para viver as promiscuidades. Quanto mais livres das tendências materiais, mais se poderão canalizar as suas energias para criações, cultura, artes, caridade, desprendimento, amor e ajuda ao próximo. Todos os espíritos passam por inúmeras experiências nos corpos masculinos e femininos, que permitem assimilação pouco a pouco do psiquismo de características ativas ou passivas, e é por isso que homens e mulheres apresentam em certa percentagem mais ou menos elevadas de virilidade ou feminilidade, o que possibilita comportamento íntimo normal, segundo o conceito estabelecido pela maioria da sociedade. Convém lembrar que um indivíduo pode adotar um comportamento homossexual sem que tenha uma orientação homossexual ou bissexual, podendo ter como causas os seguintes fatores: resistência à reencarnações anteriores, educação sexual recebida, influências do meio ambiente onde vivem, distúrbios mentais, processos obsessivos.

Podemos dizer que segundo a Doutrina Espírita, a homossexualidade e a bissexualidade, enquanto orientações sexuais, não podem ser vistas como uma patologia, deformidade moral ou punição de Deus, mas sim como uma consequência natural decorrente do fato de um espírito necessitar reencarnar no corpo físico diferente do que o é seu psiquismo sexual, isso para poder ajustar-se à lei ou em missão específica, como necessidade de um progresso espiritual.

-Eu entendi Zélia, mas precisarei de um tempo para me acostumar, é tudo muito novo, foge dos padrões.

Zélia sorriu e o beijou.

-Rangel, para muitos tudo o que foge dos padrões estabelecidos é anormal, nós estamos em evolução, a sexualidade é mais complexa do que uma simples questão de gostar ou não gostar, as pessoas se sentem mal porque não conseguem compreender que existe uma diferença entre orientação sexual e comportamento sexual e criam uma ideia deturpada sobre o que é homossexualidade, pois tomam com referência um comportamento sexual estereotipado que alguns homossexuais apresentam para se mostrarem diferentes dos heterossexuais. O impulso sexual é acima de tudo um impulso criador sim e inerente ao ser espiritual e nós vamos aprendendo isso em nossas diversas encarnações. Vamos compreendendo que essa energia que falei não tem somente como canal de manifestação, os órgãos sexuais genitais, que todas as orientações sexuais são expressões da sexualidade manifestadas em nós espíritos como formas de chegarmos à perfeição, as experimentações delas nos faz compreender as nossas imperfeições. Não existe pecado querido, todas as respostas estão dentro do próprio homem, existem compromissos de resgates daquilo que construímos, de bom e de mal, é lei da vida, lei natural. Deus nos concedeu virmos homens e mulheres para experimentarmos formas diferentes de vermos a vida, e crescermos pelo equilíbrio da fusão dessas maneiras de ser, homens e mulheres não melhores nem piores que o outro, são diferentes e como tal o melhor de cada um habitara nossos formas futuras de ser. Vimos e viremos em diversas encarnações alternando os dois sexos. O que foge desse padrão são distúrbios da alma, fusão dessa forma de ser, ainda, não perfeitamente acabadas. Assim também como temos heterossexuais com distorções de suas características. Espere Rangel, vou pegar um texto de um livro sobre o assunto.

Zélia voltou e leu.

“A Psicologia ainda não encontra explicações razoáveis para a homossexualidade, a reencarnação explica essa tendência, de alguns, sob o seguinte prisma: O espírito, que hoje reencarna é alguém que volta mais uma vez a um mesmo lar, através de muitas reencarnações e por isso esse espírito já haveria vivenciado existências ora como homem, ora como mulher. Cada um deles, portanto, terá características masculinas ou femininas, mais acentuadas e por isso, independente de seus sinais morfológicos revelará a sua

anterioridade por traços femininos ou masculinos, independente de seu corpo ser de homem ou de mulher. Renascendo na Terra para conquistar mais experiências evolutivas, o espírito poderá tomar um corpo feminino ou masculino, para exercer suas experiências necessárias para sua própria evolução. Isso, contudo, não determina a homossexualidade, embora possa ter reencarnado num corpo masculino, sendo uma alma carregada de registros femininos, ou num corpo feminino, sendo a sua alma carregada de registros masculinos. Quem tenha cometido abusos das faculdades sexuais, em vidas anteriores, ora destruindo lares, ora complicando afeições sagradas, será induzido a renascer em corpo físico que não corresponda às suas preferências sexuais, para um curso de reaprendizagem. Estará aí configurado esse quadro de coerção, que ele viverá em regime de prisão compulsória para aprender a reajustar os seus sentimentos. Para os Espíritos Superiores, contudo, esses poderão entremear-se em corpos femininos ou masculinos para melhor desempenhar suas missões, sem que isso influa em seu comportamento, já que a sua sexualidade está sob seu controle pessoal e em vias de sublimação. Diante, pois, de tendências homossexuais dos filhos, muitos deles em curso de provas ou expiações necessárias, saibam os pais como respeitá-los e educá-los. A reeducação aqui é essencial. Evite-se, contudo, a prostituição aviltante, já que este é o ponto verdadeiramente crucial para que as energias genésicas não sejam canalizadas para o simples jogo de prazeres fáceis e altamente comprometedores. Se cada criatura aprender a se respeitar, em seu mundo íntimo, respeitando a todos os sentimentos alheios, o amor se elevará a um estágio sublime, manifestando-se muito mais de alma para alma do que de corpo físico para corpo físico e, somente aí, o coração humano, renovando-se às luzes do Evangelho, encontrará a sua razão espiritual de ser, o amor."

-Belo texto. De que livro é?

-Do Livro "Filhos, como educá-los na Visão Espírita" de Roque Jacintho, mas, Rangel, quero acrescentar o seguinte. Somos espíritos, ou seja, energias imateriais dotados de consciência, se assim somos podemos dizer que temos responsabilidades por nossos atos, de tudo o que foi descrito no texto que eu li, somos nós espíritos responsáveis por nossas opções, assim, em todas as situações relatadas, a opção, a escolha é sempre nossa, mesmo quando Jacintho fala sobre os que são coercitivamente orientados, induzido a renascer em corpo físico que não lhe corresponda às suas preferências sexuais para um curso de reaprendizagem, onde ele viverá em regime de prisão compulsória,

aprendendo a reajustar os seus sentimentos. Será uma opção nossa vir ou não. A opção sempre será nossa, seja quando decidimos vir como um sexo definido e aqui chegando mudamos de pensar e transformamos nossos corpos ou nossas mentes para as características diversas das nossas programadas, quer seja quando aqui estivermos, decidimos nos apaixonar ou nos achegamos sexualmente ao mesmo sexo, sempre será de nossa responsabilidade a decisão. Não esqueçamos que somos espíritos e não carne. Há muitos que dizem de maneira a desviar a responsabilidade de que a carne é fraca, franco é o espírito, que consciente opta por ceder, se envolver ou se submeter. O cérebro, segundo alguns e o coração segundo outros seriam a chave de nossas emoções, mas tanto um como outro são apenas carne, carne. Não podemos imputar a eles responsabilidades, o que eles sentem são energias vindas do espírito, consciente e responsável, energias muitas vezes acondicionadas por longos tempos. Isso também não significa pecado, existem atrasos ou distorções nas programações de vida definidas. Deus não julga, espera. Espera que concluamos nossas evoluções, espera que possamos ser conscientes de nossos atos, de nossas vivências. Cada um caminha ao seu tempo, e cada um se descobre ao seu tempo. A vida é exatamente o que deve ser, produzida por nossos atos e escolhas, conscientes ou não, fruto de nossas decisões. Seu filho é o que é apenas o aceite e o ame, não interfira na sua escolha, ajude-o a caminhar, amanhã se ele concluir que está errado, ele deverá assumir suas escolhas e refazer seu passado no presente, com mudanças.

Neste momento o importante é ser feliz, se ele é, que siga sua opção.

## Capítulo 55

-Anita, hoje eu vou dormir na minha irmã, vou ao culto e depois fico com ela. Vou dispensar a Aurora, você não se importa não é?

-Não mãe, não me importo, quando eu chegar vou deitar e dormir cedo, ando muito cansada.

-Você não quer ir também?

-Não mãe, não quero não.

-Tem certeza?

-Tenho mãe. Falou Anita tentando se livrar do dialogo inconveniente e tendencioso.

Anita de fato chegou cedo e se deitou logo, mas não conseguiu dormir. Ligou a televisão e assistiu por alguns minutos a um filme. Era de terror e ela desligou o aparelho. Estava inquieta e angustiada, apesar das diferenças com a mãe, não estava acostumada a ficar sozinha. Ligou então para Sara, não a via há duas semanas.

-Sara, sou eu Anita como foi a viagem a Florianópolis?

-Tudo bem, desculpe não ter ligado logo que cheguei, muitas coisas, relatórios, apresentações, essas coisas de gestão, mas estou com saudades tenho muitas coisas para contar. Soube que estão pensando no meu nome para um cargo melhor.

-Que bom, mas por que não vem para cá, minha mãe não está.

-Se esperar eu tomar um banho, vou sim.

Sara chegou e conversaram e riram muito. Você lembrar como nós conhecemos no Metrô? Você toda molhada falando sozinha.

-Sim, lembro sim, sabe quanto tempo faz isso? Três anos exatamente hoje.

-Vamos comemorar então?

-Vamos.

As duas saíram e foram a um restaurante próximo a casa. Beberam e estavam felizes, voltaram e abriram um vinho que tinham comprado.

-Sabe Sara sou sempre muito feliz quando estou com você.

-Eu também Anita.

As duas cansadas deitaram na cama de Anita e adormeceram.

\*\*\*\*\*

Alencar conversou muito com Albertina e instigou o sobrinho a tomar uma ação mais decisiva com relação à Anita. Queria que ele pedisse a filha em namoro. Que agisse de alguma maneira mais efetiva sobre Sara, que descobrisse alguma forma de afastar as duas.

-Não a quero mais na vida de minha filha. Eu a quero distante, o máximo que for possível.

Tenho alguns pensamentos sobre como fazer isso. Falei com alguns amigos, gente influente que podem, quem sabe mandá-la, de fato para bem, longe. Disse ele sério.

-Eu tinha vindo ao culto com a idéia de ir para a casa de sua mãe, mas quem sabe se não seria uma boa idéia você ir para a minha? Não é tão tarde assim e você poderá ver Anita.

-Então convite aceito.

Ao chegarem em casa Albertina solta um grito estridente que despertou Anita e Sara. Surpreendidas as moças estavam em trajes íntimos e tentavam se ajeitar. Embora nada tivesse acontecido entre ambas, nas mentes de Albertina e Alencar tudo havia acontecido.

Albertina chocada pôs Sara para fora, apoiada por Alencar que discursava, falando sobre desrespeito a um lar cristão. Anita tentava dizer que nada era o que pensavam, mas o primo tentava tirar proveito da situação. Albertina verdadeiramente indignada, insistia para que Sara saísse. Foi quando então Anita deu o basta.

-Vocês não nos ouvem, concordo com vocês ela deva sim sair.

Albertina e Alencar surpresos com a situação, não atinaram para a maliciosa colocação de Anita.

-Então moça, o que está esperando para sair, a minha filha já disse que você deve sair.

Sara sem entender o que acontecia com Anita, pegou as suas coisas e se preparava para sair.

Anita então falou. Espere Sara vou com você.

\*\*\*\*\*

Alencar tramou com conhecidos para que Sara fosse transferida para outro país, sem saber que a sua interferência pelo mal, acabaria sendo ao jeito da vida, o milagre que Anita sempre desejou que acontecesse.

Anita e Sara passaram a morar juntas. Sara conversou com Anita sobre haver recebido um convite para trabalhar na matriz do laboratório na Alemanha de onde como diretora comercial faria negócios em vários países.

-Isso é o fim?

-Não sei Anita se é o fim, pode também ser um começo.

-Como assim Sara?

-Se você topar vir comigo será um começo. Tenho reservas suficientes para nós manter até que você arranje um emprego, afinal você agora é uma médica, mas é você quem decide Anita.

## Capítulo 56

Na noite da sexta-feira os espíritos convocados pela Velha Bruxa tentaram perturbar o adormecer dos participantes do grupo de Zélia que repousavam na fazenda para os trabalhos mediúnicos do dia seguinte, mas pouco conseguiram. Os alunos já instruídos se mantiveram em boas energias, emanando uma luminosidade que afastava os invasores. A tentativa foi frustrante para Clovis.

No sábado Zélia iria promover o encerramento do encontro daquela semana e depois oferecer um jantar. Esse foi o dia escolhido por Clovis, Adalberto e a Velha Bruxa, para investirem, então, com suas más intenções.

O dia transcorreu sem incidentes e ao anoitecer o salão estava aceso e o ambiente externo cercado por flores e tochas acesas. O céu estava límpido e as estrelas faiscavam, mas Zélia percebeu algo errado e visualizou uma figura que tentava se ocultar nas sombras. Percebeu que pelo vestir não era alguma entidade do bem, depois visualizou que outros espíritos cercavam o salão escondidos na mata. Visualizou Clovis, Adalberto e a Velha bruxa escondida com alguns ajudantes.

Ela então iniciou a sua fala: Amigos, hoje vamos poder exercitar os nossos aprendizados, quero que todos se sentem em silêncio absoluto e concentração, dêem as mãos. Pensamento na luz, faremos a oração a Jesus, com muita calma. Em silêncio absoluto repito. Não tenham medo e nada temam, mesmo que ouçam algo anormal, como barulhos estranhos, gritos, gemidos ou risos, permaneçam em silêncio e concentração, pensem que quem anda com Deus nada teme. Iniciemos então.

Zélia orou com seus companheiros.

Ao mesmo instante a Velha Bruxa pediu aos ajudantes que atirassem pedras sobre o telhado da Casa Grande para provocar perturbações. Os presentes seguindo as orientações de Zélia e se mantiveram concentrados. Ela prosseguiu a discorrer.

-Nos diversos planos espirituais temos notícias, sobre as organizações das comunidades sociais que os espíritos constituem, por vezes semelhantes

às daqui da Terra. A energia cósmica universal ou fluído cósmico que banham ou permeiam todo o Universo é a matéria-prima que o comando mental dos Espíritos utiliza para a constituição dos objetos por eles manuseados, assim tanto no lado dos Espíritos ignorantes quanto do outro lado, essas matérias estão sendo usadas agora aqui, usadas para fabricar as pedras que serão lançadas contra nós, para nos causar perturbações e afastamento dos nossos objetivos. Concentrem-se então, mostremos nossa capacidade de reagirmos de forma disciplinada e orientada ao bem.

A energia concentrada pelos pensamentos unidos dos alunos criou uma grande abóbada de luz que se abriu e cobriu a casa e as pessoas. Uma luz forte e intensa, por onde as pedras batiam e não atravessavam. Clovis e Adalberto se entreolharam. Adalberto se afastou. Ficou ao longe observando amedrontado. Os ajudantes da Velha Bruxa desistiram ao ver a inutilidade de seus esforços e sendo espíritos que nunca haviam visto tanta luz reunida, se assustaram e tentavam se proteger ocultando os olhos. Alguns correram e outros se extasiaram perplexo. Zélia falou então.

-Aos amigos que se aproximaram, mesmo sem serem convidados, sejam bem-vindos. Essa é uma casa onde todos são bem recebidos. Aproximem-se aqueles que estão cansados, infelizes, amargurados e frustrados com a vida que levam. Aqueles que não dormem, que sentem dor, que sentem fome e sede. Aqueles que têm fome maior, ainda, de luz, de Jesus e Deus. Aproximem-se e recebam assistência vejam os amigos que irão atendê-los, Álvaro, Santinha, Eloísa, Adalgisa.

Adalberto se aproximou do salão, temeroso e desejoso de ser acolhido. Os olhos dele e os de Eloísa se encontraram e ela estendeu as mãos para ele. Zélia incentivava os espíritos a que entrassem no círculo e assim aceitassem a ajuda oferecida. Adalberto como embevecido encaminhou-se para o círculo. Clovis tentava desestimulá-lo e Adalberto seguia como hipnotizado.

-Como você está bela, eu sempre quis revê-la, estou muito cansado e quero ajuda.

-Venha Adalberto, hoje estamos todos reunidos, meu pai e eu, meu filho e os pais dele, o biológico e o legal.

-Venham todos. Vejam o Adalberto sendo recebido, venham, aceitem a luz. Incentivava Zélia.

Ramon apareceu e ficou parado ao longe sendo seguro por Lott. De dentro do círculo João surgiu e acenou para Ramon, o chamando e de braços

estendidos, o aguardou. Ramon iniciou uma caminhada que para ele pareceu eterna, sendo puxado por Lott e estimulado pelos que estavam no salão ele seguia e Lott temendo entrar também o largou. Ramon abraçou João e uma luz muito intensa desceu sobre os dois.

A Velha Bruxa ao ver o poder do grupo resolveu que era hora de se retirar, mas Santinha a chamou e com um sorriso doce conversou com ela e disse da responsabilidade de seus atos, do sabor amargo da vingança. De que os seus dias eram poucos nessa Terra e que ela deveria usá-los em prol de ajudar os pobres e necessitados.

Clovis fugiu, gritava que iria embora dali, que iria deixar tudo de lado, que queria encontrar Milla.

-Não quero mais saber desse povo, não quero mais saber de nada disso, nem de Rangel, nem de Sotero. Que cada um fique como está, quero saber de Milla. Milla onde você está?

Assim gritando ele sumiu pelos pastos.

Adalberto pediu perdão a Eloísa e pediu sua ajuda. Pouco a pouco ele viera entendendo a diferença entre os dois lados e optou por viver com aqueles que sabiam o valor de Deus. Disse que sofria muito com as coisas assombrosas que via, com os sonhos aterrorizantes que tinha. Que queria verdadeiramente mudar, queria verdadeiramente se desculpar com Rangel e Arturo.

Eloísa lhe falou.

-Adalberto, existem instituições para abrigar e amparar os espíritos em momentos de mudanças de planos encarnatórios, que acolhem aos que se desprendem da vida física ou dos que livres dela não compreendem que estão em espírito. Lugares e estabelecimentos, para relacionar, conservar, comandar e engrandecer a Vida Cósmica, muitos dos amigos espirituais que aqui estão agora, são hoje Espíritos de Luz, irmãos nossos mais evoluídos e sábios, mas que já passaram pelas mesmas dificuldades que nos tomam hoje. Que trabalham, agora, para que sigamos todos e tudo de acordo com os preceitos de Deus. Tudo pautando sob o signo do amor e da criteriosa justiça. Nas mais elevadas esferas celestes há regiões entregues à inteligência e à razão, ao progresso dos filhos de Deus, onde trabalham os gênios angelicais, encarregados do andamento e do aprimoramento dos mundos que constituem o Universo, com abrigos apropriados à condução dessas Leis. São competentes e promovem a cobrança e a fiscalização, o reajustamento e a recuperação de

quantos se fazem devedores complicados ante a Divina Justiça, que têm a função de purificar os caminhos evolutivos e coibir as manifestações do mal. Você irá conhecê-los, venha.

Arturo por sua vez estarecido, pois não sabia que possuía mediunidade para tudo o que via, chorava por ver sua mãe Eloísa, seu avô Álvaro, e ver o resgate daquele que era seu pai natural.

Ramon foi levado por João a um centro de tratamento onde permaneceu por muitos longos anos em estado de sonolência a espera de se ver livre de todos os miasmas produzidos por si e por Lott, de vivenciar suas dores e culpas por atos e pensamentos criados.

Nunca mais se soube da Velha Bruxa.

E na velha Casa de Pedra nunca mais se viu fantasmas.

## Capítulo 57

Fausto foi chamado à Diretoria da Beta e foi proposto a ele um acordo para que deixasse a empresa. Os argumentos se ativeram a contenção de despesas e mudanças na forma de gestão comercial, mas ele sabia que as mudanças foram de outra ordem. A morte de Nestor pegou a todos de surpresa a licença pedida por Fausto justificada como de saúde e acelerou a sua dispensa.

Passadas semanas e iniciados os tratamentos específicos Fausto pode ir ao encontro de Arturo e pedir perdão. Arturo havia decidido que não mais viveriam em união, porém tomou para si a incumbência de cuidar do amigo.

O convidou a morar na fazenda, conhecer os trabalhos de Zélia e voltar a pintar.

\*\*\*\*\*

Fausto foi ter com Arturo.

Zélia, Rangel, Arturo e Fausto conversavam na sala de estar e o assunto tomou o rumo das inseguranças e dos medos de Fausto.

-Essa vida é muito interessante do ponto de vista das mudanças que acontecem sem que ao menos as imaginemos. Eu tão Senhor de mim, sai-me mal, enquanto Arturo antes, inseguro e vacilante se mostra agora um homem amadurecido, estruturado.

-Não é assim Fausto, ainda tenho meus dias de indecisão. O muito que mudei foi pelo esforço que fiz, pude compreender as Leis da Vida, e as admitir em minha jornada como espírito encarnado.

Zélia, falou que a vida é construída de escolhas, desde as menores até as maiores decisões, todas vêm a constituir o que somos. Se na nossa sociedade, no círculo das atividades terrenas qualquer organização precisa estabelecer um regime de contas para basear as tarefas que nos falem à responsabilidade, a Casa de Deus, que é todo o Universo, não viveria igualmente sem ordem, sem Leis. A mais sensata delas é a Leis das Causas e Efeitos, ou da Ação e Reação. Em assuntos das Leis das Causas e Efeitos é importante não duvidarmos que todos os valores da vida, desde a maior das estrelas até a mínima partícula subatômica, pertencem a Deus, cujos desígnios podem alterar e renovar, anular ou reconstruir tudo o que está feito. Somos, pois, simples usuários da Natureza que demonstram o poder de Deus. Somos, pois sim, responsáveis em todos os nossos atos, desde que já possuamos algum discernimento. Nós Espírito, seja onde for, encarnado ou desencarnado, na Terra ou em outros mundos, gastaremos em verdade, o que não nos pertence, recebendo por empréstimos de Deus os recursos de que nos valemos para efetuar a própria evolução. No mundo o homem se inteligente deverá estar farto de saber que todo conceito de posse não passa de simples ilusão. Tudo nos é emprestado e por determinado tempo, sendo a morte o juiz inexorável, transferidor dos bens de uma mão para outra e marcando com absoluta exatidão o uso de que deles fizemos. Isso é justiça, isso é bondade. Vemos assim os princípios de causa e efeito em toda a força de sua manifestação, porque, no uso ou no abuso das reservas da vida que representam a eterna Propriedade de Deus, cada alma cria na própria consciência os créditos e os débitos que lhe atrairão inevitavelmente as alegrias e as dores, as facilidades e

os obstáculos do caminho. Quanto mais dos nossos conhecimentos mais responsabilidade em nossas ações. Através de nossos pensamentos, palavras e atos que nos fluem invariáveis do coração, gastamos e transformamos constantemente as energias do Universo, em nossas jornadas de evolução a experiência, a qualidade de nossas intenções e aplicações dos nossos sentimentos a vida impõem em nós mesmos a nossa conta boa ou desagradável ante às Leis da Vida.

-Tenho pensado muito Dona Zélia sobre tudo isso, se eu agisse diferente ou se tivesse tomado outras atitudes como teria sido minha vida?

-Sabe Fausto temos que tomar os acontecimentos como experiências, conhecimentos que agregados a outros vivenciados facilitarão nossas vidas seguintes ou mesmo a continuidade das nossas vidas presentes, absorva esses impactos e busque agora fazer deles um instrumento de aprendizado.

-Tentarei Dona Zélia, tentarei, sei que não será fácil, mas com o apoio de vocês sei que se tornará menos pesada minha vida.

## Capítulo 58

Sara e Anita, passaram um mês de férias na Espanha, depois seguiam de trem rumo a Alemanha.

-Como tudo é lindo, Sara. Quem diria que eu estaria aqui hoje com você, quantas vezes fui invadida pelo medo de não conseguir?

-Foi uma opção difícil eu sei, mas sua mãe ficou bem com a Aurora, ela parecem irmãs. Nada faltara a elas. Sempre mandaremos algum dinheiro e quem sabe poderemos voltar ao Brasil eventualmente e visitá-las.

-Não sei Sara se ela gostará de me ver. Ainda deve estar muito magoada comigo. Nem mesmo eu sei por que agi assim.

-Está arrependida?

-Não arrependida, mas às vezes, ainda me surpreendo com a situação. É tudo muito novo para mim. Minha mãe me queria casada e com netos.

Sara sorriu e disse.

-Quem sabe se não podemos dar uma netinha a ela, eu sempre pensei em adotar uma criança.

-Sabe Sara, essa noite sonhei que vivia numa vila, um pequeno lugarejo aqui na Europa e que Alencar era um bispo, veja você, um bispo católico. Disse Anita rindo.

-Interessante, mas o que mais sonhou?

-Com uma pequena menina chamada Yelena. Éramos amigas, as três. Estávamos numa caverna quando fomos aprisionadas. Eu e você fomos separadas e ela foi queimada como feiticeira. Disse comovida Anita. Eu não lembro bem, mas sei que Alencar estava envolvido.

-Eu, também, sonhei muito quando estávamos na Espanha. Sonhos conturbados, mas de um especialmente lembro, foi muito claro e me marcou demais. Era uma carta ou cartão, dizendo alguma coisa sobre a vida a ensinando caminhar na noite como a névoa. Havia um endereço da França, e havia assinatura, Berna.

-Mudemos de assunto então. Pediu Anita. O meu sonho me deixou mal e falar sobre Alencar somente me traz más recordações.

Sara sorriu e calou.

\*\*\*\*\*

A pequena Yelena, inocentemente morta pelo fogo da inquisição, estava novamente encarnada e a espera de uma adoção. A espera das amigas, a espera que os caminhos das três mais uma vez fossem reunidos e desta vez, felizes.

\*\*\*\*\*

Alencar estacionou o carro á beira da Estrada Rio-Santos, buscou uma pedra e sentou-se. A tarde descia e os últimos raios de sol pintavam em rosa, o azul do horizonte. Ele contemplou aquela maravilhosa obra de Deus e chorou. Lágrima sentida, profunda e amarga. O peito sufocado de lembranças de Anita. Sabia que levaria anos para se aliviar. Pensou sobre tudo o que vivera nos últimos tempos, fizera uma profunda reflexão e lamentou seus erros. Desejou um dia revê-la. Fez uma oração e pediu que Deus a protegesse. Levantou-se e caminhou pela trilha de mato, mas de repente voltou , subiu novamente sobre pedra e lançou um grito de dor e de saudades. Gritou pedindo a Deus que lhe desse um dia, em algum lugar, a oportunidade de estar com Anita como companheiro, ainda que em outra vida.

Fim